



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Lisa Ferreira de Souza Andrade

**História, memória e militância: a Paróquia do Pilar e a Associação
de Amigos de Bairros de Jardim Primavera na luta por direito a
educação (1970-1980)**

Duque de Caxias

2024

Lisa Ferreira de Souza Andrade

História, memória e militância: a Paróquia do Pilar e a Associação de Amigos de Jardim Primavera na luta por direito a educação nos anos.

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção ao título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias, da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação, Cultura e Comunicação em Periferias.

Orientador(a): Prof.^a Dra. Gilcilene de Oliveira Damasceno Barão

Duque de Caxias

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

A554 Tese	Andrade, Lisa Ferreira de Souza História, memória e militância: a Paróquia do Pilar e a Associação de Amigos de Jardim Primavera na luta por direito a educação nos anos. / Lisa Ferreira de Souza Andrade; orientação Profa. Dra. Gilcilene de Oliveira Damasceno Barão. - 2024. 277 f. Orientador(a): Gilcilene de Oliveira Damasceno Barão. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 1. Educação - Teses. 2. Movimentos sociais - Teses. 3. Intelectuais orgânicos – Teses. I. Barão, Gilcilene de Oliveira Damasceno. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título. CDU 37.06
--------------	--

Bibliotecária Ana Paola Araujo – CRB7 6387

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Lisa Ferreira de Souza Andrade

História, memória e militância: a Paróquia do Pilar e a Associação de Amigos de Jardim Primavera na luta por direito a educação.

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção ao título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias, da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação, Cultura e Comunicação em Periferias.

Aprovada em 11 de julho de 2024.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra Gilcilene de Oliveira Damasceno Barão(Orientador)
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

Prof.^a Dr. Nielson Rosa Bezerra
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

Prof.^a Dra. Leandro Sartori Gonçalves
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

Prof^a. Dr^a Maria de Fátima Rodrigues Pereira
Universidade Tuiuti do Paraná

Duque de Caxias

2024

DEDICATÓRIA

Para Ulysses Andrade dos Santos que sempre acreditou que eu era capaz de chegar aqui e aos meus avôs queridos Hilda Santos de Souza e Pedro de Souza Filho que me acolheram e me trataram como filha, onde vocês estiverem, obrigada por tudo sem vocês nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Ao meu filho Théo de Souza Andrade, que foi um guerreiro ao meu lado me acompanhando até a FEBF para as aulas presenciais quando eu não tinha com quem deixá-lo e por entender minha ausência para que eu pudesse realizar esse trabalho.

Ao meu atual companheiro de vida, Julio Xavier Porto, por me dar força e compreender meus momentos de ausência e por acreditar que eu conseguiria chegar aqui.

Ao meu pai, Sérgio Santos de Souza, obrigada por me amar tanto e por tudo, esse projeto tem parte da sua vida.... sem você nada disso seria possível.

Ao meu irmão Dilson Scher Neto, saiba que esse trabalho somente foi concluído por todo suporte e cuidado que você sempre teve comigo. Serei eternamente grata.

A minha irmã Gabriela Ferreira Scher por me apoiar em todas as situações que passei ao longo do curso e da minha vida.

A minha mãe Tereza Cristina Ferreira Pereira Scher e ao meu padrasto Dilson Figueiredo Scher, por acreditarem em mim. Obrigada por tudo e por me darem suporte nos momentos que eu precisei quando fiquei viúva.

A minha querida prima Mylena Monteiro de Souza que me ajudou a elaborar meu currículo lattes, cuidadosamente me auxiliando a compor as informações e a manusear a plataforma.

A minha tia do lado materno Lúcia Pereira, que enxergou em mim o caminho da educação, pois sem ela talvez eu não tivesse uma profissão e muito menos estaria dando prosseguimento aos meus estudos. Obrigada por ter sempre acreditado que eu seria capaz de chegar aqui.

A minha querida tia do lado paterno Marlúcia Santos de Souza, que foi fundamental em minha vida, pois me inspira com sua história de luta e amor a educação, muito obrigada por tanto, por me apoiar e por compartilhar seus relatos comigo.

A minha tia Isa Santos de Souza Lima, que sempre cuidou de mim e esteve presente em todos os momentos da minha vida. Muito obrigada vocês três são fundamentais para minha trajetória, muito do que sou, minhas visões de mundo vêm da relação que tenho com vocês.

Aos narradores que contribuíram de maneira tão emblemática para essa pesquisa. Dona Lair Santana, Darcy da Silva, Ivanete da Costa, Isa Santos de Souza Lima, Marlúcia Santos de Souza, Aurelina de Jesus Cruz (Leu Cruz), Isabel Amorin, Andréia Santana da Silva e Mirian Medeiros. Vocês são incríveis e as suas experiências foram fundamentais para esse trabalho.

Aos diretores, que me deram suporte e acolheram a pesquisa: Diretora da Escola Municipal Marcílio Dias, Dominique Hammers Barros Amorin; do CIEP Marechal Henrique Teixeira Lott, Elisângela Garrit; do Colégio Estadual Alexandre Graham Bell, Alex de Souza; e a antiga diretora do Colégio Estadual Hélio Rangel, Neudima Lima Luna. Obrigada por toda disponibilidade.

Aos trabalhadores e os arquivos que foram fundamentais para os levantamentos deste trabalho: Arquivo do Museu Vivo do São Bento e CRPH/DC; CEPEMHED; APERJ; Instituto Histórico de Duque de Caxias e; Arquivos Escolares da E. M. Marcílio Dias, C. E. Alexander Graham Bell e CIEP Marechal Henrique Teixeira Lott. Agradecimento em especial à Jane Milan, que acessou documentos na Secretaria Estadual de Educação a partir da solicitação desta pesquisa, do acolhimento e auxílio da diretora do Instituto Histórico Tânia Amaro.

As escolas visitadas nos bairros de Campos Elíseos, Jardim Primavera e Saracuruna e aos profissionais que forneceram informações acerca dos marcos fundadores de suas unidades escolares.

A minha orientadora Gilcilene de Oliveira Damasceno Barão, pela paciência, pelo tempo dedicado e pelas orientações. Agradeço aos meus professores do programa que foram fundamentais através de suas aulas e de leituras propostas para o programa auxiliaram a minha formação acadêmica.

As minhas amigas Diarlane Ribeiro Buckner, também historiadora como eu, por sempre acreditar na minha capacidade de chegar até aqui, obrigada por tanto; Cristiane Rodrigues, que acompanhou o meu curso de mestrado e por diversas vezes ficou com o Théo para que eu pudesse estudar; e Dulce Rezende, por me ajudar quando eu mais precisei e por ficar com o Théo por seis meses para que eu pudesse trabalhar e estudar.

Aos companheiros que construí ao longo da minha trajetória como professora: Suellen Bezerra, Leaudes Patrick, Priscilla Moneque e Lúcia Helena Rezende. Obrigada, por toda força.

A Thaiane Alves, que me deu toda força do mundo e me deu suporte com sua correção. Saiba que você representa dona Maria Alves Pereira que foi uma participante ativa da Paróquia Nossa Senhora do Pilar e da AMAJAP.

E as minhas companheiras e grandes amigas. Foi um encontro desse curso que será para a vida inteira: Jamiris de Sousa, Lais Carvalho e Beatriz Souza. Obrigada por todos os momentos de escuta, auxílio e desabafos, vocês realmente são incríveis.

Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas(...)
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar. (...)

Gonzaguinha

RESUMO

ANDRADE, Lisa Ferreira de Souza. *História, memória e militância: a Paróquia do Pilar e a Associação de Amigos de Jardim Primavera na luta por direito a educação nos anos 1970 e 1980*. 2024. 277 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2024.

A presente dissertação verificou as lutas por direitos e melhores condições de vida constituídas pelos movimentos sociais urbanos no bairro de Jardim Primavera na cidade de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, durante as décadas de 1970 e 1980. Verificamos que existiu uma relação intrínseca com a Igreja Católica, por meio da Teologia da Libertação. Para que o trabalho fosse realizado, conduzimos levantamentos em torno de pesquisas que discutissem sobre a temporalidade escolhida. Encontramos dificuldades para chegar a produções recentes nas plataformas online, portanto, foi realizado um levantamento manual. Observamos que o tema escolhido para estudar se constituía em um trabalho inédito. Buscamos nos arquivos do Museu Vivo do São Bento-MVSB que, por meio do projeto Achadouros e Segundas Memórias disponibilizados no YouTube durante a pandemia, constituíram-se em instrumentos para cumprir a presente pesquisa. Assim sendo, foi realizado um histórico do bairro de Jardim Primavera e parte do Segundo Distrito, um breve histórico da Paróquia Nossa Senhora do Pilar e uma análise do município de Duque de Caxias em tempos de Ditadura civil-militar, além do processo de redemocratização instituído e a relação dos militantes nesse curso. Para chegar ao diagnóstico do cenário, foram feitos levantamentos nos arquivos das escolas e a entrevistas com os militantes da época, além, do acesso aos arquivos tanto do YouTube e dos físicos do MVSB. A dissertação descreve principalmente as lutas pela reforma e ampliação da Escola Municipal Marcílio Dias, o segundo grau e ampliação do Colégio Estadual Alexander Graham Bell; ampliação de vagas para a garantia do acesso a escolarização resultando na criação do CIEP Marechal Henrique Teixeira Lott; e o acesso a alfabetização para jovens e adultos do bairro de Jardim Primavera a partir da luta da Associação de Moradores de Jardim Primavera no Projeto Educar, no polo do MUB. Ao logo das investigações foram verificadas que os militantes dos movimentos sociais foram influenciados em suas respectivas formações acadêmicas por conta de sua militância. As produções elaboradas pelos militantes tornaram-se referência para entender a História da Baixada Fluminense. Nesse sentido, essa exploração evidenciou a importância do período escolhido como um processo de luta pelo direito a educação e a escola pública.

Palavras-chave: Educação. Movimentos sociais. Lutas pelo direito a educação. Intelectuais orgânicos

ABSTRACT

ANDRADE, Lisa Ferreira de Souza. *History, memory and activism: the Pilar Parish and the Association of Friends of Jardim Primavera in the fight for the right to education in the 1970s and 1980s*. 2024. 277 f. Dissertation (master's in education, Culture and Communication) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do State of Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2024.

This dissertation examined the struggles for rights and better living conditions established by urban social movements in the Jardim Primavera neighborhood in the city of Duque de Caxias, Baixada Fluminense, Metropolitan Region of Rio de Janeiro, during the 1970s and 1980s. We found that there was an intrinsic relationship with the Catholic Church through Liberation Theology. In order to carry out the work, we conducted surveys around research that discussed the chosen temporality. We encountered difficulties in finding recent productions on online platforms, so a manual survey was carried out. We observed that the theme chosen to study was an unpublished work. We searched the archives of the Museu Vivo do São Bento- MVSB, which through the Achadouros e Segundas Memórias project made available on YouTube during the pandemic constituted instruments to carry out this research. Therefore, a history of the Jardim Primavera neighborhood and part of the Second District was prepared, as well as a brief history of the Nossa Senhora do Pilar Parish and an analysis of the municipality of Duque de Caxias during the civil-military dictatorship, in addition to the redemocratization process that was instituted and the relationship of the activists in this course. To arrive at the diagnosis of the scenario, surveys were made in the archives of the schools and interviews with the activists of the time, in addition to access to the archives of both YouTube and the physical archives of the MVSB. The dissertation mainly describes the struggles for the renovation and expansion of the Marcílio Dias Municipal School, the high school and expansion of the Alexander Graham Bell State School; the expansion of vacancies to guarantee access to schooling resulting in the creation of the CIEP Marechal Henrique Teixeira Lott; and access to literacy for young people and adults in the Jardim Primavera neighborhood based on the struggle of the Jardim Primavera Residents Association in the Educar Project, at the MUB hub. During the investigations, it was found that the activists of the social movements were influenced in their respective academic formations due to their activism. The productions produced by the activists became a reference for understanding the History of Baixada Fluminense. In this sense, this exploration highlighted the importance of the chosen period as a process of struggle for the right to education and public schools.

Keywords: Education. Social movements. Struggles for the right to education.
Organic intellectuals

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Escolas e Grupos Escolares Públicos em Jardim Primavera, Saracuruna e Campos Elíseos nas décadas de 1960 e 1970.....	65
Quadro 2	Prefeitos interventores de Duque de Caxias (1971-1985).....	98
Quadro 3	Campanha da Fraternidade de 1964 a 1970.....	150
Quadro 4	Campanha da Fraternidade de 1971 a 1990.....	152
Quadro 5	Teses e Dissertações sobre Movimentos Sociais na Baixada Fluminense.....	232
Quadro 6	Pesquisadores dos Movimentos Sociais em 1970 e 1980.....	235

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Escola Estadual Alexander Graham Bell.....	37
Figura 2	Festa de um ano de Joni de Souza Lima, ocorrida em 18/01/1992, no CIEP Marechal Henrique Teixeira Lott.....	37
Figura 3	Fábrica Nacional de Motores nos anos de 1950. Acervo sob a guarda do MVSb.....	42
Figura 4	Estrada Rio-Petrópolis, em 1935. Construção da Variante Rio-Petrópolis, em 1948.....	44
Figura 5	Localização do bairro Jardim Primavera nos anos 50.....	45
Figura 6	Fragmento da Planta Geral do Litoral da Baía do Rio de Janeiro – 1896 pela Comissão de Saneamento da Baixada – Estado do Rio de Janeiro.....	48
Figura 7	Fragmento da Planta da Comissão Federal de Saneamento da Baixada Fluminense, 1911.....	48
Figura 8	Construção da REDUC.....	50
Figura 9	Construção da FABOR	51
Figura 10	Engarrafadoras e Distribuidoras em Campos Elíseos.....	51
Figura 11	Mapa de Duque de Caxias.....	43
Figura 12	Grupo Escolar Hélio Rangel.....	57
Figura 13	Grupo Escolar Minas Gerais.....	58
Figura 14	Fundos e frente do Grupo Escolar Minas Gerais.....	58
Figura 15	Escola Municipal Farid David.....	59
Figura 16	Grupo Escolar Mascarenhas de Moraes.....	59
Figura 17	Grupo Escolar Parque Campos Elíseos.....	61
Figura 18	Grupo Escolar Sara Faria Braz.....	62
Figura 19	Primeiro casamento na Igreja do Rosário após a sua reconstrução foi o de Pedro de Souza Filho e Hilda Santos de Souza em 1954. Eles residiam no loteamento Santana do Pilar.....	71
Figura 20	Registros de algumas casas do loteamento de Nelson Cintra nas décadas de 1950 e 1960.....	72
Figura 21	Colégio Primavera construído em 1951.....	74
Figura 22	Comunidade escolar.....	74
Figura 23	O endereço dos refugiados.....	75
Figura 24	Loteamento de Nelson Cintra em fins de 1940 e início dos anos de 1950.....	76
Figura 25	Planta do Loteamento de Nelson Cintra.....	78
Figura 26	Terreno e estação construída em 1951.....	80
Figura 27	Entrevista.....	82
Figura 28	Revista Fatos e Fotos.....	89
Figura 29	Luta Democrática, 9 de julho de 1962.....	90
Figura 30	Militares vigiando o portão de entrada da FNM s/data.....	93
Figura 31	Capelas.....	99
Figura 32	Padre Gilberto Raffini.....	103
Figura 33	Atividades paroquiais.....	109
Figura 34	Retiro dos jovens em Petrópolis durante o carnaval s/data.....	109
Figura 35	Encontro dos Grupos de Jovens s/data.....	109
Figura 36	Fusca de Dom Adriano Hipólito.....	113
Figura 37	Interior da catedral da Igreja Santo Antônio da Jacutinga. Bomba	

	destrói altar do Santíssimo Sacramento.....	114
Figura 38	Pintura na porta da igreja dizendo que o bispo é comunista.....	114
Figura 39	Movimento.....	115
Figura 40	1264/79 Ato Público pela Anistia com o veto da Diocese de Petrópolis.	116
Figura 41	Carta aberta distribuída no ato público e anexada no relatório acima.....	117
Figura 42	03222/82.....	119
Figura 43	Imagem do Encontro Latino Americano.....	120
Figura 44	Ofício produzido pela diocese.....	121
Figura 45	Documento da Diocese de Duque de Caxias convocando a comunidade para o Encontro Intereclesial de Comunidades Eclesiais de Base de 1989.....	122
Figura 46	7º Encontro Intereclesial na Catedral de Santo Antônio.....	123
Figura 47	13217/86. Congresso do MUB.....	132
Figura 48	2ª Visita do Prefeito interventor Hydekel de Freitas ao bairro da Figueira, em 12 de abril de 1983, na rua Dona Tereza.....	134
Figura 49	Protesto.....	135
Figura 50	Caderno Greve da FIAT produzido pelo sindicato dos Metalúrgicos em 1981, publicado pelo CEDI.....	138
Figura 51	Professores em greve paralisaram em dois momentos obtendo reajuste no fim do ano de 1979.....	140
Figura 52	Manifestação dos professores na ALERJ e passeata no Centro da Cidade em 1979.....	141
Figura 53	Ato em defesa das passarelas na espera da passagem do presidente da república.....	145
Figura 54	Inauguração da 1ª passarela em Jardim Primavera – 19 de novembro de 1981.....	146
Figura 55	Luta da COMTREM.....	147
Figura 56	Fotografias do interior dos trens Fotografia do interior do trem na década na 1990, por Gelson Martins Almeida, integrante do MUB.....	148
Figura 57	Caderno produzido e publicado pela COMTREM.....	148
Figura 58	Cartaz e panfletos produzidos pela COMTREM e impressos na Paróquia.....	149
Figura 59	Cartaz e panfletos produzidos pela COMTREM e impressos na Paróquia.....	148
Figura 60	Fechamento da Washinton Luís, escola de samba SOS Saúde, reivindicando saneamento para a Baixada, construção do hospital geral e melhoria da saúde pública nos anos de 1980.....	153
Figuras 61	Imagens institucionais do hospital.....	154
Figura 62	Reunião na casa Reunião contra o presídio na Casa do Sr. Assis, na Rua 12, Figueira, em 25 de setembro de 1984.....	155
Figura 63	Assembleia em Xerém	155
Figura 64	Ato na Washigton Luís Presídio Não! Trabalho Sim, com a Reabertura da FIAT em 1985.....	156
Figura 65	Núcleo Agrícola Fluminense.....	157
Figura 66	Encontro dos trabalhadores rurais organizado pelo NAF, PET e MUB, realizado na catedral de Santo Antônio.....	158

Figura 67	Encontro dos lavradores em Xerém, promovido pela PET e NAF, com o apoio da CUT – Central Única dos Trabalhadores, realizado no C. E. Barão de Mauá.....	157
Figura 68	005143 - 13 de maio de 1986. Encontro dos trabalhadores Rurais do Estado do Rio de Janeiro.....	159
Figura 69	Dossiê Caxias: Maternidades maltratando mulheres e bebês causam até mortes! (1984)	166
Figura 70	Capa do Caderno Informativo Fala, Mulher. Comissão de Mulheres do MUB. 1987.....	168
Figura 71	Cartaz do encontro Educar para Transformar, 1985.....	171
Figura 72	Projeto de alfabetização de adultos para a Baixada Fluminense.....	173
Figura 73	Caderno A Baixada para Cima. RJ: Fundação Educar e UNICEF, 1986: 6 e 7.....	175
Figura 74	Escola Hélio Rangel.....	184
Figura 75	Escola Municipal Bom Retiro.....	187
Figura 76	Escolas de Xerém.....	188
Figura 77	Localização da E. M. Marcílio Dias, do C.E. Alexander Graham Bell, do Ciep Henrique Teixeira Lott e DO C. Estadual Hélio Rangel.....	191
Figura 78	Localização da E. M. Marcílio Dias.....	192
Figura 79	E. M. Marcílio Dias.....	197
Figura 80	Texto sobre a história da escola produzido pela professora Isabel Amorim.....	198
Figura 81	E. Estadual Alexander Ganham Bell e localização da antiga E. M. Casimiro de Abreu anexada ao C. E. Alexander Graham Bell e do CIEP 035 - Henrique Teixeira Lott.....	199
Figura 82	Registros fotográficos de Veriano Tavares.....	200
Figura 83	Fotografia de jogadores no campo do Americano com vistas para o galpão do Cube s/data.....	201
Figura 84	Registros da E. E. Alexander Graham Bell.....	202
Figura 85	Imagens de festa de rua para arrecadar fundos para a luta s/data.....	205
Figura 86	Fotos diversas do C. E. Alexsander G. Bell.....	207
Figura 87	Imagem fotográfica do CIEP 035 – CIEP Marechal Henrique Teixeira Lott em 2021.....	209
Figura 88	Projeto Gincana Social e cultural do Colégio Estadual Alexander Graham Bell s/data.....	210
Figura 89	Fragmento do PPP do CIEP Marechal Henrique Teixeira Lott. Acervo do Arquivo Escolar do CIEP 035.....	211
Figura 90	Registros de alunos do CIEP.....	211
Figura 91	Registro da visita do governador Lionel Brizola e do secretário de educação Darcy Ribeiro na inauguração do CIEP.....	216
Figura 92	Fragmento do PPP do CIEP 035.....	218
Figura 93	Lair Santana e Darcy da Silva durante a entrevista realizada em 23 de setembro de 2023.....	222
Figura 94	Ato contra a farsa comemorativa dos 100 anos da Lei Áurea, realizado no Rio de Janeiro.....	227
Figura 95	Gráfico 1 Teses e Dissertações.....	231
Figura 96	Gráfico 2 Universidades e Faculdades que pesquisaram a Baixada	231

	Fluminense e a atuação dos movimentos sociais nas décadas de 70 e 80.....	
Figura 97	Gráfico 3 Atuação dos pesquisadores nos movimentos sociais.....	239
Figura 98	Imagem do acervo da escola reunida com a documentação da década de 1980.....	
Figura 99	Caderno 10 Anos do CEDI.....	243
Figura 100	Material de divulgação dos Achadouros e da Roda de Memória Os Movimentos Sociais e a Paróquia Nossa Senhora do Pilar.....	246
Figura 101	Material de divulgação das Rodas de Memória Os Movimentos Sociais e a Paróquia Nossa Senhora do Pilar.....	246
Figura 102	Material de divulgação da série Segundas Memórias.....	247

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABM	Amigos de Bairros de Meriti (Federação das Associações de Moradores de São João de Meriti)
ALERJ	Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
AMs	Associação de Moradores
AMAJAP	Associação de Moradores e Amigos de Jardim Primavera
APPH-Clio	Associação de Professores Pesquisadores de História da Baixada Fluminense
DO	Diário Oficial
CCS	Centro Comunitário de Saúde
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CEP	Centro Estadual de Professores
CEDI	Centro Ecumênico de Documentação e Informação
CEPEMHED	Centro de Pesquisa, História e Memória da Educação da Cidade de Duque de Caxias
CERIS	Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social
CIEPs	Centros Integrados de Educação Pública
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COMTREM	Comissão do Trem
CREMEJA	Centro de Referência e Memória da Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos
CRPH/DC	Centro de Referência Patrimonial e Histórico do Município de Duque de Caxias
FAMERJ	Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro
FASE	Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional
FNM	Fábrica Nacional de Motores
FEBF	Faculdade de Educação da Baixada Fluminense
IHDC	Instituto Histórico de Duque de Caxias
ISER	Instituto Superior de Estudos da Religião
MAB	Movimento de Associações de Bairros (Federação das

	Associações de Bairros do Município de Nova Iguaçu)
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MUB	Movimento União de Bairros (Federação das Associações de Moradores do Município de Duque de Caxias)
MVSB	Museu Vivo do São Bento
NOVA	Pesquisa, Avaliação e Assessoria
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PET	Pastoral Ecumênica da Terra
PNSP	Paróquia Nossa Senhora do Pilar
PPP	Projeto Político Pedagógico
PSD	Partido Social Democrático
PST	Partido Social Trabalhista
PT	Partido dos Trabalhadores
REDUC	Refinaria Duque de Caxias
SEEDUC	Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro
SEPE	Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação
SME	Secretaria Municipal de Educação
SINDIPETRO	Sindicato dos Petroleiros do Rio de Janeiro
SINDIQUIMICA	Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Petroquímica de Duque de Caxias
SNI	Serviço Nacional de Informação
UDN	União Democrática Nacional
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	23
1	PRODUÇÃO DE UMA PERIFERIA DO PÓS II GUERRA AO GOLPE CIVIL-MILITAR EM DUQUE DE CAXIAS: O SURGIMENTO DE JARDIM PRIMAVERA E A CIDADE DE DUQUE DE CAXIAS COMO ÁREA DE SEGURANÇA NACIONAL.....	39
1.1	O surgimento do bairro de Jardim Primavera em Duque de Caxias.	43
1.2	A realidade dos desbravadores: aspectos educacionais e espaços religiosos.....	51
1.3	Elementos da Guerra Fria: do golpe civil-militar e da implementação da ditadura.....	84
1.4	Conjunto da vida social da cidade de Duque de Caxias e os impactos da instalação da Lei de Segurança Nacional.....	87
1.5	Histórico da Paróquia Nossa Senhora do Pilar (PNSP).....	99
2	LUTAS POR DIREITOS SOCIAIS E PELA REDEMOCRATIZAÇÃO E AS CONQUISTAS NA EDUCAÇÃO.....	125
2.1	A Paróquia Nossa Senhora do Pilar: as associações de moradores: as suas conexões com outros movimentos sociais (anos 1970 e 1980)	136
2.2	A AMAJAP e as suas conexões em fins de 1970 e década de 1980.	160
2.3	AMAJAP, MUB e as lutas pelo direito a educação.....	168
3	AS LUTAS POR ESCOLARIZAÇÃO E O DIREITO A MEMÓRIA NO BAIRRO DE JARDIM PRIMAVERA.....	181
3.1	As lutas travadas pela AMAJAP pelo direito a escolarização e por melhoria das escolas públicas locais.....	190
3.2	Alguns dos intelectuais orgânicos e a preservação da memória e da história dos movimentos sociais na Baixada Fluminense.....	224
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	249
	REFERÊNCIAS.....	257
	ANEXOS.....	265
	ANEXO A – Listagem das escolas públicas do município de Duque de Caxias, 1958.	265
	ANEXO B – Cartazes das Campanhas da Fraternidade.....	271
	ANEXO C – Lista de escolas estaduais por distrito, 1971.....	276
	ANEXO D – Fotografias das escolas públicas da pesquisa.....	277

INTRODUÇÃO

A inspiração para esta pesquisa surgiu das inquietações experimentadas em tempos da pandemia do Corona vírus. Esse cenário começou a ser vislumbrado por eu ter ficado viúva em 2020, sendo ainda obrigada ao isolamento social e cuidar do meu filho de apenas sete anos. Tal situação acabou me motivando a assistir lives e a voltar a ler materiais em torno da área de educação. Estas leituras foram compartilhadas com meu falecido companheiro, pois, além de trabalharmos na mesma área de atuação, nós tínhamos o desejo de tentar o mestrado para o Programa de Pós- Graduação, Educação, Comunicação e Cultura (PPGECC-UERJ), porque ele fez uma especialização e sempre me incentivou a tentar entrar para o programa.

Transitando por essa realidade, pelo intenso e desgastante trabalho docente remoto nas escolas privadas, em meio ao luto, surgiu o desejo de retornar os estudos de pós-graduação na universidade, de investir em minha formação acadêmica de me constituir como pesquisadora, uma vez que já era um projeto que durante muito tempo posterguei, por precisar sempre ampliar a minha carga de trabalho para assegurar uma condição minimamente razoável de vida.

Ao decidir submeter um projeto ao processo seletivo no PPGECC}, iniciei um processo de reflexão acerca da escolha do meu objeto de pesquisa, dentro do campo da História da Educação na Baixada Fluminense. O caminho foi em parte norteado pela minha graduação e ofício como professora de História. Vale ressaltar que o lugar de minha formação acadêmica na graduação foi a Fundação Educacional de Duque de Caxias (FEUDC), caracterizada pelo investimento em pesquisas voltadas para visibilizar as experiências de resistência instituídas na Baixada Fluminense.

Por conta da minha formação, considerei relevante acessar algumas produções relacionadas a história da educação na Baixada Fluminense. Assim como a história do território, dos movimentos sociais, das experiências instituídas durante as lutas travadas e a identificação de conquistas de políticas públicas. Por meio de leituras e aulas virtuais, deparei-me com um projeto do Museu Vivo do São Bento (MVSB), localizado no município de Duque de Caxias. Eu já conhecia o museu por conta da minha própria militância em defesa do Sambaqui do São Bento em 2007,

onde participei da elaboração do Projeto de Instalação do Sítio Escola Sambaqui São Bento, e pude realizar visitas do percurso principal realizadas com os meus alunos da rede privada de Duque de Caxias¹.

No MVSB pude assistir dois projetos: 1) “Achadouros; 2) série Segundas Memórias”. No primeiro aborda a história do lugar ou de uma instituição narradas pelos moradores. Já a “Série Segundas Memórias” realizou um conjunto de lives com diferentes militantes dos movimentos sociais da Baixada Fluminense na década de 1970 e 1980. Nestas tem registros de narradores militantes dos movimentos sociais, e os seus acervos apresentados nas lives². Acessei posteriormente no arquivo do Centro de Referência Patrimonial e Histórico do Município de Duque de Caxias (CRPH/DC) e Museu Vivo do São Bento (MVSB)³, neste último tive contato com arquivos sobre os Achadouros e a Série Segundas Memórias, formado por pastas com fotografias e outros documentos guardados nos baús caseiros dos entrevistados. Para cada Achadouros ou live da série havia uma apresentação com estes materiais⁴. Desta forma, foi possível identificar que nos Achadouros, havia também fontes do CRPH/DC e do Museu sistematizadas sobre o bairro, acrescidas das imagens disponibilizadas pelos entrevistados.

¹ Cabe registrar que MVSB não é objeto desta pesquisa. Contudo, a sua produção sobre a história local e dos movimentos sociais e o acervo do seu arquivo foram fundamentais para esta investigação.

² Achadouros Jardim Primavera. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mx44B7MgGu8&list=PLD5A8klt709nSSR>. Roda de Memória. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9M8DKgwKSCk&t=4s>. Os links disponibilizados foram as primeiras lives que assisti e que auxiliaram a compor o presente projeto de pesquisa.

³ Vale destacar que os acervos do (CRPH/DC) e do (MVSB) compõem um único arquivo. As duas instituições funcionam no mesmo espaço e são gestados pela mesma equipe. A diferença é que o (CRPH/DC) se dedica ao trabalho de pesquisa sobre a história de toda a cidade de Duque de Caxias e atua na educação patrimonial no município e na Baixada. Já o Museu se dedica mais ao território da antiga Fazenda do Iguaçu, na museologia social e na educação patrimonial mais relacionada as exposições e a preservação dos patrimônios de seu território.

⁴ Segundo a coordenadora Marlucia Souza, o Projeto Achadouros antes da pandemia consistia na organização de uma pesquisa de campo em um bairro ou em uma comunidade (de terreiro ou quilombola, por exemplo) pouco visitada pelos historiadores, pelo CRPH/DC e pelo MVSB. Uma expedição para levantar histórias perdidas, esquecidas, pouco visitadas. Era realizada a partir da solicitação de pessoas do lugar, como foi o caso do primeiro Achadouros no bairro de Jardim Gramacho, solicitadas por duas professoras e moradores do lugar, mas que pouco conhecia sobre a sua história. Ou ainda, quando havia desejo da equipe do museu em conhecer uma comunidade ou instituição, como foi o caso dos Achadouros no Quilombo Maria Conga, em Magé e do Terreiro de Mãe Regina de Bamboxê, no Parque Eldorado, em Duque de Caxias. A expedição é um primeiro levantamento para animar desejos de aprofundamento da pesquisa. Em algumas situações as entrevistas gravadas foram transformadas em documentários ou apenas editadas e disponibilizadas no canal do (MVSB), no Youtube, como foi o caso do Achadouros Engenho do Porto. Outras ficam arquivadas no Banco de Oralidades, à espera de tratamento ou de uma consulta de um pesquisador.

O projeto Achadouros apresentou a História dos bairros de Jardim Primavera, Campos Elíseos, Bom Retiro e da Paróquia Nossa Senhora do Pilar, situados no 2º Distrito de Duque de Caxias. Estes Achadouros podem ser acessados no canal do (MVSb), no Youtube⁵. Uma história contada do ponto de vista dos moradores e militantes, valorizando-se dessa forma, uma parte da história que, muitas vezes, não é contada em livros e nos registros na história oficial. Posteriormente, localizei material dos Achadouros do Bairro de Saracuruna, feito antes da pandemia e que não é possível encontrar no canal do Youtube⁶.

Ao entrar em contato com essa produção existente no canal do museu, resolvi eleger o meu objeto. Pesquisar os movimentos sociais e as lutas da educação no bairro de Jardim Primavera, lugar que morei por longos períodos. Outro aspecto determinante para esta escolha foi que meus familiares participaram dessas lutas, algumas eu testemunhei⁷. Assim, considerei determinante construir um caminho para compreender melhor este cenário. Nos relatos, identifiquei que havia pouca produção acadêmica acerca desses movimentos e, ao mesmo tempo, nas lives era mencionada a necessidade de pesquisas que considerassem a voz dos trabalhadores militantes. Essas falas acabaram sendo o ponto de partida para a presente pesquisa.

As Lives Achadouros Jardim Primavera apresentaram uma discussão sobre a origem e a evolução urbana do bairro. Ao assisti-las, percebi um elo forte em minha própria trajetória enquanto professora e, ao mesmo tempo, a minha relação com o lugar, pois apesar de ser nascida e criada na Ilha do Governador, minha família paterna e alguns membros da materna, viveram e ainda vivem em Jardim Primavera. Nos relatos, muito se falava da Igreja Católica, da juventude que atuou nos movimentos sociais e isso me trouxe inúmeras lembranças. Elas me levaram à Igreja

⁵ Os links dos Achadouros estão nas referências, como são diversos para colocar na nota de rodapé, estou disponibilizando o link do canal do (MVSb) no youtube para que possa acessar: <https://www.youtube.com/channel/UCTn2SRVgSrPMq-BbJzssNfQ>

⁶ Antes da pandemia os Achadouros eram feitos presencialmente. Conforme informei, uma pasta contendo os acervos era montada contendo as fotografias tiradas no dia da expedição, filmagens das gravações, depoimentos recolhidos e documentos variados.

⁷ Duas das minhas tias irmãs do meu pai com quem compartilho minha vida foram entrevistadas e tornaram-se narradoras dessa pesquisa: Isa Santos de Souza Lima e Marluvia Santos de Souza. Além disso, meus avós foram membros da Igreja São Judas Tadeu e foram morar no início da formação do bairro. São eles Hilda Santos de Souza e Pedro de Souza Filho e o meu bisavô foi o primeiro comerciante de Jardim Primavera Veriano Tavares.

São Judas Tadeu, em Jardim Primavera, onde meus avós Hilda Santos de Souza e Pedro de Souza Filho eram matriarca e patriarca da igreja/comunidade.

Além disso, identifiquei nas entrevistas da Live Achadouros que algumas pessoas que atuaram eram meus familiares, amigos da família que são tão próximos e que tenho afeição, ao ponto de chamá-los de tios e tias. Assim, fui impulsionada a querer compreender e aprofundar essa História, o contorno e o entorno desses movimentos, a sua importância para a formação da localidade. Passei a ter como finalidade assumir o compromisso de registrar as lutas por direitos a educação e por melhores condições de vida; os processos formativos e de educação popular operados no processo de organização da luta.

Portanto, a temporalidade definida para esta pesquisa é a segunda metade da década de 1970 e a década de 1980, período esse marcado pelos tempos mais duros da Ditadura Civil-militar. Neste período, as liberdades foram cerceadas pela presença dos grupos de extermínio na Baixada Fluminense, com o surgimento de variados movimentos: as lutas em defesa da abertura política, pela redemocratização do país (Movimento de Anistia e Diretas Já), pela volta do pluripartidarismo (início dos anos de 1980) e pela construção de uma nova constituição (Movimento Constituinte já em 1988) que movimentaram o país e a Baixada Fluminense. Ao mesmo tempo, era possível ver o ressurgimento dos movimentos sociais urbanos (de bairros, de mulheres, dos negros), o surgimento do novo sindicalismo, das comunidades eclesiais de base e da teologia da libertação.

Entre os movimentos sociais, vale destaque para as associações de moradores, principalmente as do 2º Distrito, a Associação de Moradores e Amigos de Jardim Primavera (AMAJAP); as federações da Baixada Fluminense, em especial o Movimento União de Bairros – (MUB), em Duque de Caxias. Estas associações atuaram de forma conectada com as comunidades eclesiais de base, com os movimentos pela redemocratização e de oposição sindical. No caso específico da AMAJAP, havia uma íntima conexão de suas lideranças com o MUB, com as Pastorais Sociais da Paróquia Nossa Senhora do Pilar e consequentemente, com a Diocese de Nova Iguaçu e de Duque de Caxias. Logo, seria inviável para esta pesquisa desconsiderar estas relações.

Os militantes da AMAJAP estiveram envolvidos nos diversos movimentos e mobilizações populares no período referido: as lutas pelas Diretas Já, pelas passarelas integrando associações de moradores, igrejas e escolas, pela reforma da

Escola Municipal Marcílio Dias, pela construção do CIEP Henrique Teixeira Lott; pelo 2º Grau e melhorias do C. E. Alexander G. Bell, pela compra de material escolar com revenda a baixo custo, pela participação no Projeto Educar de Alfabetização de Adultos junto ao MUB, pela iluminação pública, saneamento, reabertura do posto de saúde do bairro, mutirões de limpeza de rios e canais, contra o despejo das comunidades do Aliado e Parque Independência, por energia elétrica nas residências que ainda eram iluminadas por lampião; contra a violência à mulher no pré-natal e pós parto, etc. Embora tais lutas sejam consideradas, a pesquisa dará mais centralidade às lutas em defesa do direito à educação, assim como, os processos de educação popular instituídos pela Paróquia Nossa Senhora do Pilar.

As lutas travadas foram respostas construídas coletivamente pelos diferentes atores envolvidos na AMAJAP, no MUB e na Paróquia do Pilar. A presença do MUB e da paróquia ou mesmo das dioceses, favoreceram processos de integração distrital, municipal e a nível de Baixada Fluminense. Caso exemplar foi o das passarelas que envolveram as comunidades da Paróquia Nossa Senhora do Pilar (PNSP), as associações de moradores do 2º Distrito, as escolas públicas e privadas de Jardim Primavera. Uma outra experiência que integraram estas esferas citadas foram as lutas da Comissão do Trem (COMTREM), nas quais a paróquia e as associações de moradores atuaram conjuntamente visando a eletrificação, a ampliação nas linhas de trem e um transporte de qualidade. Assim como em algumas lutas sindicais, como a greve dos professores de 1979 e a da FIAT, antiga Fábrica Nacional de Motores (FNM) em 1981, conectando igrejas, pastorais sociais, associações de moradores, o MUB e o movimento sindical.

Alguns militantes e integrantes da Paróquia do Pilar eram professores e trabalhadores da FIAT, envolvidos nas greves, o que fortaleceu o envolvimento desta Paróquia ainda mais com a teologia da libertação. Além disso, parte dos trabalhadores da FIAT eram residentes no 4º, 3º e 2º Distrito. O desemprego de trabalhadores da FIAT, por exemplo, afetaria diretamente as famílias locais.

Para a composição desta pesquisa foram realizados trabalhos de campo nas escolas instituídas até a década de 1980, situadas nos bairros de Saracuruna, Jardim Primavera, Campos Elíseos e Bom Retiro, com vistas a levantar o histórico das unidades escolares. Nas instituições afetadas pelas lutas da AMAJAP, em Jardim Primavera, identificamos três escolas: C. E. Alexandre Graham Bell, Escola Municipal Marcílio Dias e o Ciep 035 – Marechal Henrique Teixeira Lott. A partir

desta delimitação o presente trabalho se dedicou a aprofundar o histórico de lutas pelo direito a educação

A precarização dos poucos serviços existentes; dos transportes e da mobilidade urbana; a ausência de infraestrutura e de equipamentos urbanos tornavam difícil a vida dos moradores/trabalhadores no lugar. Foi possível notar que não existiam passarelas para atravessar a rodovia Washington Luís, o que levavam frequentemente adultos e crianças a morte durante as travessias na pista. As escolas públicas eram poucas e as vagas insuficientes para a população, obrigando os familiares as filas desumanas por dias para o acesso a uma vaga. Muitas famílias não conseguiam obter êxito, resultando privando na exclusão de muitas crianças ao acesso a escolarização. Aliás, o direito a educação como dever do Estado só foi conquistado com a constituinte de 1988, após intensas lutas dos movimentos sociais e dos professores em seus sindicatos e confederações.

Toda essa precarização esbarrava ainda na ausência de democracia, na surdez frente aos clamores populares, na imposição da censura e da inflação. Assim, as lutas pela redemocratização entraram nas pautas dos movimentos sociais urbanos e da Paróquia do Pilar: anistia ampla, geral irrestrita, diretas já e fim do regime militar, fim da censura e constituinte já. É interessante notar como muitos moradores que faziam parte da Paróquia Nossa Senhora do Pilar, estiveram à frente de manifestações em prol da retomada da democracia e participaram de atos pelas Diretas já.

As escolas eram poucas e encontravam-se em situações de precarização. Eram inexistentes nos anos de 1960 e 1970 o ginásio e o 2º Grau nas escolas públicas do bairro de Jardim Primavera. As reprovações e desistências anuais eram elevadas devido as precarizações e ao modelo educacional imposto, como veremos posteriormente. Vejamos o que nos diz Demerval Saviani acerca do período retratado:

De acordo com estimativas relativas a 1970, 'cerca de 50% dos alunos das escolas primárias desertavam em condições de semianalfabetíssimo ou de analfabetismo potencial na maioria dos países da América Latina' (Tedesco, 1981, p.67). Isto sem levar em conta o contingente de crianças em idade escolar que sequer têm acesso à escola e que, portanto, já se encontram a priori marginalizadas dela. O simples dado acima indicada lança de imediato em nossos rostos a realidade da marginalidade relativamente ao fenômeno da escolarização (Saviani, 2021, p. 3).

Saviani chama atenção de que a escola pública só atendia as crianças de sete anos de idade. A ausência de acesso à Educação Infantil nas escolas públicas obrigava as crianças da classe popular a se alfabetizarem em apenas um ano de escolaridade. Controle motor, pegar no lápis, identificar códigos matemáticos e da linguagem, tudo em apenas um ano, em uma sala de aula quase sempre lotada desprovida ou com pouco material didático. Apenas um professor em sala para este ato heroico.

Dentro da lógica de uma educação fordista e tecnicista, era difícil que a escola propiciasse ao estudante condições de construção de autonomia do pensar, de refletir acerca da sua própria realidade. O que estava em jogo era a assimilação em um ensino oficial para atender as necessidades do trabalho simples. Em contrapartida, era possível observar financiamento do Estado e do setor privado em escolas tecnicistas, conteudistas e mais estruturada para os setores médios. Em suma, uma escola pobre para as crianças pobres, e uma escola estruturada e organizada para os setores médios e mais abastados.

A presente pesquisa reconhece a importância da Paróquia Nossa Senhora do Pilar, da Federação das Associações de Moradores de Duque de Caxias (MUB) e da Associação de Moradores e Amigos de Jardim Primavera -AMAJAP como espaços de formação política, de educação popular, de organização e mobilização dos moradores em defesa de melhores condições de vida, principalmente, porque esses movimentos se constituíram de fato como espaços educativos qualitativos dos comuns, possibilitando a seus militantes ultrapassarem os limites da educação bancária assimilada, herdada e incorporada, ampliando assim, as suas visões de mundo.

Nesse sentido, tem-se o tema da pesquisa: História, memória e militância: a Paróquia do Pilar e a Associação de Moradores e Amigos de Jardim Primavera na luta por direito a educação, tendo como recorte temporal o período da década de 1970 e 1980.

O objetivo geral do presente trabalho consiste em analisar os movimentos sociais urbanos na Paróquia Nossa Senhora do Pilar e, principalmente no bairro de Jardim Primavera, nos anos de 1970 e 1980, com destaque para as lutas em defesa da educação relacionadas principalmente as três escolas: Colégio Estadual Alexander Graham Bell, Escola Municipal Marcílio Dias e CIEP 035 e por outros direitos básicos.

De forma mais específica, objetiva-se: a) apresentar o inventário do histórico dos movimentos sociais urbanos no município de Duque de Caxias e dos seus elos com a diocese de Nova Iguaçu, de Duque de Caxias e São João de Meriti, com a Paróquia Nossa -Senhora do Pilar e com as lutas pela redemocratização do país; b) empreender levantamento histórico das três escolas afetadas ou criadas pelas lutas realizadas pela AMAJAP a partir da investigação dos documentos existentes no arquivo escolar e nos depoimentos de militantes; c) estabelecer relação das produções acadêmicas sobre os movimentos sociais e a cidade de Duque de Caxias nas décadas de 1970 e 1980, e seus respectivos pesquisadores, identificando a existência ou não da presença desses intelectuais nas lutas e movimentos investigados por eles.

Os procedimentos utilizados para chegarmos aos objetivos propostos estão dentro de alguns caminhos que foram pensados de maneira cautelosa para chegar à conclusão do projeto de pesquisa. Foram realizados trabalhos de campo nas escolas e nos arquivos e nos baús caseiros dos militantes, entrevistas com base em um roteiro pré-determinado pela pesquisadora e a utilização das lives que deram origem ao presente trabalho.

O caminho metodológico em seu primeiro passo foi identificar militantes que atuaram na Paróquia Nossa senhora do Pilar e na AMAJAP. A seleção dos possíveis entrevistados foi norteadada pelos Achadouros, pelas rodas de memória e pelas séries segundas memórias. As contribuições de autores como Walter Benjamin (1987) para pensarmos os narradores; a de Pollak (1989) para compreender a memória social; e Thompson (1990) para pensar o conceito de experiência a partir do lugar que o indivíduo ocupa.

Assim foram realizadas entrevistas com os militantes da AMAJAP e da PNSP. As pessoas que contribuíram a elaboração do presente trabalho foram: Darcy Silva, em setembro de 2023; Creuza de Castro Queiroz, em junho de 2024; Isa Santos de Souza Lima, em setembro de 2023 e maio de 2024; Lair Santana, em setembro de 2023; Marlucia Santos de Souza, em novembro de 2023; Isabel Amorin, em maio de 2024; Ivanete Costa, em maio de 2024; Leu Cruz, em maio de 2024; Neudma Lima, em maio de 2024. De todos os narradores apenas a diretora Neudma Lima não era integrante do movimento social. Seu breve depoimento, foi sobre o histórico sobre o Colégio Estadual Hélio Rangel. É importante lembrar que as entrevistas não se

basearam na história de vida dessas pessoas. E sim foram focadas nos relatos de experiência de suas atuações nos movimentos.

Além da composição de entrevistas foram utilizadas as lives do Museu Vivo do São Bento e os seus acervos. Documentos oficiais dos movimentos sociais e das escolas pesquisadas, do Serviço Nacional de Informação (SNI), PPPs das escolas, Levantamento estatístico da SEEDUC, fotografias dos arquivos escolares, coleção dos militantes e institucionais guardados nos arquivos do (CRPH-DC) e do (MVSb), cadernos, panfletos, cartazes, periódicos produzidos pelos movimentos.

As escolhas teóricas-metodológicas estão relacionadas as teorias que acompanharam e nortearam o percurso da investigação, assim como, as definições de metodologias. Nem sempre as escolhas são fáceis de serem feitas e, muitas vezes, podem sofrer alterações na medida em que as fontes e as informações recolhidas exijam. Da mesma forma em que as percepções e conhecimentos adquiridos ao longo do programa de mestrado possibilita o contato com diversas teorias, nos levando a enxergar o mundo de outra maneira.

Para compreender este território de uso, habitado por sociedades capitalistas complexas, se faz necessário não perder de vista as contribuições de Marx, principal eixo para compreensão do funcionamento do capital e para a reflexão acerca da própria concepção de história como coisa do homem, sendo, portanto, movimento desnaturalizado, operado pelos sujeitos que ocupam lugares econômicos diferenciados e desiguais. Estas chaves de leitura são fundamentais para a compreensão do mundo vivido na atualidade. Como podemos observar na análise de Gabriel Teles:

Quando se fala em totalidade, é necessário desmistificar algumas questões. Em primeiro lugar a totalidade não é o estudo de tudo que é real. Não é o exercício de esgotar todas as determinações, em seus mínimos detalhes e nuances. Totalidade fundamentalmente, a expressão que os fenômenos sociais, bem como seus desdobramentos, estão essencialmente relacionados uns aos outros e, que, portanto, não é possível pensar algum fenômeno ou determinação desse fenômeno de forma isolada (Teles, p 70-71).

Território usado e tempo histórico instituídos pelos homens podem também ser transformados. Nesse sentido, pensar o local não pode prescindir de pensar a sua conexão com o universal. Tudo está conectado, inclusive os fenômenos sociais aqui analisados. O conceito de totalidade em Marx ajuda a compreender que qualquer objeto precisa ser investigado na relação do local com o global, marcadamente impactado pelo capital dependente, isto é, pelas estruturas

econômicas. Entretanto, é importante não perder de vista as potências dos sujeitos históricos, capazes inclusive de transformar o conjunto da vida social, de conservar ou alterar as suas existências. Neste caso, faz-se necessário olhares atenciosos para as singularidades.

A potência transformadora da realidade material vivida, segundo Marx, pode vir a ser modificada por aqueles que são os explorados, expropriados, os insatisfeitos, por meio do reconhecimento necessário da luta de classe e das tensões para esta investigação. Estamos tratando nesta pesquisa dos movimentos sociais instituídos por trabalhadores em seu lugar de moradia e de periferia. Ainda que estas lutas possam estar desvinculadas do viés de ruptura, elas geraram tensões, consciência de si e da realidade social, formação de identidades coletivas, ainda que em movimento.

Identificar as potências de organização, de formação desses trabalhadores, das resistências e da afirmação da luta por direitos na Baixada Fluminense nos parece relevante. O historiador inglês Eduard Thompson chama a atenção para a importância da experiência instituída pelos trabalhadores no interior das suas condições materiais concretas e históricas, ou seja, produzidas no lugar que ocupa na sociedade. Contudo, propõe um esforço de não idealização, mas de reconhecimento das peculiaridades instituídas no processo. As experiências, as práticas, as produções dos sujeitos permitem compreender o humano, reconhecer as tensões que possam favorecer rupturas ou movimentos contra hegemônicos.

Walter Benjamin traz também contribuições valiosas para esta pesquisa. A importância do narrador da experiência e da ouvidoria, o papel da história em tempos sóbrios e de caos, como foi o caso do período da ditadura militar, do extermínio e das lutas pela redemocratização. O autor era judeu, testemunhou na Europa os horrores da Segunda Guerra Mundial, a ascensão do nazismo e do fascismo, morreu de forma trágica neste período. O seu texto sobre o olhar do anjo sobre o passado traduz a potência do passado sobre o presente. Não é uma mera preocupação em explicar o presente, mas, sobretudo, de apresentar perguntas e inquietações para o presente. A revelação da provisoriedade e do movimento sempre mutável. O incômodo e a possibilidade de vir a ser de outra maneira, de estabelecimento de críticas à modernidade, de contribuir para a produção de utopias ou de pensar a contrapelo. Como o autor nos ajuda pensar “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E

incorpora as coisas narradas as experiências dos seus ouvintes (Benjamin, 1987, p.5).

Nesse sentido, a narração através das entrevistas nos remete a um passado de mobilização, de resistência e de luta em defesa da redemocratização que pode contrastar com a força de um regresso conservador ultradireita no presente, que defende inclusive o retorno da ditadura civil-militar no Brasil. A visita a esse tempo histórico de intensa precarização, violência, ditadura na cidade de Duque de Caxias, Lei de Segurança Nacional pode evidenciar os horrores vividos pelos trabalhadores e moradores naquele período. Abrir possibilidade de análises mais aprofundadas e críticas da realidade brasileira neste tempo ditadura, e, portanto, disputar com as imagens tão propagado como um país gigante, de um tempo marcado pelo milagre econômico, pela vitória brasileira nas disputas do futebol internacional e pelo nacionalismo disciplinado.

Ao valorizar os militantes dos movimentos sociais de Jardim Primavera, acionamos depoimentos de memória dos trabalhadores, acervos guardados por eles como as fotografias, panfletos, cadernos, periódicos, cartazes. Nos relatos apresentados nos Achadouros e nas Segundas Memórias, fica evidenciado a valorização do vivido e o reconhecimento dos militantes acerca de suas participações na história da cidade e da Baixada Fluminense. Valorização das conquistas obtidas na luta, dos fracassos que ensinaram, dos processos coletivos de formação, dos enfrentamentos, das assessorias, principalmente daqueles envolvidos com a Paróquia Nossa Senhora do Pilar.

Ao valorizar os narradores, os seus depoimentos de memória e os seus acervos pessoais e privados e aqueles que os próprios militantes disponibilizaram para os núcleos de pesquisas oficiais, reconhecemos importância não apenas das fontes oficiais e dos documentos escolares. Todas essas fontes podem ajudar a melhor o objeto investigado, assim quanto mais empiria, maior possibilidade de estabelecer olhares mais aprofundados. Relacionar e contrastar diferentes fontes, ouvir.

Ademais, nos relatos apresentados nos Achadouros e nas Segundas Memórias, fica evidenciado os relatos dos militantes a valorização do vivido, das conquistas empreendidas na luta, dos processos coletivos de formação, principalmente daqueles envolvidos com a Paróquia Nossa Senhora do Pilar. O envolvimento desses militantes com as problemáticas sociais experimentadas, o

esforço de construção de alternativas e superação das precarizações foram contribuindo para afirmar uma identidade comum, uma certa valoração do papel desempenhado por eles como sujeitos da sua própria história. Todavia, ao tratarmos de memória, são necessários alguns cuidados, principalmente de ler as fontes como elas realmente se apresentam. Nesse sentido, deve-se acionar alguns teóricos do campo da memória para nortear e ajudar a pensar essas fontes orais, como Goff (1990) e Pollak (1989).

Contribuição importante aqui considerada também é a do sociólogo Florestan Fernandes que nos auxilia a compreender o cenário de ditadura civil-militar partindo de seu conceito sobre o autoritarismo e a da historiadora Virgínia Fontes no que diz respeito a ajudar a pensar criticamente a sociedade brasileira, a estabelecer uma análise interpretativa das condições e das transformações sociais do Brasil no tempo investigado. As contribuições desses autores nos colocam a vista do esforço de compreensão da atuação dos movimentos sociais no cenário educacional do bairro de Jardim Primavera; a reconhecer as modificações operadas de baixo para cima naquele contexto; oferecer chaves de leituras significativas para as análises do regime autoritário no Brasil e os impactos desse regime para sociedade brasileira.

Para tratar dos movimentos sociais, acionaremos Maria Gloria Gohn, pesquisadora com publicação específica sobre os movimentos sociais urbanos. Aqui não foram considerados os movimentos culturais por conta do tempo insuficiente para a pesquisa e da necessidade de acesso a outros campos teóricos. As contribuições teóricas de Gohn podem ajudar a identificar como esses movimentos se desenharam e consolidaram conquistas concretas. Marília Pontes Sposito analisou movimentos que lutavam por educação em São Paulo. Sua pesquisa ajudou a compreender melhor a temporalidade vivida e estabelecer conexões com os movimentos no Segundo Distrito de Duque de Caxias, da Paróquia Nossa Senhora do Pilar e da Associação de Amigos de bairros de Jardim Primavera – AMAJAP.

Para ajudar a pensar o lugar, os movimentos sociais, a teologia da libertação e o contexto dos moradores na Baixada Fluminense e na Cidade de Duque de Caxias, empreendemos uma busca de pesquisas no Capes teses a partir das palavras-chave: movimentos sociais – 1970 a 1980 – Baixada Fluminense – luta por direitos – teologia da libertação - Igreja Católica. Contudo, boa parte das produções existentes são materiais produzidos anteriormente da Plataforma Sucupira, sendo

impossível acessá-las de forma online. Logo, localizamos de forma online apenas alguns artigos e poucas dissertações sobre movimentos sociais em periferia e a sua relação com a teologia da libertação. Para compreender a dinâmica que motivou parte da Igreja católica a opção pelos pobres acionamos a obra “Igreja, Carisma e Poder”, de Leonardo Boff (1982).

Seguidamente, foi realizado um levantamento de fontes e produções sobre os movimentos sociais na Baixada Fluminense existentes no arquivo do Museu Vivo do São Bento e do Centro de Referência Patrimonial do Município de Duque de Caxias. Nele, foi possível identificar a existência de um banco de dissertações e teses sobre a temática pesquisada, assim como, um conjunto de documentos tais como: fotografias, cartilhas, periódicos e um conjunto de fontes orais com depoimentos de militantes registrados nos projetos Achadouros de Bairros e Segundas Memórias. Estas últimas fontes podem ser acessadas através do canal do Youtube do Museu Vivo do São Bento.

Autor importante para analisar a questão da educação no campo do marxismo é o Demerval Saviani. Sua obra favorece a compreensão do processo da construção da militância como instrumento para que a classe trabalhadora possa acessar os conhecimentos científicos, muitas vezes desprezados, ignorados ou silenciados. Demerval Saviani através de sua obra Escola e democracia nos fez compreender o cenário social e as políticas educacionais no Brasil.

Para trazer a temática da educação popular, optamos por considerar os Cadernos do Nova já que eles foram leituras utilizadas por vários militantes da paróquia e da AMAJAP, contribuindo para nortear os pressupostos teóricos do movimento. Eles são fontes e, ao mesmo, podem servir como pressupostos teóricos na medida em que vários pensadores da educação participaram dessa organização que será mencionada na metodologia. Já para contribuir para o debate sobre os intelectuais brasileiros e os movimentos populares nos anos 1970/80 podemos contar com a tese do sociólogo, Marco Antônio Perruso.

Ainda poderemos acessar produções sobre outros movimentos que interagiam com a Paróquia do Pilar, a AMAJAP e o MUB, com destaque para o movimento sindical dos metalúrgicos e dos professores. A greve dos professores de 1979 e a dos operários da FIAT/FNM de 1981 tiveram um intenso envolvimento da Paróquia Nossa Senhora do Pilar, do MUB e dos militantes da AMAJAP, o que favoreceu a escolha de considerar as produções sobre elas. Sobre a greve da FIAT,

antiga FNM, acionamos a obra de José Ricardo Ramalho, assessor da Paróquia do Pilar, atuante no CEDI, sociólogo especializado em estudos sobre o mundo do Trabalho. A historiadora Kênia Miranda é pesquisadora da UFRJ e pesquisou sobre a greve dos professores, oferecendo, portanto, contribuições para melhor compreendermos este movimento grevista.

Como foi possível identificar, as escolhas acadêmicas centrais para esta pesquisa possuem caráter multidisciplinar, embarcando diferentes áreas do conhecimento das ciências sociais. Para dar conta do desafio de analisar os movimentos sociais e a luta por direitos no 2º Distrito de Duque de Caxias, particularmente no bairro de Jardim Primavera, num curto espaço de tempo de 15 anos de intensa mobilização, faz-se necessário estar atentos para não extrapolar a temporalidade definida⁸.

Para o trabalho com os narradores, foi necessário o uso da história oral. Inicialmente, identificamos militantes vivos dos movimentos sociais que atuaram na AMAJAP, MUB e na Paróquia Nossa Senhora do Pilar. Então, fizemos contato e agendamento para as entrevistas. Consideramos ainda os depoimentos das lives Achadores Jardim Primavera, Os Movimentos Sociais e a Paróquia Nossa Senhora do Pilar e a série Segunda Memórias, gravadas e disponíveis no canal do MVSB - Museu Vivo do São Bento no Youtube. Os acervos documentais da Série Segundas Memórias encontram-se disponíveis também no arquivo do (MVSB) e (CRPH/DC).

É importante destacar que ao longo da caminhada, e por motivos pessoais me desliguei das minhas turmas, pois, me mantive na escola que trabalhava com meu falecido marido e isso não estava me fazendo bem, assim, com o imenso apoio do meu atual companheiro e a minha família, passei a disponibilizar de tempo para desenvolver a pesquisa. Nesse sentido, houve um enriquecimento desse trabalho, pois tive como acessar os arquivos das escolas, conversar com os diretores, realizar entrevistas que ajudaram o trabalho. Fiquei emocionada, em cada escuta, descoberta, a cada indicativo de fonte. Visitar as escolas dos três bairros citados

⁸ O objetivo desta pesquisa não é o estudo da década seguinte impactada pelo neoliberalismo, e sim investigar os últimos dez anos da ditadura civil militar e o processo de luta pela democratização e abertura político. Ao nosso ver, os movimentos instituídos no Brasil forçaram a abertura política e precisam de serem melhor investigados, principalmente nas periferias como a Baixada Fluminense e é isso que esta pesquisa se predispõe.

(Figura 1) que eu não as conhecia, fotografá-las ampliou em mim uma maior intimidade com a investigação.

Figura 1 - Escola Estadual Alexander Graham Bell



(a)



(b)

Legenda: (a) Sala de reuniões que o diretor disponibilizou para que eu acessasse o acervo da escola; (b) Evidencia o trabalho de campo fundamental para esta pesquisa.

Fonte: Acervo da autora, 2024.

Além disso, essas visitas evidenciaram que as escolas citadas contribuíam para uma sensação de pertencimento da comunidade e de integração social, como se vê na Figura 2.

Figura 2 - Festa de um ano de Joni de Souza Lima, ocorrida em 18/01/1992, no CIEP Marechal Henrique Teixeira Lott.



Legenda: Nas décadas de 1980 e 1990 os CIEPS tinham como um dos princípios filosóficos a abertura do espaço escolar para a comunidade escolar nos fins de semana. Neste aniversário de meu primo realizado neste CIEP, eu, Lisa Ferreira Pereira de Souza, apareço. Na época eu tinha 6 anos de idade. Na ocasião morava com os meus

avós e meu pai em virtude do divórcio dos meus pais. Morei em Jardim Primavera nesse momento até 1993 me alfabetizei no bairro numa escolinha de pequena particular que não existe mais. Retornei em 2003 aos 18.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 1992.

Foram meses indo às escolas para conseguir informações para a pesquisa. E em uma dessas idas a campo, entrevistei Isa Santos de Souza Lima, que por sinal é minha tia e fez parte da (AMAJAP). Ela trabalhou durante 35 anos no CIEP Marechal Henrique Teixeira Lott. E em seus relatos observamos que nos anos de 1980 e 1990, os CIEPs estavam abertos para a comunidade local, para os grupos culturais, para as festas da comunidade, jogos e reuniões. Em uma dessas festas eu me vi criança. Nunca estudei em um CIEP, mas sempre fui com minha tia e estive em muitas dessas festividades. O elo existente da minha vida pessoal atravessada das histórias coletivas, aumentaram ainda mais a minha intimidade com esta pesquisa.

1 PRODUÇÃO DE UMA PERIFERIA DO PÓS II GUERRA AO GOLPE CIVIL - MILITAR EM DUQUE DE CAXIAS: O SURGIMENTO DE JARDIM PRIMAVERA E A CIDADE COMO ÁREA DE SEGURANÇA NACIONAL

Caminhando contra o vento
Sem lenço e sem documento
No sol de quase dezembro
Eu vou
O sol se reparte em crimes
Espaçonaves, guerrilhas
Em cardinales bonitas
Eu vou
(Caetano Veloso, 1967)

A Baixada Fluminense passou por inúmeras transformações nas primeiras décadas do século XX. No início do século XX, teve como característica marcante a manutenção de uma economia agrária diversificada com destaque para a expansão da citricultura⁹, o que transformou Nova Iguaçu na principal exportadora de laranja, passando a ser conhecida como a “Califórnia Brasileira”. Nas áreas mais próximas das cercanias da Guanabara e nas áreas de reserva das propriedades rurais, intensificou-se a comercialização de madeira e a produção de carvão.

O desmatamento acelerado provocou um desequilíbrio ambiental e intensificou os impactos do impaludismo, principalmente da malária. Situações de inundações pioraram e fizeram com que o governo do estado fosse obrigado a atuar. Em 1894, foi criada uma Comissão Estadual de Saneamento da Baixada Fluminense que elaborou várias informações acerca das bacias hidrográficas e da realidade ambiental. Algumas intervenções foram realizadas para amenizar a situação Souto (2021).

Nas duas primeiras décadas da república foram criadas a Comissão Federal de Saneamento da Baixada Fluminense que retificou os rios e a Empresa Pró-Melhoramentos da Baixada Fluminense responsáveis pela colonização das terras devolutas da União e ações de combate às enchentes. Eram empresas privadas com a presença de capital internacional atuando a serviço do Estado Brasileiro e recebendo para esse fim. Em 1933, durante a 1ª Era Vargas (1930 -1945) foi criada

⁹ Ver: Souza, Sonali Maria de. Da laranja ao lote: transformações sociais em Nova Iguaçu. Rio de Janeiro: PPGAS/UFRJ, 1992.

a Comissão Federal de Saneamento da Baixada pública. Uma intensa intervenção federal assegurou uma revalorização fundiária¹⁰. Para o sociólogo José Claudio Souza Alves, as intervenções do Governo Federal no pós-1930 foram determinantes para o enquadramento do território em periferia urbana do Rio de Janeiro. Diz o autor:

Nas duas primeiras décadas do século XX, a cidade nada mais era do que um imenso pantanal. Estando todos os rios e canais obstruídos, a população se viu forçada a fugir ante as epidemias de malária e impaludismo. Somente após dez anos 1933-1947 de obras de saneamento, realizadas pelo Governo Federal, foi que a região pode ser recuperada, transformando-se em periferia de um modelo de subdesenvolvimento industrializado (Alves, 1991, p.44).

Os investimentos do governo federal em saneamento favoreceram o estabelecimento nas terras da União existente na Baixada Fluminense e na Zona Oeste do Rio de Janeiro (Fazenda Santa Cruz, Fazenda do Iguaçu, Sítio do Rafael, Fazenda do Tinguá, Fazenda Cachoeira das Dores) um projeto de colonização. A Baixada e os chamados sertões fluminenses passaram a ser pensados como um grande cinturão verde, não para alimentar a “vocação agrícola” ,e sim para alimentar um modelo de expansão urbana industrial, ou seja, uma agricultura voltada para o abastecimento urbano da capital federal e de seu polo industrial em constru  o. Quatro núcleos coloniais com vistas a assegurar o abastecimento das feiras urbanas da capital federal, dos armazéns e restaurantes populares governamentais, dos empreendimentos federais¹¹.

De acordo com Souza (2023)¹², Duque de Caxias possuía tr  s núcleos coloniais (São Bento, Tinguá e Duque de Caxias), o Campo de Multiplica  o de Sementes de Parada Angélica, a Esta  o Fitossan  t  ria do São Bento e um Instituto de Malariologia na Cidade dos Meninos foram instit  idos pela União. Colonos nacionais e estrangeiros foram assentados; funcionários e pesquisadores do Ministério da Agricultura, do Ministério Saúde e da Fio Cruz foram alojados nestes campos de pesquisa; outros foram contratados para atuaram no território da Cidade

¹⁰ Ver: Souto, Adriana Branco Correia. Conquistar a Terra das   guas: Engenharia, Engenheiros e as Interven  es de Saneamento em Iguassú (RJ, 1894-1940). RJ: Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Gradua  o em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, 2021.

¹¹ Ver: Souza, Marlu  cia Santos de. Os impactos das políticas agrárias e de saneamento na Baixada Fluminense. Rio de Janeiro, P  lares da História. Ano 4, n  6, abril de 2006:17-25.

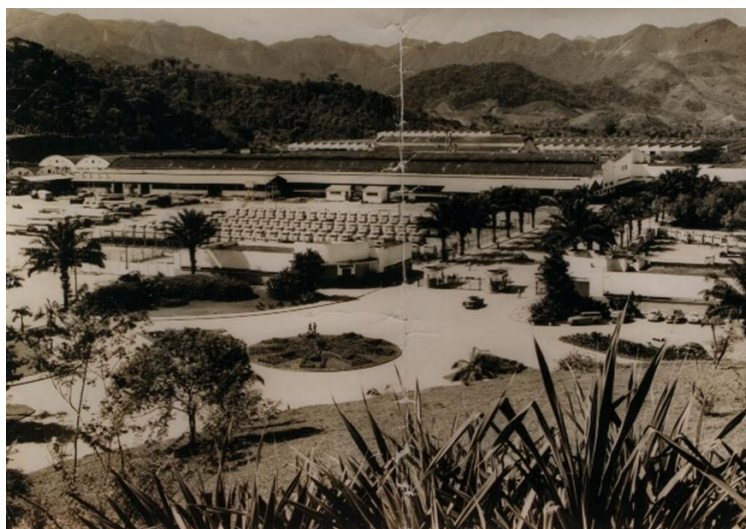
¹² Ver: Souza, Marlu  cia Santos de. História do território da fazenda do Iguaçu. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. Ano 30, n   30, 2023: 33-50

dos Meninos. Assim, um com juntos de pessoas passam a atuar no território da cidade de Duque de Caxias, além dos colonos. Dessa forma, além da Baixada Fluminense ser caracterizado como cinturão verde a serviço da expansão do modelo urbano industrial, o lugar foi transformado também em campo de pesquisa das endemias rurais e campo experimental a serviço do desenvolvimento da produção agrícola nacional.

Em 1942, o governo federal desapropriou quatro fazendas em Xerém e iniciou a construção da cidade do motor (Fábrica Nacional de Motores, vilas operárias, vila e hotel dos engenheiros, Igreja Católica, escolas, uma unidade de saúde, armazém, cinema e terras arrendadas para lavradores produzirem alimento para o abastecimento da cidade do motor), como ilustra a Figura 4. Construtores, operários, técnicos e militares foram assentados em Xerém. Possivelmente a instalação dos núcleos coloniais e da cidade do motor contribuíram para a tomada de decisão do governo estadual em emancipar Duque de Caxias de Nova Iguaçu, em 1943. A cidade passou a ser governada até 1947, por interventores e/ou indicados pela esfera estadual¹³.

¹³ Ver: Ramalho, José Ricardo. Estado Patrão e luta operária: o caso FNM. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989.

Figura 3- Fábrica Nacional de Motores nos anos de 1950



Fonte: Acervo sob a guarda do MVSb, 1950.

Vale ainda pontuar que a abertura da Variante Rio Petrópolis integrando o Rio de Janeiro a subida da serra da Rio Petrópolis, encurtando distâncias, provocou investimentos nestes novos trechos rodoviários e revalorização fundiária de suas margens. A parte que integrava o Caju, Manguinhos, a Fio Cruz e o litoral da Baía da Guanabara ao norte foi denominada de Avenida Brasil, tendo em fins da década de 1930, parte das obras inaugurada. O trecho que recortou manguezais, margeando o oeste das cercanias da Guanabara e recortando o atual território do município de Duque de Caxias foi inaugurada em 1950. Contudo, vale considerar que o recorte e obras já estavam em curso em 1947 e 1948. Muitos trabalhadores do lugar foram incorporados as obras desses corredores rodoviários.

Outro aspecto a considerar foram os impactos do término da II Guerra Mundial, da abertura política no Brasil após a queda de Vargas em 1945, a eclosão da crise da citricultura em Nova Iguaçu. De um lado, a retomada da economia dos países latino-americanos e europeus no mercado internacional potencializou a concorrência nos negócios da laranja. De outro, a entrada de General Dutra no Governo Federal e a reordenação política do Ministério da Agricultura concomitante com o avanço das crises endêmicas rurais, principalmente com o aparecimento da mosca do mediterrâneo, levando fruticultura local a decadência. A chamada “Cidade Perfume” sofre com a crise agrícola de forma intensa. A crise do modelo agrário-exportador e da propaganda “vocação agrícola” se contrasta com os investimentos no

modelo urbano industrial. Os ruralistas locais optaram por explorar o capital que ainda restara: as terras. A conjuntura estabelecida contribuiu para ascender uma corrida ao retalhamento das propriedades rurais em loteamentos urbanos. Vejamos o que diz Souza (2014):

Durante a década de 1950, tornou-se mais lucrativo o retalhamento das propriedades agrárias do que a aplicação de recursos para revigorar a citricultura. A incorporação da região ao aglomerado urbano do Grande Rio transformou rapidamente a paisagem da “Califórnia brasileira” em bairros de loteamentos para trabalhadores pobres, onde a autoconstrução das moradias e a ausência de infraestrutura urbana passaram a predominar.

No município de Duque de Caxias, a produção de laranja não dominou vasto território, apesar de ter tido alguns proprietários com a produção de laranja significativa. As condições do ambiente degradado e das doenças provocaram uma brusca redução da população no início dos noventa. Somente a partir dos investimentos em saneamento nas três primeiras décadas do século XX é que a região passou a sofrer um processo de fragmentação do território agrário, incorporando-se rapidamente ao aglomerado urbano carioca.

Além do saneamento, a abertura da Estrada- Rio Petrópolis, os investimentos realizados pelo governo Vargas na região e a proximidade da cidade do Rio de Janeiro, facilitada pela Estrada de Ferro Leopoldina, favoreceram um processo acelerado de ocupação urbana em Duque de Caxias a partir dos anos 30 (Souza, 2014).

O que se verifica é que retalar e lotear as fazendas tornou-se mais lucrativo do que apostar na retomada dos investimentos para a recuperação da economia agrária. Esse contexto foi determinante para o início do desenho dos bairros presentes nos municípios da Baixada Fluminense, principalmente no território do atual 2º distrito de Duque de Caxias, como foi o caso dos loteamentos e bairros de Saracuruna, Jardim Primavera e Campos Elíseos¹⁴.

1.1 O surgimento do Bairro Jardim Primavera em Duque Caxias

¹⁴ As fronteiras atuais da Baixada Fluminense, situadas no interior da Região Metropolitana e definidas pelo poder público estadual é formada por 13 municípios: Guapimirim, Magé, Duque de Caxias, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Nilópolis, Belford Roxo, Mesquita, Queimados, Japeri, Paracambi, Seropédica e Itaguaí. Na década de 1970, a Fundação para o Desenvolvimento da Região- (FUNDREN) metropolitana caracterizou a Baixada Fluminense como áreas integradas à oeste, tendo suas fronteiras definidas pelos seguintes municípios: Nova Iguaçu, Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis. Municípios com alta densidade populacional, alto índice de violência urbana, ausência ou escassa presença de equipamentos urbanos, predomínio de autoconstrução. Rodrigo Sampaio de Souza utilizou-se da etimologia da palavra para definir a fisiografia da Baixada Fluminense “formada por uma porção espacial de terras planas, de cota altimétrica modesta, onde há uma rede de rios bastante desenvolvida, relacionada ao termo flúvio¹. Ver: Souza, Rodrigo Sampaio de. Sobre o poder na Baixada Fluminense: o exemplo do município de Nilópolis/RJ. RJ: Dissertação de Mestrado em Geografia pela PUC Rio, em 2014.

A Baixada Fluminense e principalmente o município de Duque de Caxias, foi rapidamente se transformando de área rural para urbana, apresentando um intenso crescimento populacional sem o acompanhamento de obras de infraestrutura como por exemplo falta de espaços para construção de escolas públicas. Os loteadores retalhavam a fazenda ou chácara, vendiam os lotes a longas prestações sem qualquer infraestrutura urbana. Na maior parte das vezes as fiscalizações públicas ignoravam ou fingiam não ver os processos de retalhamentos e instalação dos loteamentos. Por outro lado, partes da Baixada mantinha ainda um ar de rural nos núcleos coloniais, campo de multiplicação de sementes e raízes das serras do Tinguá¹⁵.

A população que fora assentada pelo Estado nos núcleos coloniais transitava entre estrangeiros (alemães, portugueses e japoneses principalmente) e brasileiros, advindos da Guanabara e do interior do estado. Durante o crescimento populacional desenfreado pós 1940, foi possível identificar uma presença massiva de trabalhadores pobres expulsos dos “cercamentos dos campos brasileiros”, ou seja, dos processos de precarização do mundo do trabalho rural, do alargamento da concentração fundiária e da grilagem de terras. Some-se a isso a seca e o aumento da precarização da vida das populações rurais do Nordeste. Levas e levaras de trabalhadores pobres se deslocaram para os grandes centros do Sudeste, principalmente São Paulo e a capital federal. Com poucos recursos, não tinham outras escolhas a não ser as periferias desses centros urbanos. Quanto mais pobres, mais distantes das capitais eles residiam de acordo com Souza (2023¹⁶).

No caso específico da Baixada Fluminense que abrigou grande parte desses nordestinos, as escolhas dos locais estavam relacionadas aos valores mais baixos e aos loteamentos abertos nos entornos e proximidades das estações ferroviárias que integravam estas periferias a capital federal (Leopoldina, Barão de Mauá, a Pedro I, Rio D'Ouro, etc.) e posteriormente as margens dos corredores rodoviários (Automóvel Clube, Rio-Petrópolis, Rio-Teresópolis, Dutra e Variante da Rio-

¹⁵ Ver: Gonzaga, Marisa. Souza, Marluia Santos de. As políticas ruralistas instituídas no atual território de Duque de Caxias (1900-1961) Rio de Janeiro, Pílares da História. Ano 10, nº12, abril de 2011:58-76.

¹⁶ Ver: Souza, Marluia Santos de. História do território da fazenda do Iguaçu. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. Ano 30, nº 30, 2023: 33-50.

Petrópolis, nomeada posteriormente de Washington Luís ou BR-040), como pode ser visto na Figura 4.

Figuras 4 - Estrada Rio-Petrópolis, em 1935. Construção da Variante Rio-Petrópolis, em 1948



(a)



(b)

Legenda: (a) Estrada Rio-Petrópolis, atual Leonel Brizola, em 1935; (b) Construção da Variante Rio-Petrópolis, atual BR-040, em 1948.

Fonte: (a) Acervo IBGE, 1935; (b) Acervo Departamento Nacional de Infraestrutura dos Transportes, 1948.

Situação exemplar é o caso dos bairros de Jardim Primavera, Campos Elíseos e Saracuruna, instituídos nos anos de 1940, no entorno das estações da Fazenda de Actura (atual Campos Elíseos) e da Fazenda do Rosário (atual Saracuruna), pertencentes a Ferrovias Leopoldina Railway, aberta em 1886. Além das estações ferroviárias, estes loteamentos foram instituídos nas margens dos corredores rodoviários Variante Rio Petrópolis ou BR-040 e Rio-Magé que conecta a Variante da Rio Petrópolis com a Rio-Teresópolis (Figura 5).

Figuras 5- Localização do bairro Jardim Primavera nos anos 50



Legenda: (a) Rio Petrópolis; (b) entrada do loteamento de Nelson Cintra na década de 1950.

Fonte: Coleção Nelson Cintra, acervo CRPH/DC e MVSb, 1950.

Cabe aqui apresentar uma breve descrição do bairro de Jardim Primavera e de sua vizinhança (Saracuruna e Campos Elíseos), lugar escolhido para a presente pesquisa. Para favorecer a construção dessa descrição utilizamos periódicos locais, depoimentos dos moradores coletados pelo Museu Vivo do São Bento - MVSB¹⁷ na série Achadouros Jardim Primavera, 1, 2 e 3, nos Achadouros Campos Elíseos 2 e 3, no Achadouros de Saracuruna realizado presencialmente em 2012, relatos dos moradores militantes entrevistados por esta pesquisa, cartografias de bairros localizados no Arquivo do Instituto Histórico de Duque de Caxias, do MVSB, na Secretaria Municipal de Urbanismo e Habitação, documentos dos arquivos escolares das instituições públicas e outros documentos do acervo do MVSB. Além disso, estabelecemos uma mediação com algumas obras acadêmicas de diferentes áreas do conhecimento, que tratam do processo de ocupação urbana na Baixada Fluminense, principalmente na cidade de Duque de Duque de Caxias.

O bairro de Jardim Primavera está situado no 2º Distrito do Município de Duque de Caxias, nas proximidades do oeste das cercanias da Guanabara. É banhado pela Bacia do Iguaçu e Bacia Estrela/Inhomirim. Vale ainda pontuar que atualmente o bairro de Jardim Primavera abriga a sede da Prefeitura do Município e várias secretarias. Segundo José Lustosa, em 1957 a população de Caxias era de 200 mil habitantes, sendo que 116.987 habitantes residiam no 1º distrito; 40.500 habitantes no 2º distrito (Campos Elíseos); 20.153 no 3º distrito (Imbariê) e; 20.000 no 4º distrito (Xerém)

No Jornal Tópico, de 1958, identificamos uma reportagem sobre Jardim Primavera que afirmava que havia naquele ano 3 mil habitantes no loteamento de

¹⁷ Estas duas séries produzidas pelo MVSB podem ser encontradas no canal do Youtube do museu. O Achadouros projeto expedicionário criado pela instituição nasce do desejo de estabelecer primeiros olhares acerca das histórias perdidas ou inviabilizadas de bairros, de comunidades quilombolas e de terreiro. É um primeiro esforço de registro fotográfico, ouvidoria daqueles que vivem no lugar ou naquela comunidade e levantamento de informações existente no arquivo do MVSB. O Achadouros Saracuruna foi realizado em 2012 presencialmente, logo não é possível encontrá-lo no canal do museu. Foram acessadas imagens, gravações de depoimentos recolhidos pela expedição. A Série Segundas Memórias foi realizada em tempos de pandemia e teve como objetivo estabelecer uma ouvidoria das memórias de militantes dos movimentos sociais urbanos e sindicais, instituídos na Baixada Fluminense, nos anos de 1970 e 1980. Tanto os Achadores aqui utilizados, quanto a Série Segundas Memórias foram realizadas a partir da organização de lives, apresentadas no canal do Youtube do MVSB. A Série Segundas Memórias foi realizada nas segundas-feiras, após a realização do curso “Os Tempos da Baixada” 2020, que privilegiou a Histórias dos Movimentos Sociais na Baixada Fluminense, no século XX. O curso apontou a importância da preservação das memórias desses vividos. Canal do Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UCTn2SRVgSrPMq-BbJzssNfQ>

Nelson Cintra. Segundo relato dos moradores entrevistados, o loteamento Santana do Pilar cresceu mais rapidamente do que o do Nelson Cintra por conta dos valores serem mais populares, por estar situado mais próximo da estação ferroviária e não estabelecer impedimentos raciais aos seus compradores. Até o presente momento não foi possível encontrar informação acerca da população do bairro nos anos de 1970 e 1980.

O bairro é formado por dois grandes loteamentos, o de Santana do Pilar e o Jardim Primavera, abertos em 1947. O primeiro por Nelson Cintra e o segundo pela Mitra Diocesana de Petrópolis. Ele faz limites com os bairros de: Campos Elíseos, Saracuruna, Cângulo, Figueira, Vila Maria Helena e Pilar. Vale aqui ressaltar que estes bairros faziam parte da Paróquia Nossa Senhora do Pilar e da Diocese de Petrópolis nos anos de 1970 e 1980. Entretanto, os bairros de Saracuruna, Jardim Primavera e Campos Elíseos são mais integrados e mais próximos. Sua população circula com muita frequência por eles integrados pelo comércio (principalmente as feiras de Saracuruna e da Rua Dois no loteamento Santana do Pilar), pela prestação de serviços, pela burocracia administrativa municipal, pela fé e pelos parentescos.

Assim, consideramos relevante apresentar detalhamento dos três bairros. Há ainda o loteamento Bom Retiro que para os moradores ora se caracteriza como outro bairro, ora como mais um loteamento de Jardim Primavera. Vale ainda ressaltar que uma parte do Bairro Vila Maria Helena, situada entre a Rio-Magé, a BR- 40 ou Washington Luís¹⁸ e o loteamento de Nelson Cintra, é considerado por muitos que vivem no lugar também como Jardim Primavera¹⁹.

O processo de retalhamento da Fazenda Rosário²⁰ ou Saracuruna também foi iniciado por volta de 1947, pelos irmãos Jayme e Joseph Fichman. Os irmãos eram imigrantes europeus vindos da Romênia. No arquivo da E. M. Jaime Fichman consta

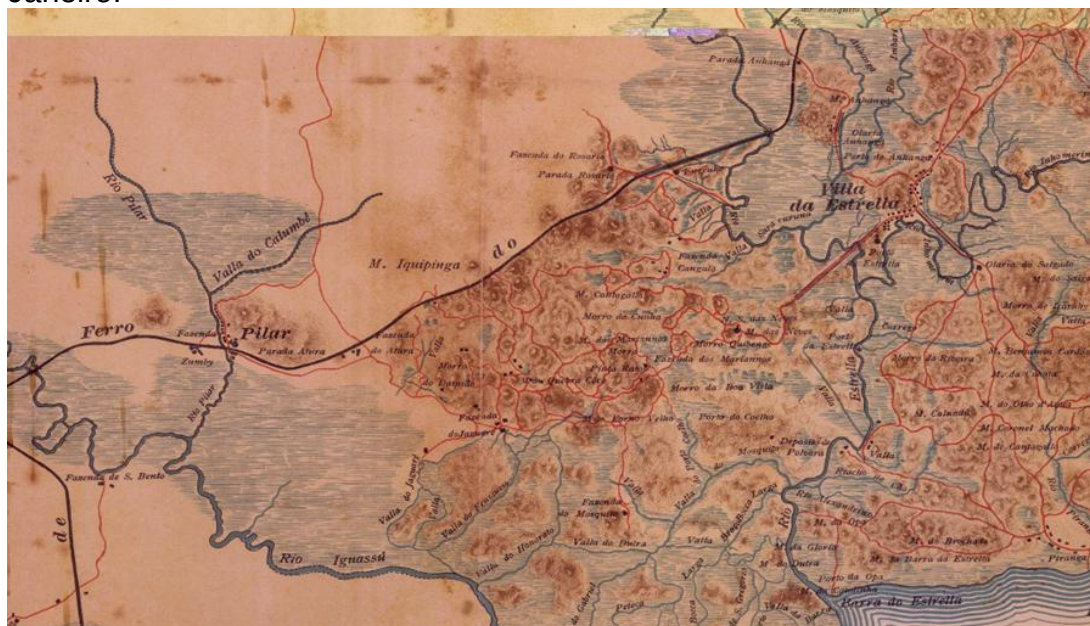
¹⁸ Ver. Lopes, Costa Artur. Revista Eletrônica História, Natureza e Espaço - ISSN 2317-8361 v. 2, n. 2 (2013)

¹⁹ Na época da composição do bairro, muitos moradores associavam o Bairro Vila Maria Helena como componente de Jardim Primavera. Isso foi verificado em relatos dos moradores.

²⁰ A fazenda do Rosário fazia vizinhança com a Fazenda Cângulo. Ambas situadas nas margens do Rio Saracuruna e do oeste das cercanias da Guanabara. No período já havia a estação do Rosário, pertencente a Estrada de Ferro Leopoldina Railway. Saracuruna está situado nas margens da Rio-Magé e possui os loteamentos do Rosário, a Vila Urussaí e o Parque Independência. A bacia hidrográfica deste bairro é a Estrela/Inhomirim. Nesta localidade existe ainda hoje uma colônia de pescadores e as conexões com o Balneário de Ana Clara e Estrela. Faz vizinhança com os bairros: Morabi, Cângulo, Jardim Primavera e Vila Maria Helena. Nas plantas abaixo é possível ver as fazendas mencionadas aqui.

que o patrono da escola nasceu em 12 de abril de 1903 e faleceu em 15 de fevereiro de 1966. Radicou-se Saracuruna em 1936 e adquiriu a Fazenda Rosário de Francisco Vieira Neto. Os irmãos fizeram o retalhamento e a comercialização dos lotes urbanos a longas prestações²¹. A Figura 6 apresenta esse processo.

Figura 6- Fragmento da Planta Geral do Litoral da Baía do Rio de Janeiro – 1896 pela Comissão de Saneamento da Baixada – Estado do Rio de Janeiro.



Fonte: Acervo: BN Digital, 1896.

²¹ Arquivo do Colégio Municipal Jayme Fichman. Obs.: Meu avô Pedro de Souza Filho era amigo de Jayme Fichman e em diversas entrevistas antes de seu falecimento relatava a questão da comercialização dos lotes. Ele mesmo comprou seu lote em largas prestações, porém o dele pertencia a Mitra de Petrópolis. Após o falecimento dos meus avôs meus tios e primos que os pais faleceram venderam a as partes deles da casa para meu pai Sérgio Santos de Souza que reside nela atualmente.

estabeleceu os caminhos a seguir. Além disso, foi ainda considerado a emergência de transferir a capital federal para os sertões brasileiros, distanciando as esferas governamentais das pressões das multidões do sudeste, principalmente das realizadas pelo movimento operário segundo Souza (2014)²². Assim, a Baixada a partir de 1961, deixa de ser o cinturão verde com a extinção dos núcleos coloniais e passa a ser incorporada como área de expansão urbana periférica e industrial. A existência de uma extensa área de terras da União, de corredores rodoviários e a existência de um litoral favorecia o avanço desse modelo.

Em 1957, o bairro de Jardim Primavera foi impactado pelo início das obras de instalação da Refinaria de Duque de Caxias (REDUC) e início das suas atividades produtivas em 1961. O petróleo bruto chegava de navio para as grandes esferas de armazenamento instituídas na (REDUC) e depois eram refinadas e armazenadas para as distribuidoras. Seguidamente o Estado iniciou a instalação da Fábrica de Borracha – (FABOR), dando início a instalação de um complexo polo petroquímico e de polímeros²³.

Ademais que o território que abrigou a REDUC e a FABOR em 1962, faziam parte do Núcleo Colonial São Bento, portanto eram terras da União que foram cedidas para a Petrobrás nos anos de 1950. No passado havia também uma colônia de pescadores que fora impactada com a instalação do polo industrial. Manguezais foram aterrados, morros desfeitos para viabilizar os aterramentos, desmatamento em grande escala foram rapidamente mudando a paisagem do lugar.

Muitas pessoas residentes nestes bairros trabalharam nas obras da Variante Rio-Petrópolis, da REDUC (Figura 8), da FABOR (Figura 9) e demais empreendimentos industriais (Figura 10), principalmente pelas distribuidoras dos materiais refinados pela REDUC (gasolina, óleo dieses, gás de cozinha). Os loteamentos instituídos anteriormente nestes territórios também foram impactados pelo avanço desse modelo urbano industrial. Vale ainda ressaltar que é também em Campos Elíseos que foi instituída a casa paroquial onde residiam os párocos da Paróquia Nossa Senhora do Pilar, como veremos mais adiante.

²² Ver: Souza, Marlúcia Santos de. Escavando o passado da Cidade. A construção do poder político local em Duque de Caxias/ 1900-1964, 2014.

²³ Ver: Raulino, Sebastião Fernandes. 50 anos da REDUC: momento para reflexão sobre Desigualdades e Injustiças ambientais relacionadas as Indústrias do Petróleo, Petroquímica e Química. Rio de Janeiro, Pilares da História. Ano 10, nº12, abril de 2011:39-51.

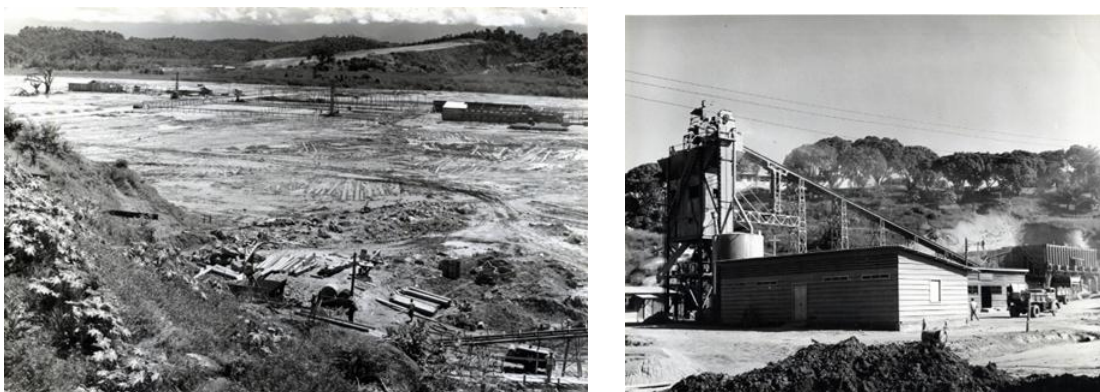
Figura 8- Construção da REDUC



Legenda: (a) Início da construção com montagem de acampamentos; (b) Construção da REDUC com vista para a Baía da Guanabara.

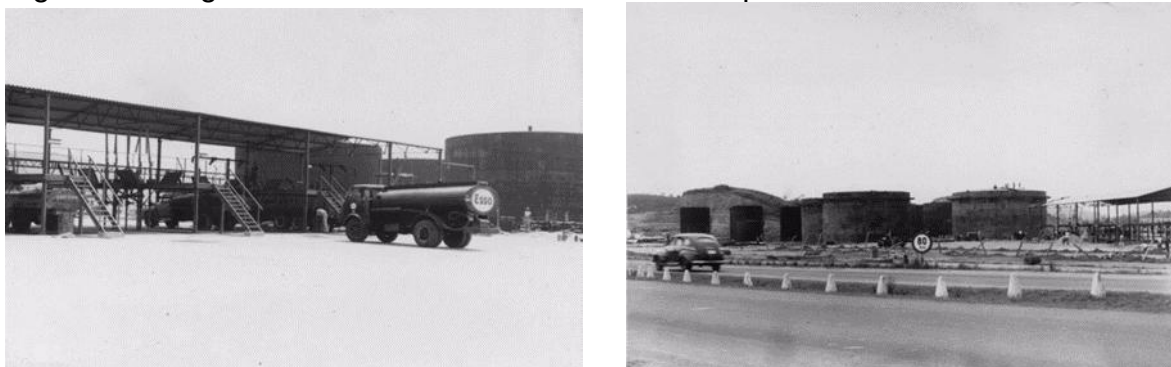
Fonte: (a) Acervo SINDIPETRO sob a guarda do MVSb; 1962; (b) Acervo FGV, 1962.

Figuras 9- Construção da FABOR em 1961



Fonte: Acervo IBGE, 1961.

Figura 10- Engarrafadoras e Distribuidoras em Campos Elíseos



(a)

(b)

Legenda: (a) Multinacional ESSO; (b) Esferas com armazenamento de material refinado destinado a distribuição, nas margens da Variante Rio-Petrópolis ou BR040.

Fonte: Acervo IBGE, 1961.

1.2 A realidade encontrada pelos desbravadores: aspectos educacionais e os espaços religiosos (1940-1970)

Esta pesquisa trata dos movimentos sociais urbanos e da luta em defesa da educação pública e por direitos em fins de 1970 e a década de 1980, no bairro de Jardim Primavera. Analisa ainda os impactos desses movimentos na formação dos militantes, intelectuais e pesquisadores que produziram sobre esses movimentos. Suas produções são referências importantes para a compreensão da Baixada Fluminense no século XX.

Ao iniciarmos as pesquisas acerca dos movimentos sociais urbanos na Baixada Fluminense, principalmente no município de Duque de Caxias, foi possível identificar a construção de campos multidisciplinares investigativos e complexos. Identificamos a existência de diversos blocos de estudos com suas leituras e marcos teóricos específicos: movimento sindical; movimento camponês, movimentos culturais; movimentos de contestação a ditadura militar ou de luta pela redemocratização; movimentos indígenas; movimentos feministas; movimentos negros, movimentos de moradia, movimento estudantil e movimentos sociais urbanos. Esta pesquisa escolheu investigar os movimentos sociais urbanos em Duque de Caxias, principalmente o 2º Distrito e as suas conexões com os municípios da Baixada Fluminense.

No campo das Ciências Políticas a doutora e pesquisadora da Universidade de São Paulo - USP, Maria Glória Gohn (2005), tornou-se uma referência para os estudos sobre os movimentos sociais urbanos nos anos de 1970 e 1980. Nesses estudos a autora identificou a construção de um movimento popular e urbano construído pela sociedade civil, conectando assim, trabalhadores em seu lugar de moradia, com redes de solidariedade coletiva. Afirmaram o direito de pensar a cidade, de lutar por urbanidade para todos; de estabelecer redes solidárias e de defesas de bandeiras femininas, antirracistas, indigenistas e de abertura política do país. As lutas em defesa da saúde e da educação por exemplo extrapolavam assim os muros das unidades de saúde e da escola.

Constituídos em tempos de ditadura civil-militar, os movimentos se caracterizavam como populares da sociedade civil em contestação a dura realidade social imposta. Um ingrediente importante para o estudo desses movimentos são os possíveis atravessamentos com a valorização dos saberes populares, a educação

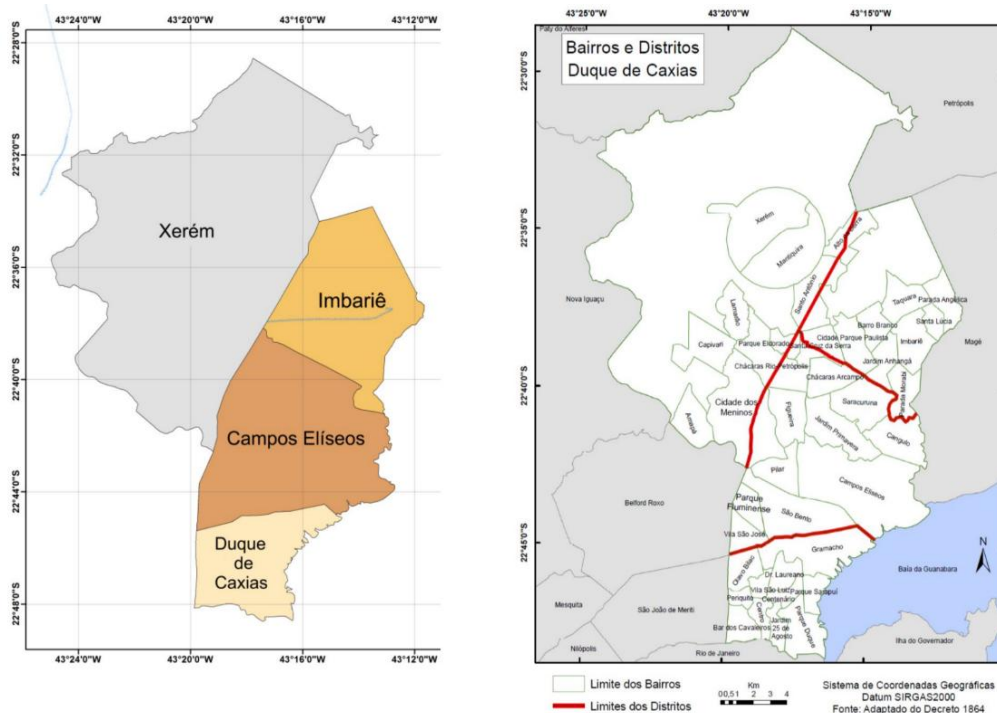
popular e o protagonismo do oprimido, revelando a influência da pedagogia do Oprimido de Paulo Freire e da teologia da libertação, nascida no interior da Igreja Católica. Esses movimentos podem ainda ter sofrido influências do novo sindicalismo construído neste mesmo período pelas oposições sindicais. Eles lutaram pela retomada de suas agremiações, muitas vezes subordinadas e controladas por interventores da ditadura militar, defendiam um movimento operário capaz de organizar o trabalhador no chão da fábrica e através das grandes mobilizações e greves conquistar melhorias nas condições de trabalho.

Os movimentos sociais urbanos aqui apresentados, estão inseridos nestas caracterizações indicadas. Estava conectado com teologia da libertação e as pastorais sociais construídas no interior da Paróquia Nossa Senhora do Pilar, pertencente a Diocese de Petrópolis. Estabeleceu alianças com o novo sindicalismo e as duas mais importantes greves daquele momento: a greve de 1979, construídas pelos professores da rede pública estadual e os 42 dias de greve dos metalúrgicos da FIAT (antiga FNM), em 1981. Vale aqui ressaltar que muitos trabalhadores da educação e operários da FIAT residiam nos bairros de abrangência do 2º Distrito. Era um movimento de bairro onde assentaram a Associação de Moradores e Amigos de Jardim Primavera (AMAJAP), conectado com a federação municipal de associações de bairros de Duque de Caxias, o MUB, ambas criadas em 1979. Por sua vez o MUB manteve conexões com as federações municipais de Nova Iguaçu (MAB) e a de São João de Meriti (ABM) e estadual (FAMERJ). Algumas vezes foram criadas comissões temáticas integrando as três federações da Baixada, como foi o caso da Comissão de Saneamento da Baixada Fluminense e o Fala Mulher articulando as mulheres das três federações da Baixada.

O movimento de bairro de Jardim Primavera, a Paróquia Nossa Senhora do Pilar e próprio (MVSB) estão todos inseridos no 2º Distrito de Duque de Caxias. Sendo assim, delimitamos o território desta pesquisa como sendo o do 2º Distrito, mas sem perder de vista as suas conexões com a cidade de Duque de Caxias, com a Baixada Fluminense, com o estado do Rio de Janeiro e o Brasil.

Nas representações cartográficas abaixo são apresentadas a divisão distrital e de bairros do município de Duque de Caxias. Interessante notar é a localização do bairro e do 2º Distrito está basicamente ao centro geográfico da cidade.

Figura 11 – Mapa de Duque de Caxias



Fonte: Tenreiro (org.), 2015.

O que se quer aqui pontuar é que a história dos homens e mulheres do território do bairro de Jardim Primavera, do 2º Distrito, da cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense só pode ser compreendida na sua totalidade em Marx. Não é junção das partes proposta pelo modelo cartesiano e sim, de olhar qualquer objeto ou qualquer considerando as múltiplas conexões estabelecidas: econômicas, políticas, culturais e naturais. Assim, nenhum local é produzido somente pelo local, embora nele possam ser construídas singularidades que mereçam ser investigadas. Não é possível desconsiderar o que está acontecendo com o mundo, com o Brasil, com a Região Metropolitana do Rio de Janeiro e as suas interferências na vida dos moradores de Jardim Primavera, por exemplo. É necessário pensar também esse mundo contemporâneo a partir das realidades históricas e experimentadas pelos trabalhadores, principalmente nos territórios periféricos.

A partir das considerações apresentadas, iniciamos uma reflexão acerca das condições materiais e sociais vividas pelos moradores e trabalhadores residentes no bairro de Jardim Primavera com referências aos seus vizinhos Saracuruna e Campos Elíseos. Quais foram as dificuldades enfrentadas pelos desbravadores nos anos de 1940 a 1960? Como foram impactados pelo avanço acelerado do desenvolvimentismo nos anos de 1960? Que lutas travaram para assegurar a

sobrevivência familiar e melhorar as suas condições materiais de vida? Como era a situação do bairro na década de 1970? O que levaram os moradores a luta por direitos? Que ações de combate a ditadura participaram?

Para perseguir as repostas a estas perguntas levantamos dados do IBGE, obras acadêmicas que tratam da história da cidade no referido período e principalmente, os relatos dos narradores militantes de Jardim Primavera e da Paróquia do Pilar. Em seu texto “O Narrador”, Walter Benjamin²⁴ diz que o ato de narrar está ameaçado, ou seja, a prática de intercambiar experiências, vivências, leituras do vivido, olhares sobre realidades e lugares distintos que nos permitam ver o real e identificar o falso ou como diríamos hoje, as “fake news” ou as falácias. Sem o narrador como ouviríamos as vozes dos trabalhadores silenciadas? Em tempos de ditadura militar a censura impedia a ouvidoria da crítica, a sonoridade das vozes desaparecidas. Estaríamos condenados apenas as imagens positivas dos tempos da ditadura?

Evidentemente que aprendemos que o corpo desaparecido e reencontrado pode falar, o que foi censurado pode ajudar a compreender a própria censura. Contudo, a voz dos narradores, dos comuns podem apresentar leitura, informações, documentos e registros de memória fundamentais para a escrita ou reescrita da História em tempos sombrios. Mais do que isso, as vozes dos trabalhadores podem revelar experiências só possíveis a partir do lugar que o indivíduo ocupa na sociedade. A voz das experiências da classe trabalhadora não apenas no seu mundo do trabalho, mas também de vivências comunitárias ou no seu lugar de moradia.

O historiador inglês Edward Thompson²⁵ nos ensina que a classe se constitui também nas experiências coletivas, nos processos vividos enquanto classe. Não seria possível por exemplo viver experiências de senhor enquanto se é escravo e vice-versa. Nesse sentido, as lutas experimentadas por estes moradores e trabalhadores, as conexões vividas através das experiências grevistas e as mobilizações populares em defesa dos direitos, como a educação devem ser olhadas com mais atenção e é isso que tentaremos fazer a seguir. Identificar a

²⁴ Benjamin, Walter. O Narrador. Obras Escolhidas. SP: Editora Brasiliense, 1987.

²⁵ Thompson, Edward P. A Formação da Classe Operária Inglesa. SP: Paz e Terra, 2002.

realidade social desses trabalhadores em seu lugar de moradia e as experiências instituídas por eles nesses movimentos sociais urbanos.

Através dos depoimentos recolhidos e registrados pelos Achadouros, pela Série Segundas Memórias e por esta pesquisa foi possível apresentar um quadro da dura realidade social e material vivida pela população da cidade de Duque de Caxias, principalmente nos bairros do segundo distrito. Os loteamentos abertos em 1947 e na década de 1950, não foram acompanhados de obras de infraestrutura urbana como saneamento básico, pavimentações, projetos de arborização e/ou paisagismo, iluminação pública, escolas e unidades de saúde pública.

O comprador recebia o seu lote, gastava quase toda a vida na autoconstrução e no pagamento do lote. Para assegurar aos seus filhos algum letramento precisavam encontrar professores leigos com suas salas multisseriadas domésticas e pagá-los para que seus filhos aprendessem a pegar no lápis. No caso do loteamento de Nelson Cintra uma escola particular foi projetada e construída em 1951, o Ginásio Primavera. Havia ainda um maternal particular, Escola Pássaros do Brasil.

José Lustosa, em sua obra “Cidade de Caxias”, afirmou que em 1958, a cidade possuía 29 escolas públicas municipais, 5 estaduais e 101 particulares. (Ver anexo 2). A rede pública municipal e as escolas particulares subvencionadas atendiam 7.801 alunos; a rede estadual um total 4. 213, enquanto a rede particular, 15.645. Isto em um universo populacional de 243.616 habitantes no município. A maior parte das escolas públicas estavam situadas no primeiro distrito. Não foi possível identificar escola municipal e estadual nos bairros de Jardim Primavera, Campos Elíseos e Saracuruna. Além do predomínio das escolas particulares nestes bairros, alguns espaços educativos começaram a ser criados pelas comunidades e pelo poder público municipal, por conta das pressões dos loteadores e moradores.

No loteamento Santana do Pilar, em Jardim Primavera, até 1967, só havia a instituição privada, Escola José de Abreu, de Dona Diná e alguns espaços domésticos multisseriados com os professores leigos. Segundo o Levantamento Estatístico de julho de 1971, realizado pela Secretaria Estadual de Educação e Cultura. Inspeção de Ensino da 2ª Região Escolar formada pelos municípios de Duque de Caxias, São João de Meriti e Magé, localizado no INDC, a primeira escola pública veio com a inauguração do Grupo Escolar Jardim Primavera, em 1967(Figura 12). Ela foi construída em 1967, e começou o seu funcionamento em

julho do mesmo ano, durante a gestão do governador do estado do Rio de Janeiro, Jeremias de Mattos Fontes.

A escola foi construída com verba do Plano Nacional de Educação do Rio de Janeiro e um terreno cedido pela Prefeitura Municipal de Duque de Caxias. Em 1970 mudou a sua denominação para Grupo Escolar Hélio Rangel, após o falecimento de um morador antigo do bairro, ex-funcionário da Rede Ferroviária Federal que lecionava nas horas vagas em cursos supletivos. Ele faleceu durante uma travessia de nível da linha férrea. O grupo escolar possuía 4 salas de aula, varanda coberta, secretaria, biblioteca, banheiros, cozinha, hall de entrada, 2 salas para coordenação e direção, um pequeno espaço para mimeografar. Posteriormente ela recebeu um segundo prédio com mais 4 salas de aula.

Figura 12 - Grupo Escolar Hélio Rangel



Fonte: Acervo IHDC, 1970.

Entre 1968, mais um grupo escolar foi construído no loteamento Santana do Pilar, do outro lado da linha férrea, nas proximidades do Canal Faria, o Grupo Escolar Casemiro de Abreu. Possuía 5 salas de aula, varanda coberta, banheiros, cozinha com dispensa, secretaria, sala de direção/coordenação, almoxarifado. Observe que há duas edificações, uma nos moldes dos demais grupos escolares e um segundo anexo na frente (Figura 13).

Figura 13- Grupo Escolar Minas Gerais



Fonte: Acervo IHDC, 1968.

No loteamento de Nelson Cintra, um espaço escolar foi edificado, em terrenos doado pelo loteador. Era precário e chegou a ser fechado. A primeira escola pública oficial foi inaugurada em 1968. Segundo Levantamento Estatístico de julho de 1971, realizado pela Secretaria Estadual de Educação e Cultura. Inspetoria de Ensino da 2ª Região Escolar, a unidade recebeu inicialmente a denominação de Grupo Escolar Jardim Santo Antônio (Figura 14).

Figura 14- Fundos e frente do Grupo Escolar Minas Gerais



Fonte: Acervo IHDC, 1968.

No Bom Retiro, as crianças pegavam no lápis nas instalações comunitárias construídas pelos jogadores, ao lado do campo de futebol. Professores leigos pagos pela comunidade ensinavam as crianças durante a semana. Em 1968, ela foi municipalizada e recebeu a denominação de Escola Municipal Parque Bom Retiro,

fruto das reivindicações dos moradores junto a Prefeitura Municipal de Duque de Caxias. A segunda escola instituída em 1960, foi a Escola Municipal Farid David (Figura 15). No arquivo escolar da unidade localizamos um histórico no ofício número 56 de 2008, informando que o funcionando inicial da escola foi em um prédio provisório cedido pela Companhia Agropecuária de Campos Elíseos. Em 1961, a escola passou a funcionar em outro prédio cedido pela mesma companhia em sistema de comodato com a PMDC. Em 1965, ela foi estadualizada e a sua criação foi publicada em diário oficial em 1966, com a denominação de João XXIII. Localizamos no arquivo escolar cópia desse decreto.

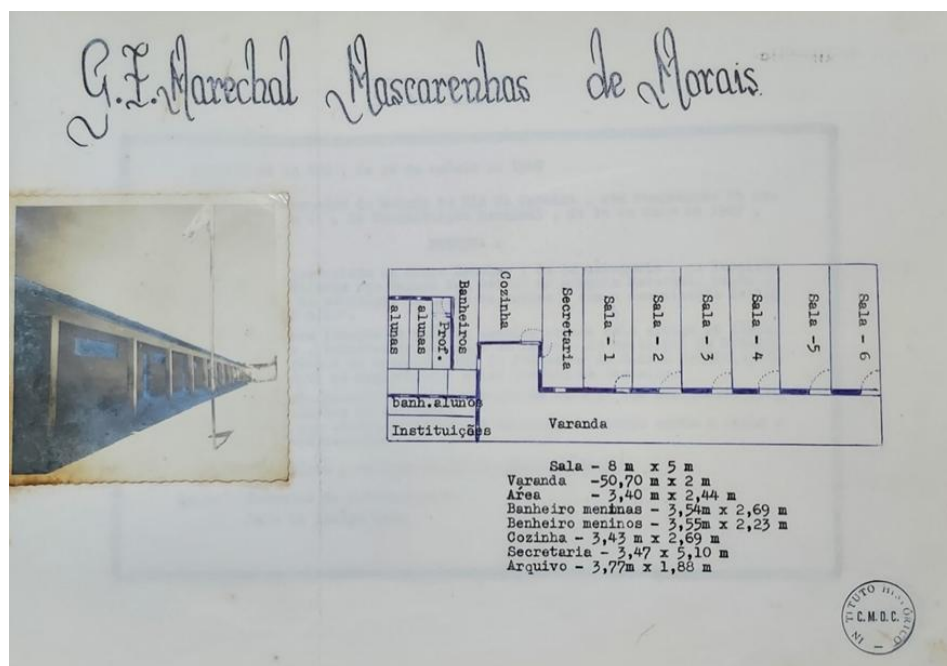
Figura 15 - Escola Municipal Farid David



Fonte: Acervo IHDC, 1966.

Ainda em Bom Retiro e segundo o Levantamento Estatístico da SEDUC de 1971, foi criado em 1965, pela Lei 5.575, o Grupo Escolar Josefina Azevedo Dias. Em 1968, mudou de denominação, sendo instituído por decreto o Grupo Escolar Mascarenhas de Moraes (Figura 16).

Figura 16 - Grupo Escolar Mascarenhas de Moraes



Fonte: Acervo IHDC, 1965.

No Loteamento de Tupinambá de Castro, em Campos Elíseos, a mãe do loteador, Adelina Castro, incentivou o filho a doar uma área e construir uma escola. Ela possuía uma bela edificação com varanda, duas salas de aula, banheiros, gabinete da diretora e cozinha. Foi transformada em escola isolada sob a gestão do governo do estado.

No Levantamento Estatístico de julho de 1971, realizado pela Secretaria Estadual de Educação e Cultura. Inspeção de Ensino da 2ª Região Escolar, diz que a escola foi inaugurada em 1952, durante o governo de Amaral Peixoto, com a denominação de Escola Isolada Parque dos Campos Elíseos. Em março de 1953, passou para a denominação de Grupo Escolar Parque Campos Elíseos. Em 1962, recebeu mais 4 salas de aulas, financiadas pela REDUC e pela FABOR. Em 1965, mudou a sua denominação para Grupo Escolar Adelina Castro. Em 1979, o governo construiu mais 4 salas, totalizando 10 salas.

José Lustosa, em sua obra “Cidade de Caxias”, afirmou que em 1958, a cidade possuía 29 escolas públicas municipais, 5 estaduais e 101 particulares (Ver anexo 2). A rede pública municipal e as escolas particulares subvencionadas atendiam 7.801 alunos; a rede estadual um total 4. 213, enquanto a rede particular, 15.645. Isto em um universo populacional de 243.616 habitantes no município. A maior parte das escolas públicas estavam situadas no primeiro distrito.

Não foi possível identificar escola municipal e estadual nos bairros de Jardim Primavera, Campos Elíseos e Saracuruna. Além do predomínio das escolas particulares nestes bairros, alguns espaços educativos começaram a ser criados pelas comunidades e pelo poder público municipal, por conta das pressões dos loteadores e moradores.

Figura 17- Grupo Escolar Parque Campos Elíseos



(a)



(b)

Legenda: Grupo Escolar Parque Campos Elíseos em 1967. Posteriormente passou a ser chamada de Escola Estadual Adelina de Castro, em homenagem a mãe do loteador Tupinambá de Castro.

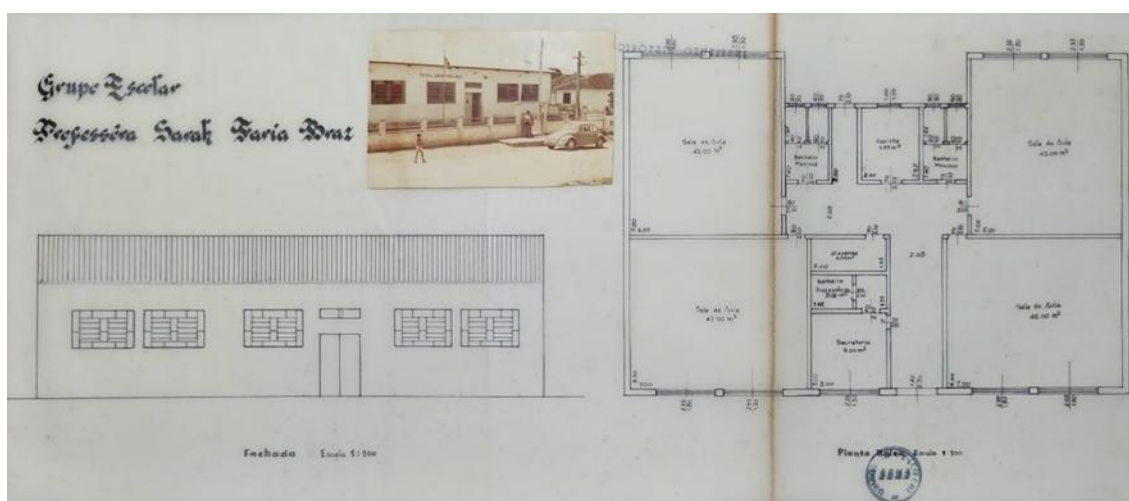
Fonte: (a) Acervo da unidade escolar, 1967; (b) Acervo IHDC, 1967.

No loteamento de Manoel Reis, em Campos Elíseos, foi instituído um espaço provisório para oferecer instrução as crianças locais, instalado no interior de um espaço do bloco carnavalesco do Bairro. O loteador cedeu um espaço para a construção da escola que recebeu o nome do loteador, E. M. Manoel Reis. Não foi possível localizar a data exata de sua fundação no arquivo escolar, provavelmente na década de 1950, foi instituído o primeiro espaço.

Em Saracuruna, Jayme Fichman doou uma área para a construção de uma escola. No arquivo escolar não há referência de data, provavelmente ainda na década de 1950. Em 1968, ela recebeu a denominação de Escola Municipal Jaime Fichman, uma homenagem póstuma após dois anos da morte do loteador. Segundo o histórico da unidade escolar, inicialmente ela funcionou com duas salas de aula em uma edificação precária. A partir das pressões dos moradores, a prefeitura adquiriu uma área e construiu uma nova escola em 1969. Nessa época, a escola possuía 408 alunos.

Segundo o Levantamento da SEDUC de 1971, foi instituída em 1964 a Escola Estadual Saracuruna Reunida, nas proximidades da Igreja do Rosário, em área também doada por Jaime Fichman. Em 1966 foi transformado em Grupo Escolar Sara Faria Braz (Figura 18) em homenagem a uma professora já falecida.

Figura 18 - Grupo Escolar Sara Faria Braz



Fonte: Acervo IHDC, 1964.

Ainda em Saracuruna foram construídos pelo governo do Estado do Rio de Janeiro dois grupos escolares em 1968: Grupo Escolar Alberto Santos Dumont, na Vila Urussaí e o Grupo Escolar Parque Moderno, na entrada do Cângulo. Esta última mudou de denominação para Pedro Jacinto e depois para Vera Lúcia Romão Tavares.

O que se verifica é que na medida em que os lotes eram vendidos e a população crescia as pressões por escolarização se faziam presente. Algumas iniciativas e escolas particulares foram sendo criadas, mas nem todos tinham acesso a elas.

Em Vila Maria Helena, Anton Dworsak, um dos moradores e imigrante europeu residente, ficou sensibilizado ao ver que as crianças ao seu redor não frequentavam a escola. Ele era trabalhador contratado e ainda conseguia manter os filhos na escola. Somente os seus filhos e mais uns poucos frequentavam uma escola privada, o Ginásio Primavera, instituída no loteamento de Nelson Cintra. Ele animou outros moradores a construíram uma escola em um terreno cedido pela prefeitura e em 1962, ela foi inaugurada como escola municipal, recebendo o nome de seu idealizador.²⁶

Stélio Lacerda, em sua obra “Uma passagem pela Caxias dos Anos de 1960”, apresenta uma informação preciosa, que ajuda a compreendermos o crescimento do número de grupos escolares nestes três bairros, entre 1967 e 1968. Lembrando que segundo Lustosa, em 1958, só havia 5 escolas estaduais no município e nenhuma no 2º distrito. Segundo a Prefeitura Municipal de Duque de Caxias estabeleceu um convênio com o governo do Estado do Rio de Janeiro, na gestão do governador Geremias de Mattos Fontes (1967-1971) que nunca chegou a ser formalizado, mas que funcionou em termos práticos: a prefeitura assumia a concessão de terrenos e o governo a construção das escolas com recursos do Plano Nacional de Educação.²⁷ Frente ao crescimento acelerado da população após o desenvolvimentismo, as pressões populares pelo acesso a escolarização cresceram, obrigando os governos militares e os estaduais a investirem na criação de escolas públicas, sobretudo as primárias para ensinar a ler, escrever e contar.

²⁶ Ver: SILVA, Rosangela Martins da. Escola Municipal Anton Dworsak: do Sonho à Institucionalização. RJ: Dissertação de Mestrado em História da educação, 2023.

²⁷ LACERDA, Carlos. Uma passagem pela Caxias dos anos de 1960. RJ: Edição do autor, 2001:20 e 21.

Pelo convênio, seriam priorizados os bairros mais densamente ocupados e não servidos por escolas públicas. Após a identificação das comunidades, passava-se à localização dos terrenos e ao dimensionamento da escola. Essas tarefas eram realizadas por uma comissão municipal coordenada pelo vice-prefeito Ruyter Poubel... Em trabalho de campo, a comissão percorria os bairros em companhia das lideranças comunitárias para localizar na planta do loteamento, áreas do patrimônio municipal adequada para a instalação da escola... Durante a vigência do convênio, no período de 1967 a 1971, foi definido a construção de 35 escolas estaduais em Caxias... até 1967 a rede pública estadual era constituída por 19 unidades de ensino... Reduzia-se assim, o contingente em torno de 30 mil crianças (estimativa de 1969, na faixa dos sete aos 14 anos, não atendidos pela rede escolar (Lacerda, 2001, p.20)²⁸.

Ainda segundo Lacerda, no bairro de Jardim Primavera foram construídos o Grupo Escolar Minas Gerais, o Grupo Escolar Mascarenhas de Moares (no Parque Bom Retiro) e o Grupo Escolar Casemiro de Abreu que fora posteriormente anexada ao Graham Bell. O Grupo Escolar Hélio Rangel, construído em 1967, não aparece na listagem, talvez por ter sido construída antes do convênio. Contudo, a sua construção se deu da mesma forma que os demais grupos escolares. O mesmo governo estadual, terreno cedido pela prefeitura e verba do Plano Nacional de Educação do Estado do Rio De Janeiro.

No bairro de Saracuruna foram construídos o Grupo Escolar Alberto Santos Dumont, na Vila Urussaí, e que posteriormente foi municipalizado, e o Grupo Escolar Parque Moderno, renomeado como Pedro Jacinto em 1980, e Vera Lúcia Romão Tavares, em 2005. O grupo Escolar Sara Faria Braz, construído em 1966, também não aparece nas listas dos grupos criados pelo convênio.

Vejamos abaixo a lista das escolas construídas que aparece na obra de Stélio Lacerda:

1º Distrito: Dulci Petri (Beira Mar), Prof. Lia Márcia (Vila São Luiz), Rui Barbosa (Jacatirão), Euclides da Cunha (Chacrinha), Lara Vilela (Jardim Gramacho), General Tibúrcio (Copacabana), Herbert Moses (Dr. Laureano), Araribóia (Gramacho), Aura Barreto (Gramacho), Fidelis Medeiros (Jardim Leal), Guadalajara (Olavo Bilac), Inácio Bezerra de Menezes (Periquito), Irineu Marinho (Centenário), Oswaldo Cruz (Covanca), Norma Toop (Parque Lafaiete), Getúlio Vargas (Bananal, novo prédio), Itaperuna (atual Vinícius de Moraes, Vila Operária), 25 de Agosto (atual Prof. José de Souza Herdy, Bairro 25 de Agosto);

2º Distrito: General Rondon (Santa Cruz da Serra), Frei Henrique de Coimbra (Figueira), Parque Moderno (atual Pedro Jacinto, Saracuruna), Santos Dumont (Saracuruna), Califórnia (Pilar), Assis Chateaubriand (Pilar), Cordélia Paiva (Parque Fluminense), Embaixador Raul Fernandes (Vila Rosário), Minas Gerais (Jardim Primavera), Mal. Mascarenhas de Moraes (Jardim Primavera), João XXIII (Parque Bom Retiro); Casemiro de Abreu (Jardim Primavera, incorporada mais tarde à E. E. Graham Bell);

²⁸ LACERDA, 2001, p. 20.

3º Distrito: Padre Anchieta (Parque Paulista), Parada Angélica (Parada Angélica), Alfredo Backer (Imbariê, novo prédio em outro local), Francisco Portugal Neves (Vila Ema Imbariê);

4º Distrito: Sergipe (Praça de Xerém).(Lacerda, 2001. p.24)²⁹

É possível constatar que nenhuma escola foi construída em Campos Elíseos, pois lá já existiam a E. M. Manoel Reis e o Grupo Escolar Adelina Castro. No bairro vizinho da Figueira foi construído o Grupo Escolar Frei Henrique³⁰.

Anos depois da terminalidade do convênio, o Governo do Estado construiu, em 1976, a Escola Estadual Alexsander Graham Bell e em 1978, anexou o Grupo Escolar Casemiro de Abreu a ela. Vejamos abaixo as escolas públicas municipais e estaduais existentes em Jardim Primavera, Campos Elíseos e Saracuruna. Vale lembrar que os grupos escolares construídos nos anos de 1960 nestes bairros possuíam apenas quatro salas de aula. A escola Santos Dumont permanece com quatro salas de aulas.

Quadro 1 – Escolas e Grupos Escolares Públicos em Jardim Primavera, Saracuruna e Campos Elíseos nas décadas de 1960 e 1970

Escola Municipal Anton Dworsak Loteamento Vila Maria Helena	Construção em 1961 pelos moradores do bairro e inaugurada em 1962 no âmbito municipal.
Grupo Escolar Hélio Rangel Loteamento Santana do Pilar	Inaugurada em meados de julho 1967.
Escola Municipal Parque Bom Retiro Loteamento Bom Retiro	1968 (instituída por moradores nas instalações do campo de futebol e municipalizada posteriormente).
Grupo Escolar Minas Gerais Loteamento Nelson Cintra	1968
Escola Municipal Marcílio Dias Loteamento Parque Independência	1972
Grupo Escolar Mascarenhas de Moraes Loteamento Bom Retiro	Construída entre 1968 e 1971 (Foi municipalizada posteriormente em 2016).
Grupo Escolar Alexander Graham Bell Loteamento Santana do Pilar	1976
Escola Municipal Casemiro de Abreu, antigo Jardim Tururu Loteamento Santana do Pilar	Construída entre 1968 e 1961. Posteriormente em 1978 foi anexada ao Alexander Graham Bell
Grupo Escolar João XXIII Loteamento Bom Retiro	Escola foi criada em 1960. Com a denominação de E.M. Faririd David em um prédio provisório cedido pela CIA agropecuária de Campos Elíseos em

²⁹ LACERDA, 2001, p. 21-22.

³⁰ Lacerda, 2001, p.24.

	sistema de comodato com a PMDC em 1965 ela foi estadualizada. Sendo o decreto de criação publicado no D.O. 25/07/1966. Em 1968 ela foi reconstruída como grupo escolar entre 1967 e 1971.
Grupo Escolar Filinto Miller Campos Elíseos	S/ data. A escola foi desativa e demolida na década de 1990 por conta de estar situada nas proximidades do polo petroquímico e de polímeros.
E. Municipal Manoel Reis Campos Elíseos	Dividia espaço com o Bloco Carnavalesco de Campos Elíseos na década de 1960.
E. M. Jayme Fichman Saracuruna	1968
Grupo Escolar Sara Faria Braz Saracuruna	1966
Grupo Escolar Parque Moderno – Pedro Jacinto – Vera Lúcia Romão Tavares. Saracuruna e entrada do Cângulo	1968
Grupo Escolar Alberto Santos Dumont Vila Urussaí / Saracuruna	Foi construída entre 1968 e 1971 foi municipalizada posteriormente

Nota: Todos os grupos escolares foram posteriormente transformados em escolas estaduais. Os dados acima foram construídos através dos dados das escolas.

Fonte: Dados da autora, 2024.

Os dados da tabela acima foram construídos através dos levantamentos e são reveladores. Somente na segunda metade da década 1960, começaram a ser instituídos os grupos escolares estaduais nos bairros de Jardim Primavera e Campos Elíseos, com padrões modelar: quatro salas de aula, um corredor, banheiro, uma pequena sala onde a direção funcionava, uma secretaria e um espaço para sala dos professores. O atendimento nesses grupos escolares era do ensino primário. Na medida em que a escola crescia e a comunidade escolar pressionava construía-se mais quatro salas mantendo o padrão, como foi o caso do Hélio Rangel. Às vezes um puxadinho aqui, outro acolá. Já as municipais surgiram por iniciativas comunitárias, sendo elas assumidas pela prefeitura mediante as pressões populares. Quase sempre o seu corpo docente era formado por professores leigos, escolhidos ou indicados pelo executivo municipal.

Já as escolas municipais foram instituídas a partir da movimentação popular ou dos loteadores em espaços alternativos como os cômodos improvisados em um clube ou uma casa, sendo elas municipalizadas após a consolidação das iniciativas populares ou por conta das pressões políticas. Na década de 1960, três escolas

municipais foram construídas a partir das reivindicações dos moradores e/ou loteadores que desejavam promover seus empreendimentos.

Na década de 1970, foram criados mais dois grupos escolares e duas municipais. Uma delas foi construída no Parque Independência (E. M. Marcílio Dias), pertencente ao bairro de Saracuruna. Contudo ela está situada nas fronteiras do loteamento Santana do Pilar e como lá não havia associação de moradores nos anos de 1970, era costumeiro que os moradores participassem na AMAJAP. Esta escola sofria imensamente com a falta de água e não havia cisterna para o seu armazenamento.

Apesar do crescimento das escolas elas não davam conta de incorporar todas as crianças em idade escolar desses bairros que cresciam de forma acelerada. O número de alunos por sala era elevado e ainda assim, sofria flutuações cada vez que a diretora sofria pressão para incorporar mais um, mais dois. Era comum nos anos de 1960 e 1970, as filas enormes na porta das escolas para a obtenção de uma vaga.

Outras dificuldades enfrentadas pelos moradores estavam relacionadas a contratação de professores ou a carência deles; a inexistência de refeitório; precarização ou ausência da merenda escolar; enfrentamento das enchentes; pouco mobiliário, inexistência de material didático, escassez de água e principalmente a dificuldade de assegurar a continuidade dos estudos. Como não havia escolas públicas que oferecessem o antigo ginásial, os estudantes eram obrigados a fazerem uma prova de admissão com vistas a obtenção de uma bolsa de estudos em escolas privadas, como era o caso de Jardim Primavera onde os alunos eram encaminhados para o Ginásio Primavera. Essa escola passou posteriormente a ser nomeado de Complexo Cultural Anchieta. Vejamos o depoimento de Marlúcia Souza sobre os espaços escolares que atravessou no bairro de Jardim Primavera nos anos de 1960 e 1970:

Eu me lembro que quando era bem pequena minha mãe me colocou para estudar em frente, na casa de Dona Santinha. Era um quintal grande com mais de uma casa. Eu levava as vezes de merenda pão com açúcar. Minha mãe tinha 6 filhos e só o meu pai trabalhava fora. Então, eu acho que era difícil mantê-los todos alimentados e estudando. Quando eu fiz sete anos (1967) minha mãe me matriculou na escola de Dona Diná, perto da estação de trem. Lá eu fui submetida a um teste mimeografado sobre tamanho, cores, igual, diferente, imagens correspondentes. Após o teste fui enquadrada como B, ou seja, média. A fila A ficavam os melhores, a B os mais ou menos e a C os mais fracos. Ainda bem que não fui para a C, pensei eu. Que horror, não é? No meio do ano minha mãe me transferiu juntamente com meus outros três irmãos para o Grupo Escolar Hélio

Rangel, que acabara de ser inaugurado. Muitas vezes ficávamos sem aula por conta das chuvas que alagava a escola. Havia sempre um carroceiro que ia ajudar a retirar os professores após as inundações. Quando terminei a 4ª Série, fiz um teste de admissão no Hélio Rangel e recebi uma bolsa de estudos para estudar no Ginásio Primavera. Quando concluí o ginásio fui obrigada a estudar no centro de Duque de Caxias. Não havia segundo Grau no bairro de Jardim Primavera. Minha mãe novamente conseguiu uma bolsa de estudos e fui fazer o Normal no COCA, pertencente à família Juberlan de Oliveira e que ficava situada no bairro Centenário, perto do Batalhão da Polícia Militar³¹. Souza, Marlúcia Santos de. Entrevista I. [nov. 2023]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2023. 1 arquivo .mp3 (180 min.).

Além da precarização no que tange ao acesso a escolarização, havia ainda as dificuldades de mobilidade. Nos anos de 1970, como já fora mencionado, as ruas do bairro de Jardim Primavera não eram pavimentadas, o que dificultava a circulação em tempos de chuva. Para ir para Caxias ou para o Rio de Janeiro recorria-se ao trem, sempre lotado e com horários esparsados. O trem de madeira era movido a vapor, a chamada Maria Fumaça. Moradores do bairro possuem muitas memórias de luto e tristeza pelas mortes perdidas nas travessias da ferrovia.

No que se refere ao transporte rodoviário, só havia um ônibus da TREL e posteriormente o Bom Retiro da União para Caxias que passava de tempo em tempo, de hora em hora. Gastava-se em média quase uma hora ou mais de Primavera para Caxias, além disso, a passagem era cara. Os que moravam no loteamento de Nelson Cintra enfrentavam ainda mais dificuldades por estarem mais distantes da estação ferroviária de jardim Primavera, reduzindo-os ao acesso apenas de transporte rodoviário. Tempos depois foi instalado um ônibus da União saindo de Saracuruna, passando pelo loteamento Santana do Pilar e por Campos Elíseos para a Central. O loteamento de Nelson Cintra ficava de fora de acesso, o que obrigava aqueles que não possuísem carro a longas caminhadas a pé até a Variante da Rio-Petrópolis. Inicialmente o loteador colocou um ônibus de manhã para levar os moradores para o Rio e outro no final do dia para trazê-los.

Na década de 1960, a Variante Rio-Petrópolis foi duplicada e passou a receber a denominação de Washington Luís, contudo, nenhuma passarela foi planejada ou instalada. O alargamento da estrada intensificou o perigo durante a sua travessia. Crianças e adultos passaram a sofrer com os constantes atropelamentos

³¹ Depoimento de Marlúcia Santos de Souza em uma entrevista realizada em 23 de novembro de 2023.

com morte muitas vezes, sobretudo as crianças que precisavam atravessar a rodovia para ir de casa para a escola.

A diversão dos moradores ficava por conta dos campos de futebol e dos clubes instituídos por eles através das redes de solidariedade ou por algum empreendedor. Utilizados como vestiário e espaços de confraternização após o término dos jogos, foram transformados em salas de aula improvisadas para ensinar as crianças a pegar no lápis. As festas familiares e almoços compartilhados na casa dos amigos eram alternativas muito comum no lugar. Quando possível, havia a ida à Praia de Mauá ou a organização de um piquenique no Remanso do Suruí. A Quinta da Boa Vista também era uma alternativa por conta da ferrovia, contudo era mais remota a ida³².

Outros empreendimentos de sociabilidades ou de diversão privados foram estabelecidos em fins da década de 1950 e a década de 1960, como foi o caso dos Clubes de Saracuruna, Campos Elíseos e Jardim Primavera. Neles eram realizados os bailes, as festas, as brincadeiras de carnaval, apresentações de artistas musicais e reuniões políticas. Surgiram também nos anos de 1960 e início de 1970, os cinemas nestes mesmos bairros, contudo tiveram vida curta. No loteamento de Santana o cinema foi instituído na Rua Dois, uma das principais de via comercial do loteamento e era um empreendimento do vereador José Faria. Na medida em que a ditadura avançou e a TV tornou-se mais difundida, os cinemas desapareceram dos bairros do 2º, 3º 4º distritos.

De vez em quando do aparecia um circo. Para alguns moradores bom mesmo eram os bailes nas casas para arrastar os pés nos forrós. Os poucos móveis da sala eram afastados, cada um levava alguma coisa para comer e beber e alegria estava feira. Outra diversão garantida era um jogo de malhas, de origem portuguesa, mas, muito popular nos anos de 1970 no loteamento Santana do Pilar. O jogo de malhas em ocorria nas ruas sem saída ou de pouco movimento. Atraia os jogadores e os que gostavam de assistir as disputas. Armava-se os pinos de ferro a uma distância, marcava-se as distâncias e os jogadores lançavam suas malhas ou discos de ferro

³² MVSB. Achadouros Jardim Primavera parte I, 14 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mx44B7MgGu8>

com a intenção de derrubar os pinos. Praticamente é um jogo de pontaria, habilidade e força ao lançar as malhas³³.

No caso da criançada, a maior diversão eram as corridas para pegar doce no dia de São Cosme e São Damião. As festas nas escolas e os eventos religiosos também animavam o cotidiano da localidade, contudo, não eram muito frequentes, somente em datas comemorativas. Nas escolas a principal atração era a festa juninas.

No cotidiano escolar não faltava por sua vez, as filas, as marchas como se fossem soldados em miniatura, a hora obrigatória do hino nacional, o hino da bandeira e o do Duque de Caxias: “Salve Duque glorioso e sagrado. Oh! Caxias invicto e imortal”. Salve o herói militar do Brasil”. Embora não fizesse sentido muitas vezes pensar em um homem como imortal sem que ele fosse Deus, a meninada era obrigada a seguir as virtudes desse homem, sem conhecer a sua trajetória histórica. O que se queria era afirmar o militarismo, a obediência a hierarquia, o enquadramento a disciplina das autoridades escolares e políticas do país. Para isso foi criado em tempos de ditadura o Centro Cívico Escolar e a Patrulha Mirim criada para vigiar e dedurar os desordeiros. Os desfiles escolares no dia 25 de agosto, Dia do Soldado e os de 7 de setembro, em comemoração à independência, mobilizavam parte do tempo escolar com os ensaios para os desfiles ou para aprender os hinos na ponta da língua. Na hora do desfile o orgulho de ser visto era a premiação garantida.

No caso específico da vida religiosa nos três bairros referidos, havia apenas as capelas coloniais, Nossa Senhora do Rosário e a matriz paroquial Nossa Senhora do Pilar (décadas de 1940 e 1950). Em 1951, foi assentada a pedra fundamental da Igreja São Judas em um terreno doado por Cintra, em seu loteamento. Até 1954, os casamentos eram realizados na igreja Nossa Senhora do Rosário em Saracuruna ou na Igreja Nossa senhora do Pilar.

Segundo o depoimento de uma das lideranças mais antigas da comunidade do Rosário, Nivalda dos Santos concedido aos Achadouros Saracuruna, quando ela chegou em 1942, só havia uma capela em ruínas dedicada a N. S. do Rosário. Ela era uma capela com medidas um pouco menor do que atual. Havia apenas as

³³ MVSb. Achadouros Jardim Primavera parte I, 14 de agosto de 2020, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mx44B7MgGu8>

paredes da frente e de trás, um altar lateral com a imagem da santa. Situava-se nas proximidades da rua principal e o Clube do Rosário. Entre os anos de 1943 e 1944, um oriental do Convento de Santo Antônio (RJ) construiu uma outra capela dedicada a devoção do Rosário, na Rua Visconde Barbacena. Posteriormente, a área desta capela foi vendida. Assim, os devotos iniciam uma movimentação em direção a construção de uma nova capela. Em 1952, esta terceira capela foi inaugurada (a atual), bem nas proximidades da primeira capela colonial³⁴.

Figura 19- Primeiro casamento na Igreja do Rosário após a sua reconstrução foi o de Pedro de Souza Filho e Hilda Santos de Souza em 1954. Eles residiam no loteamento Santana do Pilar



Fonte: Acervo da família sob a guarda do CRPH/DC e MVSB, 1954.

Três terreiros de religião de matriz africana eram os mais famosos de Jardim Primavera nos anos de 1970: o da Dona Rosa, na fronteira dos loteamentos de Cintra e da Mitra, o Terreiro Maria Molambo no loteamento de Nelson Cintra e o Centro Espírita Pai Benedito, no Bom Retiro era muito conhecido por suas ações sociais junto aos moradores. Nas datas festivas vinham frequentadores de diversos

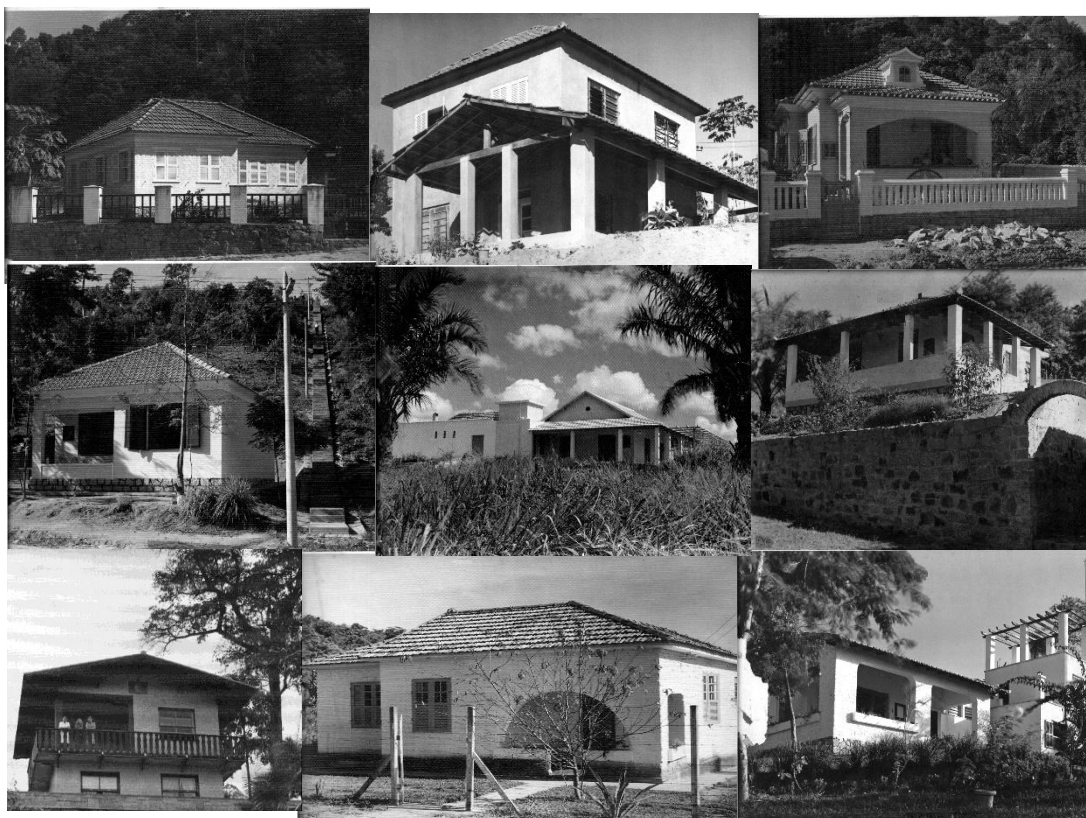
³⁴ Achadouros Saracuruna e 400 Anos de Devoção, 2012. Arquivo CRPH/DC e MVSB.

lugares, animando o cotidiano do lugar. Já as igrejas protestantes os moradores lembram que uma das mais antigas era a Igreja Batista da Rua Dois (loteamento de Santa do Pilar).

Já o atendimento à saúde era quase inexistente. As rezadeiras, os terreiros de candomblé e a fitoterapia popular eram as alternativas de cura nos anos de 1960 e 1970. As parteiras é que faziam a maior parte dos partos. Para ter acesso a alguma vacinação era necessário ir de trem em Posto de Saúde, na Praça da Bandeira. Nos anos de 1980, havia um posto de saúde em Saracuruna e outro em Jardim Primavera, contudo eles estavam fechados, com mato dentro e sem funcionar. Em Campos Elíseos não havia posto médico e sim uma delegacia policial. No loteamento Santana do Pilar havia um consultório médico particular, utilizado nos momentos de crises maiores e quando se podia pagar.

No que se refere as habitações havia muita diversificação no bairro de Jardim Primavera. Misturas de variadas influências europeias e brasileiras. Nas imagens fotográficas da Coleção Nelson Cintra (Figura 20) é possível identificar para a época um certo requinte nas edificações das residências. Segundo o depoimento de moradores antigos do lugar os terrenos no loteamento de Nelson Cintra eram mais caros do que os de Santana do Pilar, o que de certa forma já impõe um processo seletivo do processo de comercialização.

Figura 20- Registros de algumas casas do loteamento de Nelson Cintra nas décadas de 1950 e 1960



Fonte: Acervo CRPH/DC, 1950; e MVSb, 1960.

No loteamento Santana do Pilar o perfil do morador era mais popular, negro e mulato. Muitos vinham de trem do interior do norte fluminense, principalmente de Campos de Goitacazes. Mas havia também os capixabas, os mineiros e os nordestinos. A grande maioria possuía moradias mais humildes, pequenas, com um ou dois quartos. O morador ou comprador do lote pagava em longas prestações o terreno e iniciava lentamente a edificação de sua casa. Algumas vezes de pau a pique frente a urgência de morar e aos poucos erguiam construções de alvenaria. Os telhados ou lajes eram feitos através de mutirão voluntário dos amigos e parentes. Os que possuíam recursos edificavam as suas casas já de alvenaria. Algumas delas com porte médio. O chão geralmente era de cimento e encerado de amarelo ou vermelhão. Havia ainda algumas casas maiores e bem-acabadas que destacam frente a paisagem com as construções mais populares.

No caso específico do loteamento de Nelson Cintra havia um projeto de bairro um pouco mais ambicioso. Foi reservado área para a edificação de uma escola privada (Figura 21), foi construído um clube com piscina natural, uma igreja católica (São Judas Tadeu), um cinema, um boliche, um cassino, um restaurante alemão e uma cantina italiana, praças, uma caixa d'água para armazenar água e assegurar o abastecimento de água.

Figura 21- Colégio Primavera construído em 1951



Legenda: A escola foi edificada na esquina em que foi assassinado o filho do proprietário da fazenda adquirida por Cintra. Segundo ele, estava cumprindo uma promessa feita ao antigo proprietário daquelas terras. O filho fora assassinado em uma emboscada naquele lugar e então o proprietário resolveu se desfazer da fazenda. Na década de 1960 ele foi ampliado, recebendo pátio e mais 4 salas de aula. Segundo o Jornal O Tópico, de 24 de maio de 1958, o colégio possuía 300 alunos. Fonte: Imagem doada por Damião, morador do Bairro, para o CRPH/DC e Museu Vivo do São Bento, 1951.

Figura 22 – Comunidade escolar



Legenda: Da esquerda para a direita, Nelson Cintra é o terceiro. Ao seu lado está o Frei Monsueto. Ainda é possível ver Heitor Combat, o diretor da escola, professores, amigos de Cintra e estudantes do colégio. O colégio utilizava-se do clube, situado ao lado da escola para realizar as atividades esportivas.

Fonte: Imagens Coleção Nelson Cintra s/data. Acervo: CRPH/DC e MVSB, 1951.

Apesar de um certo requinte para a época no que tange ao saneamento básico e a pavimentação das vias principais não se diferenciava muito do loteamento Santana do Pilar, excerto no caso do abastecimento de água que o loteador tentou assegurar com a construção da caixa d'água. As principais vias não foram pavimentadas e nem tratamento de esgoto. Não foi possível identificar áreas asseguradas para a instalação de postos de saúde e escolas públicas. Somente em fins da década de 1950, foi destinada uma área para instalação de uma escola pública, o Grupo Escolar Minas Gerais, inaugurada em 1968. Neste loteamento Cintra procurou atrair principalmente compradores europeus e de setores médios. Utilizou propagandas, vantagens e terras para atrair esses europeus.

Cintra aproveitou-se dos efeitos da II Guerra Mundial na Europa e dos intensos processos imigratórios. Inicialmente dos que estavam sendo perseguidos pelo nazifascismo e posteriormente, ao fim da guerra, dos que fugiam de suas atuações ao lado de Hitler e de Mussolini. No acervo do Achadouras Jardim

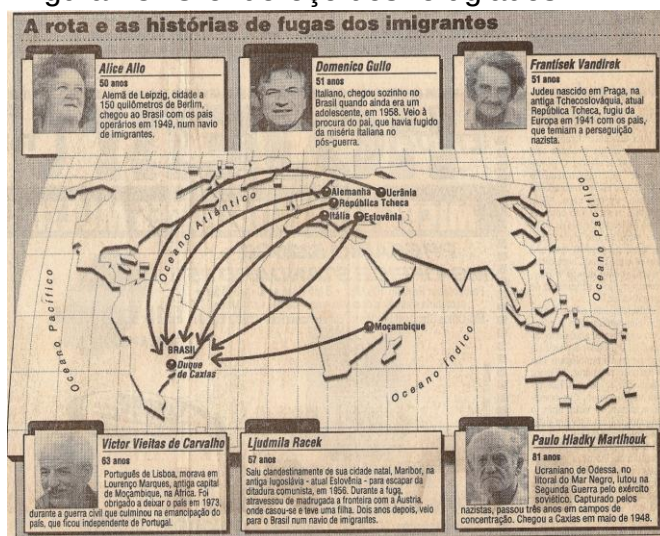
Primavera 1, localizamos uma reportagem do Jornal do Brasil de Domingo, do dia 21 de julho de 1996, intitulada “O endereço dos refugiados” que pode ajudar a compreender esse processo.

Um acervo de lembranças dos últimos 50 anos da história mundial se esconde num desconhecido recanto da Baixada Fluminense... uma pequena colônia formada por famílias de refugiados e imigrantes de cinco países europeus e um africano residem na Rua do Comércio, no bairro de Jardim Primavera. Nas memórias desses estrangeiros resistem as dores e as alegrias de quem deixou para trás guerras, fome e perseguições políticas-religiosas para ir de encontro a um rumo incerto no Brasil... Na rua, o ex-soldado do exército soviético que escapou por um triz de morrer em um campo de concentração nazista é vizinho de uma secretária iugoslava, que em 1956, abandonou o país e a família em busca de liberdade do outro lado da cortina de ferro. O ex-soldado é ucraniano Paulo Hladky Marthouk de 81 anos, que vive na rua desde 1948, depois de ter passado três anos como prisioneiro dos alemães em dois campos de concentração e ser libertado pelas tropas aliadas ao fim da guerra. E a secretária eslovena Ljudmila Racek, uma jovem senhora de 57 anos, olhos muito azuis e cabelos curtos, desconfiada a ponto de não se deixar fotografar. Ela é dona de lembranças dignas de um romance cinematográfico. Numa madrugada de outubro de 1956, ela então com 18 anos, saiu da sua cidade natal, Maribor, a 10 km da fronteira com a Áustria, e fugiu com o namorado por uma trilha de floresta. Ela até hoje não sabe se fez a coisa certa... No pequeno espaço da rua morava também a alemã Alice Allo, 50 anos, que em 1949, deixou Leipzig, a 5º km de Berlim, para fugir das dificuldades do pós-guerra e o italiano Giuseppe Bonavitta, outro que fugiu da depressão europeia e mora no lugar desde 1945, e aqui instalou sua cantina italiana... O endereço dos refugiados. Reportagem Jornal do Brasil I. (Rio de Janeiro, 1966). Acervo CRPH/DC³⁵.

Segundo a reportagem, na década de 1940, cerca de 300 famílias imigrantes, principalmente alemães e austríacos, viviam em Jardim primavera. Na década de 1950, já eram mais de dois mil moradores estrangeiros.

³⁵ Retirada da reportagem. Reportagem do Jornal do Brasil de Domingo, do dia 21 de julho de 1996, intitulada “O endereço dos refugiados”.

Figura 23- O endereço dos refugiados



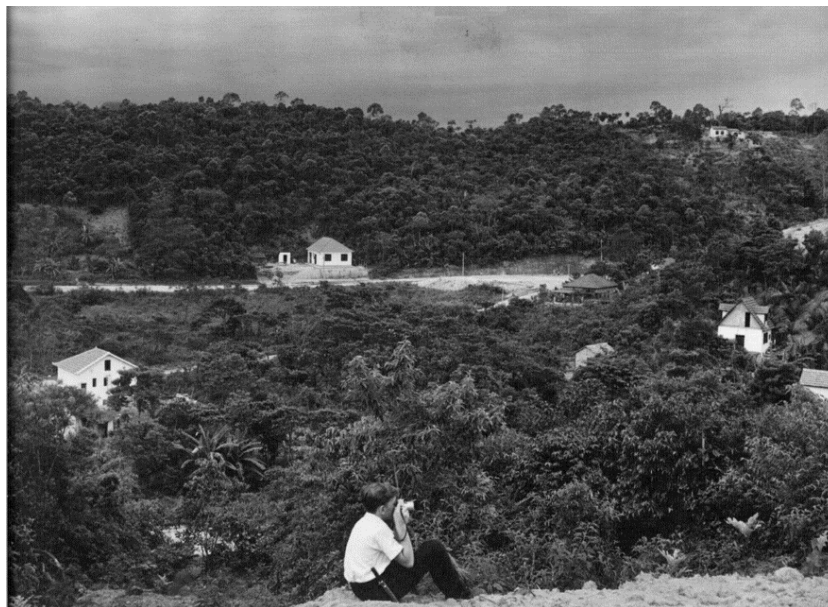
Fonte: Acervo CRPH/DC, 1950.

Havia ainda os imigrantes portugueses e outros funcionários europeus que trabalhavam em embaixadas no Rio de Janeiro. Aqueles que desejassem se manter mais isolados poderiam instituir as suas residências nas áreas mais elevadas e reservadas, acessadas por longas escadarias.

Figura 24- Loteamento de Nelson Cintra em fins de 1940 e início dos anos de 1950



(a)



(b)

Fonte: CRPH/DC e MVSB, 1940.

A existência de corredores rodoviários; a proximidade com a capital da república e com Petrópolis; e a instalação do polo petroquímico foram utilizados por Cintra para atrair os compradores. Neste loteamento, as residências apresentavam maior requinte do que o loteamento Santana do Pilar. Havia uma certa diversidade arquitetônica europeia, principalmente de influência alemã, italiana, húngara e portuguesa. Cintra queria atrair compradores europeus, de setores médios e brancos, excluindo ou dificultando o acesso aos setores mais populares e negros. Mas quem foi Nelson Cintra? Como ele conseguiu atrair alguns europeus?

Nelson Cintra foi músico do Teatro Municipal e se tornou especulador imobiliário. Percorreu embaixadas para divulgar o seu projeto e o seu loteamento. Concorreu as eleições para prefeito da cidade de Caxias em 1958, pelo PTB – Partido Trabalhista Brasileiro. Utilizou o seu projeto de bairro jardim planejado nas margens da Variante Rio Petrópolis para alardear a sua imagem de bom administrador, de moderno e próspero. Idealizou um bairro segregado, somente para brancos e setores médios. Desejava criar um ar petropolitano ao novo bairro. Dialogou com as teorias eugenistas, afirmando a importância do embranquecimento da população para o processo civilizatório brasileiro. Assim, tentou orientar a comercialização de seus lotes para pessoas brancas e imigrantes europeus que estavam fugindo do cenário de guerra na Europa e buscando uma vida melhor no Brasil (Souza, 2014). Vejamos o que Skidmore sobre essa teoria do embranquecimento:

A teoria brasileira do “branqueamento” foi aceita pela maior parte da elite brasileira nos anos que vão de 1889 a 1914 (...) baseava-se na presunção branca, às vezes, pelo uso dos eufemismos “raça mais adiantada” e menos adiantada” e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição inicial, juntavam-se mais duas. Primeiro – a população negra diminuía progressivamente em relação à branca por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças e a desorganização social. Segundo – a miscigenação produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros que elas (Skidmore, 1989, p.81).

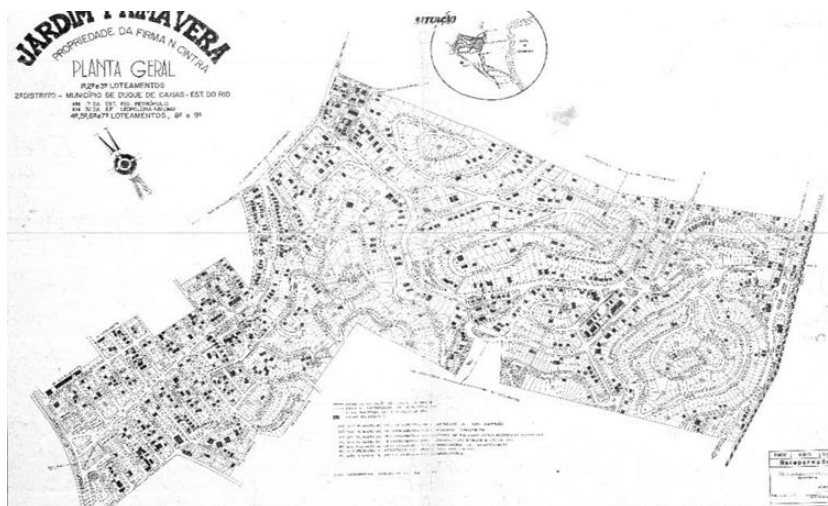
Essa concepção racista esteve relacionada aos interesses daqueles que desejavam negar ou se distanciar das heranças da população negra e indígena. Acreditavam que para o desenvolvimento econômico se efetivar era necessário favorecer a miscigenação, já que o desenvolvimento só seria possível por intermédio das mãos europeias. Muitos dos europeus que chegaram a Jardim Primavera vinham fugindo da guerra e em busca de melhores condições e /ou de um enriquecimento. Embora a população do loteamento não fosse constituída majoritariamente por europeus, a presença deles criava uma aparência de requinte ou de diferenciação. O Jornal Tópico apresenta Jardim Primavera em 1958, como o “Paraíso das Delícias”:

Dispõe atualmente de quatrocentos residências, onde vivem 3 mil pessoas, entre brasileiros (a maioria), alemães, suecos, austríacos, italianos, espanhóis, portugueses, tchecos e húngaros. Tem 23 casas comerciais, uma Escola Maternal e Jardim de Infância denominada de Escola Pássaros do Brasil, o Colégio Primavera com cursos primário, admissão, ginásio e técnico em contabilidade, além de cursos de línguas, educação física e música. Possui ainda o Clube Primavera, fundado em 23 de setembro de 1948, considerado de utilidade pública, por leis federal e municipal, com novecentos sócios. É recreativo, cultural e de assistência social. Lá estão localizadas uma igreja católica, uma batista e um centro espiritualista. Os protestantes reúnem-se na casa do sr. Fuch e o pastor é o sr. Kreutlin” (O paraíso das Delícias. Reportagem Jornal Tópico. Duque de Caxias, 1966. Acervo CRPH/DC)

Embora tenhamos de olhar com desconfiança a imagem apresentada de Jardim Primavera loteada por Nelson Cintra, já que ele postava com frequência os seus projetos e propaganda política neste periódico local, a postagem apresenta detalhes que indicam alguma distinção do loteamento se comparados com outros instituídos na cidade de Duque de Caxias. Vale ressaltar que os periódicos O grupo e Tópico eram considerados na época jornais locais progressistas, produzidos por militantes culturais e professores. Nas eleições de 1958, Nelson Cintra representava

uma candidatura mais progressista para a época, o que justifica a intimidade dos periódicos com este candidato.

Figura 25- Planta do Loteamento de Nelson Cintra



Fonte: Acervo Secretaria de Urbanização da Prefeitura de Duque de Caxias, 1958.

O periódico não diz por sua vez do loteamento Santana do Pilar, no mesmo bairro, o que há é um silêncio. O contraste da Primavera dos pobres, Santana do Pilar e a Primavera da classe média e europeia do Cintra também não é mencionada. Atualmente a Primavera loteada por Nelson Cintra é chamada de nova, apesar dos de ter sido aberta na mesma temporalidade que Santana do Pilar. A presença maciça de brancos e diferenciação na estrutura dos dois loteamentos contribuiu para produzir uma imagem de desigualdade ou de uma fratura do bairro nos anos de 1970 e 1980³⁶.

Enquanto na área controlada por Nelson Cintra existia cinema com serviço de bar, boliche, cassino com hospedaria e bar, escola, dois restaurantes italianos e um alemão, clube com piscina, padaria, praças e a construção de uma igreja católica, a São Judas Tadeu, o loteamento Santana do Pilar só tinha campo de futebol, armazém de secos e molhados e botecos. Somente na década de 1960 é que passou a ter cinema e um pequeno clube na Rua Dois para pular carnaval. Em

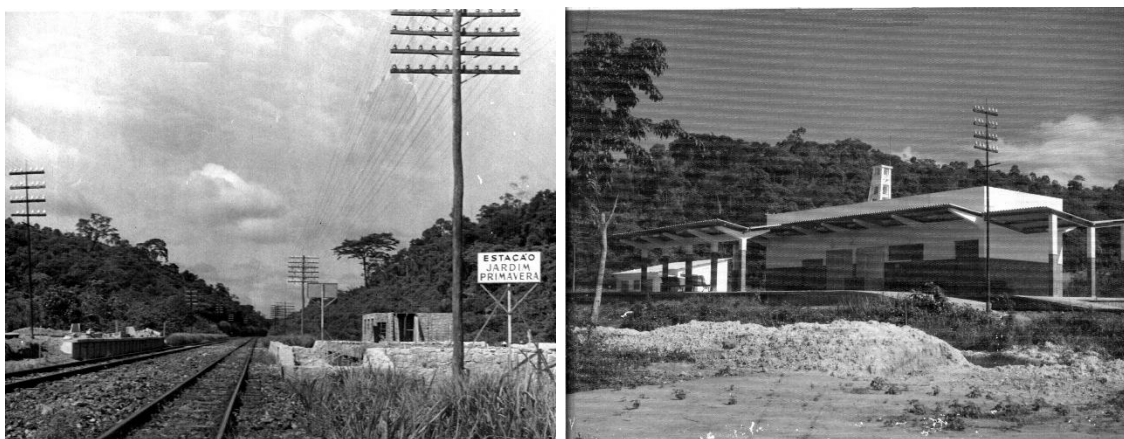
³⁶ O paraíso das Delícias. Reportagem Jornal Tópico. Duque de Caxias, 1966. Acervo CRPH/DC.

compensação tinha trem e a integração com o Rio por esta via, atraindo trabalhadores que precisavam se deslocar para trabalhar na capital.

Contudo, vale lembrar que até 1951, não havia estação ferroviária em Jardim Primavera, só em Rosário e Actura (Campos Elíseos). Nos anos de 1940, os poucos que residiam em Santana do Pilar utilizavam a estação de rosário. Os terrenos para a construção da estação ferroviária de Jardim Primavera e uma praça no seu entorno foram doadas por Nelson Cintra. Várias moradias de seu loteamento não ficavam tão distante da estação, o que justificou a sua intenção em valorizar o bairro com a existência da estação. A partir dela, o loteamento da Mitra Diocesana foi crescendo substancialmente.

Um aspecto a considerar é o investimento de Cintra em realizar registros fotográficos de seu loteamento e os feitos nele, o que revela as suas condições financeiras em investir no registro e na propaganda, tanto para atrair europeus, quanto para promover a si mesmo. Já o loteamento da Mitra de Petrópolis não se interessou em registrar o processo de instalação do seu loteamento. As poucas fotografias encontradas são as guardadas pelos moradores. Contudo, as dificuldades dos moradores de Santana do Pilar de acessar fotógrafos e de disponibilizar recursos financeiros para as fotografias, sendo eles reservadas para os eventos mais importantes: casamentos, batizados e primeira comunhão.

Figura 26- Terreno e estação construída em 1951



(a)

(b)

Legenda: (a) Terreno; (b) Estação construída em 1951.

Fonte: Coleção Nelson Cintra. Acervo CRPH/DC e MVSB, 1951.

Marlucia Souza (2023) viveu a sua infância, juventude e parte da vida adulta no loteamento Santana do Pilar. Ela narrou suas memórias das histórias ouvidas do

seu pai, Pedro de Souza Filho, um dos pioneiros do loteamento Santana do Pilar e de sua mãe, Hilda Santos de Souza:

O meu pai nasceu em Campos de Goitacazes, no interior de uma família de trabalhadores rurais sem terra. Alguns familiares se deslocaram dos sertões campistas e se instalaram em uma fazenda chamada Jacutinga, situada nos sopés da serra do norte fluminense, Cordeiro, Maria Madalena, bem nas proximidades de Rocha Leão. A família de minha mãe também viveu nesta fazenda que era de café. Após a crise e decadência da economia cafeeira fluminense, os proprietários da fazenda colocaram gado para manter a posse da terra e dispensaram os trabalhadores. Meu avô materno vivia nesta fazenda por meio de arrendamento e possuía um armazém de secos e molhados. Já a família do meu pai que era ainda mais pobre, trabalhavam como meeiros. Todos foram forçados ao deslocamento e se estabeleceram no entorno da estação ferroviária mais próxima, Rocha Leão. Lá o meu avô materno estabeleceu outro comércio. Meu pai por sua vez, fez de tudo um pouco, trabalhou em farmácia, em pensão, em limpeza de terreno. Ele e minha mãe estudaram até a quarta série e eram letrados. Como não conseguia trabalho seguiu de trem para Magé e trabalhou em um bananal. Posteriormente ouviu as notícias da abertura de um loteamento em Rosário ou Saracuruna. Chegou no lugar em 1945. Contava que chegou sem nada no bolso, passou três dias no relento e sem comer. Lembrou que onde hoje é a praça de Saracuruna era um morro e quase não havia casa no lugar. No terceiro dia encontrou um contrerrâneo, o Sr. Olimpo que vivia em terras arrendadas pela Mitra de Petrópolis. Nessa época ainda não havia começado o loteamento de Santana. Sr. Olimpo o levou para a sua casa e depois o ajudou a estabelecer um arrendamento de uma pequena área para construir a sua casa. Ele trabalhou na abertura do loteamento e na abertura da Variante Rio Petrópolis. Lembrou que lá tudo era brejo, tinha malária, cobras, jacarés, muito mosquito. Após o término da rodovia ele e outros piões de trecho, inclusive vários deles residiam em Santana do Pilar, foram incorporados como trabalhadores do DNER.³⁷ SOUZA, MarluCIA Santos de. Entrevista I. [nov. 2023]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2023. 1 arquivo .mp3 (180 min.).

Ela lembra que vários amigos de seu pai trabalharam na abertura da Variante da Rio-Petrópolis e da Rio-Magé, na abertura dos loteamentos e como ele, também foram incorporados ao DNER. Outros trabalharam na construção da REDUC e após o término das obras foram dispensados, enquanto uns poucos com alguma escolarização foram incorporados como trabalhadores da Petrobrás. Havia ainda os que trabalhavam na construção civil, marcenaria, na abertura dos loteamentos.

Pedro de Souza contou em uma entrevista a um jornal do bairro de Jardim Primavera, o Tiro de Letras, que ele trabalhou com Jaime Fichman na abertura do loteamento da Fazenda Rosário. Lembrou que recebeu ajuda de Fichman para

³⁷ Depoimento de MarluCIA Santos de Souza em uma entrevista realizada por esta pesquisa em 23 de novembro de 2023.

terminar a sua casa O loteamento da Mitra de Petrópolis. Na planta do loteamento Santana do Pilar, uma das vias principais passaria em cima do terreno e da casa em que ele morava. Como o terreno era da Mitra ele só receberia indenização sobre as benfeitorias e as construções existentes. Assim, ele conseguiu obter três terrenos em troca da área ocupada e edificada, e uma pequena quantia para construir ou adquirir uma nova casa. A nova casa da família possuía dois quartos, uma pequena cozinha, uma pequena sala, um banheiro, uma pequena varanda de um metro de largura. O chão era cimentado e pintado e encerado de vermelho. Janelas e portas eram de madeira. Nela viviam ele, esposa, seis filhos e sempre um sobrinho a mais. Vejamos a entrevista de Pedro de Souza (Figura 26):

Figura 27- Entrevista

Página 10 **TIRO DE LETRA**

TL - ENTREVISTA

Dando seguimento a nossa proposta de levantarmos a memória de nosso município, entrevistamos Pedro de Souza, 69 anos, um dos mais antigos moradores do 2º distrito, tendo chegado em Saracuruna em junho de 1945, onde trabalhou abrindo as primeiras ruas do bairro.

TL - Quando o senhor chegou em Caxias?
 Pedro de Souza - Em 1945. Vim de Campos.

TL - Dois anos após a emancipação de Duque de Caxias e dois anos antes da criação do Jardim Primavera...
 Souza - Aqui no Primavera era matagal puro...

TL - O senhor fazia o que em Campos?
 Souza - Trabalhava na roça. Cheguei a ser sócio de uma farmácia, mas vim de lá sem nada...

TL - Qual foi o seu primeiro trabalho aqui, na Baixada?
 Souza - Fui trabalhar num bananal, em Magé. Quando começou o loteamento de Saracuruna eu vim trabalhar aqui, eu aterrei. Em frente a estação de trem era um morrinho. Naquela época eu fui morar numa propriedade que arrendei da Mitra Diocesana de Petrópolis por 40 mil réis...

TL - Onde ficava essa casa?
 Souza - Em Santana do Pilar. Eu pagava o arrendamento ao Silvam. Até hoje ele está por Saracuruna...

TL - Aquelas terras da rua 2 eram de quem?
 Souza - Era tudo da igreja. Da Mitra Diocesana de Petrópolis. Em 45 eu consegui...

TL - Era tudo da igreja?
 Souza - Era tudo da igreja. Da Mitra Diocesana de Petrópolis. Em 45 eu consegui comprar, vamos dizer, o equipamento de palha, de estuque, fui melhorando com o tempo. Em 51 consegui fazer uma casa de telhas e tijolos. Foi a primeira, assim, em Santana do Pilar...

TL - Para quem não sabe, Santana do Pilar é o loteamento localizado do outro lado da linha férrea, onde fica a rua 2 (rua Vicente Celestino)...
 Souza - Foi o Jaime Fischman quem me emprestou o dinheiro para eu acabar a casa, pois ia surgir um loteamento e iam embargar todas as construções que existiam ali. Ele mandou o dinheiro e me emprestou o pedreiro e o carpinteiro...

TL - Já havia a estação de trem do primavera, nessa época?
 Souza - Não. A estação foi feita depois pelo Nelson Cintra.

TL - Por que o Jardim Primavera demorou a se desenvolver?
 Souza - O Nelson Cintra não vendia terreno para qualquer um. **TL - E Campos Eliseos?**
 Souza - Europeus, sim. Ele fez um grande loteamento, com um cinema, uma padaria, um clube. Colocaram um ônibus que levava o pessoal para o Rio de manhã e voltava à tarde. Mas o ônibus foi fracassando, foi aí que eu coloquei um lotação que levava o pessoal que tinha como pagar...

TL - Era um lotação "pirata"?
 Souza - É, era pirata...

TL - Quem foi, ou foram, os proprietários das terras desta região?
 Souza - Falavam que Santana do Pilar era de uma senhora que havia morrido e não tinha para quem deixar e deixou para a Mitra Diocesana. Do outro lado da linha do trem foi Nelson Cintra quem fez.

TL - Quando foi que Nelson Cintra veio para cá?
 Souza - Em 1945 ele fez uma casa em frente a igreja São Judas e passava os fins de semana aqui. O loteamento de Santana do Pilar começou em dezembro de 1947...

TL - E como era Saracuruna nessa época?
 Souza - Só tinha três casas: a do Russo, do Valdomiro e o Enio tinha o único armazém de lá. Tinha a estação com o nome de Rosário. Tem a igreja em homenagem a Nossa Senhora do Rosário...

"Saracuruna era estação do Rosário".
TL - Então não se chamava Saracuruna?
 Souza - Não, era a estação do Rosário...

TL - Não, era a estação do Rosário.
TL - E Campos Eliseos?
"Campos Eliseos se chamava Atura"

TL - Ou Actura?
 Souza - Não, era Atura mesmo sem o "c"...

TL - Havia colégio em Santana do Pilar?
 Souza - Sim. Tinha o do Hélio Rangel, que foi o primeiro professor da região...

TL - O que havia mais na rua 2?
 Souza - Tinha o cinema do Zé Farias um armazém de secos e molhados...

TL - Para encerrar, como era Campos Eliseos nessa época?
 Souza - Nada mais que três casas também, só que tinha o cartório...

Legenda: O Jornal tiro de letras foi um periódico produzido por moradores do bairro de Jardim Primavera, Fernando Matos, Nélcio Menezes e Rodolfo Arltd. Era mensal com uma tiragem de cinco mil exemplares. Teve duração de 8 meses, no ano de 1995 e meados de 1996. Recebeu patrocínio de comerciantes e amigos de Jardim Primavera.

Fonte: Jornal Tiro e Letras, Ano I – Número 01, junho de 1995.

O loteamento de Santana do Pilar pertencia a Mitra de Petrópolis e possuía um caráter mais popular, sem que se estabelecesse qualquer exigência étnica ao comprador. O mesmo ocorreu com o loteamento dos irmãos Fichman, de Tupinambá de Castro e de Manoel Reis. Esses lotes foram comprados por trabalhadores com

menor poder aquisitivo ou sem poder aquisitivo, pagando as longuíssimas prestações. Muitos migrantes nordestinos, mineiros, capixabas e forte presença de pessoas no norte fluminense. Essas pessoas buscaram trabalho e para os que vivem do trabalho, a sua própria sobrevivência e a de seus parentes dependem disso. Ele se deu com o loteamento da Fazenda do Rosário. Inclusive em Saracuruna era uma estação que recebia trem de Raiz da Serra e de Guapimirim, ambas localidades situadas em Magé, quase um lugar de encruzilhadas ou entroncamentos.

Vale destacar ainda que foram realizados pelo governo federal assentamento de moradias em Saracuruna, Nova Iguaçu e Vigário Geral. Segundo o relato de Edna Maria Bernardo no Achadouros Saracuruna (2012), ela é filha de um ferroviário assentado, em Saracuruna. Durante o governo Vargas foram edificadas residências nas margens da estação do Rosário e entre a rodovia principal de integração ao loteamento Santana do pilar e Saracuruna e os trilhos da ferrovia, áreas de domínio federal. As residências inicialmente eram de madeira, podendo ser removida e levada para outra localidade, caso fosse o ferroviário fosse transferido. Depois foram transformadas em alvenaria. Fora essa iniciativa, as demais foram fruto de autoconstrução dos trabalhadores e pequenos comerciantes.

As entrevistas realizadas para esta pesquisa com os integrantes da Paróquia Nossa Senhora do Pilar e da AMAJAP evidenciam a memória dos moradores e militantes ou ao levantar os periódicos locais foram identificados que esses documentos encontrados corroboram as falas revelando contrastes, desigualdades, segregação e precarização por conta da ausência de infraestrutura urbana, cabendo ao morador a responsabilidade pela autoconstrução, pela luta por urbanidade e direitos básicos. Tendo o seu tempo disponível reduzido por conta dos longos traslado de casa para o trabalho. A rede de solidariedade e o desejo de oferecer aos filhos e parentes melhores condições de vida, fizeram com que muitos se organizassem nas AMs, nos espaços religiosos e de sociabilidades para conquistar direitos, uma vida mais digna. As experiências travadas no lugar de moradia, principalmente nos bairros do 2º Distrito do município de Duque de Caxias, podem nos ajudar a pensar o processo histórico vivido por comuns na periferia da Região Metropolitana. Por sua vez, a riqueza dos depoimentos dos narradores pode contribuir para a escrita ou reescrita da História da Educação na Baixada Fluminense, durante as décadas de 1970 e 1980.

A busca pela compreensão da história recente de Jardim Primavera perpassa pela necessidade de reconhecer a importância dos movimentos sociais nestas localidades e as suas lutas em defesa da educação pública e outros direitos básicos. Estas lutas e as experiências construídas foram de fundamental importância para uma formação política dos atores e protagonistas. Ao mesmo tempo, essencial para o avanço das políticas que assegurem o direito a educação para todos, a universalização do acesso. Esforços coletivos dos movimentos populares na pretensão de superar os tempos sombrios do autoritarismo, da falta de acesso a escolarização, da imposição da segregação.

O que se quer investigar também aqui são os aprendizados construídos nas lutas e nas conquistas obtidas, assim como, se os movimentos sociais influenciaram de fato do aumento de escola e a melhoria das escolas em Jardim Primavera, nos anos de 1980. Por último, como esses movimentos enfrentaram os horrores da Ditadura Civil Militar e a rigidez imposta pela censura e a repressão.

1.3 Elementos da Guerra Fria: do golpe civil-militar e da implantação da ditadura

A Ditadura Civil-militar no Brasil foi iniciada em abril de 1964, 17 anos após a criação do bairro de Jardim Primavera. O país atravessava um processo de construção de um regime autoritário, limitando as liberdades da população. Some-se a isso, o sofrimento vivido pela maioria da população por conta da acelerada urbanização, da desvalorização da moeda nacional provocando uma inflação galopante. Além disso, havia ainda as perdas salariais, a ausência de políticas públicas e da ação efetiva do estado em garantir os direitos básicos. É importante lembrar que esse processo evidencia, a relação do país com a conjuntura internacional em cenário de Guerra Fria. Como podemos analisar a compreensão do período a partir da análise de Erick Hobsbawm:

A peculiaridade da Guerra Fria era que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de Guerra Mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas sobretudo do lado americano, os governos das duas potências aceitavam a distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial, em que equivalia a um equilíbrio de poder desigual, mas não contestado em sua essência. A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência – a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra – e não tentava ampliá-la com o uso da força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista,

além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética (Hobsbawm, 1995, p.224).

Erick Hobsbawm (1995) evidencia o que o mundo estava vivendo naquele momento, pois existia uma intensa conexão dos interesses econômicos e políticos das referidas potências mundiais. Podermos identificar nesse contexto o interesse dos EUA em controlar o hemisfério Norte e a América como um todo através de sua política imperialista, inclusive apoiando as potências imperialistas a manterem seus poderios nos continentes africano e asiático. A instalação do golpe de 1964 e a implementação da Ditadura Civil-militar no Brasil combinou os interesses dos Estados Unidos em monopolizar o globo em torno de seu projeto de sociedade com os interesses da classe dominante brasileira, principalmente a frações de classe mais conservadora.

No Brasil um dos antecedentes marcantes do Golpe de 1964 foi a mobilização popular em torno da Campanha Plebiscito Já em 1961 e 1962. Ela revelava principalmente a insatisfação do movimento sindical e camponês com o parlamentarismo conduzido por um congresso conservador e antipopular. Após a vitória e o retorno do presidencialismo, o presidente João Goulart apresentou o seu compromisso com as Reformas de Bases, no ato da Central do Brasil. Embora as suas proposições não fossem revolucionárias e nem ameaçassem a ordem capitalista no Brasil, revelava a intenção do presidente em atender algumas demandas dos movimentos sociais rurais urbanos. Essa escolha indicava o não alinhamento integral de João Goulart ao modelo liberal³⁸.

Os que estavam insatisfeitos com a volta do presidencialismo e de um possível retorno da perspectiva de bem-estar social ou ainda, qualquer sinalização de aproximação com o bloco socialista, aproveitaram a oportunidade para arquitetarem o golpe. Foi iniciado o processo de construção do regime autoritário no Brasil com o aval dos Estados Unidos. O governo estadunidense enviou uma frota da Marinha que chegou em abril na Operação Brother Sam³⁹. O objetivo era validar e legitimar os golpistas, apoiar os mandos e desmandos dos militares no Brasil,

³⁸ Fontes, Virgínia. Breve História do Brasil Recente. Série Princípios. São Paulo. 2004. 4 ed.

³⁹ O nome é uma referência ao “tio Sam”, personificação dada aos Estados Unidos e que se tornou um dos símbolos nacionais mais famosos do mundo.

afirmar os interesses do bloco capitalista na América do Sul. Veja o que diz Sampaio:

Às 11h30 da manhã de 31 de março de 1964, quando Mourão mal tinha tirado seu roupão de seda vermelho [...] estavam reunidos em Washington o secretário de Estado, Dean Rusk, o secretário de Defesa, Robert McNamara, o chefe da junta de chefes de Estado-Maior, general Maxwell Taylor, e o diretor da CIA, McCone. A agenda tinha seis itens. O quarto era um relatório sobre “a capacidade de apoio aéreo e naval americano” aos revoltosos. A Casa Branca acordara cedo. Uma hora e vinte minutos depois dessa reunião, enquanto Mourão dormia a sesta, o contra-almirante John Chew, vice-diretor de operações navais, ordenava ao comandante-em-chefe da Esquadra do Atlântico o deslocamento de um porta-aviões à frente de uma força-tarefa para a “área oceânica nas vizinhanças de Santos, Brasil”. (Corrêa, 1977, p. 32).

A operação Brother Sam revela o poderio dos Estados Unidos com vistas a controlar a América Latina e alinhá-la na sua política imperialista expansionista. Concomitantemente manteria Cuba em isolamento com os bloqueios econômicos e impediria influências do modelo cubano no Brasil. O apoio direto dos norte-americanos na repressão ocorrida no Brasil foi determinante para que o autoritarismo ganhasse força. Os militares receberam ainda investimentos do capital industrial, agrário e o apoio dos católicos conservadores. Um aparato repressor e violento foi sendo estruturado por dentro do Estado Brasileiro.

A supressão das liberdades, as prisões, as torturas, a censura, as mortes, os desaparecimentos, intervenções nas organizações dos trabalhadores, o desmantelamento dos movimentos sociais e a supressão dos direitos individuais foram contribuindo para consolidar esse regime autoritário e violento, durou mais de 20 anos. Ausência de controle social, corrupção, privatizações, obras faraônicas, investimento em um projeto de comunicação que exaltasse os interventores, intervenções nas universidades e perseguições aos intelectuais, artistas e educadores asseguraram o regime ditatorial e o modelo econômico baseado no aumento da concentração de renda das variadas frações da classe dominante no Brasil.

O país foi duramente impactado pela ditadura civil militar (1964-1985), inclusive Duque de Caxias que foi transformada em Área de Segurança Nacional e governada por interventores militares e um interventor civil. Para compreendermos a História da cidade de Duque de Caxias e dos moradores de Jardim Primavera é necessário estarmos atentos com o que acontece no mundo, com o modelo econômico internacional e nacional, com as tensões operadas na luta de classe.

Mesmo em tempo de ditadura, onde o silêncio foi imposto, as tensões e conflitos podem ser e devem ser identificados. É o que tentaremos fazer a seguir. Analisar a cidade, o 2º Distrito e o bairro de Jardim primavera neste contexto de ditadura e de abertura política na década de 1980.

1.4 O conjunto da vida social na cidade de Duque de Caxias e os impactos da instalação da Lei de Segurança Nacional

As liberdades foram cerceadas após o golpe militar de 1964: o direito de opinar, de estabelecer críticas, de participar da vida política do país, de ir e vir, de protestar, de fiscalizar o poder público deixaram de existir. Imperava o discurso da “ameaça” comunista. Os que defendessem uma visão de mundo diferente das perspectivas dos conservadores militares era visto como ameaça a ordem, terrorista e era fortemente atacado pela lógica do anticomunismo. O medo, a repressão, a cassação das liberdades individuais, a censura, a ausência de controle sobre os militares e sobre a administração pública favoreceu a impunidade dos crimes, a corrupção, a expropriação da verba pública para beneficiar interesses privados. Imperou o discurso do crescimento ou milagre econômico, enquanto o que se efetivava era o aumento das desigualdades com a crescente concentração de renda nas mãos de uma minoria. Aqueles que não respeitassem as regras do regime poderiam facilmente ser descartados ou silenciados⁴⁰.

A ditadura civil- militar impactou todo o território nacional e não seria diferente na Baixada Fluminense, uma periferia do estado do Rio de Janeiro que abrigando um contingente populacional expressivo de trabalhadores empobrecidos. Vale lembrar que no início da década de 1960, a sede da capital federal deixou de ser o Rio de Janeiro, sendo transferida para Brasília. Duque de Caxias fazia parte do estado do Rio de Janeiro, sediada em Niterói e a antiga capital, tornou estado da Guanabara. Segundo a historiadora Marieta Ferreira, a estratégia utilizada para melhor controlar o Rio de Janeiro foi a fusão. O estado da Guanabara em 1974, era o único estado da Federação governado pela oposição, era preciso diluir a força

⁴⁰ Fontes, Virgínia. Breve História do Brasil Recente. Série Princípios. São Paulo. 2004. 4 ed.

eleitoral do MDB - Movimento Democrático Brasileiro e assegurar o domínio da ARENA - Aliança Renovadora Nacional, partido dos conservadores e militares.

A fusão do estado da Guanabara com o estado do Rio de Janeiro foi decretada pelo presidente Ernesto Geisel em 12 de julho de 1974, pela Lei Complementar número 20, e implantada a partir de 1º de março de 1975. A ideia de unir a cidade do Rio ao estado do Rio não era nova, mas enfrentava resistências variadas. Afinal virou realidade durante a ditadura militar, num momento especial da história do regime. Já ao tomar posse, em março de 1974, Geisel anunciara ao país sua disposição de promover a "distensão" política. Foi nesse contexto que a fusão se consumou. Os dois processos estiveram inter-relacionados, e a dinâmica política do "novo" estado do Rio de Janeiro, que passou a ter no Rio sua capital, se definiu *pari-passu* à distensão (Ferreira, 2005, p.163)⁴¹.

Após a fusão, o governo do estado do Rio de Janeiro criou a (FUNDREM) - Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana, cuja função era estudar, planejar e coordenar uma política de caráter regional, no caso, a região metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ). Quando esta fundação iniciou as suas investigações acerca da região metropolitana, identificou a existência de uma imensa desigualdade inter-regional e de território integrado à oeste (Baixada Fluminense), marcado por múltiplas segregações e alto índice violência com homicídios.

Antes mesmo da ditadura militar a violência foi a moeda utilizada para estabelecer o controle sobre a população empobrecida da Baixada Fluminense e para proteger a propriedade privada. A experiência do saque de 1962 é bastante reveladora e segundo Souza Alves (2003) representa um marco do processo de constituição dos grupos de extermínio na Baixada Fluminense. Em 5 de julho de 1962, após a decretação de uma greve geral, uma multidão concentrada na Praça do Pacificador aguardava transporte para o trabalho. Chegaram notícias de que havia feijão escondido em lojas próximas e a multidão iniciou o "motim da fome".

⁴¹ FERREIRA, Marieta de Moraes. A fusão do Rio de Janeiro, a ditadura militar e a transição política. In: ABREU, A. A. (Org.). A democratização no Brasil: atores e contextos. Rio de Janeiro: FGV, 2006. cap. 6: 163 - 203. <https://repositorio.fgv.br/handle/fusao>

Cerca de 2000 estabelecimentos comerciais foram atingidos, como mostra a Figura 27⁴².

Figura 28- Revista Fatos e Fotos



Legenda: Fatos e Fotos. Ano II, Brasília, Distrito Federal, 14 de julho de 1962, Número 76.
Fonte: Arquivo MVS-B-CRPH/DC, 1962.

O saque foi uma resposta a carestia, a sonegação de alimentos da cesta básica e a fome. Não podemos esquecer que no início da década de 1950, mediante as pressões populares, principalmente das mulheres, o governo federal criou a Comissão Federal de Abastecimento e Preços (COFAP)⁴³ com o objetivo de estabelecer controle do abastecimento e dos preços de alimentos, frente a presença de uma inflação persistente. Em resposta a imposição de tabelamentos dos preços da cesta básica, comerciantes e produtores passaram a sonegar os produtos, vendendo-os mais caro no contrabando.

Em resposta ao saque realizado pela multidão, os comerciantes de Caxias estabeleceram uma milícia da ordem. O Jornal Luta Democrática de 9 de julho de 1962, chamou de transviados, assassinos e desordeiros os que compõem a milícia da Associação Comercial. Afirmou ainda que o delegado da 311, Amil Reichard, também organizou uma polícia particular. Posteriormente chegou o exército. E a Associação Comercial de Duque e Caxias negociou com o governo estadual a

⁴² TORRES, Rogério e MENNEZES, Newton. Sonegação, fome e saque. RJ: Consórcio de Administração de Edições, 1987, p.8.

⁴³ A Comissão Federal de Abastecimento e Preços - COFAP foi um órgão criado pela Lei nº 1.522, de 26 de dezembro de 1951, instituída no Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, com autonomia administrativa, para intervir no domínio econômico com a finalidade de assegurar a livre distribuição de produtos necessários ao consumo da população.

instalação de um Batalhão Polícia Militar na cidade. A partir daí o controle territorial passou a ser exercido pelos policiais militares e pelos grupos de extermínio, primeiramente pelo Esquadrão da Morte e depois pela Mão-Branca, como afirmou Souza Alves, em sua obra pioneira sobre a violência na Baixada Fluminense, “Dos Barões ao Extermínio”⁴⁴.

Figura 29 - Luta Democrática, 9 de julho de 1962



Fonte: Arquivo MVSb- CRPH/DC, 1962.

O jornalista policial Santos Lemos, escreveu três obras, narrando as suas memórias sobre a cidade de Caxias dos anos de 1950 e 1960. Na obra “Sangue no 311”, publicada em 1967, ele conta horrores que testemunhou nesta delegacia enquanto acompanhava as ações policiais. O uso da tortura, inclusive do pau-de-arara, largamente utilizada nesta delegacia de Caxias pelos agentes da segurança pública. Assim como o extermínio, o desaparecimento forçado e a existência de uma cisterna da morte (um poço no quintal onde corpos eram descartados). Alves,

⁴⁴ ALVES, José Claudio Souza. Dos Barões ao Extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense. DC: APPH/Clio, 2003.

(2003)⁴⁵. Após a instalação do golpe militar e durante todo o tempo sombrio da ditadura, o uso do extermínio se intensificou de forma assustadora na Baixada Fluminense. A higienização foi largamente utilizada com a garantia da impunidade.

Outras marcas violentas que foram verificadas em todo país durante o tempo da ditadura civil-militar foram o desmonte e a repressão exercida sobre os movimentos sociais e as suas lideranças; os ataques contra as universidades as perseguições aos seus professores e estudantes; as intervenções militares nos órgãos públicos e sindicatos; o estabelecimento de atos institucionais eliminando os direitos; o fim do pluripartidarismo e a imposição de apenas dois partidos, Aliança Renovadora Nacional- (ARENA) e o Movimento Democrático Brasileiro- (MDB); as constantes intervenções nos executivos estaduais e municipais; a instalação da Lei de Segurança Nacional, etc.

Na história recente do município de Duque de Caxias identificamos na historiografia a existência de uma gama de movimentos sociais na cidade, movimentos estes que vai desde a luta pela emancipação do município de Nova Iguaçu, ocorrido na década de 1930, até os movimentos sociais dos anos de 1950 e 1960. A historiadora Marlucia Santos de Souza (2014) em sua dissertação de mestrado apresentou um conjunto desses movimentos (camponês, operário, feminista e negro) atuantes na cidade ao longo dos anos de 1950 e 1960. Porém, após a implementação da Ditadura Civil Militar estes movimentos sociais foram desmantelados por conta da repressão e perseguição as suas lideranças:

Ao analisarmos a ação repressora dos militares e os impactos produzidos em Caxias, fica clara a força do desmonte das organizações dos trabalhadores. Quando a notícia do golpe chegou aos operários da FNM, eles pararam a fábrica e, na madrugada, as tropas militares a ocuparam. Muitos trabalhadores não regressaram. Fugas, prisões e desaparecimentos provocaram até nos círculos operários a desaprovação dessa ação militar. (Souza, 2014, p.244)

Além disso, Souza nos apresenta o quanto esses movimentos dos trabalhadores foram sufocados pelo regime autoritário de forma violenta: demissões das lideranças que trabalhavam para o Estado (operários da FNM e da REDUC), lista negra para inviabilizar contratações dos militantes, intervenções nos sindicatos, perseguições que forçavam as lideranças a clandestinidade, prisões, tortura e desaparecimentos. No caso específico do movimento camponês em Xerém, a autora

⁴⁵ LEMOS, Santos. Sangue no 311. RJ: Reper Editora, 1967

chama a atenção para a ocupação das áreas campesinas forçando as lideranças a fuga.

Conforme Cantalejo (2008), notícias de ações violentas por parte do exército fazem parte das memórias campesinas: prisões, expropriação dos alimentos existentes nas roças dos lavradores, ameaças aos familiares, invasões de casas, fechamento da Ferrovia Rio D'Ouro e das estações de Xerém (João Pinto e do Tinguá), via de integração e escoamento das produções das áreas rurais de Duque de Caxias e Nova Iguaçu. Um outro aspecto a considerar foi a intensa criminalização dos movimentos e de seus militantes, principalmente dos que eram comunistas. O historiador Manoel Cantalejo descreve em sua dissertação de mestrado várias situações de extrema violência e intervenções realizadas nos sindicatos:

As ações da Polícia Militar somavam-se às ações da Polícia Civil e do Exército. A Polícia Civil, sempre criticada pela sua incapacidade na solução e prevenção de crimes e a contravenção pelo seu reduzido contingente, mostrava uma surpreendente agilidade e eficácia na repressão política. Invadiu o sindicato dos metalúrgicos, prendendo cerca de 40 sindicalistas, entre eles, o presidente do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) no município, bem como o presidente do sindicato dos ferroviários... a polícia invadiu o sindicato dos petroleiros, confiscando o material de propaganda e a documentação existente, mas não prendeu ninguém, pois o sindicato estava vazio... Na Fábrica Nacional de Motores (FNM), quando a notícia do golpe militar chegou, os operários pararam a produção. Imediatamente a fábrica foi ocupada, com operários presos, invasões das residências, intervenção no sindicato e a instalação de Inquéritos Policiais Militares (IPMs)... Na Refinaria Duque de Caxias (REDUC), a situação foi parecida com a substituição do comando militar e prisões. O quartel-general do interrogatório era dentro do próprio complexo industrial na Fábrica de Borracha Sintética (FABOR). Além disso, foi colocada dentro da refinaria uma urna, onde os próprios operários poderiam denunciar aqueles que fossem comunistas (Cantalejo, 2008, p. 83).

De acordo com os autores Grynszpan (1987), Ribeiro (2015), Ramalho (1989) toda a Baixada Fluminense foi duramente impactada pela ditadura, da mesma forma que em outras partes do país, por se caracterizar como uma periferia do Rio de Janeiro com grande presença de trabalhadores em situação de pobreza ou de extrema pobreza, em territórios que experimentaram processos de expansão urbana acelerada, sem que fosse garantido uma infraestrutura que assegurasse o bem viver, constituía-se como um lugar da desordem ou da ameaça a ordem. Além disso, a Baixada abrigou um movimento camponês, tecelão, metalúrgico, petroleiro e

químico muito atuante e resistente nos anos de 1950 e 1960 ⁴⁶, variados movimentos sociais urbanos e várias células clandestinas do Partido Comunista, como atesta (Souza, 2014, p.142-143)

Duque de Caxias foi uma das cidades mais impactadas da Baixada. Além dos movimentos citados, a votação nos anos de 1950 e 1960, dos que possuíam direito ao voto, era expressivamente nas agremiações partidárias progressistas, trabalhistas e getulistas. Havia uma forte presença de trabalhadores com experiência de mobilização e de luta de classe no interior das fábricas e cujo patrão era o Estado, como era o caso da FNM, da REDUC, da FABOR. Havia ainda os lavradores arrendatários das terras da União com experiência na resistência contra a grilagem, inclusive armada.

Figura 30- Militares vigiando o portão de entrada da FNM s/data



Fonte: Acervo CRPH/DC-MVSB, década de 1960.

Os contrastes eram visíveis. Concordamos com Grynspan (1987), Ribeiro (2015), Ramalho (1989), de um lado, uma cidade que mudava drasticamente a sua paisagem, em meio a um discurso eufórico de cidade progresso, experimentando um processo de expansão industrial automobilística, petrolífera, Petroquisa e

⁴⁶ Uma das mais importantes obras que trata do movimento camponês nos anos de 1950 e 1960 é: Grynspan, Mário. Mobilização camponesa e competição política no estado do Rio de Janeiro (1950 – 1960). RJ: Dissertação de mestrado pelo Museu Nacional, 1987. Para ver o movimento operário dos tecelões em Magé: Ribeiro, Felipe Augusto dos Santos. A foice, o martelo e outras ferramentas de ação política: os trabalhadores rurais e têxteis de Magé-RJ (1956-1973). RJ: Tese de doutorado em História pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC/FGV, 2015. Sobre o movimento dos metalúrgicos na FNM veja: Ramalho, José Ricardo. Estado Patrão e a luta operária: o caso da FNM. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1989.

química, animada ainda com a chegada das multinacionais. Nas margens da Variante da Rio-Petrópolis se assentava ainda o polo madeireiro e moteleiro, postos de gasolina e restaurantes à espera dos que transitavam da cidade do Rio para Petrópolis ou Teresópolis.

Do outro lado, uma cidade que mais parecia uma carvoaria em grande escala queimando as suas reservas de mata, impactada pelos loteamentos populares e pelas instalações de ocupações e favelas nos morros e nas áreas ribeirinhas dos principais rios: Favela Beira-mar, Vila Operária, Favela do Mangue, Favela do DICK ou Teixeira Mendes, Parque da Liberdade, Vila Alzira, Mangueirinha, Morro do Sapo, Favela de Jerusalém. Tanto nos loteamentos populares quanto nas favelas e ocupações a realidade urbana era dura. Precarização dos transportes coletivos, ausência de saneamento básico, de abastecimento regular de água, de investimentos em saúde e educação pública, pouquíssimas praças e as existentes com pouca arborização e embelezamento⁴⁷.

Nas décadas de 1960 e 1970, a Baixada Fluminense sofria ainda com as imagens construídas de si nacionalmente e internacionalmente: território formado por cidades dormitórios por conta da longa jornada gasta pelos seus moradores no traslado diário de casa para o trabalho. Evidentemente que nenhum lugar de moradia é só dormitório. As sociabilidades acontecem nas feiras, nas igrejas, nas festas, casamentos, batizados, clubes, no campo de futebol, na ida a praia de Mauá e até no trem durante o traslado. Evidentemente que para estes trabalhadores desbravadores que lutavam diariamente pela sobrevivência, o tempo para organizar as lutas por melhores condições de vida no lugar de moradia era curto. Ainda assim, havia aqueles que resistiram.

A imagem de cidades dormitórios era ainda reforçada por conta da pouca participação política na governabilidade das cidades da Baixada fluminense. Na obra “Dos barões ao extermínio”, Souza Alves (2003) menciona as constantes interferências ou intervenções dos militares nos executivos e legislativos municipais. Vejamos o que diz o autor:

A reestruturação política feita pela ditadura militar no poder da Baixada ao longo de vinte anos teve como principal objetivo suprimir, enfraquecer ou cooptar as formas de oposição política que existiam ou que viesse a surgir.

⁴⁷ Souza, Marlucia Santos. História do Território da Fazenda do Iguaçu. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, ano 30, nº30, 2023. RJ: IHGBRJ.

Cassações de prefeitos e vereadores, fechamento e ocupações de câmaras e prefeituras, imposição de interventores e pressão para o ingresso no partido governista foram estratégias empregadas ao longo desse período. (Alves, 2003, p.101)

Essa reestruturação mencionada pelo autor diz respeito sobretudo as mudanças no campo dos direitos civis e políticos. Além do estabelecimento de um aparato repressor extremamente agressivo, o uso de medidas legais como os atos institucionais asseguraram a supressão dos direitos políticos, as cassações de mandatos parlamentares e as transformações no processo eleitoral, com o fim pluripartidarismo. Manoel Cantalejo analisou em sua dissertação de mestrado a história do município de Duque de Caxias e a ditadura militar. Nela o autor descreve o papel exercido pelo Ato Institucional Número 1, editado em 9 de abril de 1964, pelo Comando Supremo das Forças Armadas tinha como finalidade:

... legitimar o golpe e conceder poderes discricionários tanto à junta militar quanto ao futuro presidente da República. Funcionando como um dispositivo supraconstitucional, o Ato Institucional saído das três Forças Armadas, deixava bem claro que a sua finalidade seria “a assegurar ao novo governo a ser instituído, os meios indispensáveis à obra de reconstrução econômica, financeira, política e moral do Brasil”. Dentre os seus artigos, destacamos o artigo 10 como fundamental para a “reconstrução política”, ao dar o direito primeiro à junta militar e, depois, ao Presidente Castelo Branco, por sessenta dias, de cassar mandatos eletivos, com a suspensão dos direitos políticos por dez anos, de forma sumária. (Cantalejo, 2008, p.67)

O autor menciona as cassações dos mandatos eletivos em 1964, retirando do Congresso Nacional políticos de grandes projeções do cenário nacional e fluminense. Entre eles vale destacar Juscelino Kubitschek (PSD), Leonel Brizola (PTB), Adão Pereira Nunes (PSP), Bocayuva Cunha (PTB), Demistóclides Batista (PST), Tenório Cavalcanti (PST). Este último, político influente na cidade de Duque de Caxias e criador do Jornal Luta Democrática, considerado por Santos Lemos como um dos donos da cidade.

Além das cassações, as intervenções nas eleições, nos parlamentos e executivos estaduais e municipais produziram instabilidade e reestruturação política. Uma das interferências mais marcante na vida política da cidade foi o enquadramento do município de Duque de Caxias em 1968, na Lei de Segurança Nacional. Cantalejo (2008) apresentou vários fatores que favoreceram as intervenções dos governos militares nos executivos municipais:

Logo no início de 1967, duas medidas, já no final do governo Castelo Branco, permitiram a Ditadura Militar ter instrumentos jurídicos para intervir nos municípios e administrá-los. A primeira medida foi a Lei de Segurança Nacional que, a partir desse momento, se voltava tanto para as questões internas quanto externas. Isso abria espaço para a execução de intervenções internas dos mais diversos tipos, a pretexto da Segurança Nacional.

O segundo instrumento que possibilitou a intervenção federal nos municípios era dado pela Constituição de 1967. No seu artigo 16, que legislava sobre a autonomia municipal, a Constituição fazia significativas modificações. No seu primeiro parágrafo que buscava definir as nomeações feitas pelos Governadores com prévia aprovação, “do Presidente da República, os Prefeitos dos Municípios declarados de interesse da segurança nacional, por lei de iniciativa do Poder Executivo”, como completava a alínea (Cantalejo, 2008, p.94-95)

Amaro (2023) destaca que nas eleições municipais de 1966, em Duque de Caxias, o candidato a prefeito da Arena, Hydekel de Freitas Lima, foi derrotado pelo candidato do MDB, Moacyr do Carmo. Hydekel de Freitas era filho de comerciante de Caxias, fez parte da Turma do Esculacho (considerada como juventude transviada, no tempo da brilhantina, envolvidos nas badaladas noites caxienses) e uma das lideranças da “Milícia da Ordem” (milícia privada organizada pelos comerciantes para combater o saque de 1962). Casou-se com Sandra Cavalcanti, uma das filhas de Tenório Cavalcanti. Elegeu-se deputado estadual pelo Partido republicano em 1962 até 1967. Em 1965, faz uma breve passagem pelo MDB, mas logo a seguir participou da fundação da ARENA em Caxias. Em 1966, foi candidato a prefeito de Caxias com o apoio dos militares, conservadores e de seu sogro, Tenório Cavalcanti. Foi derrotado, recebendo apenas 17 mil votos. Contudo, durante todo o período de ditadura militar foi um influente político caxiense, eleito como parlamentar pela ARENA em vários mandatos, representou os interesses dos militares, sendo o último interventor indicado diretamente pelo presidente da república, João Batista Figueredo⁴⁸.

Moacyr do Carmo era estudante de medicina quando ingressou na Força Expedicionária Brasileira, no batalhão da Saúde, tendo atuado na Europa durante a segunda guerra mundial. Em 1947, se formou em medicina. Iniciou a sua carreira como médico em Duque de Caxias em 1948, constituindo assim, importante

⁴⁸ Amaro, Tânia. Encontro com a história da cidade: relações de poder na dinâmica política de Duque de Caxias (1943-1985). In Revista do Instituto Histórico Geográfico do Rio de Janeiro, ano 30, nº 30, 2023: 125-137.

atendimento de referência a população periférica caxiense. Manteve relações de amizade e alianças com os irmãos Silveira, Roberto e Badger⁴⁹. Após a morte de Roberto Silveira assumiu o diretório do PTB em Caxias. Foi secretário estadual de transporte no governo José Carlos Janotti. Obteve direito de instalação de cartório na cidade e em 1966, foi candidato a prefeito pelo MDB, sendo eleito com 40 mil votos⁵⁰.

Para Siqueira (2014; 2024) um ano de governabilidade imposta e os militares enquadraram o município de Duque de Caxias como Área de Segurança Militar, utilizando como justificativa a existência da REDUC. O desejo de estabelecer um controle mais direto sobre a vida da cidade estava com certeza vinculado à existência de fortes movimentos sociais, a presença expressiva de militantes comunistas, uma representativa votação no trabalhismo, nos herdeiros do getulismo e nas representações comunistas e socialistas. Some-se a isso, a existência de militantes dos movimentos campestres e sindicais que optaram pela contestação a ditadura militar, ainda que em condições de clandestinidade, inclusive de resistência armada. Na área rural de Caxias e de Nova Iguaçu, iniciou-se os preparativos de organização de uma guerrilha rural. Várias lideranças caxienses ingressaram no MR-8 e na Esquadra de Fogo, grupo de guerrilha urbana atuante no Rio de Janeiro, na Guanabara e em Salvador.

Ao se tornar Área de Segurança Nacional a cidade experimenta um processo de tensão ainda maior, com repressões ainda mais violentas, batidas policiais frequentes, proibições de reuniões, entre outras atividades que estavam atreladas a liberdade das pessoas. A instabilidade política era visível inclusive no executivo municipal. Diz Souza:

Em 1968, sob a administração de Moacyr do Carmo, Caxias foi considerada Área de Segurança Nacional. Segundo o relato do vice-prefeito, Ruyter Poubel, ele e um grupo de políticos locais chegaram a organizar uma ida a Brasília para evitar que Caxias entrasse na lista de áreas de segurança nacional. Para ele, o grupo não tinha noção da gravidade da situação e, ingenuamente, acreditou que poderia reverter o processo. Logo depois foi detido por dez dias. Em 1971, iniciou-se um longo período de presença dos governos militares na cidade.

A impossibilidade de eleger os prefeitos, a ausência de controle e fiscalização da sociedade sobre as ações do Executivo e a falta de

⁴⁹ Roberto da Silveira foi político importante no PTB em 1958 foi eleito governador do Estado do RJ, mas faleceu brevemente após um acidente de helicóptero, nas eleições seguintes seu irmão Badger da Silveira foi eleito governador do Estado do RJ.

⁵⁰ Idem

autonomia do Legislativo favoreceram o desvio de verbas públicas para os setores privados. As bolsas de estudos se generalizaram e fizeram crescer o ensino privado (Souza, 2014 p. 251).

Em 1971, enquanto era aguardada a chegada do interventor militar indicado, o executivo municipal ficou a cargo do presidente Câmara municipal, Francisco Estácio da Silva. Em 19 de julho de 1971, o primeiro militar interventor assumiu a prefeitura, o general Carlos Marciano de Medeiros. Depois dele, a cidade foi governada por mais dois coronéis militares. Já o último interventor imposto em tempos de abertura política, foi o civil Hydekel de Freitas Lima.⁵¹

Quadro 2- Prefeitos interventores de Duque de Caxias (1971-1985)

Prefeito	Partido	Início do mandato	Final do mandato
Francisco Estácio da Silva	ARENA (Presidente da Câmara. Governo Interino a espera do prefeito indicado).	31/01/1971	19/07/1971
General Carlos Marciano de Medeiros	ARENA	19/07/1971	15/03/1975
Coronel Renato Moreira da Fonseca	ARENA	15/03/1975	24/04/1979
Coronel Américo Gomes de Barros Filho	ARENA	24/04/1979	02/05/1982
Hydekel Menezes de Freitas Lima	PDS	13/05/1982	31/12/1985

Fonte: Câmara Municipal de Duque de Caxias. Apud Souza, 2014, p. 251.

É importante considerar que durante todo o período de ditadura-civil militar, os que governaram a cidade o fizeram para atender os interesses dos capitalistas, para favorecer processos ainda maiores de expropriação do trabalho e assegurar deslocamentos da verba pública para os interesses e/ou cofres privados, principalmente através de investimentos públicos em iniciativas privadas, tais como: as bolsas de estudos para as escolas privada; convênios públicos com casas de saúde particulares; sucateamento dos serviços públicos para desacreditá-los e promover as privatizações. Além disso, a ausência de fiscalização pública facilitava as fraudes, o superfaturamento, os desvios de conduta, as privatizações de

⁵¹ Duque de Caxias nos anos 70 tornou-se Área de Segurança Nacional fonte IBGE: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/duque-de-caxias/historico>

empreendimentos lucrativos. Por outro lado, era visível os poucos recursos investidos em infraestrutura urbana e na garantia de direitos fundamentais, principalmente para as áreas mais periféricas. (Alves; 2003; Cantalejo, 2008; Souza, 2014, Siqueira, 2024).

Os direitos humanos não estavam no vocabulário daqueles que governavam, então zelar por saúde e por educação não estava dentro dos objetivos dos políticos locais. Isso nos traz ao cerne do problema que estamos aqui analisando: as condições materiais vividas pela população de Caxias nos anos de 1970 e dos anos de 1980, e a construção de movimentos reivindicatórios com vistas a assegurar direitos e abertura política.

1.5 Histórico da Paróquia Nossa Senhora do Pilar (PNSP)

A Paróquia Nossa Senhora do Pilar (PNSP) foi criada, ainda no período colonial, em 1696. A capela matriz, situada nas margens do Rio e do Porto do Pilar, foi erguida nas margens do caminho novo do ouro, sendo importante entreposto colonial. Atualmente é tombada como patrimônio histórico nacional pelo IPHAN. No período colonial e imperial possuía duas capelas filiais, a Nossa Senhora do Rosário (Fazenda Rosário) em Saracuruna e a Santa Rita da Posse (Engenho da Posse) em Xerém, além de vários oratórios no interior das propriedades rurais. Em 1942, foi instituída nas proximidades do Pilar a Cidade dos Meninos, com vistas ao acolhimento de crianças desvalidas ou em situação de vulnerabilidade, o que representou a incorporação de uma terceira capela à Paróquia.

Figura 30 - Capelas



(a)



(b)



(c)



(d)



(e)



(f)

Legenda: (a) Capela Matriz Nossa Senhora do Pilar na década de 1940; (b) Ruínas da Capela Santa Rita da Posse em Xerém em 2007. Acervo CRPH/DC e MVSB; (c) Capela do Rosário; (d) Sede da Fazenda do Rosário; (e) Nova capela do Rosário em construção; (f) Nova capela do Rosário na década de 1950, nas proximidades da capela colonial.

Fontes: (a) Acervo Museu Imperial, 1940; (b) Acervo CRPH/DC e MVSB, 1940; (c) Acervo CRPH/DC MVS, 1940; (d) Acervo CRPH/DC e MBSB, 1940; (e) Acervo CRPH/DC e MBSB, 1940; (f) Acervo CRPH/DC e MBSB, 1940.

Durante a realização de levantamento acerca da história mais recente desta paróquia só identificamos uma pesquisa existente: a dissertação de mestrado em sociologia e política, produzida por José Claudio Souza Alves⁵². O autor analisou o processo de transformação dessa paróquia em uma igreja que fez a opção pelos pobres, se assumiu como comunidades eclesiais de base, apresentou forte atuação pastorais sociais e populares. Segundo a sua pesquisa, em 1963, a Diocese de Petrópolis dividiu a PNSP criando uma outra, a de Nossa Senhora das Graças, em

⁵² ALVES, José Claudio Souza. Igreja Católica: Opção pelos pobres, política e poder. O caso da Paróquia do Pilar. RJ: Dissertação de mestrado em Sociologia e política pela RUC Rio, 1991.

Xerém. Assim, ela ficou restrita ao 2º Distrito, com a sua capela matriz e duas capelas filiais, a Nossa Senhora do Rosário em Saracuruna e a Nossa Senhora da Conceição, na Cidade dos Meninos. Em 1951, recebeu mais uma capela em construção, a de São Judas Tadeu, instituída por Nelson Cintra. Após o desmembramento realizado pela Diocese os freis da Ordem dos Carmelitas assumiram a paróquia.

Como já vimos anteriormente, nas décadas de 1950 e 1960, o território do 2º Distrito foi imensamente impactado pelo crescimento populacional desenfreado e pela expansão do modelo urbano industrial, principalmente com a instalação do polo petroquímico, o que levou a igreja a pensar a sua atuação na localidade. Diz Souza:

... a preocupação prioritária dos Carmelitas foi a construção de uma igreja e de uma casa paroquial em Campos Elíseos, onde estava o mais importante aglomerado urbano após a construção da refinaria... Neste pequeno circuito de capelas os carmelitas tentavam desenvolver um modelo romanizado de catolicismo, organizando semanas santas, procissões, corações de nossa senhora e ministrando aulas de catequese nas escolas públicas e particulares, com o objetivo de preparar as crianças para a primeira comunhão. As associações religiosas eram bastante apreciadas... As mais importantes eram o Apostolado da Oração, a Cruzada Eucarística e a Congregação Mariana e Vicentinos (Alves, 1991, p. 54 e 55).

Apesar do crescimento do número de fiéis nas missas, de batizados, do número de 1ª comunhão e de ingresso dos leigos nas associações religiosas, os Carmelitas se retiraram da paróquia, por determinação do Capítulo Provincial de 1966. O bispo enviou Franciscanos para acompanhar a paróquia provisoriamente. Alves identificou divergências dos Franciscanos quanto ao trabalho pastoral anterior, pautada pela sacramentalização e pela ausência de participação do leigo, desconsiderando as orientações do Concílio Vaticano II (1962)⁵³.

Apesar das críticas aos marianos, a presença franciscana ficou restrita aos finais de semana e nos seis meses que estiveram à frente da paróquia não foi

⁵³ O Papa João XXIII, convocou um grande encontro global da Igreja católica para repensar os caminhos dela frente o contexto mundial naquele momento. Várias deliberações e orientações resultaram deste concílio tais como: valorização e aumento do poder dos bispos; ampliação da atuação da igreja no mundo; fortalecimento do trabalho missionário e alargamento do número de leigos; maior envolvimento dos leigos na vida da igreja; substituição do uso do latim nas missas e pelas línguas nacionais; construção de uma catequese mais popular e inclusiva das populações mais empobrecidas. Naquele momento as transformações passaram a ser vistas como essenciais a sobrevivência da própria igreja católica.

percebida qualquer expansão patrimonial, apenas a realização de missas campais em uma nova área, próxima da Rua Dois e da estação de Jardim Primavera.

Na década de 1960, torna-se visível a proximidade do bispo da Diocese de Petrópolis, D. Manoel C. Cintra com o bispo de Pádua, Dom Girolamo B. Bortignon⁵⁴.

Segundo Souza Alves, a Diocese de Petrópolis recebeu 11 padres padovanos. Em 1967, chegaram para assumir a Paróquia do Pilar dois padres italianos, Gilberto Raffine e Francisco Milan. Em 1968, foi a vez da chegada de Roberto Scarparo um enfermeiro leigo que viera para trabalhar no ambulatório de São Judas Tadeu. Em 1970, duas leigas (Gabriela e Maria Mancini) pertencentes ao Instituto Secular de Pádua, uma enfermeira e a outra para se dedicar a catequese acrescentaram o número de italianos a serviço da paróquia. Posteriormente chegaram mais duas leigas (Antonieta e Ana Maria) em 1974, um terceiro padre, Orlando Milan, irmão do padre Francisco Milan⁵⁵.

Figura 32 – Padre Gilberto Raffini



Legendas: (a) Padre Gilberto Raffini, D. Vandete, catequista da igreja de São Judas Tadeu e crianças na 1ª Comunhão, s/data. Ao fundo é possível ver a construção do centro comunitário ao lado da igreja de São Judas Tadeu. Paróquia Nossa Senhora do Pilar; (b) Padre Francisco Milan com crianças na 1ª Comunhão; (c) Padre Orlando Milan, o mais jovem.

Fonte: Imagens cedidas por lideranças da antiga Paróquia N. Sra. do Pilar sob a guarda de Edna Maria Bernardo e do MVSb, 1974.

Quando os padres Gilberto e Francisco chegaram em Campos Elíseos a casa paroquial encontrava-se em precárias condições, com a ajuda dos leigos foram melhorando e edificação e a capela. Impulsionados pelo trabalho missionário e pelos

⁵⁴ Os dois bispos estudaram juntos em Roma e a amizade deles data desde os anos de 1950.

⁵⁵ ALVES, 1991:58 -59.

documentos da Igreja (Concílio Vaticano II e as resoluções de Puebla)⁵⁶, afirmaram uma ação pastoral pautada pela valorização da participação do leigo na vida da igreja. Aos poucos foram promovendo os círculos bíblicos, mantendo a cruzada para as crianças, o apostolado da oração, o incentivo as festas religiosas, as procissões e a promoção de uma catequese mais popular. Um ano após a chegada iniciaram mutirões para a construção da capela de Santana, na Rua Dois, onde eram realizadas as missas campais. Priorizaram ainda a construção de centros comunitários e capelas onde não havia, sempre com a participação dos leigos através dos mutirões. Na década de 1980, a paróquia já possuía mais de vinte comunidades (Alves, 1991).

A dura realidade vivida pelos leigos sensibilizaram os padres recém-chegados. Consideraram que investir na formação era prioridade para assegurar alguma mudança social. Cursos sobre o mundo do trabalho, os direitos trabalhistas, a CLT, os direitos humanos, estudos bíblicos, cursilhos, formação dos grupos jovens, festival de música, formação das catequistas, saídas coletivas para passeio etc., movimentavam a vida das comunidades da paróquia. Buscaram ainda ajuda financeira com os cristãos italianos, construíram em Campos Elíseos um ambulatório para tratar os doentes e um outro em São Judas Tadeu, no loteamento Santana do Pilar. Posteriormente conseguiram obter apoio financeiro de instituições europeias para investir em seus projetos sociais, para elaborações e publicação de boletins formativos e informativos.

Apesar de todas estas alterações no quadro daquela instituição católica, perdurava uma insatisfação entre os padres. Pe. Orlando por exemplo, achava que faltava o compromisso dos cristãos com a mudança daquela realidade, onde os direitos básicos das pessoas eram negados. Na Itália havia uma Igreja tradicional, mas isto não significava que era uma Igreja alheia aos problemas sociais. Mesmo com pontos de vistas tradicionais, ela se posicionava.

O acento dado pelos agentes religiosos à necessidade dos cristãos se engajarem no social era, portanto, uma preocupação que vinha do modelo de Igreja que se tinha na Itália. Mais do que isto, era algo reforçado pela abertura pós-conciliar que, a nível de Brasil, recebia uma releitura decisiva por parte do clero que estava mais preocupado com as dimensões sociais

⁵⁶ As Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano produziram documentos que influenciaram o movimento da Igreja Católica na América Latina. A 2ª Conferência, ocorreu em Medellin, na Colômbia entre agosto e setembro de 1968 e 3ª foi realizada em Puebla, de Los Angeles, no México, em janeiro e fevereiro de 1979. Nestas conferências os bispos latino-americanos discutiram as conjunturas, principalmente a situação dos países que viviam em ditaduras militares e debateram acerca das ações da Igreja frente a estes contextos.

da fé. Neste caso, em plena Baixada Fluminense, os padres da Paróquia do Pilar encontravam apoio num grupo de padres que atuava na Diocese de Nova Iguaçu, que desde 1966, com a vinda de D. Adriano Hypólito, assumia um modelo renovado de Igreja (Alves, 1991, p.66).

No contexto da década de 1970, em plena ditadura civil-militar no Brasil, cresce no interior da Igreja Católica críticas a lógica capitalista, a concentração crescente de riqueza nas mãos de uma minoria, enquanto a maioria amargava situações de violação de direitos humanos, de pobreza ou de extrema pobreza. A desigualdade existente no interior da América Latina e os horrores implantados pelas ditaduras no Chile, na Argentina e no Brasil provocaram reações e perseguições de religiosos. Há nesta movimentação uma valorização da memória dos primeiros cristãos, da Roma Antiga. Eles viviam em comunidades empobrecidas e sofreram inúmeras perseguições. Uma igreja dos comuns, que dividiam tudo entre si, comprometida com as transformações da realidade desigual. Essas comunidades do passado passam a ser consideradas espelho para as recentes construídas Comunidades Eclesiais de Base (CEBS). Ao descrever as origens da teologia da libertação diz Cejana Noronha (2012):

Os ensinamentos provenientes do Concílio Vaticano II foram fundamentais para a abertura da compreensão da Igreja “de que o ‘mundo’ faz parte dela - de uma Igreja que não pode ser ‘espiritualizada’ ou ‘desencarnada’- da mesma forma que o homem não é espírito sem corpo”

A Segunda Conferência do Episcopado Latino-Americano tem um significado muito importante na vida da Igreja na América-Latina, por que mais do que aplicar aquilo que fora pregado, a Igreja latino-americana fez uma nova interpretação do Concílio, partindo de sua realidade específica caracterizada pela pobreza, pela miséria e por injustiças. Segundo essa Teologia, Jesus se posicionou “ao lado dos excluídos” a fim de conhecer suas necessidades... passando pelo Evangelho podemos constatar que Ele se encontrava com os doentes para curá-los, com os endemoninhados, com os cegos, com os coxos com os paráliticos, com os aleijados, enfim com todos aqueles que sofriam com alguma forma de opressão. A finalidade de Jesus ao estar com as pessoas que carregavam na sua história a marca da opressão era de libertá-los de seus sofrimentos (Noronha, 2012, p.3).

Não se pode aqui perder de vista também as influências da pedagogia do oprimido de Paulo Freire (Alves, 1991)⁵⁷. Ademais, vários pensadores e teólogos da Igreja Católica participaram ativamente da formulação desta teologia, entre eles Pedro Casaldáliga, os irmãos Clodovis e Leonardo Boff, Frei Beto, Hugo Assmann,

⁵⁷ Ver Projeto Para Educação Básica para Baixada Fluminense. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, Secretaria de Ensino 1º e 2º graus, Fundação Nacional Para Educação de Jovens e Adultos - Educar. Fundo das Nações Unidas para Infância/UNICEF, 1986.

Maria Clara Lucchetti Bingemer, Oscar Arnulfo Romero, entre outros.⁵⁸ Dentro dos pressupostos desta teologia estava presente a importância do agir, da construção de um mundo novo espelhado nos primeiros cristãos. O reino de Deus era aqui e agora.

O papel da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) foi primordial no sentido de apresentar campanhas da fraternidade que abordassem temáticas sensíveis a sociedade brasileira. A cada campanha da fraternidade um aspecto do conjunto da vida social brasileira era analisado, discutido e a seguir, construída proposições de ações concretas para enfrentar o problema, seguindo sempre a metodologia do ver, julgar e agir. Assim foram surgindo as pastorais sociais: pastoral da terra e pastoral ecumênica, operária, da saúde, da criança e dos movimentos sociais.

A Paróquia Nossa Senhora do Pilar investiu ainda mais na formação crítica dos leigos, realizando cursos que duravam uma semana inteira, com encontros noturnos. Os lanches eram compartilhados, uma ou duas comunidades ficavam responsáveis por um lanche da noite. Os registros do vivido na noite anterior era apresentado como uma breve reprise, para favorecer a continuidade do estudo. Muitas vezes havia teólogos ou assessores do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS), órgão vinculado a CNBB; do Instituto de Estudos da Religião (ISER)⁵⁹ do CEDI⁶⁰, do NOVA⁶¹ e de outras organizações não governamentais para qualificar ainda mais o estudo e a reflexão. (Alves, 1991)

⁵⁸Noronha, Cejana Uiara Assis. Teologia da Libertação: origem e desenvolvimento in: fragmento de cultura, Goiânia, Volume V.II, número 2 páginas 185-191, abril/junho, 2012.

⁵⁹ O ISER foi fundado em 1970, em Campinas e se instalou no Rio de Janeiro em 1979. É uma organização laica da sociedade civil brasileira e produz pesquisas e intervenções sociais em duas áreas estratégicas: religião e espaço público e; direitos e sistema de justiça. Durante o período de redemocratização, o ISER contribuiu para a reorganização dos movimentos sociais e o surgimento ou fortalecimento de organizações da sociedade civil. Atuou com base no diálogo na promoção de alianças estratégicas na defesa de valores democráticos, justiça e direitos humanos. <https://iser.org.br>

⁶⁰ O CEDI nasceu da experiência do CEI – Centro Evangélico de Informação, criado em 1964/1965 por militantes ligados à Confederação Evangélica do Brasil, afastados de suas igrejas após o golpe civil-militar de 1964. Em 1968, com a incorporação de militantes católicos, o CEI passou a denominar-se Centro Ecumênico de Informação e, em 1974, institucionalizou-se como CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação. A sede inicial foi no Rio de Janeiro, mas a ampliação de suas atividades deu origem a uma subsede em São Paulo. <http://forumeja.org.br/node/2931>

⁶¹ Um grupo de profissionais, conhecedores de experiências de mobilização popular, realizadas no período, sobretudo sob a cobertura das Igrejas Católica e protestantes, reuniu-se, em novembro de 1972, para estudar as possibilidades da coordenação dessas experiências em nível nacional. Para tanto, foi realizado um seminário em uma chácara de propriedade da Igreja Metodista em São Paulo. A decisão dessa reunião foi criar uma “agência”¹ que passasse a reunir pessoas interessadas em discutir a dinâmica existente. Criou-se então o NOVA – Pesquisa, Avaliação e Assessoria, cuja equipe inicial foi constituída por Aída Bezerra, Beatriz Costa, Letícia Cotrim, Evandro Sales, à qual se

A Diocese de Petrópolis segundo Alves (1991) foi criada em 13 de abril de 1946 e abarcava a região serrana e os municípios de Magé e Duque de Caxias. Já a Diocese de Nova Iguaçu só foi criada em 26 de março de 1960. Dom Adriano Hipólito assumiu esta diocese em 1966. Como vimos anteriormente, a Paróquia Nossa Senhora do Pilar, embora estivesse subordinada a Diocese de Petrópolis, possuía mais ligação com a Diocese de Nova Iguaçu. Essa ligação foi ao longo da década de 1970 e 1980, crescendo e produzindo laços de pertencimento e de articulação. A paróquia e a Diocese de Nova Iguaçu estavam no mesmo território: a Baixada Fluminense. Compartilhavam da realidade social comum, diferente da vivida na região serrana.

A dura realidade imposta aos moradores da cidade, principalmente no loteamento Santana do Pilar, Bom Retiro, Campos Elíseos e Saracuruna, nos anos de 1970 e início de 1980, já fora mencionada anteriormente. Ruas sem pavimentação, sem iluminação públicas, áreas mais empobrecidas com casas iluminadas ainda com lamparinas, trem sempre lotado e atrasado, comida repartida, pessoas nas casas a pedir refeição ou um quilo de alguma coisa. Uma das situações mais dramáticas era a imposição do extermínio, os abusos policiais, o medo.

Quando você me pergunta sobre as minhas memórias no bairro de Jardim Primavera nos anos de 1970, lembro sempre do medo que eu tinha do esquadrão da morte. Constantemente recebíamos uma notícia de um vizinho jovem, que vimos crescer, ter sido assassinado pelo Esquadrão da Morte". Uma certa vez recebemos a notícia do desaparecimento de um primo, filho de tia Isaura. Morou algum tempo conosco. A família começou a procurar até que o encontrou morto, como indigente. Não tinha nem 17 anos. Lembro do sofrimento ao encontrar pelo caminho corpos sem vida expostos nos locais de grande circulação. Lembro-me de sair da Igreja de São Judas Tadeu para ir a Rua Dois, comprar na feira uma couve para a minha mãe. Havia um caminho, quase na lateral da delegacia de Primavera, que cortávamos para chegar em frente a Igreja Santana e a Rua Dois. Ao passar pelo caminho avistei três corpos jovens, só de cuecas, um encapuzado com uma toca, outro sem uma mão, dois negros e um magro e branquinho. Havia marcas de agressões. Essa imagem e a dor sentida de ver pessoas tão jovens assassinadas eu carrego ainda comigo. Quando já era professora, nos anos de 1980, eu trabalhei no CIEP Alceu Amoroso Lima, próximo à Praça da Rua Dois, em um loteamento mais recente, ao lado de Santana do Pila, chamado Parque Chuno. Na entrada do portão de entrada havia um senhor morto, só de bermuda jeans. Para entrarmos no

incorporou, logo depois, Jorge Muñoz e, mais tarde, Pedro Garcia e Regina Rocha. Educação Popular II (forumeja.org.br)

CIEP fomos obrigados a pular o corpo do morto. Rezei para que quando acabasse as aulas meio-dia, o corpo já tivesse sido retirado. A diretora ligou para o rabecão pegar o corpo, contudo, quando saí, o corpo ainda estava no mesmo lugar. Um portão lateral dos carros foi aberto para que pudéssemos sair. Deixar os corpos em lugares de passagem de muitas pessoas, demorar para retirar o cadáver eram estratégias tidas por eles como educativa. Você pode ser o próximo. Ficava a pensar que a vida não valia nada na Baixada Fluminense. (Souza, MarluCIA Santos de. Entrevista [nov. 2023]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade, 2023. 1 arquivo .mp3 -180 min.).

De um lado o extermínio realizado pelo Esquadrão da Morte, e depois pela Mão Branca⁶². De outro, a polícia mineira, o Pedro Capeta. Mortes encomendadas impactando familiares, vizinhos e amigos. Boa parte daqueles que viveram na Baixada Fluminense neste período tem uma história para contar como o depoimento da nossa narradora acima. Em 1978, a Comissão de Justiça e Paz da Diocese de Nova Iguaçu e o seu bispo, Bispo Dom Adriano Hipólito, lançaram uma campanha comemorativa dos 30 anos da proclamação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1948. Surgia assim, a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos. Uma das ações realizadas pela paróquia foi um encontro na igreja de Santana para uma celebração especial sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Reuniu todos os grupos de jovens, aproximadamente 200 jovens. Foram feitas leituras coletivas dos direitos humanos; denúncias das injustiças, da violência e do extermínio; cantigas populares, cantos religiosos, rituais para sensibilizar para a solidariedade e orações. Para os entrevistados, a maioria daqueles jovens nunca tinham ouvido falar em direitos humanos.

Um dos momentos mais dolorosos que experimentei em minha vida foi quando testemunhei a invasão de um camburão da PM em nosso quintal, sem pedir licença, sem ordem judicial. Naquela época não havia muro no nosso quintal, somente uma cerca de arame. Eles abriram a parte da traseira do camburão em nosso quintal e de lá retiraram meu irmão e o Claudio, um vizinho nosso, amigo da família. Eles estavam algemados. Entraram dentro de casa sem cerimônia. Meu pai e minha mãe tentaram indagar acerca do que estava acontecendo e não ouvimos nenhuma explicação. Revistaram a casa atrás de uma arma e encontraram uma espingarda de matar passarinho, velha, sem uso. Meu irmão estava com sede, me pediu um copo de água. Fazia muito calor, mas o PM não permitiu que eu lhe desse o copo com água. A seguir partiram para a casa do Claudio. Eles passaram a noite na delegacia e já haviam sofrido anteriormente agressões no interrogatório. Meu irmão possuía apenas 17 anos. O desespero parecia tomar conta de todos nós. Aos poucos foram

⁶². Alves, J. C. S. Dos Barões ao Extermínio: uma história da violência na Baixada. Fluminense. Duque de Caxias, RJ: APPH, CLIO, 2003.

chegando vizinhos de tudo quanto é lado. Eles queriam ajudar e sugeriram uma ida coletiva até o inspetor Castro, residente nas proximidades e vendedor de lotes nos arredores. O inspetor foi a delegacia com o meu pai e lá descobriram que eles estavam sendo acusados de assalto em um ônibus. O inspetor identificou que a descrição dos assaltantes, utilizado para a prisão, não era nada semelhante ao meu irmão. Os assaltantes eram negros e altos. Meu irmão era baixo e de pele clara, mas tinha o cabelo black. No dia seguinte, sem nenhum pedido de desculpas, eles foram soltos. Meu irmão nunca se recuperou da violência sofrida. (Souza, Marlucia Santos de. Entrevista [nov. 2023]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade, 2023. 1 arquivo .mp3 (180 min.).

Para a entrevistada Marlucia a experiência familiar e a violência que testemunhara no bairro em tempos de ditadura civil-militar, contribuíram para que ela reconhecesse importância da Comissão de Direitos Humanos e da vida humana. Contudo esta comissão não conseguiu realizar ações efetivas capaz de alterar a realidade. Para ela, era indispensável uma movimentação mais forte para assegurar a redemocratização do país.

Penso que essa experiência me fez considerar importante a Comissão dos Direitos Humanos e quis fazer parte dela, principalmente após a realização do evento com a juventude. Em 1977, fui participar de um congresso dos direitos humanos com Dom Adriano Hipólito, em Moquetá, Nova Iguaçu. Éramos cinco mulheres em um fusquinha. Quando estávamos perto do local fomos parados por companheiros da Diocese de Nova Iguaçu, pedindo que retornássemos imediatamente, a fim de evitar as nossas prisões. O DOPS havia proibido o encontro e cercou a Casa de Formação. Do fusca avistamos Dom Adriano no pátio, em uma área elevada. Retornamos apressadamente. Apesar de todas as ameaças, do sequestro e das bombas na catedral, Dom Adriano nunca deixou de denunciar o extermínio. Isso me aquecia o meu coração. Ele era de fato um defensor dos direitos humanos e a sua atuação era reconhecida na Paróquia do Pilar. Contudo, não foi possível consolidar um trabalho de apoio as famílias vitimadas e nem interromper a violência. Vi que precisávamos apostar mais na redemocratização do país. Eu fui com um grupo da paróquia participar de um ato pela Anistia Geral e Irrestrita no Rio de Janeiro. Lá eu vi a mãe do Henfil e do Betinho, familiares de Vladimir Palmeira e de tantos outros exilados. A força daquelas mulheres me impactou. Eu era apenas uma jovem naquela época, que saí de Jardim Primavera e vi pessoas corajosas ousando se manifestar. Fiquei deslumbrada. (Souza, Marlucia Santos de. Entrevista [nov. 2023]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade, 2023. 1 arquivo .mp3 (180 min.).

A partir dos depoimentos dos entrevistados listados ao início desta pesquisa, pela série Segundas Memórias, Achadouros Jardim Primavera 3 e as lives “Paróquia Nossa Senhora do Pilar e os Movimentos Sociais” I e II, disponíveis no canal do MVSB no Youtube, foi possível compreender a importância do trabalho de formação e de educação popular, realizado pela paróquia, principalmente com a juventude. Além do trabalho de formação em defesa dos direitos humanos Padre Orlando Milan dedicou-se bastante a formação da juventude, talvez por ser o mais jovem dos

padres. Aos poucos ele foi contagiado pela teologia da libertação, assumindo compromissos com a construção de uma igreja popular e com o ecumenismo ⁶³segundo as entrevistas.

Ele organizou cursos intensivos nos carnavais para os jovens sobre temáticas sociais, capitalismo e socialismo, teologia da libertação, fé e política, educação popular etc. Organizou idas dos jovens ao cinema para acessar filmes alternativos, idas as peças de teatro experimental no Teatro Cacilda Becker, adesão ao teatro do oprimido de Augusto Boal entre outras atividades. Nos encontros de formação dos jovens foram produzidas por eles várias curtas teatrais retratando criticamente e ironicamente o conjunto da vida social, vivida por eles. Foi também criado, em parceria com grupos de esquerda do bairro de Jardim Primavera, um cineclube, chamado Cine Clube Proposta. A Paróquia adquiriu um projetor de filmes, buscavam os rolos de filme na Embrafilme e projetavam nos centros comunitários ou igrejas. Foram projetados: Braços cruzados, máquinas aradas; Amuleto de Ogum; O homem que virou suco; laranja mecânica entre outros. Havia ainda o incentivo para que a juventude ingressasse na Pastoral Operária e nas Pastorais Sociais.

Figura 33 – Atividades paroquiais



(a)



(b)

⁶³ A fala sobre o ecumenismo foi verificada nas entrevistas com SR. Darcy Silva e Sra. Lair Silva, Marlucia Souza, Isa Souza e na live disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=mrwTb01dQio>



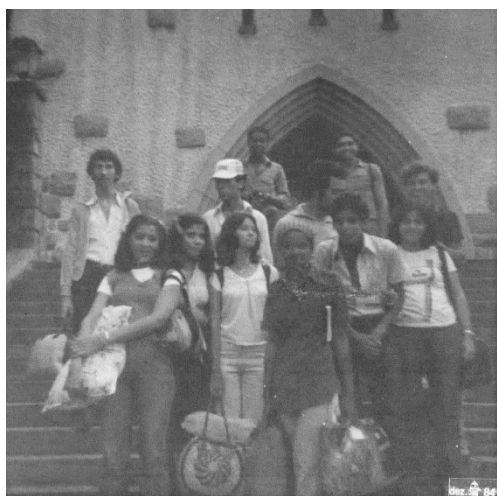
(c)

(d)

Legenda: (a) e (b) Encontros e cursos realizados no Salão da Igreja de Santana s/data; (c) e (d). Apresentação de esquetes com dramatizações e sátiras acerca realidade vivida s/data.

Fonte: Coleção Zoraida Sayão sob a guarda do CRPH/DC e MVSb, final década de 1970.

Figura 34 – Retiro dos jovens em Petrópolis durante o carnaval



Fonte: Coleção Zoraida Sayão sob a guarda do CRPH/DC e MVSb, final da década de 1970.

Figura 35– Encontro dos Grupos de Jovens



Fonte: Coleção Zoraida Sayão sob a guarda do CRPH/DC e MVSb, final da década de 1970.

Havia ainda na Paróquia dois espaços deliberativos que asseguravam a participação dos leigos nos rumos dessa igreja: Conselho Pastoral e Paroquial com

representação das principais lideranças escolhidas por cada comunidade. Juntamente com os padres deliberavam sobre os assuntos religiosos e o funcionamento paroquial; Coordenação das Pastorais Sociais e Catequese, onde os vários movimentos sociais, as pastorais sociais e a catequese trocavam informações acerca de suas respectivas ações, decidiam sobre ações conjuntas, avaliavam as lutas e experimentavam processos de formação coletivos. Os párocos convidaram Jether Ramalho da Igreja Metodista e do CEDI e o seu filho, Ricardo Ramalho, para atuarem na assessoria da paróquia. José Ricardo Ramalho passou a atuar mais na assessoria da Pastoral Operária e da Coordenação das Pastorais Sociais. Em 1981, quando aconteceu os 42 dias de greve dos trabalhadores da FIAT, ele acompanhou todo o processo. Posteriormente fez a sua tese de doutorado sobre a FNM e o movimento operário. Entre os movimentos sociais mais ativos na paróquia estava o trabalho realizado pelas comissões da saúde e pelas associações de moradores⁶⁴.

Apesar da força da teologia da libertação e de todo o envolvimento com o modelo de igreja popular, democrática e participativa, havia também uma Paróquia do Pilar, uma igreja mais conservadora, que preferia mais da oração, a contemplação, o milagre individualizado, os encontros dos cursilhistas entre outras atividades. Contudo, a Igreja das CEBs era muito potente, pois dialogava com as necessidades do povo carente que estavam presentes na região.

Dois acontecimentos impactaram bastante a Paróquia Nossa Senhora do Pilar, os ataques a Diocese de nova Iguaçu e ao seu bispo, Dom Adriano Hipólito. Em 1976, o bispo foi seguido, sequestrado, torturado e libertado no dia seguinte, graças a pressão direta da CNBB, junto ao governo militar. Ele foi internado e encontrava-se extremamente abalado. Uma mobilização popular, da Igreja Católica, de instituições nacionais e internacionais produziram um conjunto de reação a violência sofrida pelo bispo: documentos de protesto, missa em solidariedade ao bispo, manifestações. Vejamos o que diz o jornal O Globo:

Dom Adriano Hypólito, bispo de Nova Iguaçu, é sequestrado e torturado em 1976

(...) foi espancado, pintado de vermelho e abandonado nu em Jacarepaguá por agentes da ditadura. Seu carro explodiu perto da CNBB, na Glória, em

⁶⁴ Disponível Movimentos sociais e a Paróquia Nossa Senhora do Pilar (1980-1990) | #MVSBLive Roda de Memória: <https://www.youtube.com/watch?v=mrwTb01dQio>

1976, no governo Geisel. No mesmo ano em que a extrema direita do Brasil ainda matava nos porões da ditadura militar — o operário Manuel Fiel Filho foi torturado e morto em janeiro, no DOI-Codi de São Paulo, subordinado ao II Exército —, a Igreja Católica também era vítima da violência de grupos radicais, contrários ao processo de abertura política no país. No Estado do Rio, dom Adriano Hypólito, bispo de Nova Iguaçu, foi sequestrado por seis homens armados no dia 22 de setembro: encapuzado e algemado, sofreu torturas.

Personagem central da história da Igreja na Baixada Fluminense e da luta por direitos humanos durante a ditadura (1964-1985), dom Adriano Hypólito foi sequestrado dez anos após assumir a Diocese. Após o sequestro, ele foi abandonado despido num matagal em Jacarepaguá, com o corpo pintado de vermelho. O carro do religioso, um Fusca, foi levado até as proximidades da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), na Glória, e destruído numa explosão. O atentado seria uma ação da Aliança Anticomunista Brasileira, mas nunca um envolvido foi sequer identificado ou punido pelas autoridades. O bispo foi ameaçado de morte e chegou a ser aconselhado por amigos e até por superiores a deixar a Baixada, mas ele resistiu.⁶⁵

Em 1977, o congresso de direitos humanos, organizado pela Diocese de Nova Iguaçu, foi impedido e o Centro de Formação Moquetá foi cercado. Em 1978, a Diocese criou a Comissão de Justiça e Paz. Em 1979, a catedral da diocese, Santo Antônio, foi pixada e bombardeada. Novas manifestações de protestos as agressões impostas mobilizaram pessoas, a igreja e os movimentos sociais. No documentário “Diocese de Nova Iguaçu: 50 Anos de Missão”, a irmã Maria Alcira Olga Henzel chamou este atentado de “muito violento”. Para ela, eles queriam atacar Dom Adriano Hipólito e então atacaram o essencial, Cristo. A bomba atingiu o espaço onde estava o sacrário e para os católicos, ali está o corpo vivo de Jesus Cristo, assim, eles bombardearam o corpo vivo de Jesus Cristo. Muitos choraram, se desesperaram, mas reagiram protestando contra a agressão⁶⁶. Vejamos o que nos diz O Globo sobre esses ataques:

Nascido em Aracaju, em 18 de janeiro de 1918, Adriano Mandarin Hypólito foi ordenado padre em Salvador, em 1942. Frade franciscano, ele atuou até o início dos anos 60 no Seminário de Ipuarana, na Paraíba, ocupando os cargos de prefeito e diretor de Estudos; e sua ordenação como bispo ocorreu na capital baiana, em 1963. Além de estudar teologia em Salvador, ele aprendeu filosofia em Olinda. Amigo do escritor Manuel Bandeira, dom Adriano Hypólito também produziu na literatura e na música. Na Baixada Fluminense, vigiado pelos órgãos de repressão na década de 70, o bispo

⁶⁵ VILLELA, Gustavo. Dom Adriano Hypólito, bispo de Nova Iguaçu, é sequestrado e torturado em 76. Publicado em 22/09/16. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/dom-adriano-hypolito-bispo-de-nova-iguacu-sequestrado-torturado-em-76-20160361#ixzz8wHzjyx6ostest>

⁶⁶ Para ver o documentário acessar: <https://youtu.be/ZbAAqxrNt2c?si=LWf9zLqUysYHbGhL>

manteve suas atividades na Igreja e seu trabalho social, voltado para a população mais pobre. Acusado de comunista, chegou a afirmar, certa vez, que nunca teve simpatia pela ideologia marxista, rechaçando também o título de progressista.

As ameaças a dom Adriano, no entanto, não cessaram. Crítico do regime autoritário e classificado como um dos “bispos vermelhos” por militares da linha-dura, um ano após o seu sequestro dom Adriano Hypólito viveu outra intimidação de agentes da ditadura. Em 19 de junho de 1977, homens armados até com metralhadora invadiram o Centro de Formação de Líderes da Igreja, em Nova Iguaçu — que hoje guarda o acervo do bispo — e impediram a realização de congresso sobre direitos humanos.

Em meio a novas ameaças de sequestro, a escalada das ações terroristas registrou ainda duas outras ações que marcaram a Baixada Fluminense. No dia 9 de novembro de 1979, a Catedral de Santo Antônio de Jacutinga, sede da Diocese da cidade, e a igreja do bairro da Prata amanhecaram pichadas com frases escritas com tinta spray vermelha: “Aqui sede do PCB” e “O bispo é comunista”, entre outras injúrias contra dom Adriano. E no dia 20 de dezembro de 1979, uma bomba explodiu no altar da catedral da Diocese. Ouvida num raio de um quilômetro, a explosão destruiu portas, janelas e o sacrário, ferindo levemente um operário que montava um presépio de Natal. Em 1993, dom Adriano Hypólito inaugurou o Centro de Direito Humanos da Diocese de Nova Iguaçu. Em 1994, após 28 anos à frente da Diocese, deixou o cargo por ter completado 75 anos⁶⁷.

No arquivo desta reportagem do jornal O Globo é possível encontrar várias imagens desses atentados realizados contra Dom Adriano Hipólito e a Diocese de Nova Iguaçu. Elas são impactantes e podem favorecer a nossa conexão com esse passado que nem é tão distante assim do presente.

Figura 36 – Fusca de Dom Adriano Hipólito



Fonte: O Globo, 23 set.1976.

⁶⁷ Disponível em Acervo O Globo: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/dom-adriano-hypolito-bispo-de-nova-iguacu-sequestrado-torturado-em-76-20160361#ixzz8YVgaJIOV> . Acesso em janeiro de 2024.

Figura 37 – Interior da catedral da Igreja Santo Antônio da Jacutinga. Bomba destrói altar do Santíssimo Sacramento



Fonte: O Globo, 20 dez.1976

Figura 38 – Pintura na porta da igreja dizendo que o bispo é comunista



Fonte: O Globo, 20 dez. 1976

Após a sua recuperação Dom Adriano ainda denunciou em uma missa o Esquadrão da Morte e o nome de seu torturador. Contudo, nenhuma punição foi imposta a ele e a impunidade imperou.

Figura 39 – Movimento



Fonte: Le Monde. Edição Semanal Número 231 – 3 a 9 de dezembro de 1979. Acervo MVSb e CRPH/DC, 1979.

Várias pessoas da Paróquia Nossa Senhora do Pilar, incluindo os padres, participaram da missa em Nova Iguaçu, para prestar solidariedade ao bispo e a diocese. A cada ação pastoral conjunta, a proximidade da Paróquia Nossa senhora do Pilar com a Diocese de Nova Iguaçu, crescia. Até a Folha de Domingo da diocese de Nova Iguaçu passou a ser utilizada nas missas das comunidades da Paróquia do Pilar. Em contrapartida, crescia também a distância e as críticas à Diocese de Petrópolis. Localizamos no arquivo do MVSb e CRPH/DC uma pasta com documentos do Arquivo Nacional contendo relatórios produzidos pelo SNI – Sistema Nacional de Informação⁶⁸, referentes ao município de Duque de Caxias. Entre os

⁶⁸ O SNI foi instituído pela Lei Nº 4.341, de 13 de junho de 1964. Seu Artigo 1º dizia: “É criado, como órgão da Presidência da República, para os assuntos atinentes à Segurança Nacional, operará também em proveito do Conselho de Segurança Nacional”. Já o Artigo 2º estabelecia suas funções: “O Serviço Nacional de Informações tem por finalidade superintender e coordenar, em todo o território nacional, as atividades de informação e contrainformação, em particular as que interessem à Segurança Nacional”. Custodiado pelo Arquivo Nacional, o fundo compreende documentos produzidos pelo SNI e recebidos dos diversos órgãos que compunham o extinto Sistema Nacional de Informações (SISNI), entre eles as unidades de inteligência das Forças Armadas e da Polícia Federal, contendo papéis sobre repressão a organizações de esquerda, anistia, prisões, partidos políticos, movimentos populares, sindicatos, Igreja, universidades e movimento estudantil, asilo político,

documentos selecionamos o relatório 1264/79, relativo à realização do Ato Público pela Anistia, realizado em 12 de agosto de 1979, com o veto da Diocese de Petrópolis. O documento revela momentos de tensões entre a Diocese e a Igreja Matriz de Santo Antônio quando ela, segundo o documento, proibiu na última hora a realização de um encontro e depois de um ato do Comitê Brasileiro de Anistia Subseção Duque de Caxias. Por conta da proibição o ato foi realizado na Praça Roberto Silveira, em frente à sede da Prefeitura. Havia inclusive no relatório uma cópia do panfleto distribuído no ato. Vejamos o documento (Figura 40):

Figura 40- 1264/79. Ato Público pela Anistia com o veto da Diocese de Petrópolis

CONFIDENCIAL

PRO-3483/79

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA RIO DE JANEIRO
INFORMAÇÃO Nº 169 / 119 / ARJ/79

DATA	31 AGO 79
ASSUNTO	COMITÊ BRASILEIRO PELA ANISTIA - SUBSEÇÃO DUQUE DE CAXIAS
REFERÊNCIA	
ÁREA	
PAS	
DIFUSÃO ANT.	AC/SNI
ANEXO	Cópia xerográfica do panfleto

1 - Realizou-se, entre 10,00 e 13,00 horas do dia 12 ago 79, na Av. Presidente Vargas, ao lado da Praça Governador Roberto Silveira, em DUQUE DE CAXIAS/RJ, um ato público promovido pelo COMITÊ BRASILEIRO PELA ANISTIA - CBA, Subseção DUQUE DE CAXIAS.

2 - A manifestação estava prevista para ser realizada na Igreja Matriz de Santo Antonio, em DUQUE DE CAXIAS, porém, à última hora, a DIOCESE DE PETRÓPOLIS vetou a cessão do templo.

3 - Foi constatada a presença do Dep. Est. MARCELO CERQUEIRA e do Vereador JORGE ROBEIRO.

4 - Houve distribuição de panfletos o que, no entanto, não motivou o interesse do público.

5 - Às 13,00 horas, os integrantes do CBA dirigiram-se para a sede provisória da associação, localizada na Av. Presidente Kennedy, 1879, em DUQUE DE CAXIAS, onde permaneceram em reunião. No citado local, o CBA reúne-se todos os sábados, às 10,00 horas.

* * *

TODA PESSOA QUE TOCAR
NESTE DOCUMENTO
FICA RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO
DO D.C. Nº 14.099/77 - RJ-53

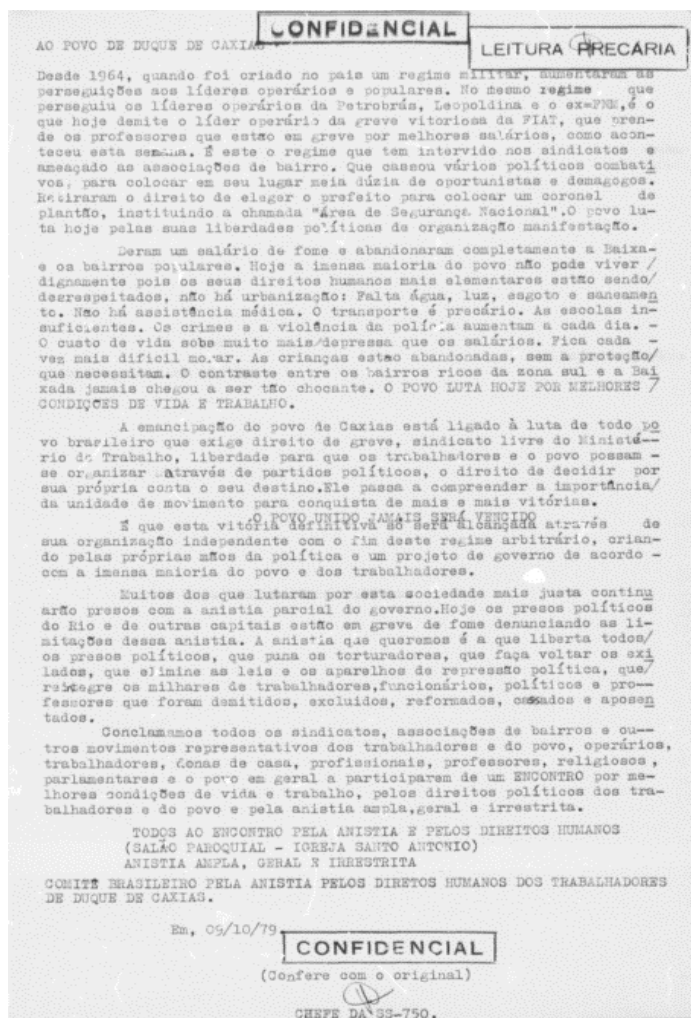
LEITURA PRECÁRIA

CONFIDENCIAL

Fonte: Documentos do Arquivo Nacional – SNI (Sistema Nacional de Informação), 1979.

guerrilha urbana, guerrilha rural, terrorismo, relações internacionais, cassação de mandatos e direitos políticos. Tais documentos podem ser consultados presencialmente ou pela internet, por via do Banco de Dados Memórias Reveladas e do Sistema de Informações do Arquivo Nacional - SIAN. [Serviço Nacional de Informações - SNI — Arquivo Nacional » Memórias Reveladas \(www.gov.br\)](http://www.gov.br)

Figura 41- Carta aberta distribuída no ato público e anexada no relatório acima



Fonte: Comitê brasileiro pela anistia pelos direitos humanos dos trabalhadores de Duque de Caxias. 09 out. 1979- Carta anexada no documento do SNI.

Na carta aberta os manifestantes protestam contra as prisões das professoras e lideranças da greve dos professores da rede pública estaduais, realizada neste anos de 1979; contra a demissão da liderança da greve da FIAT, antiga FNM; as perseguições e demissões das lideranças da Petrobrás (Reduc), da Estada de Ferro Leopoldina e da antiga FNM; as intervenções nos sindicatos; as perseguições as associações de moradores; a manutenção dos exilados fora do país; a cassação de políticos combativos; a negação do direito de eleger o prefeito da cidade. Defendiam: anistia, geral e irrestrita; sindicatos livres, direito de greve, retorno do pluripartidarismo, eleição direta para prefeito de Caxias. No documento é possível

ver ainda, o protesto acerca da precarização das condições de vida daqueles que moram na cidade de Caxias e em toda a Baixada Fluminense, assim como, a desigualdade ou abismo existente entre este território periférico e a Zona Sul do Rio de Janeiro. Como podemos observar em parte da carta citada abaixo:

Deram um salário de fome e abandonaram completamente a Baixada e os bairros populares. Hoje a imensa maioria do povo não pode viver dignamente pois os seus direitos humanos mais elementares estão sendo desrespeitados, não há urbanização: falta água, luz, esgoto e saneamento. Não há assistência médica. O transporte é precário. As escolas insuficientes. Os crimes e a violência da polícia aumentam a cada dia. O custo de vida sobe muito mais depressa que os salários. Fica cada vez mais difícil morar. As crianças estão abandonadas, sem a proteção que necessitam. O contraste entre os bairros ricos da zona sul e a Baixada jamais chegou a ser tão chocante. O POVO LUTA HOJE POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA (Fragmento da Comitê brasileiro pela anistia pelos direitos humanos dos trabalhadores de Duque de Caxias. 09/10/1979- Carta anexada no documento do SNI. Acervo CRPH/DC- MVSB).

Esse documento é bastante revelador das tensões existentes entre os movimentos sociais, os setores mais progressistas da Igreja Católica e a postura mais conservadora da Diocese de Petrópolis. Movimentações começaram a surgir no interior da Baixada com vistas a sensibilizar a CNBB para criação de mais uma diocese no território.

Havia as torcidas para que o bispo fosse progressista ou da teologia da libertação. Em 11 de outubro de 1980, foi criada a Diocese de Duque de Caxias e de São João de Meriti, contudo, a sua instalação só ocorreu em 12 de julho de 1981. O bispo era um paulista, progressista e da teologia da libertação. Vejamos com o relatório do SNI descreve o bispo Dom Mauro Morelli:

Figura 42- 03222/82.

028761 82

CONFIDENCIAL

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA CENTRAL

INFORME Nº **03222** /42/AC/82

DATA : 25 OUT 82.

ASSUNTO : ATIVIDADES DE DOM MAURO MORELLI.

ORIGEM : ARJ/SNI.

AVALIAÇÃO : A-1.

DIFUSÃO : SE-06.

MAURO MORELLI, bispo de DUQUE DE CAXIAS/RJ, é progressista, defensor da Teologia da Libertação, tem atualmente propugnado mudanças do Governo e no regime e atua através das Comissões Pastorais da Terra (CPT) e Pastorais Operárias (PO), com ligações com o MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro) e PC do B.

* * *

Fonte: Documentos do Arquivo Nacional – SNI. Dom Mauro Morelli, 1982.

O bispo chega na cidade de Duque de Caxias ainda governada por interventores, mas vivendo as movimentações em defesa da redemocratização do país. Território impactado pela efervescência dos movimentos sociais; pela força do novo sindicalismo, da greve dos trabalhadores da FIAT contra o desemprego em 1981; da presença de um ecumenismo construído principalmente nas lutas pela reforma agrária em Xerém. Ao chegar, logo participou de um ato ecumênico conjuntamente com a Igreja Metodista e com a Assembleia de Deus em apoio a

greve dos trabalhadores da FIAT. A repercussão foi tanta, que quase que o bispo não conseguiu assumir o seu cargo

Dois acontecimentos marcaram a história das dioceses de Nova Iguaçu e de Duque de Caxias na década de 1980, o Encontro Latino-Americano de Solidariedade (Figura 41) sediados realizado em Nova Iguaçu, em 1988; e o 7º Encontro Intereclesial de Comunidades Eclesial de Base, sediado em Duque de Caxias, em 1989. Leigos, padres e bispos do Brasil participaram desses encontros. Uma das presenças marcantes foi a do bispo de São Felix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, conhecido por sua longa atuação na defesa dos povos indígenas e da luta antirracista.

Figura 43 - Encontro Latino-Americano



(a)

(b)

Legenda: (a) No centro com uma folha levantada para cima está Maria Melânia. Coleção Maria Melânia Ferreira da Silva; (b) Equipe de apoio a realização do encontro, onde pode ser visto da esquerda para a direita Leu Cruz, João, Dom Pedro Casaldáliga, Marlucia Santos de Souza, José Claudio Souza Alves (atrás), Gelson Martins, Régula (da Alemanha) e Celso Carias. Com exceção de Régula, todos os demais faziam parte do MUB, principalmente da Comissão de Educação.

Fonte: Acervo de Leu Cruz, 1989.

Nas documentações do SNI, há registros sobre o encontro das CEBS, realizado em Caxias. O documento¹ diz: “A Diocese de Duque de Caxias ficou responsável por organizar o 7º Encontro Intereclesial de Comunidades Eclesial de Base, a se realizar de 10 a 14 de julho de 1989...Dom Mauro Morelli ...convidou as autoridades da região para uma reunião, as 15 horas, na Cúria Diocesana de Caxias”. Havia inclusive um anexo ao documento: uma cópia do ofício produzido pela diocese, assinada pelo bispo Dom Mauro Morelli. Veja a Figura 42 a seguir:

Figura 44- Ofício produzido pela diocese

23/04

CONFIDENCIAL

Fls. 01

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

ESTADO-JULIOR

Rio de Janeiro
Em 21 JUL 89



A ATIVIDADE DE INFORMAÇÕES É EXTREMAMENTE
HONRÁVEL, PORQUE AQUELE QUE DELA SE VALE PARA
FIM INCONGRUO.

INFORME Nº 0220 - 20/09/20H/PHERJ

ASSUNTO: 7º ENCONTRO INTERECLESIAL DE CEBS, EM DUQUE DE CAXIAS/RJ

1 ORIGEM: PHERJ

2 AVALIAÇÃO: A-1

3 DIFUSÃO: GEL - 1º DM - III COMAR - ABJ/SNI - SI/30/DPF/RJ.

4 DIFUSÃO ANTERIOR: -x-

5 ANEXO: cópia de um ofício

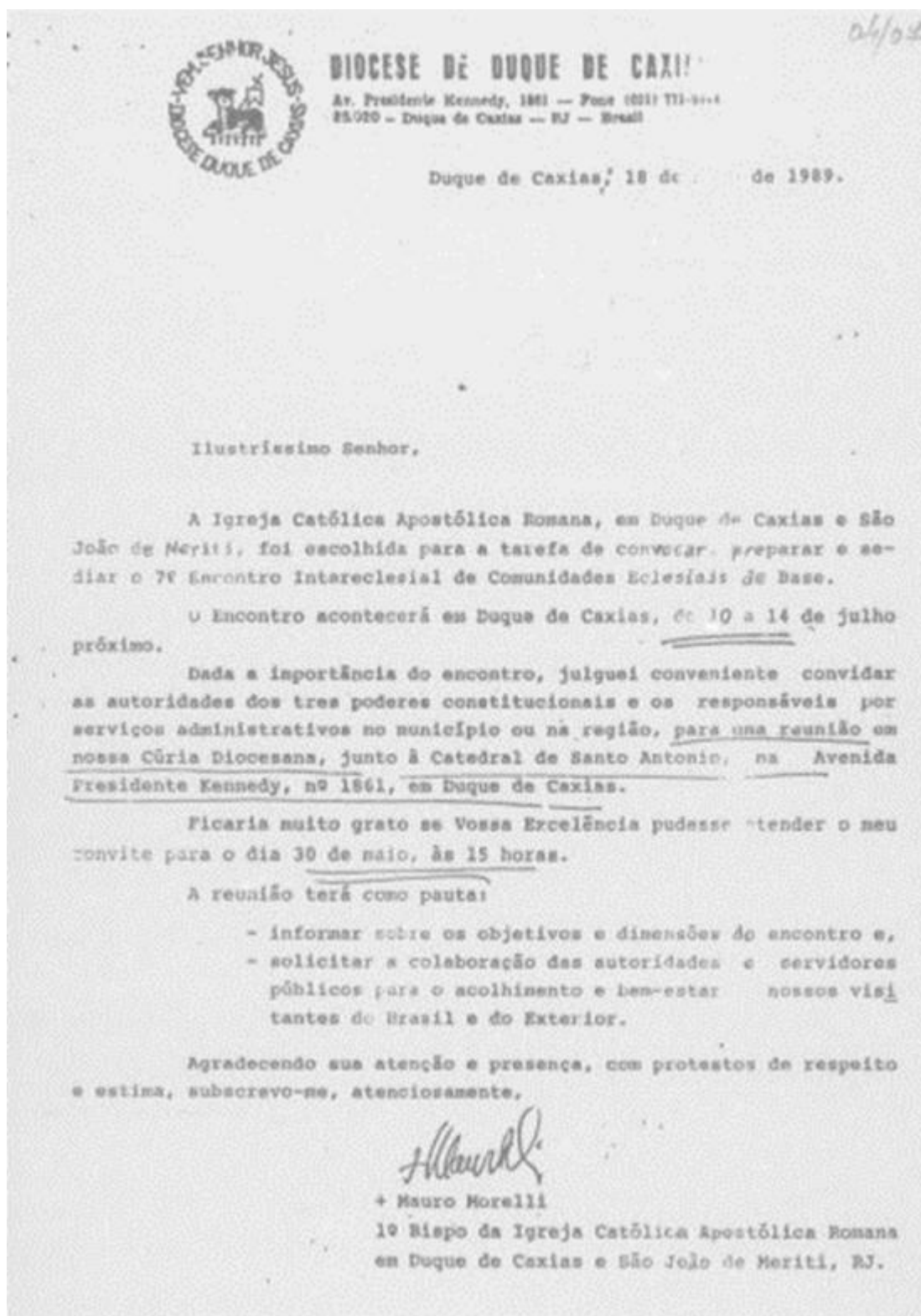
7 REFERÊNCIA: -x-

1. A DIOCESE DE DUQUE DE CAXIAS/RJ foi incumbida de organi-
zar e sediar o 7º ENCONTRO INTERECLESIAL DE COMUNIDADES ECLESIAIS DE BA-
SE, a realizar-se no período de 10 a 14 JUL 89.

2. Para esclarecer objetivos e disposições do aludido Encon-
tro, D. MARIO MORELLI, Bispo Diocesano de Duque de Caxias e São João de
Meriti, convidou as autoridades da região para uma reunião às 1500h do
dia 30 MAI 89, na Cúria Diocesana de Caxias (Av. PRESIDENTE KENNEDY, 1061
- DUQUE DE CAXIAS/RJ).

Fonte: Encontro das CEBS. SNI - Sistema Nacional de Informação. Documentos do Arquivo Nacional, 1989.

Figura 45- Documento da Diocese de Duque de Caxias convocando a comunidade para o Encontro Intereclesial de Comunidades Eclesiais de Base de 1989



No arquivo do CRPH/DC e do MVSB, localizamos um álbum de fotografias do 7º Encontro. Foram realizadas várias celebrações da catedral de Santo Antônio, reuniões no prédio anexo a Catedral e um grande encontro no Estádio Correia Meyer, situado no bairro 25 de agosto. Leigos e padres da Paróquia do Pilar participaram ativamente desse encontro.

Figura 46- 7º Encontro Intereclesial na Catedral de Santo Antônio



Legenda: 7º Encontro Intereclesial na Catedral de Santo Antônio, no prédio anexo da Cúria Diocesana e no Estádio Correia Meyer.
Fonte: Acervo CRPH/DC e MVSB, 1989.

A escolha das duas dioceses da Baixada Fluminense para a realização de encontros importantes para a igreja que fez opção pelos pobres, revela o quanto estas dioceses possuíam representatividade a nível estadual e nacional para as CEBs. No próximo capítulo poderemos ver com mais detalhamento os movimentos sociais conectados com a Paróquia do Pilar, o MUB e a AMAJAP.

3 LUTAS POR DIREITOS SOCIAIS E PELA REDEMOCRATIZAÇÃO E AS CONQUISTAS NA EDUCAÇÃO

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la,
mirá-la por admirá-la, isto é,
iluminá-la ou ser por ela iluminado.
Antônio Cícero

É no cenário de abertura política lenta e gradual que os movimentos sociais afirmaram sua atuação na luta por direitos e pela redemocratização do país. As lutas operárias e camponesas se conectaram mais frequentemente com as reivindicações e as lutas dos movimentos sociais urbanos, sobretudo com as das dioceses vinculadas a teologia da libertação. Esse cenário de aparente abertura política pode deixar os vestígios ou as heranças da ditadura militar invisibilizados. Vale lembrar os horrores vividos no Brasil após a instalação do Ato Institucional Número V: direito de estabelecer recesso no Congresso Nacional; cancelamento de Habeas Corpus, poder de cassar, demitir, aposentar e remover cidadãos; intensificação da ação do Sistema Nacional de Investigação (SNI) para vigiar e registrar as movimentações dos indivíduos e dos movimentos, inclusive com a instalação de infiltrados para obter informações mais detalhadas das organizações sociais.

As heranças dos tempos mais duros ainda estavam ali no cotidiano da vida dos trabalhadores, inclusive em seus lugares de moradia: inúmeros exilados; uso de violência policial para conter manifestações; manutenção do município de Duque de Caxias como Área de Segurança Nacional até 1985; manutenção de extermínio para proteger a propriedade privada; inflação desenfreada; pobreza e concentração de renda; inúmeros desaparecidos e mortos; manutenção do medo como moeda de controle, instalações de bombas como a do Rio Centro e da Catedral de Santo Antônio, em nova Iguaçu; presença ainda de sindicatos sob a intervenção; precarização das condições de vida, principalmente nas periferias; efeitos das privatizações, etc.

Frente a esta realidade imposta, os trabalhadores transitaram entre a subordinação e a resistência em seu local de trabalho na cidade de Duque de Caxias, em seu lugar de moradia nos bairros periféricos e de fé, construindo experiências coletivas de luta por melhores condições de vida, tecendo alternativas de resistência e de movimentos pela redemocratização. Em algumas lutas eles obtiveram conquistas e em outras, sofreram derrotas. Todavia a formação política e a educação popular construída no processo de mobilização e de organização do movimento; nas realizações dos atos públicos; na formulação dos documentos; nos debates internos e com as agências públicas ou autoridades; nos enfrentamentos com as forças de repressão; nas avaliações do vivido; nas análises de conjuntura com vistas a pensar os passos das ações, favoreceram alargamento da visão de mundo desses trabalhadores militantes⁶⁹.

A escolha desse objeto não foi fácil e a escrita sistematizadora dessa pesquisa trouxe desafios ao longo do caminho. Isso porque tratar dos movimentos sociais em uma temporalidade curta, mas intensa e complexa, marcada por diversas experiências de lutas narradas pelos militantes e de movimentos sociais marcados por muitas conexões estabelecidas. Entre elas: as CEBs e a teologia da libertação no interior da igreja católica; o movimento sindical e de oposição sindical; a reorganização das lutas pela terra; as movimentações em defesa da redemocratização do país e das lutas por direitos fundamentais; a instaurações de movimentos sociais urbanos e populares dos trabalhadores em seu lugar de moradia (associações de moradores), e, dá-se de passagem, um lugar de moradia periférico da região metropolitana do Rio de Janeiro.

(...) com o agravamento da crise econômica, política e social, associado a um certo amortecimento do autoritarismo, os movimentos populares começaram a ganhar mais representatividade na luta por melhorias nos serviços urbanos de transportes, pelo direito a habitação e a carestia. Dentre os movimentos sociais de destaque que emergiam nesse período, se destacam: Movimento do Custo de Vida (MCV) ou Movimento Contra Carestia (MCC), as Comunidades Eclesiais de Base (CEB) e as associações de moradores.

Além disso, deve-se destacar uma nova expressão sindical no Brasil, chamado por Almeida (1996) de sindicalismo de confrontação. Um dos sinais desta movimentação está no fato de que entre 1978 e 1986 foram registrados, segundo Fernandes (2004). “3.264 greves no país em seu meio urbano, nos setores industriais, da construção civil, assalariados de classe

⁶⁹ Este trabalho analisa diferentes movimentos sociais na cidade de Duque de Caxias. Revelando, portanto, relações de resistência. Em contrapartida, em várias situações de descaso e abuso do poder público, nem sempre a sociedade civil conseguiu reagir.

média (funcionários estatais, professores e servidores públicos) e trabalhadores de base em serviços, tais como motoristas e cobradores de ônibus (Cruz, 2018, p.76).

Inicialmente esta pesquisa estava centrada na investigação dos movimentos sociais em Jardim Primavera, com destaque para as lutas pelo direito a educação. Contudo, ao iniciar a escuta dos depoimentos dos militantes nos “Achadours Jardim Primavera”, na série “Segundas Memórias”, nas “Rodas de Memórias dos Movimentos Sociais e a Paróquia Nossa Senhora do Pilar”, e nas entrevistas realizadas por esta pesquisa, foi possível identificar aspectos do cenário vivido na época, a percepção que os narradores tinham da realidade local e das memórias das lutas travadas. Todas elas conectadas. Nesse sentido, consideramos relevante levar isso em consideração.

Entres as memórias lembradas encontram-se algumas conquistas tais como: as passarelas, a reforma da Escola Municipal Marcílio Dias, a instalação e ampliação do ginásio e depois do Segundo Grau no Colégio Estadual Alexander G. Bell, a construção do CIEP Henrique Teixeira Lott⁷⁰, o fechamento da Maternidade de Jardim Primavera, limpeza de rios e canais, a eletrificação do trem até Saracuruna, a reabertura do Posto de Saúde de Jardim Primavera, a construção do Hospital Geral. Havia, portanto, um reconhecimento dos depoentes da importância das lutas realizadas no passado para a conquista de direitos básicos, embora nem todas as lutas tenham sido vitoriosas.

Impactada pela escuta das falas dos moradores, reconheci a importância de investigar melhor esse processo vivido, de pensar o lugar a partir também das “Histórias Contadas” por aqueles que viveram e dos muitos silêncios e esquecimentos acerca dessas lutas, pois a história oficial por muito tempo silenciou essas vozes ou as manteve no esquecimento. Sequer reconheceu as oralidades e as narrativas como fontes, como documento. Foi a partir dessa perspectiva que começamos a ver a relevância de compreender mais profundamente essas pessoas, as conexões estabelecidas entre os vários movimentos e a Paróquia do Pilar, as práticas de educação política instituídas.

⁷⁰ Entrevista realizada com Lair Santana da Silva e Darcy da Silva em 23/09/2023 para esta pesquisa. Alair foi uma das mais importantes militantes da AMAJAP e Darcy foi presidente da associação de moradores e foi diretor do MUB. Os dois faziam parte da Paróquia Nossa Senhora do Pilar. Eles relataram a luta pelas escolas e pela reforma da escola Marcílio Dias.

Aspecto importante também a considerar foi a relação desses movimentos sociais com o período de ditadura civil-militar e de construção de movimentações em defesa da redemocratização. A Associação de Moradores e Amigos de Jardim Primavera (AMAJAP), por exemplo, não se movimentou apenas pela garantia de direitos básicos e de urbanidade do bairro, mas também atuou nas lutas pela redemocratização tais como o Movimento pela Anistia, as Diretas Já, Constituinte Já. O movimento pelas diretas já foi iniciado em maio de 1983, ganhou dimensões políticas e sociais mais amplas culminando numa série de comícios, nos primeiros meses de 1984. A AMAJAP enviou um ônibus lotado de moradores para a passeata das Diretas Já em abril de 1984⁷¹.

A escuta de narradores trabalhadores e militantes da cidade de Caxias contribuiu para pensarmos acerca das contribuições do historiador inglês, Eduard Thompson⁷² acerca da construção da consciência de classe. O quanto as experiências instituídas pelos trabalhadores a partir do lugar que ocupam na sociedade são fundamentais para a construção da consciência de si e do contexto social vivido. Experiências estas que contribuíram para a formação política e o ingresso de militantes não apenas nas lutas reivindicatórias por direitos e melhores condições de vida, mas, também, nas lutas pela abertura política.

O historiador Edward Thompson é uma referência importante para aqueles que querem trabalhar com os movimentos sociais. Ele fez parte de um núcleo de estudos denominado de “Marxistas Humanistas” formado por Raymond Williams, Jonh Saville, Eric Hobsbwan, Doroty Thompson entre outros. Atuou na educação e na formação de jovens e adultos trabalhadores. Dedicou grande parte das suas pesquisas a história da classe operária na Inglaterra no século XVIII, investigando as ações coletivas originárias dos movimentos sociais e populares. Queria ele escutar as vozes dos comuns, dos trabalhadores, daqueles que resistiram, assim como, analisar as estratégias operadas por eles frente a realidade material vivida. Como historiador estava interessado em compreender os processos históricos, a realidade concreta vivida pelos trabalhadores e as respostas construídas por eles coletivamente.

⁷¹ De acordo com a entrevista concedida por Darcy Silva diretor do AMAJP e MUB e Marlucia Santos de Souza.

⁷² THOMPSON, E. A Formação da Classe Operária Inglesa.

Nas suas obras “Singularidades dos Ingleses” e “Formação da Classe Operária Inglesa”, o autor se nega a impor padrões comportamentais que possam caracterizar as movimentações dos trabalhadores como a de afirmação da existência de uma consciência de classe ou a inexistência dela, ou ainda, a existência de uma falsa consciência. Para ele a consciência de classe se faz no fazer, ou seja, nas ações coletivas, nos processos de formação enquanto se organiza o movimento, não cabendo ao historiador julgar essas ações como falsas ou verdadeiras. O mais importante seria analisar e compreender como esses movimentos foram construídos. Nesse fazer-se nos movimentos se constrói consciência de si ou do lugar que eles ocupam na sociedade. Para analisar esses movimentos o historiador deveria estar atento as produções deles tais como: os panfletos, os cartazes, as cartas, os manifestos, as poesias, os cantos, os periódicos. Estar atento a cultura popular desses trabalhadores e a escuta das suas vozes. Como ouvir as vozes do passado? Uma das estratégias encontrada pelo historiador foi o de recorrer aos processos criminais, onde se é revelado vozes dos que estavam fora da ordem ou da lei, vozes da contestação ou da rebeldia aos regulamentos por exemplo.

Segundo João Alfredo Campos Melo Junior⁷³ o historiador inglês Edward Thompson desejou se tornar um historiador da classe operária e das ações coletivas originárias dos movimentos sociais. Apesar de ser um crítico a produção historiográfica inglesa orientada pelo estruturalismo apresentada por Althusser, o autor não desconsiderava as estruturas, os contextos e a materialidade vivida pelos trabalhadores. Para ele, as ações coletivas só se fazem justamente dentro de uma dada realidade material concreta. Para investigar a história da classe operária, Thompson perseguiu as experiências históricas e culturais construídas pelos trabalhadores da Inglaterra no século XVIII. Ao construir o conceito de experiência, o autor identifica a existência de uma experiência que é a vivida e a experiência que é percebida, inclusive por aqueles que a viveram. Analisa a formação da classe operária inglesa situada em um contexto de industrialização, investiga as primeiras associações de trabalhadores ingleses do século XVIII e afirma que das múltiplas experiências que se constitui a classe social e suas diferentes formas de ações

⁷³ MELO JUNIOR, João Alfredo Costa de Campos. O Conceito de experiência histórica em Edward Thompson. Anais do XXVI Simpósio nacional de História – ANPUH. SP: julho de 2011.

coletivas. Thompson afirmou que “Na história nenhuma formação de classe é mais autêntica ou mais real que outra. As classes se definem de acordo com o modo como tal formação acontece efetivamente”. Para o autor não se pode desconsiderar que o processo de autoformação acontece efetivamente a partir das experiências históricas conquistadas e aprendidas por homens e mulheres concretas. (Melo Junior, 2011).

Os caminhos propostos por Thompson são aqui também considerados. Para estudar os movimentos sociais urbanos em Duque de Caxias e na Baixada Fluminense se faz necessário estar atentos as vozes dos trabalhadores, seja através das suas produções, seja através da escuta de seus depoimentos sobre as experiências vividas e percebidas por eles. Estar atentos a temporalidade pesquisada, as estruturas materiais, as conjunturas, as experiências históricas e cultural, aos processos formativos construídos pelos trabalhadores.

No processo de luta pela redemocratização esses atores sociais e os seus espaços comuns de fé e de militância vivenciaram a conquista do pluripartidarismo e experimentaram debates e escolhas políticas partidárias. Muitos desempenharam uma militância na criação do PT (Partido dos Trabalhadores) e do PDT (Partido Democrático Trabalhista) em Duque de Caxias ou ainda, retornaram para as atuações nos partidos comunistas (PCB e PC do B), restaurando processos de disputa de poder.⁷⁴

As fontes que utilizamos para apresentar esse cenário político a época em Duque de Caxias nos evidencia a organização na Paróquia quanto ao debate que estava em curso no país sobre reorganização partidária do país como verificamos em discussões nas obras de Medeiros (1998) e Da Matta (2007). Embora a investigação do processo de formação dos partidos políticos na cidade de Duque de Caxias, após a instalação do pluripartidarismo no início dos anos de 1980, não faça parte dos estudos desta pesquisa, por conta da complexidade da temática e do pouco tempo disponível para a produção da dissertação, consideramos ao menos mencionar que os militantes dos movimentos sociais aqui estudados, participaram

⁷⁴ Levantamento através dos relatos das entrevistas, foi possível identificar a atuação de militantes da Associação de Moradores e Amigos de Jardim Primavera no processo de luta pela abertura política, adesão e construção de partidos políticos após o retorno do Pluripartidarismo. Muitos dos articuladores do movimento faziam parte da Paróquia Nossa Senhora do Pilar. Eles faziam parte das comunidades de Santana do Pilar e de São Judas Tadeu.

ativamente desse processo de redemocratização e debate partidário. Segundo os militantes entrevistados da AMAJAP, a Paróquia do Pilar organizou um grupo de pesquisa, formado principalmente por pessoas vinculadas as pastorais sociais, para compilar informações acerca dos partidos criados ou renascidos. Havia um roteiro estabelecido por eles: nome do partido, quem foram os seus idealizadores e construtores; as trajetórias políticas dos construtores; a estrutura partidária instituída e o projeto de sociedade presente nele.

Posteriormente, foi realizado um curso de uma semana no centro comunitário da Igreja de Santana, onde havia representantes de toda a paróquia. Neste curso o estudo sobre os partidos foi apresentado, sendo realizado após a apresentação o descarte daqueles conservadores. Dois partidos foram escolhidos, o PT e o PDT. Após intenso debate entre os dois, os participantes escolheram o PT, embora o direito individual daqueles que preferissem o PDT fosse respeitado. Nas eleições de 1982, as pastorais sociais lançaram a candidatura de Tereza Duarte (Associação de Moradores de Campos Elíseos) e Walter Neves (COMTREM e Associação de Moradores de Saracuruna) para vereadores e Aparecida Freitas (advogada vinculada aos movimentos e a paróquia) para deputada estadual. Para federal, resolveram apoiar a candidatura de dois metalúrgicos, uma liderança da FIAT e outro do Canecos. Essas informações foram retiradas das entrevistas de Dona Lair Santana, Senhor Darcy Silva e Marlucia Souza.

No que tange aos movimentos sociais na cidade, os partidos presentes entre os militantes foram o PT, o PDT, o PC do B e o PCB. No caso específico do V Congresso do MUB, realizado em 1985, foram organizadas duas chapas entre, uma formada por militantes do PT, PC do B e independentes e outra formada por lideranças vinculadas ao PDT. Nesse contexto, a Baixada estava experimentando o fenômeno chamado de “brizolismo” e do fortalecimento do PDT. Vale lembrar que nas eleições para o governo do estado em 1982, a vitória de Leonel Brizola foi impactante, tendo ele o primeiro mandato de 1983 a 1987. Na primeira eleição para prefeito de Duque de Caxias, após o fim da ditadura, realizada em 1985, o campo progressista ou de esquerda estava disputando entre si o voto popular (Medeiros, 1998).

O V Congresso do MUB foi realizado justamente em 1985, o que gerou uma disputa tensa e intensa pela direção da entidade. A chapa 1 foi formada por lideranças vinculadas ao PT, ao PC do B e independentes. Esta chapa recebeu

apoio e possuía liderança histórica do movimento que era do PDT, mas que se manteve distante da chapa 2, por ela estar alinhada a candidatura de Juberlan de Oliveira a prefeito da cidade. Havia por parte deles a compreensão de que a família Oliveira desejava expandir a sua influência sobre o movimento de bairro ou mesmo minar a autonomia do movimento, e preferiram votar nos companheiros mais antigos. O evento foi realizado no Instituto Governador Roberto Silveira, em um final de semana. Tensões e disputas aqueceram o congresso. A chapa formada por petistas, por independentes e por militantes do PC do B foi a vencedora. O número de participantes transitou entre 350 e 450 pessoas. Apesar da abertura política, o SNI estava presente no congresso registrando o acontecimento (Figura 44):

Figura 44 - 13217/86. Congresso do MUB

CONFIDENCIAL 01/03

CONGRESSO DA FEDERAÇÃO MUNICIPAL DAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES DE DUQUE DE CAXIAS (MUB)

Realizou-se nos dias 24 e 25 Mai 86, no INSTITUTO DE EDUCAÇÃO ROBERTO SILVEIRA, o CONGRESSO DA FEDERAÇÃO MUNICIPAL DAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES DE DUQUE DE CAXIAS (MUB).

O evento teve por objetivo avaliar as principais lutas específicas do MUB a fim de atualizá-las de acordo com a nova realidade sócio-política e econômica, discutir a organização dos movimentos populares, e eleger e dar posse a nova diretoria e o Conselho Fiscal da entidade.

Foi eleito e empossada a chapa nº 1, composta pelos seguintes elementos:

Presidente : JOSÉ ZUMBA, da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE VILA LEOPOLDINA IV

Vice-Presidente : RAIMUNDO FRANÇA, da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA VILA SÃO SEBASTIÃO

1º Secretário : ELIEZER DE OLIVEIRA, da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA VILA SÃO SEBASTIÃO

2º Secretário : VILMA DE MORAES, da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO PILAR

1º Tesoureiro : DAMIÃO POCIDÔNIO, do CENTRO PRÓ-MELHORAMENTO JARDIM PRIMAVERA

2º Tesoureiro : ALCINEY VIEIRA, do CENTRO PRÓ-MELHORAMENTO CENTENÁRIO

Directores sem pasta:
 HÉLIO RODRIGUES DA SILVA, da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA VILA
 CÉLIA OLIVEIRA TELES, da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO PARQUE FEIRA MAR
 MANUEL COUTINHO DA SILVA, da ASSOCIAÇÃO PRÓ-MELHORAMENTO SÃO JUDAS TADEU

Z4: BIC - SE-623
 M/RR1/00116/140/87J/090686/A1

CONFIDENCIAL 02/03

LUCIENE ALCINDA DE MEDEIROS, da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE GRAMA CHO

AURELINA DE JESUS CRUZ, da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE CAMPOS ELISEOS

JOÃO DOMICIANO DOS SANTOS, da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO PILAR

ROSANE DA SILVA BARROS, da ASSOCIAÇÃO DO PARQUE MUJSA

LAUDIRA PIMENTEL, da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO FIGUEIRA

MARIA MELÂNIA FERREIRA DA SILVA, da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE MANTIQUEIRA

ANTONIO ROCHA FREITAS, da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO PARQUE VILA NOVA

Conselho Fiscal:
Efetivos
 CELSO PINTO CÂRIAS, da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE GRAMACHO
 ANTONIO CARLOS NETO, da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO PARQUE FLUMINENSE
 JORGE PAULO DO NASCIMENTO, da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO PARQUE BEIRA-MAR

Suplentes
 MILTON BRASIL, da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO 21 DE ABRIL
 MARIA TEREZINHA GONÇALVES, da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO PARQUE FLUMINENSE
 JOÃO TEIXEIRA MALTA, da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO PARQUE BEIRA-MAR

Estiveram presentes ao Congresso as seguintes autoridades:
 JUBERLAN DE OLIVEIRA, Prefeito de DUQUE DE CAXIAS
 WILSON GONÇALVES, Vice-Prefeito de DUQUE DE CAXIAS
 WALTER CASADO, Secretário Municipal de Fazenda
 LUIZ NOVAES, Secretário Municipal de Indústria e Comércio

CONFIDENCIAL 03/03

HERMES MACHADO, Secretário Municipal de Educação e Cultura
 JONAS PEDROZA, Secretário Municipal de Esporte e Lazer.

A principal resolução aprovada durante o Congresso foi a filiação do MUB ao CONSELHO DAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES (CONAM).

* * *

Fonte: Acervo Arquivo Nacional, 1986.

Após a vitória de Juberlan de Oliveira o MUB manteve o seu caráter combativo. Lideranças do PDT continuaram no movimento de bairros e em outros movimentos da cidade. Segundo as entrevistas dos militantes da AMAJAP, havia uma expectativa de que o primeiro governo eleito (1936/1988) pelo voto direto pós ditadura e por um partido progressista, representaria um tempo de maior democracia para a cidade. Um tempo de maior participação nas decisões acerca da cidade. Contudo, as esperanças foram se desmoronando. Os professores da rede pública municipal organização em sua agremiação de classe não conseguiu abrir canais de negociações, entrou em greve e experimentou repressão e autoritarismo por parte do novo governo municipal⁷⁵.

O mesmo ocorreu com o MUB. Após várias tentativas de audiência, as associações de moradores e o MUB, identificaram as dificuldades de lidar com o governo do PDT a nível municipal, já nível estadual a abertura era boa. Curioso é que os militantes mencionaram que mesmo em tempo de fins da ditadura e início da abertura política, várias associações de moradores conseguiram forçar uma audiência e até, em alguns casos, até levar o prefeito em seus bairros, caso a mobilização popular fosse significativa. Claro que houve também enfrentamentos, agressões e repressões por parte dos governos interventores, mas pelo menos, nos dois últimos governos interventores ainda foi possível forçar uma audiência, ocupar a sede da prefeitura, enfrentar os capangas do prefeito.

⁷⁵ Transmitido ao vivo em 25 de abr. de 2022. Série "Segundas Memórias", Leu Cruz e MarluCIA Santos recebem Adelaide Cavalcanti, Florinda Lombardi, Jane Milan, Marisa Gonzaga e Soneli Antunes para uma conversa sobre nascimento do SEPE – Sindicato dos Profissionais da Educação - Núcleo Duque de Caxias disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LFx8p5NjQSI>

Figura 48 -2ª Visita do Prefeito interventor Hydekel de Freitas ao bairro da Figueira, em 12 de abril de 1983, na rua Dona Tereza.



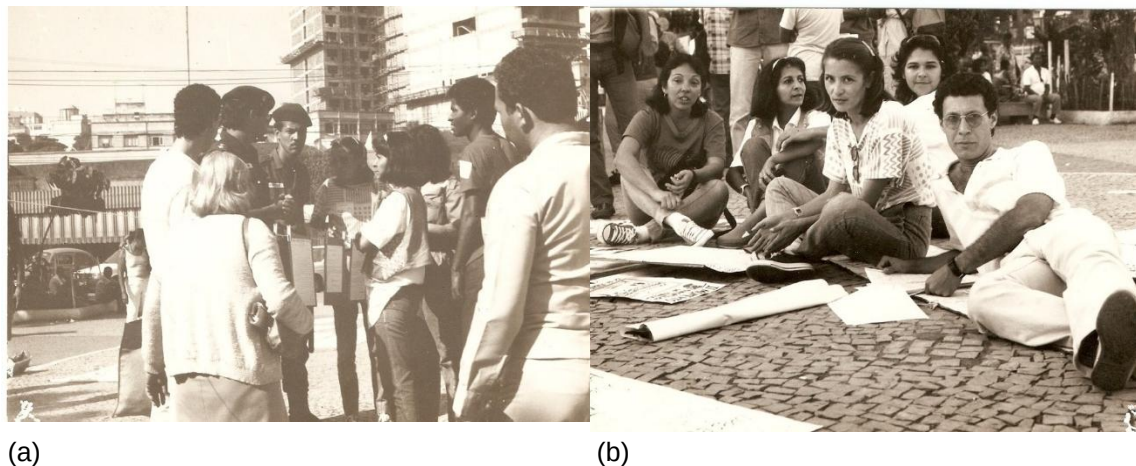
Fonte: Coleção Maria Melânia Ferreira da Silva sob a guarda do MVSB e CRPH/DC, 1983.

Nesse sentido, conforme a live⁷⁶, em alguns aspectos o governo Juberlan de Oliveira parecia uma continuidade dos governos dos interventores, mas com menos jogo de cintura, ainda mais autoritário. O MUB apresentou várias solicitações de audiência e foi rejeitado. O acúmulo de lixo pela cidade provocada pela irregularidade da coleta foi instaurando uma imagem de abandono. A abertura foi vista inicialmente com os lavradores. O governo se fez presente no encontro dos lavradores em Xerém, abriu espaço público para a comercialização da produção da agricultura familiar, mas com os servidores públicos e o MUB, a relação foi difícil. As associações e MUB resolveram ir até o prefeito protestar contra o lixo na cidade e tentar uma audiência. O ponto de concentração foi a Praça do Pacificador. A praça

⁷⁶Transmitido ao vivo em 21 de mar. de 2022. Série "Segundas Memórias", em que vamos visitar diversos movimentos sociais que aconteceram em Duque de Caxias e na Baixada Fluminense, Leu Cruz e Marlúcia Santos recebem Alcino Elias, Fernando Mattos, Lourenço Andrade e Luciene Alcinda de Medeiros para uma conversa sobre o MUB – Federação Municipal das Associações de Bairros de Duque de Caxias – e sua atuação nas décadas de 1980 e 1990. Parte 01 Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=eJngdFSpYns&list=PLD5A8klt709kKK9LrGAGY4HdICLQkuML1>. Parte 02 | #MVSBLive Segundas Memórias Transmitido ao vivo em 6 de abr. de 2022. "Segundas Memórias" continuamos a conversa iniciada na primeira live da série sobre o MUB. Os convidados são Gelson Martins Almeida, José Zumba Clemente da Silva, Lourdes Gonçalves Vieira e Sebastião Bernadino, a mediação segue com Leu Cruz e Marlúcia Santos. <https://www.youtube.com/watch?v=x8XLFIMOGAY&list=PLD5A8klt709kKK9LrGAGY4HdICLQkuML1&index=3>

ficou cheia, uma participação popular expressiva, todavia, ninguém pode sair do lugar e ir até a sede da prefeitura. O 15º Batalhão da Polícia Militar cercou os manifestantes impedindo o deslocamento. O movimento ficou todo dia na praça em protesto, como ilustra a Figura 46:

Figura 49 - Protesto



Legenda: (a) Tentativa de negociar com a PM a manifestação, o que não foi permitido. Havia muitos PMs armados; (b) Lideranças sentados ao chão com suas faixas e bandeiras. Da esquerda para a direita: Maria de Lurdes, Marlucia Souza (AMAJAP), Ivanete da Costa (AMAJAP), Luciene Medeiros e Maurício.

Fonte: Coleção Marlucia Santos de Souza sob a guarda do CRPH/DC e MVSB, 1983.

Nas eleições municipais de 1988, o último prefeito interventor, Hydekel de Freitas, assumiu o seu segundo mandato, eleito agora pelo voto popular. Como é possível observar, a década de 1980, não foi um tempo fácil para os movimentos sociais na cidade. Contudo, várias lutas movimentaram a cidade. Apesar das dificuldades impostas, da conjuntura econômica desfavoráveis e das precárias condições de vida, o movimento teceu suas lutas, obteve vitórias e derrotas. Mesmo quando as vitórias foram obtidas, elas demandaram muitas mobilizações e energias, principiante dos que estavam mais à frente nas lideranças. Em várias delas só foi possível obter conquistas após décadas de persistências.

Nesse sentido, consideramos relevante compreender as lutas dos movimentos sociais por melhores condições de vida como um todo e pela redemocratização, sem excluir as lutas da educação, ainda que essa escolha, limite as investigações ou nos leve a construção de um caleidoscópio, citado por Marlucia

Souza⁷⁷, o que pode nos aproximar da perspectiva da totalidade em Marx. O caleidoscópio é um aparelho óptico formado por um tubo de metal, com pequenos fragmentos de vidro colorido, que através do reflexo da luz exterior em pequenos espelhos inclinados apresentam, a cada movimento giratório, a combinação de variados efeitos visuais. Utilizado para a obtenção de imagens do real vivido, aqui no nosso caso, imagens panorâmicas que nos permita identificar os vários movimentos sociais urbanos nesta curta duração de fins de 1970 e a década de 1980.

Consideramos necessário pontuar que as lutas pelo direito a educação na cidade e em Jardim Primavera foram operadas nestas condições históricas. Neste conjunto da vida social e neste marco temporal uma mobilização ou a experiência de uma luta específica pode interferir ou influenciar nas demais, assim como, na formulação de concepção de mundo, de sociedade, de homem, de mulher e de participação política. Logo, as lutas em defesa da educação travadas pela AMAJAP são aqui apresentadas a partir das interfaces que esta agremiação teceu com o MUB (Movimento de União de Bairros) e com a Paróquia Nossa Senhora do Pilar principalmente.

2.1 A Paróquia Nossa Senhora do Pilar e as associações de moradores: suas conexões com outros movimentos sociais (anos 1970 e 1980)

Entre as lutas pela redemocratização do país e movimentos sociais urbanos ainda na década de 1970, as diversas fontes utilizadas nesta pesquisa, nos permitiram sistematizar os seguintes movimentos: Movimento de Anistia, Geral e Irrestrita⁷⁸, iniciada em 1975, tendo um Comitê em Duque de Caxias; a luta pela

⁷⁷ O termo Caleidoscópio foi utilizado pela professora Marlucia Souza no: Minicurso Os Tempos da Baixada: As Cercanias da Guanabara nos Tempos da Colonização Lusitana. AULA 01 - No tempo da conquista lusitana. Com Marlucia Santos (MVSb). O curso é uma realização do Centro de Referência Patrimonial e Histórico de Duque de Caxias/CRPH e do Museu Vivo do São Bento e conta com apoio do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação/ SEPE - Núcleo de Duque de Caxias, da Associação dos Amigos do Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias / ASAMIH, da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense / FEBF-UERJ, do Grupo de Estudos A Cor da Baixada e da APPH-CLIO. Transmitido ao vivo em 10 de nov. de 2021: <https://www.youtube.com/watch?v=jL9fR9HpJ8o&list=PLD5A8klt709l6URMhnbdkz9PPC-td4W5a>.

⁷⁸ Havia defensores da anistia aos perseguidos políticos desde os primeiros anos do regime militar. O movimento começou a ganhar maior visibilidade em abril de 1975, quando Therezinha Zerbini, esposa de um dos militares que defenderam o governo de João Goulart, cria os primeiros núcleos do Movimento Feminino pela Anistia. A atuação do arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, que coletava denúncias dos abusos e assassinatos de presos políticos cometidos pelo regime militar - por meio do relato de familiares que se reuniam na Cúria Metropolitana de São Paulo, fortaleceu a luta.

volta do pluripartidarismo (1979/1980), a luta em defesa dos direitos humanos (1977 e 1978) e a criação da Comissão, Justiça e Paz no interior da Diocese de Nova Iguaçu (1979); o surgimento do Movimento Negro Unificado em São Paulo (1978) e logo a seguir no Rio de Janeiro; a greve dos professores estaduais (1979); o crescimento das associações de moradores e o surgimento das federações de movimentos de bairros na Baixada Fluminense: MAB – Movimento Amigos de Bairros (Federação Municipal criada em Nova Iguaçu, entre 1974 e 1976) e o MUB – Movimento União de Bairro (Federação Municipal das Associações de Moradores (criada em 1979 e legalizada em 1983). Posteriormente surgiu também a ABM – Amigos de Bairros de Meriti (Federação Municipal de São João de Meriti (1980).

Na década de 1980, outros movimentos somaram-se aos anteriores, entre eles destacamos: Movimento Constituinte já (1988) com Comitê em Duque de Caxias; movimentos de oposição sindical com formação de chapas comprometidas com o novo sindicalismo, isto, com a mobilização operária no interior das fábricas, um sindicalismo combativo; a greve de 42 dias da FIAT contra a reestruturação produtiva e as demissões em massa; criação do Núcleo Agrícola Fluminenses pelos lavradores de Xerém (1981); Movimento em Defesa das Passarelas (1980/ 1981); criação do Grupo Tortura Nunca Mais⁷⁹ e a busca incansável pelos desaparecidos (1985); Diretas Já com o seu grande ato na Candelária, em 1984; crescimento e fortalecimento das CEBS – Comunidades Eclesiais de Base e a realização do 7º Encontro em Duque de Caxias e Nova Iguaçu; Movimento pró-Saúde e COMTREM – Comissão do Trem que lutava pela eletrificação do trem (década de 1980). Vale lembrar que o Movimento das Passarelas e a COMTREM surgiram no interior da

EBC | Conheça a história do movimento pela Anistia no Brasil. O Movimento Feminino pela Anistia – MFPA, criado em 1975, foi o primeiro a articular-se pública e oficialmente, construindo sua atuação por meio de reuniões regionais, da criação de núcleos estaduais, da edição e distribuição de boletins e jornais que espalharam pelo país inteiro a luta pela anistia. ... o ano de 1978 foi decisivo. Além da criação dos Comitês Brasileiros pela Anistia – CBA's foram registradas inúmeras manifestações estudantis em protesto contra prisões e torturas de presos políticos em várias regiões, assim como a organização dos “Dias Nacionais de Protesto e Luta pela Anistia” e dos “Comitês 10 de Maio pela Anistia”. Comissão da verdade da PUC-SP | PUC-SP (pucsp.br). A Lei da Anistia, no Brasil, é a denominação popular dada à lei nº 6.683, sancionada pelo presidente João Batista Figueiredo em 28 de agosto de 1979, após uma ampla mobilização social, ainda durante a ditadura militar.

⁷⁹ O Grupo Tortura Nunca Mais/RJ (GTNM/RJ) foi fundado em 1985 por iniciativa de ex-presos políticos que viveram situações de tortura durante o regime militar e por familiares de mortos e desaparecidos políticos tornando-se, através das lutas em defesa dos direitos humanos em que tem participado e desenvolvido, uma referência importante no cenário nacional. Ver: Quem somos grupo Tortura Nunca Mais disponível: <https://www.torturanuncamais-rj.org.br/>

Paróquia Nossa Senhora do Pilar, em levantamento no acervo do MVSB e CRPH/DC encontramos as informações retiradas do caderno de greve conforme as figuras a seguir (Figura 47):

Figura 50 - Caderno Greve da FIAT produzido pelo sindicato dos Metalúrgicos em 1981, publicado pelo CEDI



Fonte: Coleção Marlúcia Santos de Souza sob a guarda do MVSB e CRPH/DC, 1981;

No interior das associações de moradores e das federações da Baixada Fluminense várias lutas e movimentos foram travados: Fala Mulher (movimento unificado da Baixada integrando as lutas das femininas, principalmente contra a violência doméstica); Comitê de Saneamento da Baixada Fluminense e principalmente o combate às enchentes; Movimento pelas Passarelas e pela construção de um hospital geral no segundo distrito; Movimento Contra uma lixeira com resíduos da Usina Nuclear de Agra dos Reis, contra a instalação de presídios na Figueira e em Xerém; pela Reabertura da FIAT; Contra os maus tratos as gestantes e nos partos, cometidos pela Maternidade de Jardim Primavera; Contra as ameaças de despejos de moradores de Jardim Primavera e Parque Independência; pela reabertura dos postos de saúde e construção de unidades mistas de saúde; pelo direitos a educação lutando por reformas das escolas e criação de novas para

assegurar escolarização para todos; Atuação premiada no Projeto Educar com vistas a alfabetização de adultos⁸⁰.

Mesmo com o controle intensivo do militarismo, os integrantes dos movimentos travaram intensas lutas por direitos, por políticas públicas que assegurassem melhores condições de vida, por redemocratização e por direitos humanos e contra a violência. Assim em meio ao cenário ditatorial e sendo alvo de críticas dos setores mais conservadores, inclusive no interior da própria igreja católica, a resistência se fez experiência. No depoimento de uma das lideranças da Associação de Moradores São Judas Tadeu e atuante das CEBS, Maria Creusa da Silva Mendes, em uma Roda de Conversa sobre “A Paróquia Nossa Senhora do Pilar e os Movimentos Sociais”, promovida pelo Museu Vivo do São Bento:

(...) como diz a Aparecida, não vamos nos afastar e recuar... eu e Melânia fomos escoraçadas da Igreja de Santa Cruz da Serra pelo Padre Lins, que Deus o tenha, onde quer que ele esteja. Ele não permitiu que nós pudéssemos panfletar na porta da Igreja. Ele disse que nós éramos mulheres vadias e que não tinha o que fazer. Que éramos subversivas e agitadoras. MVSb. Movimentos sociais e a Paróquia Nossa Senhora do Pilar (1980-1990) Roda de Memória. YouTube, 5 de out de 2020⁸¹.

O relato da Moradora e integrante da Paróquia Nossa Senhora do Pilar, Maria Creusa da Silva Mendes, revela o quanto era difícil atuar neste período, tendo que enfrentar inclusive os setores mais conservadores da própria igreja católica, que discordavam do envolvimento dos cristãos na política e nas lutas por melhores condições de vida, inclusive nas lutas por direitos básicos como saúde, educação e passarelas.

A Paróquia Nossa senhora do Pilar de fato se destacava no cenário da Igreja Católica em Duque de Caxias. Os padres italianos, principalmente o padre mais novo, Orlando Milan, atuaram de forma decisiva na formação e na participação dos leigos na vida da Igreja e no conjunto da vida social. Atuaram decisivamente na formação das pastorais sociais: pastoral operária, pastoral da saúde, pastoral dos

⁸⁰ As informações obtidas a partir dos levantamentos feitos para a pesquisa. A entrevista com Leu Cruz diretora do Projeto Educar em Duque de Caxias foi importante para esses levantamentos, além dos documentos e lives com o link disponível ao início do presente trabalho.

⁸¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9M8DKgwKSCk&list=PLD5A8klt709nMBukXCpuETDbBGluuOikM>

movimentos sociais e pastoral da criança. Incentivaram a participação dos leigos nas associações de moradores. Onde já havia associação de moradores legalizadas, mas sem atuação, era orientado o ingresso dos moradores e leigos. Onde não havia, a orientação era o de criar uma. Só assim, os moradores poderiam reivindicar os seus direitos. A paróquia parecia mesmo com uma federação das associações de moradores do segundo distrito. Nos encontros da coordenação das pastorais sociais as lideranças das várias associações de moradores trocavam experiências de luta, informações e até organizavam ações conjuntas com outras pastorais.⁸²

Vale aqui pontuar que alguns leigos integrantes da pastoral operária atuaram no movimento de oposição sindical, apoiando as chapas combativas do Sindicato dos Metalúrgicos e do Sindiquímica. Além disso, apoiaram a greve dos professores da rede pública de 1979 e a greve dos trabalhadores da FIAT em 1981. Aliás, nesta greve da FIAT, a Paróquia do Pilar participou ativamente na arrecadação de fundo de greve, dos piquetes, atos e manifestação dos trabalhadores. Vários trabalhadores da FIAT residiam no segundo distrito e eram atuantes na Paróquia do Pilar. Alguns eram integrantes da Pastoral Operária.

A greve recebeu apoio e engajamento de Igrejas Católicas, evangélicas, terreiros de matriz africanas e associações de moradores. Era uma greve contra a reestruturação produtiva e as demissões em massa, logo uma greve para defender a permanência no trabalho, contra o desemprego. Semanalmente a Paróquia do Pilar apresentava em seus boletins informativos sobre a greve. Nos momentos cruciais da greve foram produzidos carta abertas ou boletins especiais para a distribuição no término das missas. Houve casos em que a arrecadação da oferta das missas era revertida para o fundo de greve. O mesmo ocorreu com a greve dos professores, conforme as fotos abaixo do O Globo que evidenciam a Greve de 1979.

⁸² Em relato dos narradores: Darcy Silva, Lair Santana, Marlúcia Souza e Isa Santos de Souza Lima. Eles narravam com riqueza de detalhes esses encontros.

Figura 51- Professores em greve paralisaram em dois momentos obtendo reajuste no fim do ano de 1979



Fonte: O Globo, 27, abr. 1979. Foto: Athaíde dos Santos.

Figura 52- Manifestação dos professores na ALERJ e passeata no Centro da Cidade em 1979.



Fonte: O Globo, 16 ago. 1979. Fotografia: Antônio Neryrs.

No caso da greve de 1979, moravam no bairro de Jardim Primavera professoras que assumiram a criação e a liderança do Núcleo de Caxias como foi o caso de: Florinda Lobardi, Soneli Antunes, Jane Milan, Marlucia Souza, e posteriormente a Mariza Gonzaga. Havia ainda Genozita Leal Giarola e Tereza Nunes que eram professoras de escolas estaduais do bairro. Segundo Souza (2023)⁸³ Durante a greve, Sonely Antunes, Jane Milan e mais três pessoas que estavam em um fusca cedido pela Paróquia do Pilar, mobilizando as escolas, foram denunciadas por uma diretora, depois presas e enviadas para o DOPS. Padre Orlando chegou a mobilizar advogado para atuar na defesa das professoras,

⁸³ Entrevista concedida para esta pesquisa em 23 de novembro de 2023.

inclusive a Jane fazia parte da pastoral operária. Após interrogatórios e abertura de inquérito, elas foram liberadas. Tempos depois foram anistiadas.⁸⁴

O depoimento de Marlucia Souza é bastante representativo do que quadro aqui apresentado:

Eu era da comunidade São Judas Tadeu, fiz catequese, primeira comunhão, atuei nas coroações de Maria, fui da cruzada, participei das procissões, missas e festas. Com quinze anos eu já era catequista do pré-jovem e participava do grupo jovem de São Judas. Os encontros aconteciam todos os sábados, à tarde, no salão paroquial. Neste grupo ouvíamos música popular brasileira e discutíamos as letras. Havia as discussões sobre textos bíblicos, sobre a realidade brasileira, sobre as campanhas da fraternidade. Havia as orações, as festas, os retiros de carnaval para estudo com jovens das outras comunidades. Participamos de festival de música, idas ao cinema, ao teatro e do cineclube proposta. Jane Milan que atuou na greve de 1979, fazia parte desse grupo de jovens. Construímos amigos mantidos até os dias atuais. Depois ingressei na Pastoral Operária e no movimento de oposição sindical. Havia encontros das pastorais operárias a nível estadual e nacional. Tive a oportunidade de participar de vários encontros e retiros que duravam dois dias inteiros. Neles convivi com lideranças operárias como Abdias, liderança metalúrgica de Niterói e Leal da FIAT. Cheguei a participar de reuniões no sindicato dos metalúrgicos em Parada de Lucas. Visitei as fábricas metalúrgicas da Baixada para fazer campanha para a chapa de oposição, estive no Caneco e lá conheci o Lula, que era na época liderança dos metalúrgicos do ABC paulista. Ele foi lá também para ajudar na campanha desta mesma chapa. O mesmo ocorreu nas eleições do Sindiquímica. Eu e Mariza Gonzaga do SEPE Caxias, saíamos as cinco horas da manhã para visitar as fábricas químicas de Caxias e fazer campanha para a chapa de oposição. Ela foi inclusive vitoriosa no pleito. Durante a greve dos professores em 1979 e da FIAT, nós da pastoral operária nos dividíamos para irmos a todas as missas para apresentar informes das greves, animar as arrecadações do fundo de greve, distribuir boletins. Teve domingo que eu fui a 4 missas. Em 1979, participei da formação do antigo CEP/ Núcleo Duque de Caxias, como representante da rede privada, mas logo ingressei na rede estadual. Em 1978, estava participando ainda da criação da AMAJAP e em 1979, ingressei no MUB, a convite de Lourenço Andrade. SOUZA, Marlucia Santos. Entrevista. [nov. 2023]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2023. 1 arquivo .mp3 (180 min.).

No território da Paróquia Nossa Senhora do Pilar várias associações de moradores passaram a atuar fortemente, sob a liderança de moradores e integrantes desta paróquia: Associação de Moradores de Campos Elíseos, Saracuruna, Jardim Primavera, Vila Maria Helena, Figueira, São Judas Tadeu, Pilar e Cidade dos

Meninos. Todas estas agremiações se filiaram ao MUB e as suas lideranças atuaram nas direções da federação, inclusive a AMAJAP – Associação e Amigos de Jardim primavera.

No caso específico da AMAJAP, havia uma íntima conexão de suas lideranças com as Pastorais Sociais da Paróquia Nossa Senhora do Pilar, com a Diocese de Nova Iguaçu e de Duque de Caxias, com o MUB, com as federações da Baixada Fluminense, com os movimentos pela redemocratização do país e a luta pela terra. Logo, seria inviável para esta pesquisa desconsiderar estas relações.

Um os movimentos mais importantes, além da greve dos professores de 1979⁸⁵, foi o movimento pelas passarelas. Na década de 1960, a Variante da Rio-Petrópolis foi duplicada, passando a receber a denominação de Washington Luís. Contudo, nenhuma passarela foi instalada nela. Todas as vezes que as pessoas precisavam atravessar eram obrigadas a correr riscos. Muitos atropelamentos ocorriam com frequência, inclusive de crianças que eram obrigadas ao atravessamento diário de suas escolas até as suas casas. Na roda de memória “Os Movimentos Sociais e a Paróquia Nossa Senhora do Pilar I”, uma das mais importantes lideranças do Movimento das Passarelas, atuante na Paróquia do Pilar e dirigente da União de Melhoramentos da Figueira (UMEFI), Maria Melânia Ferreira da Silva, conta como esse movimento começou:

Uma andorinha só não faz verão. É preciso falar e lembrar das mulheres corajosas que enfrentaram e lutaram ainda em tempos de ditadura militar. Nós tínhamos uma lista de nomes de pessoas que perderam a vida nas travessias da Washington Luís, onde desembocava a Rio Magé e a subida para Petrópolis. Era um trânsito muito pesado. Em todas as eleições apareciam políticos protendo as passarelas. Depois das eleições as passarelas nunca saíram. Um certo dia (26 de junho de 1979), estávamos reunidos em uma reunião de catequistas e chegou um pai desesperado, sr. Aceli Alves de Lima. Um caminhão passou num vácuo, subiu em cima do canteiro, arrastou a filha de dez anos e passou por cima da cabeça dela. Ela ficou em pedaços e eles tiveram que tirar com pá. O pai pediu que o padre fosse abençoar aquela pista maldita. O nome da menina era Rosângela, eu nunca me esqueço o nome da criança. Ela estuda no Colégio Monteiro. Mas não havia padre ali naquela reunião. O que podemos fazer é rezar uma missa por ela no domingo e o senhor fala com o padre. Depois que o pai foi embora Marlene disse: - o que fazer? Eu disse: - Vamos abrir a bíblia. Caiu na passagem da morte e da ressurreição de Lázaro. Recado dado: precisamos lutar pelas passarelas e daí começamos a luta. Passamos por todas as comunidades, por todos os botequins, fizemos abaixo assinado,

⁸⁵Para saber mais sobre a greve de 1979 ver: MIRANDA, Kênia Aparecida. As Lutas dos Trabalhadores da Educação: Do Novo Sindicalismo à Ruptura coma CUT – Central Única dos Trabalhadores. RJ: Tese de Doutorado em História pela UFF, 2011; SILVA, Andréa Cristina Oliveira Duarte de Souza S. da. Caminhos do Sindicalismo: trajetória de vida de professores do SEPE-Baixada Fluminense. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado pela UFRJ, 2012.

reunimos documentos das vítimas, depoimentos de familiares dos mortos e demos entrada no DNER – Departamento Nacional de Estradas de Rodagem. Foram muitas idas e vindas nos órgãos públicos, cercando políticos e autoridades. Hoje, nós temos a alegria de ver os “Lázaros e as lázaros” atravessando as passarelas. Todas as vezes que passo, eu vejo. MVSb. Movimentos sociais e a Paróquia Nossa Senhora do Pilar (1980-1990) Roda de Memória. YouTube, 5 de out. 2020⁸⁶.

Esse movimento mobilizou as comunidades da Paróquia do Pilar, a comunidade Wesleyanos, as escolas públicas e privadas de Jardim Primavera e da Figueira (Escola Estadual Minas Gerais, Escola Estadual Frei Henrique, Escola Municipal Imaculada da Conceição, Escola Municipal Anton Devosack e as escolas particulares Werneck, Anchieta e Fanabel) que estavam mais perto da pista. Mobilizou as Associações de Moradores da Figueira, de Saracuruna, de Campos Elíseos, de Saracuruna, de Campos Elíseos e do Pilar. Recebeu apoio de comerciantes do bairro da Figueira.

Na dissertação de mestrado de José Claudio Souza Alves e no artigo, produzido por Arthur Costa Lopes e Luciana Andrade⁸⁷, as memórias reveladas no relato dado por Maria Melânia na live sobre a PNSP, identificamos fontes preciosas que nos ajudam a contar esta história. Ela revela, mas guarda ao publicar, ou seja, ao registrar e disponibilizar para o arquivo do CRPH/DC e MVSb, um “Diário de Anotações” com os registros dos movimentos sociais que participou. O caderno é um verdadeiro baú de memórias dos movimentos. O caderno foi digitalizado e disponibilizado como fonte. Ao fazer isso ela deixa para as outras gerações vestígios trabalhadores nos movimentos sociais, em seu lugar de moradia e, às vezes, de trabalho.

Melânia chama a atenção em seus relatos, tanto na série do MVSb, quanto nos depoimentos ofertados para Arthur e Luciana, para o seu o reconhecimento da importância dos intelectuais orgânicos e assessores da Paróquia do Pilar. Importância por estar e contribuir quando são solicitados, principalmente nas questões burocráticas e organizativas da luta. Ela lembra do Pedro do CERIS que os orientou organizar uma comissão, a reunir as certidões de óbitos, os relatos de familiares, o abaixo-assinado. Ela lembra dos nomes das pessoas que formaram inicialmente a comissão: Marlene, Nilza, Luci, Lica, Laudira, Fátima, Maria das

⁸⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9M8DKgwKSCk&list=PLD5A8klt709nMBukXC>

⁸⁷ LOPES, Arthur Costa e ANDRADE, Luciana. Lutas populares em Caxias (RJ): o caso das passarelas na década de 1980 In Revista Pilares da História, Ano 22, Número 23, dezembro de 2023.

Graças, Assis, José Sirino, Creusa e ela. Depois foi organizado uma assembleia ampliada, a ida ao DNER e outras autoridades, atos na rodovia Washington Luís⁸⁸.

Quando chegou a notícia que o presidente da república, João Figueredo iria passar pela rodovia, o movimento organizou um grande ato com alunos, professores, comunidades, associações de bairro. Quando o ônibus e a comitiva do presidente passaram, encontrou gente com cartazes e faixas reivindicando as passarelas. Havia gente beirando a rodovia desde a entrada do bairro de Campos Elíseos e o Pilar até o bairro de São Judas Tadeu. Após esse episódio, o movimento conseguiu a primeira passarela em jardim Primavera, em 1981. As outras foram sendo construídas posteriormente.

Essa experiência revelou a potência de mobilização das escolas, dos bairros e das CEBs da paróquia. Como disse Melânia uma andorinha só não faz verão. A inauguração da primeira passarela foi de fato uma festa e teve cobertura até da imprensa, conforme podemos verificar nas fotos abaixo:

Figura 53 - Ato em defesa das passarelas na espera da passagem do presidente da república



Fonte: Coleção Maria Melânia Ferreira da Silva sob a guarda do MVSb e CRPH/DC, 1981.

⁸⁸ LOPES e ANDRADE, 2023, p.55.

Figura 54 - Inauguração da 1ª passarela em Jardim Primavera – 19 de novembro de 1981.



Fonte: Coleção Maria Melânia Ferreira da Silva sob a guarda do MVSB e CRPH/DC, 1981.

Além do Movimento das Passarelas, a luta da COMTREM – Comissão do Trem mobilizou toda a Paróquia do Pilar, principalmente as comunidades de Saracuruna, Jardim Primavera e Campos Elíseos por onde o trem passava. Quando a Ferrovia do Norte ou Leopoldina foi criada em 1886, o trem que circulava era movido a carvão, a chamada Maria Fumaça. Em 1957, a ferrovia foi incorporada a RFFSA - Rede Ferroviária Federal. Uma revitalização foi empreendida pelo governo federal com aquisição de novas locomotivas diesel-elétrica, automotrizes, carros de passageiros em aço carbono e vagões de diversos tipos. Era possível ver nos anos de 1960 e 1970, a alternância dos trens de madeira e de aço circulando por Caxias.

Figura 55 - Luta da COMTREM



(a)

(b)

Legenda: (a) Trem chegando em Parada Angélica na década de 1960; (b) Detalhe de passageiros no interior do vagão de trem, Estrada de Ferro Leopoldina, Rio de Janeiro (RJ), década de 1970.

Fonte: (a) Acervo CRPH/DC e MVSB; (b) Arquivo Nacional. Fundo Correio da Manhã. BR_RJANRIO_PH_0_FOT_03660_03, 1970.

Já nas décadas de 1980 e 1990, não se via mais a Maria Fumaça, só trem de aço. A precarização do serviço até a privatização da RFFSA e transferência sob o regime de concessão. Horários irregulares, ausência de manutenção, a superlotação e os acidentes eram alguns dos problemas enfrentados pelos moradores. Vale lembrar que a eletrificação chegou até a estação de Gramacho em 1970. Em 1985, frente ao crescente agravamento da situação dos trens, foi iniciada em Saracuruna a COMTREM com vistas a mobilização e a organização da luta pela eletrificação do trem de Gramacho até Saracuruna, Raiz da Serra e Guapimirim. Uma das mais importantes lideranças desse movimento foi o Sr. Walter Neves que foi citado nas entrevistas e em lives. A Paróquia do Pilar encampou a luta, assim como, as Associações de Moradores de Saracuruna, Jardim Primavera e Campos Elíseos.

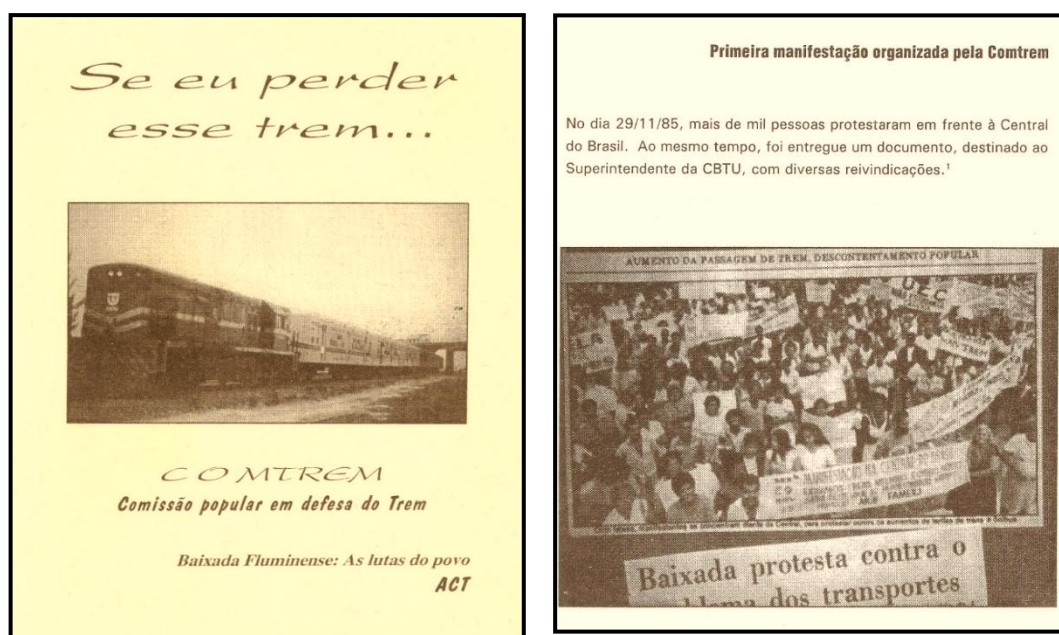
Abaixo-assinados, denúncias na imprensa acerca da precarização, ida a Central do Brasil, ao governo estadual, a Brasília, ao parlamento estadual e federal, boletins, panfletagens, cartazes, manifestações públicas foram realizadas durante quase vinte anos.

Figura 56 - Fotografias do interior dos trens Fotografia do interior do trem na década na 1990, por Gelson Martins Almeida, integrante do MUB



Fonte: Acervo sob a guarda do MVSB e do CRPH/DC, 1985.

Figura 57 - Caderno produzido e publicado pela COMTREM.



Fonte: Acervo sob a guarda do MVSB e do CRPH/DC, 1985.

Figura 58 - Cartaz e panfletos produzidos pela COMTREM e impressos na Paróquia



Legenda: Observe que o primeiro panfleto está convocando a população para uma assembleia para discutir a ameaça de acabar com o trem no 2º e 3º Distritos.

Fonte: Acervo COMTREM disponível no MVSB e CRPH/DC, 1985.

Em fins de 1998, a eletrificação chegou até Saracuruna. No mesmo ano, a linha passou a ser administrada pela Supervia. Isso nos mostra a demora para que a reivindicação fosse de fato acatada. A população passou a ter mais trens, as estações foram reformadas, contudo, recentemente restringiram o número de trem do Gramacho até Saracuruna, ou seja, antes todos os trens circulavam da Central do Brasil até Saracuruna, agora não, eles chegam até o Gramacho, o passageiro precisa soltar e fazer baldeação quando o trem não segue para Saracuruna. Agora a sede da COMTREM é em Imbariê e a luta pela eletrificação até Raiz da Serra e Guapimirim continua até o presente.

Apesar das denúncias apresentadas, é inegável a melhora dos trens até Saracuruna, comparado as condições existentes nos anos de 1980 e 1990. Para os entrevistados e narradores da série “Segundas Memórias” e das “Rodas de Conversa sobre os Movimentos Sociais e a Paróquia do Pilar”, a importância em relembrar e contar essa história de luta da COMTREM pode ajudar as gerações atuais a compreender a eletrificação como resultado de muitas mobilizações populares, e não como dádiva. Aparece nos depoimentos um certo orgulho das lutas e das conquistas.

O orgulho aparece também nas conquistas realizadas pelo Movimento Pró Saúde, pela Pastoral da Saúde e pelas Associações de Moradores no que diz respeito aos mutirões e a volta do funcionamento dos postos de saúde, das construções das unidades mistas de saúde e do Hospital Geral. É importante aqui ressaltar a importância das campanhas da fraternidade para a criação das pastorais sociais em Duque de Caxias e na paróquia Nossa Senhora do Pilar. Segundo a CNBB, a campanha da fraternidade tem como objetivos o despertar para o espírito comunitário, para o bem comum, para a construção de uma sociedade mais justa e solidária; educar para a vida em fraternidade a partir da justiça e do amor; sustentar a ação evangelizadora e libertadora da Igreja; afirmar a promoção humana.

A campanha começou em 1964 e em 1966, ela passa a estar vinculada a CNBB e em 1970, passa a receber o apoio do Pontificado de Roma. A metodologia utilizada consiste na apresentação de uma temática religiosa e social considerada importante (ver); análise e posicionamento sobre o lema (julgar) e; pensar as ações concretas de solucionar o problema (agir). Vejamos as temáticas e lemas abordados de 1964 a 1970:

Quadro 3 - Campanha da Fraternidade de 1964 a 1970

Ano	Temática	Lema
1964	Igreja e Renovação	Lembre-se: você também é igreja
1965	Paróquia e Renovação	Faça da sua paróquia uma comunidade de fé, culto e amor
1966	Fraternidade	Somos responsáveis pelos outros
1967	Corresponsabilidade	Somos todos iguais, somos todos irmãos
1968	Doação	Crer com as mãos
1969	Fraternidade	Para o outro, o próximo é você
1970	Participação	Ser cristão é participar

Fonte: Elaborado pela autora com base nas informações do site CNBB, 2024.

Observe que as temáticas abordaram as preocupações e as orientações presentes no Concílio Vaticano II e nas conferências do Episcopado da América Latina, com destaque para a afirmação da participação do leigo na vida da igreja católica, de sua comunidade e de sua paróquia; o fortalecimento da fraternidade entre os leigos; o comprometimento com o outro. Nas temáticas e lemas de 1971 a 1990 abaixo, é possível identificar que a intencionalidade de reconciliação em 1971 foi substituída pela afirmação da liberdade e das temáticas sociais a partir de 1973 (período de avanço da linha mais dura da ditadura civil-militar). A construção de uma nova narrativa voltada para os pobres pode ser verificada abaixo:

No pós-Concílio Vaticano II a teologia não apenas se viu confrontada com os problemas das sociedades abertas, industriais e secularizadas. A questão primordial que as Igrejas se sentiam na urgência em responder era: como ser cristão num mundo crítico, adulto, funcionalista? Descobriu-se um desafio ainda maior, vindo das periferias da Ásia, África e especialmente da América Latina; emergem os pobres como fenômeno social, das grandes minorias, marginalizados dos benefícios do processo produtivo e explorados como excedentes de uma sociedade que privilegia soluções técnicas e soluções sociais para os seus problemas. A questão é: como ser cristão em um mundo de empobrecidos miseráveis? O tempo de reformas já passou; importa um processo de libertação no qual os pobres recuperem a sua dignidade aviltada e ajudem a gerar uma sociedade, não necessariamente rica, mas justa e fraterna (Boff, 1981, p.39).

Fica evidenciada a preocupação com a humanização, com a extrema desigualdade existente no Brasil, com a fome e com a emergência da distribuição de renda. Centralidade ainda para os grandes problemas sociais do Brasil nos anos de 1970 e 1980 tais como a saúde, a educação, a terra, mundo do trabalho e a injustiça social, racismo, imigração e refugiados, violência, relações de gênero e violência contra a mulher, a situação do menor e a comunicação.

As pastorais sociais que foram criadas a partir de 1978, em sua grande maioria surgiram após o pensar como agir das campanhas da fraternidade. Da campanha de 1975, repartir o pão surgiu a pastoral da terra e as ações de combate à fome. Da campanha de 1978, foi criada a pastoral operária⁸⁹, as ações de Direitos Humanos e a Comissão Justiça e Paz, na Diocese de Nova Iguaçu, em 1979. Na

⁸⁹ A oficialização da Pastoral deu-se após cerca de 10 anos de atividades de grupos de reflexão e movimentos sindicais, como a Juventude Operária Católica, a Ação Católica Operária e o Movimento de Oposição Sindical, que envolvia os metalúrgicos de São Paulo.

campanha de 1981, surgiu a pastoral da saúde e na de 1982, a pastoral da educação; na de 1987, a pastoral da criança e a de 1988, a pastoral do negro, entre outras.

Quadro 4- Campanha da Fraternidade de 1971 a 1990

Ano	Temática	Lema
1971	Reconciliação	Reconciliar
1972	Serviço e Vocação	Descubra a felicidade em servir
1973	Fraternidade e Libertação	O egoísmo escraviza e o amor liberta
1974	Reconstruir a vida	Onde está o seu irmão?
1975	Fraternidade é repartir	Repartir o pão
1976	Fraternidade e comunidade	Caminhar juntos
1977	Fraternidade e Família	Comece em sua casa
1978	Fraternidade no mundo do trabalho	Trabalho e justiça para todos
1979	Por um mundo mais humano	Preserve o que é de todos
1980	Fraternidade no mundo das imigrações	Para onde vais?
1981	Saúde e fraternidade	Saúde para todos
1982	Educação e fraternidade	A verdade vos libertará
1983	Fraternidade e violência	Fraternidade sim, violência não
1984	Fraternidade e vida	Para que todos tenham vida
1985	Fraternidade e fome	Para quem tem fome
1986	Fraternidade e terra	Terra de Deus, terra de irmãos
1987	A fraternidade e o menor	Quem acolhe o menor, a mim acolhe
1988	Fraternidade e o negro	Ouvi o clamor deste povo
1989	A fraternidade e a comunicação	Comunicação para a verdade e a paz
1990	A fraternidade e a mulher	Mulher e homem, imagem de Deus

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Segundo os narradores militantes na Paróquia Nossa Senhora do Pilar nos anos de 1980, havia a pastoral operária, da saúde, a dos movimentos sociais e posteriormente da criança. Em Xerém, 4º distrito de Caxias e onde se concentrava a área rural do município foi criada a PET – Pastoral Ecumênica da Terra formada por católicos, metodistas, representações da Assembleia de Deus e de terreiros de Candomblé local. Na catedral de Santo Antônio funcionava uma pastoral da educação na década de 1980 e a partir de 1988, a pastoral do negro com Frei Davi. A Pastoral do negro criou as missas afro e o pré-vestibular para negros e carentes.

Já na Paróquia do Pilar o envolvimento nas lutas da educação estava relacionando as ações de melhoria das escolas, a ampliação de vagas, a permanência, melhoria na qualidade, afirmação da crítica aos conteúdos bancários

via associações de moradores e apoio as lutas travadas pelos trabalhadores da educação em seu sindicato, o SEPE, com o apoio da pastoral operária. Uma das pastorais mais fortes na paróquia era a pastoral da saúde e ela se integrava nas lutas travadas pelas associações de moradores, se incorporaram a criação do Movimento Pró-Saúde, em 1981. Neste movimento era pensado as lutas da saúde a nível municipal, integrado ao MUB e mantendo parcerias com o Sindicato dos Médicos. Esse movimento atuou fortemente nas lutas pela melhoria das condições dos serviços da saúde pública, na ampliação dos postos e unidades mistas, mas principalmente pela criação de um hospital geral⁹⁰.

Figura 60- Fechamento da Washinton Luís, escola de samba SOS Saúde, reivindicando saneamento para a Baixada, construção do hospital geral e melhoria da saúde pública nos anos de 1980



Fonte: Coleção Maria Melânia Ferreira da Silva sob a guarda do MVSB e CRPH/DC, 1980.

Passeatas, fechamento da Washington Luís, organização de uma escola de samba, formulação de relatórios, abaixo-assinados, reuniões, idas até as autoridades envolvendo as pastorais, o Movimento Pró-Saúde, as associações de moradores e o MUB. Os postos de saúde de Saracuruna e de Jardim Primavera foram reabertos após a realização de mutirões de capina, limpeza, pintura e pressão pela reabertura. Unidade mista foi construída no Pilar e depois em outras localidades. Após a Constituinte de 1988, os conselhos comunitários de saúde foram instituídos e a participação neles garantida. O hospital só foi construído em fins dos

⁹⁰ MVSB, Movimentos sociais e a Paróquia Nossa Senhora do Pilar (1980-1990) |Roda de Memória.YouTube, 05 de out. 2020. Disponível em: link do vídeo.<https://www.youtube.com/watch?v=9M8DKgwKSCk&list=PLD5A8kl709nMBukXCpuETdbBGluiuOikM>

anos de 1990 e inaugurado em 1998, após quase vinte anos de luta. Contudo, essa construção foi fruto da luta de muitas pessoas e movimentos.

Figura 61- Imagens institucionais do hospital



Fonte: Página do Hospital em uma rede social, 1998.

Entre as conquistas dos movimentos no 2º distrito e das ações realizadas pela paróquia vale destacar o Movimento Presídio Não. O governo do estado anunciou a instalação de um presídio na Figueira. A Associação de Moradores da Figueira, as demais associações do 2º distrito e a Paróquia do Pilar iniciaram uma intensa mobilização: assembleias, reuniões, reuniões com autoridades, fechamento da Washington Luís, abaixo-assinados até que as autoridades desistiram da iniciativa. O movimento contou ainda com o apoio do MUB. Logo depois o governo anunciou a instalação do presídio em Xerém. O movimento se deslocou para lá e garantiu a vitória. Nenhum presídio foi construído⁹¹.

⁹¹ MVSB, Movimentos sociais e a Paróquia Nossa Senhora do Pilar (1980-1990) |Roda de Memória.YouTube, 05 de out. 2020. Disponível em: link do vídeo. <https://www.youtube.com/watch?v=9M8DKgwKSCk&list=PLD5A8klt709nMBukXCpuETdbBGluuOikM>

Figura 62 - Reunião na casa Reunião contra o presídio na Casa do Sr. Assis, na Rua 12, Figueira, em 25 de setembro de 1984.



Foto: Acervo Coleção Maria Melânia Ferreira da Silva sob a guarda do MVSB e CRPH/DC. Na fotografia é possível ver moradores da figueira, de Jardim Primavera, de Saracuruna, de São Judas Tadeu, diretores do MUB, 1984.

Figura 63 - Assembleia em Xerém



(a)



(b)

Legenda: Nas imagens (a) e (b) podem ser vistos Sr. Davino (AM Vila Operária/MUB), Maria Melânia (AM Figueira), Marlúcia Souza (AMAJAP/MUB), Leu Cruz (AMA Campos Elíseos/MUB), Luciene Alcinda (AM Gramacho/MUB), Sebastião (MUB) e muitos moradores da Associação de Moradores de Xerém, das Paróquias do Pilar e de Nossa Senhora das Graças/Xerém na luta contra o presídio e pela reabertura da FIAT.

Fonte: Coleção Maria Melânia Ferreira da Silva sob a guarda do MVSB e CRPH/DC, 1984.

Figura 64 - Ato na Washigton Luís Presídio Não! Trabalho Sim, com a Reabertura da FIAT em 1985



Fonte: Coleção Maria Melânia Ferreira da Silva sob a guarda do MVSb e CRPH/DC, 1985.

Várias outras lutas mobilizaram moradores, comunidades da Paróquia do Pilar e depois a Paróquia Nossa Senhora das Graças em Xerém, Associações de Moradores, o MUB, os sindicatos, a igreja metodista, organizações não governamentais. Uma delas foi a luta pela terra em Xerém e pela retomada do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, no Capivari, ainda controlada por interventores. As ocupações e conflitos de terras voltam à cena do 4º distrito de Duque de Caxias e área rural de Nova Iguaçu. Para ajudar na organização dos trabalhadores rurais e na luta pela reforma agrária algumas lideranças do movimento camponês dos anos de 1950 e 1960, criaram em 1981, o Núcleo Agrícola Fluminense. Concomitantemente, no interior da Paróquia Nossa Senhora das Graças foi criada a PET – Pastoral Ecumênica da Terra. Esta paróquia recebeu como pároco um italiano, amigo dos padres da Paróquia do Pilar. Assim, os laços começaram a ser trançados. Após a chegada de Dom Mauro Morelli e a criação da Diocese de Duque de Caxias, a PET

ganhou mais força. O ecumenismo se fazia presente com as parcerias entre católicos e metodistas progressistas⁹².

Figura 65 - Núcleo Agrícola Fluminense



(a)

(b)

Legenda: (a) Sr. Joaquim Antônio um dos fundadores do Núcleo Agrícola Fluminense e uma placa com o nome da agremiação; (b) Encontro no NAF.

Fonte: Acervo PET, 1981.

O CEDI prestava assessoria juntamente com o PAS-Baixada, uma organização não governamental metodista e a Faculdade Bennett, também criada por metodistas. O Instituto Central do Povo, instituição metodista de ação social, disponibilizava ainda o espaço da escola recebida em doação da professora Armanda Álvaro Alberto, para o MUB, para o SEPE/ Núcleo de Caxias e para ações sociais da cidade. No interior do MUB, foram criadas várias comissões temáticas que coordenavam as ações da federação. Entre elas havia a Comissão Jurídica que acompanhava as questões jurídicas, os conflitos de terras e o apoio aos lavradores de Xerém.

Em 1982, o prefeito interventor de Caxias, Hydekkel de Freitas, anunciou a criação de um decreto acabando com a área rural de Caxias, transformando Xerém em área urbana, o que inviabilizaria a continuidade de luta pela reforma agrária em curso. Um ato na Câmara de Caxias mobilizou lavradores, associações de moradores, igreja católica e metodista progressista para protestar e conseguiram

⁹² MVSB, Movimentos sociais e a Paróquia Nossa Senhora do Pilar (1980-1990) 2 |Roda de Memória.YouTube, 13 de out. 2020. Disponível em: link do vídeo. <https://www.youtube.com/watch?v=mrwTb01dQio&list=PLD5A8klt709nMBukXCpuETdbBGluiOikM&index=2>

reverter o processo. Dois encontros de lavradores foram construídos neste início da década de 1980, um na Catedral de Santo Antônio em parceria com o MUB, no início de 1982 e outro em Xerém, em 1986, que contou com a presença de Betinho da FASE e do prefeito recém-eleito, Juberlan de Oliveira. Neste encontro os trabalhadores rurais apresentaram as suas reivindicações ao governo municipal.

Figura 66 - Encontro dos trabalhadores rurais organizado pelo NAF, PET e MUB, realizado na catedral de Santo Antônio.

(a)



(b)



(c)



(d)



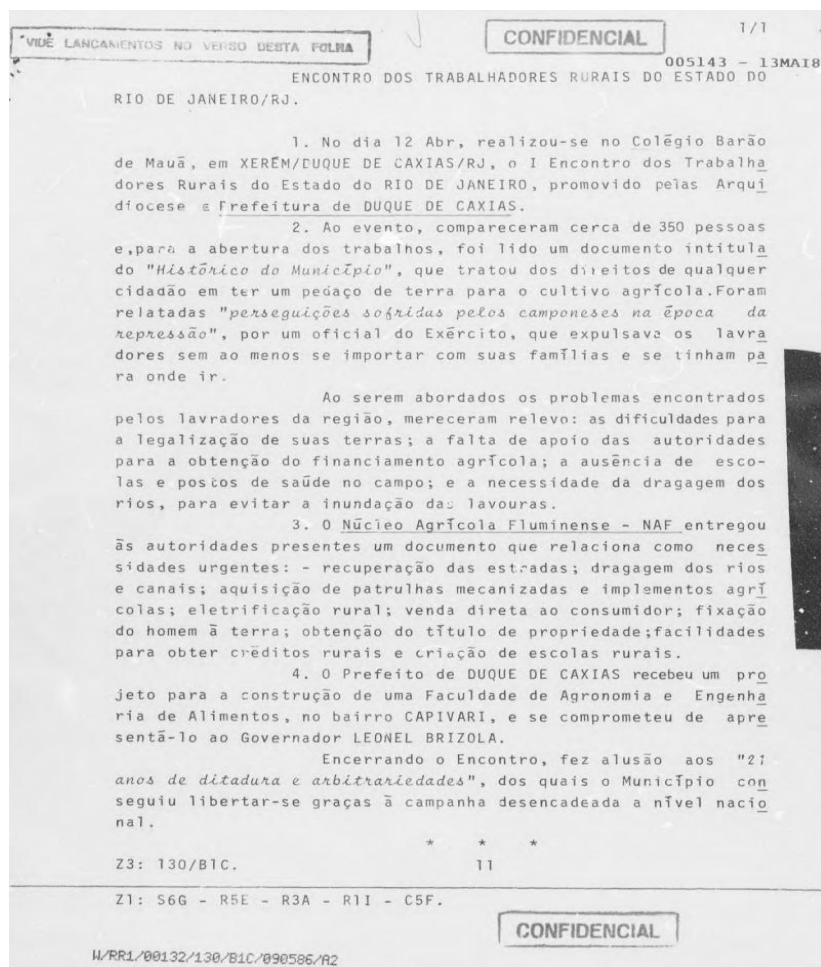
Legenda: (a) Equipe de animação do encontro PET, entre eles José Claudio Souza Alves; (b) Chico Silva do NAF, Cadu do PAS Baixada e Betinho da FASE 103 – 1982; (c) Marlucia Souza na recepção; (d) Encontro dos lavradores em Xerém, promovido pela PET e NAF, com o apoio da CUT – Central Única dos Trabalhadores, realizado no C. E. Barão de Mauá.

Fonte: Acervo PAS Baixada sob a guarda do CRPH/DC e MVSb, 1982.

O encontro de 1986, reuniu cerca 350 pessoas, segundo o registro do SNI. O primeiro prefeito de Duque de Caxias, eleito pelo voto direto, Juberlan de Oliveira, foi convidado e a ele foi apresentado um documento com reivindicações do movimento.

Várias instituições, inclusive o MUB, enviaram representações. Curioso é que mesmo depois da “abertura política” o SNI continuava vigiando e emitindo relatórios sobre os movimentos. Vejamos o que diz o documento (Figura 67):

Figura 67 - 005143 13 de maio de 1986. Encontro dos trabalhadores Rurais do Estado do Rio de Janeiro.



Fonte: Encontro dos trabalhadores Rurais do Estado do Rio de Janeiro, 13 maio 1986.

Desse encontro, os trabalhadores rurais conseguiram assegurar um espaço em frente ao Praça do Pacificador para vender direto ao consumidor o excedente de sua produção agrícola. Marlucia Souza esteve neste encontro, representando o MUB. Vejamos o que ela narrou:

Inicialmente eu fiz parte da Comissão Jurídica e a Comissão de Mulheres do MUB. Enquanto Comissão Jurídica acompanhou alguns conflitos de terra na minha associação de moradores em Jardim primavera e na área rural. Eu tive a oportunidade de participar do angú a baiana e posse do NAF, da

retomada do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, no Capivari, na entrega do trator e em alguns conflitos de terra em Xerém. O MUB e o movimento eram verdadeiras escolas. Conheci a área rural de Caxias e de Nova Iguaçu, os problemas vividos pelos lavradores, o trabalho realizado pela PET e as belezas naturais dos sopés da serra do Tinguá. Padre Domingos e padre Armando acompanhavam a PET, assim como dois pastores da igreja metodista, Jorge e Rosângela. Dois advogados prestavam assessoria mais diretamente, Aparecida Freitas da Paróquia do Pilar e Jairo do PAS Baixada e Igreja Metodista. Havia ainda o assessoramento do I- AJUP Instituto de Apoio Jurídico Popular, através dos advogados Thomaz Miguel Pressburger e Salvino, tanto nos conflitos de Xerém, quanto nos de Jardim primavera.⁹³ Em Jardim Primavera o dr. Salvino atuou junto a AMAJAP em três casos: pedido de reintegração de posse de duas áreas habitadas por mulheres de terceira idade e seus familiares com mais de vinte anos de posse e; outro pedido de reintegração de posse empreitado pela imobiliária Alcantara de Petrópolis contra os moradores do Aliado e do Parque Independência. Fazíamos reuniões semanais nas segundas a noite com os moradores desse último caso. Chegamos a ter mais de 600 pessoas participando. Nos três casos a AMAJAP conseguiu impedir os despejos. Nos casos das senhoras, foi dado início ao uso capião e no terceiro, a mobilização popular fez com que a imobiliária desistisse da ação. Essa área era extremamente populosa e com capacidade de grande mobilização. Foi criado um sistema de proteção coletiva. Mexeu com um, mexeu com todos. Moram no lugar até o presente. SOUZA, Marlúcia Santos de. Entrevista I. [jan. 2023]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2023. 1 arquivo .mp3 (180 min.).

As lutas mencionadas tiveram a participação de militantes da Paróquia do pilar e/ou da própria AMAJAP. Contudo, consideramos relevante indicar a seguir caminhos trilhados no interior da associação, ainda que elas sejam também fruto das conexões já apontadas até agora. Entre elas, as lutas em defesa dos direitos a educação em Jardim Primavera.

2.2. A AMAJAP e as suas conexões em fins de 1970 e década de 1980

A AMAJAP foi criada entre 1978 e 1979, por iniciativa dos moradores do loteamento Santana do Pilar, em sua maioria integrantes da Paróquia Nossa Senhora do Pilar. A direção e as mais importantes lideranças da AMAJAP eram

⁹³ Thomaz Miguel Pressburger nasceu em 1934. Formou-se em Direito em 1959 e em 1961, no interior de Goiás, iniciou uma longa prática de advocacia em prol de comunidades camponesas. Militou nas “Ligas Camponesas” e no Partido Comunista Brasileiro. Depois do golpe militar de 1964, optou pela resistência armada, aderindo à Vanguarda Popular Revolucionária. Esteve preso de 1969 a 1973. Em 1978 retomou às atividades de assessor jurídico junto à Comissão Pastoral da Terra, tendo atuado em várias regiões do país, notadamente, no sul, baixada fluminense e região serrana do estado do Rio de Janeiro, norte de Goiás e sul do Pará (Bico do Papagaio), Mato Grosso do Sul e Paraná. Em meados de 1985 criou o Instituto Apoio Jurídico Popular. (assessoriajuridicapopular.blogspot.com).

formadas por professores e funcionários administrativos das escolas públicas e SENAI⁹⁴, uma dentista, trabalhadores da construção civil, pessoas que atuaram na Pastoral Operária, da Saúde e da catequese, uma forte presença feminina formada por diaristas, empregadas domésticas e senhoras que eram chamadas donas de casa, desempregados e biscateiros. Na Paróquia do Pilar e no bairro de Jardim primavera havia ainda vários operários da FNM, do DNER, pequenos comerciantes⁹⁵.

As principais lideranças da AMAJAP participam dos movimentos sociais referidas anteriormente, se articulam junto as demais pastorais sociais da Paróquia Nossa Senhora do Pilar atuando conjuntamente com as outras associações construídas no 2º distrito de Duque de Caxias. As experiências conjuntas possibilitaram que as lideranças estivessem conectadas as lutas além do próprio bairro. Nesse sentido, o bairrismo foi sendo quebrado e a percepção dos problemas vistas no âmbito municipal e até na Baixada Fluminense. Exemplo disso foi a luta pelo saneamento e combate às enchentes, já que as bacias hidrográficas do Meriti, do Iguaçu/Sarapuí e Estrela/Inhomirim atravessavam vários municípios da Baixada e até da periferia da cidade do Rio de Janeiro. Assim como, as políticas públicas precisavam ser tratadas a partir das responsabilidades municipais, estaduais e federais.

Na medida que uma luta era travada, aprendia-se sobre as estruturas governamentais, os órgãos e agências públicas responsáveis, as redes estabelecidas de educação e saúde pública. Cada problema que os moradores levavam na assembleia da associação de moradores (AMs) demandava demanda, busca de informação. Na medida em que as lideranças atuavam conjuntamente no âmbito paroquial, as trocas entre as AMs permitiam o alargamento de informações, trocas de experiências e até ações conjuntas.

No 1º distrito do município de Caxias ações conjuntas e trocas entre as AMs também ocorreram na luta pela melhoria dos transportes rodoviários e pelo barateamento dos preços das passagens. As notícias da criação do MAB –

⁹⁴ Sr Darcy Silva que foi diretor da AMAJAP e do MUB trabalhou até a sua aposentadoria no SENAI. Hoje é pedagogo aposentado. Dados recolhidos pela entrevista para esta pesquisa.

⁹⁵ Nas entrevistas essas informações foram citadas em diversos momentos com todos os entrevistados citados ao início do presente trabalho na introdução.

Movimento Amigos de Bairros⁹⁶, federação das associações do município de Nova Iguaçu, e da força das mobilizações realizadas conjuntas, animaram as lideranças das AMs do município de Caxias a fundar o MUB⁹⁷, 1979. Logo a seguir, foi criado também a ABM - Amigos de Bairros de Meriti⁹⁸ em São João. O MAB começou a ser instituído entre 1974 e 1976, por conta inicialmente das enchentes, das lutas pelo saneamento e melhoria dos transportes públicos. Em São João de Meriti as lutas por saneamento básico, moradia e barateamento dos preços do transporte rodoviário integraram diferentes associações de moradores.

Lideranças da AMAJAP, participaram desde 1979 e na década de 1980, na fundação e direção do MUB: Marluvia Souza, Ivanete da Costa, Rita de Assis e Darcy da Silva. Várias lideranças da Paróquia do Pilar também atuaram nas direções do MUB: Damião e Cecília (Vila Maria Helena), Assis e Otacílio (Figueira), Aurelina ou Leu Cruz (Campos Elíseos), Miguel da Silva (Cidade dos Meninos) e Sebastião (Pilar). Ainda havia os que participaram nas comissões, nos congressos, nos atos, assembleias, reuniões do Conselho de Representantes, nos seminários e encontros variados.

Os militantes da AMAJAP estiveram envolvidos nos diversos movimentos e mobilizações populares apresentados anteriormente. Várias outras lutas foram travadas neste período. Durante o período do governo de Brizola na esfera estadual, alguns projetos populares foram criados e as associações de moradores de Caxias participaram de várias delas. A Ocupação Getúlio Cabral, em Parada Angélica, por exemplo recebeu apoio da Secretaria de Assuntos Fundiários tanto no assentamento, quanto na abertura do processo de regularização fundiária. A AMAJAP participou de três projetos. O primeiro foi “Uma luz na escuridão”, da Secretaria estadual das Minas e Energia. Houve uma reunião com o secretário

⁹⁶ Para saber mais sobre o MAB ver as dissertações: BERNARDES, Júlia Adão. Espaço e Movimentos Reivindicatórios. O caso de Nova Iguaçu. RJ: Edição do Autor, 1983; SILVA. Percival Tavares da. Origem e Trajetória do Movimento Amigos de Bairro de Nova Iguaçu (MAB) entre 1974 a 1992. Relação Vanguarda-base-massa: Práxis Política e Educativa. RJ: Dissertação de Mestrado em Educação pela FGV, 1993.

⁹⁷ Para saber um pouco mais sobre o MUB ver: MEDEIROS, Luciene. Mulheres no espaço político uma construção na vida e da vida. RJ: Dissertação de Mestrado pelo Departamento do Serviço Social pela PUC/RJ, 1998.

⁹⁸ Para saber mais sobre a ABM ver: SILVEIRA, Maria Lídia Souza da. Reinventando a Participação e o Poder Popular: ABM – Federação de Bairros de São João de Meriti e a Construção de uma Nova Hegemonia. RJ: Dissertação de Mestrado em Educação pela FGV, 1987.

estadual Maurício Linhares, a prefeitura de Caxias e lideranças das AMs de acordo com as entrevistas para essa pesquisa e nas lives.

A AMAJAP resolveu então solicitar a energia elétrica para as residências da Rua Manoel Duarte, no Aliado. Era um beco com várias casas iluminadas ainda com lamparina. Após acionar a CERJ, empresa energia elétrica responsável na época, descobriu que era necessário que os moradores pagassem pelo menos o poste e o relógio. Apesar do preço ser mais popular, os moradores não possuíam o valor. Lair e Darcy, entraram em contato com a Paróquia e pediu o dinheiro emprestado. Os moradores reembolsaram a paróquia em pequenas parcelas mensais, pagas na AM. No dia da inauguração da luz, festa com café e bolo de cenoura, nos contou Lair⁹⁹.

Ao longo da década de 1980, a força do brizolismo na cidade do Rio de Janeiro foi cada vez maior e dois brizolistas se sucederam na prefeitura: Saturnino Braga, em 1985, e Marcello Alencar, em 1988. Neste período, não foram elaborados planos diretores para a cidade do Rio de Janeiro, pois o foco da administração se transferiu das grandes intervenções urbanas para as questões sociais, com o enfrentamento direto da pobreza. Destacou-se, neste cenário, a nova relação com as favelas e a opção pela urbanização desses espaços. Sob a responsabilidade da Secretaria de Habitação e Trabalho, o governo do estado lançou o programa “Cada família, um lote”, que legalizou, no fim do governo, cerca de 41 mil lotes e unidades habitacionais, entregando títulos de propriedade em conjuntos habitacionais, favelas e loteamentos clandestinos em todo o estado... Ainda no âmbito das favelas, houve uma melhoria na infraestrutura com a implementação de programas como o Proface de água e esgoto e o “Uma luz na escuridão”, de implantação de rede elétrica nas comunidades do interior do estado. Cabe lembrar a importância do projeto dos Centros Integrados de Educação Pública, os Cieps¹⁰⁰.

O segundo projeto foi o da Superintendência Estadual de Rios e Lagoas (SERLA) que consistia em uma parceria deste órgão com as AMs com vistas a limpeza dos rios e canais do bairro, a partir de mutirões remunerados. Uma ação de combate às enchentes. A SERLA acompanhava e assessorava o trabalho de limpeza, pagava um salário-mínimo a um grupo de trabalhadores escolhidos pela associação, fornecia ferramentas como enxada, ancinho, foice e uma sopa para servir no horário do almoço. Já a AMAJAP selecionou os trabalhadores, acompanhou as contratações, era responsável de fazer o sopão, acompanhar o

⁹⁹ Sr. Darcy Silva e Sra Lair Santana são casados e foram membros da AMAJAP, do MUB e da PNSP como dito ao início do presente trabalho.

¹⁰⁰ Rio Memórias, Memória; A década de 1980 e o “Brizolismo” “Disponível em: <https://riomemorias.com.br/memoria/a-nova-arquitetura-carioca-acentuar-o-moderno-e-criar-estilo/> Acesso em 15 de maio de 2024

trabalho de limpeza e discutir com a SERLA o desenvolvimento do projeto. Segundo os narradores desta pesquisa essa experiência permitiu que a associação conhecesse todos os rios e canais das Bacias de Estrela/Inhomirim e a de Iguaçu que cortava o bairro. Contudo, o trabalho era muito duro, os equipamentos eram poucos. Limpar o Canal Faria que era extenso e largo, por exemplo, com enxada, ancinho e mãos exigia esforço sobre-humano dos trabalhadores, expostos a situações de risco, alimentados com uma sopa diária. No Canal Faria foi retirado sofá, muito lixo e jacaré.

Para os moradores a experiência foi difícil e dolorosa. A avaliação do processo não foi boa. O governo enviava um pó para ser misturado na água e depois cozido e distribuído como sopão. Os moradores ficaram sensibilizados pela qualidade do alimento distribuído para os trabalhadores e decidiram arrecadar legumes e carne para complementar a sopa. As mulheres se reversavam diariamente para fazer, levar e distribuir a sopa, sem qualquer remuneração. O terceiro projeto foi o dos CIEPs que falaremos posteriormente.

A experiência que a associação teve anteriormente foi de mutirão de limpeza do Posto de Jardim Primavera. Como já foi mencionado anteriormente, a Paróquia do Pilar e a AMAJAP combinaram o mutirão como estratégia de pressão sobre o governo municipal com vistas a reabertura dele. O mutirão durou apenas um final de semana e consistiu na capina e limpeza do terreno e da edificação; aterro das áreas alagadas; pintura de cal nas paredes, verificação das instalações elétricas e pintura do portão. Concomitantemente a organização do mutirão eram feitas as pressões pela reabertura do posto. O almoço (uma feijoada) foi feito com doações dos moradores, leigos e padres da paróquia. Inicialmente a paróquia enviava agentes comunitários e voluntários para manter o posto aberto até que a prefeitura assumisse o funcionário. Para os militantes esse mutirão foi eficiente, somente em um final de semana, o trabalho não foi exaustivo e o resultado atingido com a reabertura do posto pela prefeitura.

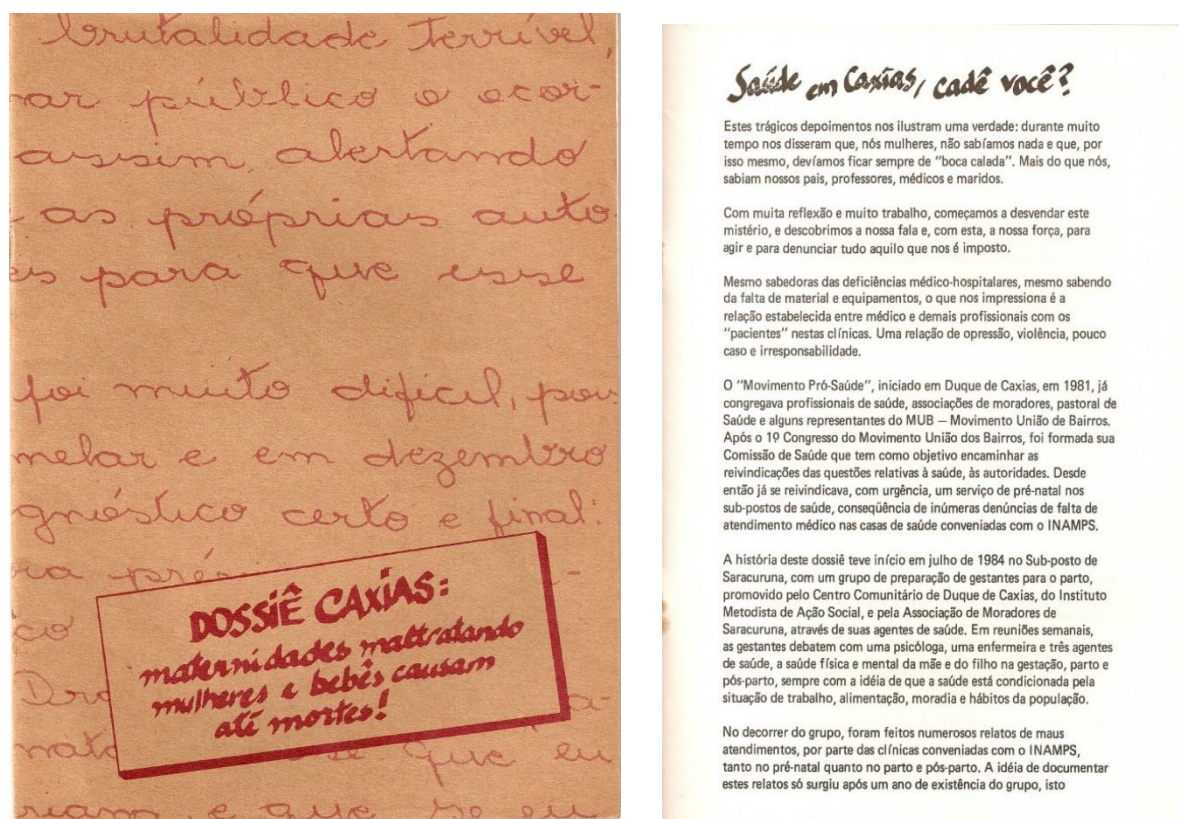
Já era comum naquela época a realização de um mutirão para a construção das lajes residenciais, das igrejas, de centros comunitários, de clubes populares e até de limpeza de uma vala ou rua. Curta duração, ação entre amigos, vizinhos e companheiros de fé. Já o do governo do estado parecia mais uma medida emergencial de baixo custo, com níveis de exploração elevada, com longo período de atuação e resultados que durariam por pouco tempo. Enquanto as lideranças

gastavam o seu pouco tempo livre para atuar nesta empreitada, deixava de organizar a resistência. Assim, a AMAJAP só cumpriu o acordo feito e não o renovou¹⁰¹.

Uma batalha bastante difícil enfrentada foi o caso da Maternidade de Jardim Primavera, conveniada pelo INAMPS. O Movimento Pró-Saúde, o MUB, e as suas associações de moradores do 2º Distrito, agentes da pastoral da saúde, com o apoio do PAS-Baixada realizava encontros semanais para prepara gestantes para o parto. Os encontros contavam a presença de uma enfermeira, uma psicóloga e três agentes de saúde. Durante o trabalho foram incorporadas mulheres no pós-parto. Durante o trabalho a equipe ouviu muitos relatos de maus tratos das gestantes durante o pré-natal, parto e pós-parto, sofridos na maternidade conveniada. O movimento Pró-Saúde, a Comissão de Mulheres do MUB e o PAS-Baixada resolveram elaborar um dossiê com os relatos das mulheres. Posteriormente solicitaram ajuda da ALERJ. A deputada estadual e feminista Lucia Arruda do PT, que também fazia parte da Comissão de Mulheres do parlamento, resolveu financiar a publicação do dossiê e acompanhar a feitura das denúncias. Após as denúncias e as pressões do movimento a maternidade foi fechada. Como será verificado no dossiê abaixo:

¹⁰¹ Nas entrevistas com todos mencionados na introdução, observamos esse cenário de organização para arrecadação.

Figura 69- Dossiê Caxias: Maternidades maltratando mulheres e bebês causam até mortes! (1984)



Fonte: Coleção Marlucia Santos de Souza sob a guarda do CRPH/DC e MVSB, 1984.

A AMAJAP contribuiu com o recolhimento de um depoimento e acompanhou a luta. Uma de suas diretoras, Marlucia Souza, era também diretora do MUB e fazia parte da Comissão de Mulheres. Acompanhou a feitura, o lançamento público do dossiê, a apresentação das denúncias e o fechamento da maternidade. É interessante observar essa veia de compromisso com as questões femininas presente na associação de moradores. Após a realização do Dossiê e dos encontros com parlamentares e autoridades públicas, em 1986, o presidente do INAMPS, Dr. Ézio de Albuquerque Cordeiro, resolveu incorporar à política do INAMPS ações de saúde que atendessem especificamente a mulher.

O MUB organizou vários encontros de mulheres para fazer linha de tempo, discutir o machismo, a violência contra a mulher, os homicídios, a necessidade de criação das delegacias específicas, para conquistar direitos e lutar o racismo. Isso se reverberou nas ações da AMAJAP. Semanalmente as mulheres do bairro se reunia nas casas delas. Debatiam, assistiam apresentação de slides, textos sobre a realidade da mulher no Brasil, na Baixada e no bairro. Quando chegou as fitas de

VHS e os vídeos cassetes foi uma festa. Filmes como “Acorda Raimundo”, “Quando o crioulo Dança” e tantos outros aqueceram os debates, as vezes regado a pipocas¹⁰².

Eu ajudei a recolher a denúncia de uma amiga de infância que estudou comigo. Ela teve gêmeos na maternidade de Jardim Primavera. Ela sofreu maus tratos, foi vítima de erro médico e foi obrigada posteriormente a se submeter a uma cirurgia reparadora. Foi horrível ouvir e saber desse sofrimento imposto as mulheres, difícil também foi a decisão de lutar contra a maternidade, até porque não havia outra no bairro. Nessa época eu era da Comissão de Mulheres do MUB e o movimento não teve escolha. O convênio foi suspenso e logo depois a maternidade foi fechada. A AMAJAP sempre teve pautou as questões femininas, até porque a maior parte das que mais lutavam eram as mulheres. A violência nos perseguia de múltiplas formas. Lembro que organizamos um encontro promovido pela AMAJAP para discutir a violência contra a mulher, chegamos reunir mais de 200 pessoas. Nesse dia, Carlinda e Charles, dois artistas do bairro, apresentaram nas escadarias do G. Bell um trecho da peça Gota D'água. Eles eram ótimos. No trecho em que eles retrataram as agressões à mulher, eu ouvi sinais emocionados. Olhei e vi muitas mulheres com lágrimas nos olhos, muitas delas vítimas de violência doméstica. Quando foi inaugurado a primeira delegacia de mulheres, nas proximidades da Escola Santo Antônio, uma representação de mulheres da AMAJAP estava lá, junto com a promotora Tânia Maria Salles. Souza, Marlucia Santos de. Entrevista I. [nov. 2023]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2023. 1 arquivo .mp3 (180 min.).

O que se verifica é que a combinação ou conexões instauradas entre as associações de moradores, as federações, a oposição e o movimento sindical, a Paróquia do Pilar/Teologia da Libertação/pastorais sociais, as lutas pela redemocratização produziram situação e processos formativos que impactaram a vida desses militantes e dos bairros. Isso explica a capacidade de mobilização das mulheres. Em 1985, durante a realização do 1º Encontro Popular de Saúde, promovido pelo Movimento Pró-Saúde e a Comissão de Mulheres do MUB, várias denúncias foram relatadas gerando a proposição da organização do 1º Encontro de Saúde da Mulher em Caxias. O encontro foi realizado em 16 de março de 1986 e recebeu a denominação de Fala Mulher. Posteriormente as federações das associações de moradores da Baixada realizaram o Fala Mulher unificado com mais de 3.000 mulheres¹⁰³.

¹⁰² MVSB. MUB (1980-1990) - Parte 01. YouTube, 21 de mar, 2022. Disponível em: link do vídeo. <https://www.youtube.com/watch?v=eJngdFSpYns&list=PLD5A8klt709kKK9LrGAGY4HdICLQkuML1>

¹⁰³ Ver: MEDEIROS, Luciene. Mulheres no espaço político uma construção na vida e da vida. RJ: Dissertação de mestrado pelo Departamento do Serviço Social pela PUC/RJ, 1998.

Figura 70- Capa do Caderno Informativo Fala, Mulher. Comissão de Mulheres do MUB



Fonte: Coleção Marlúcia Santos de Souza soba guarda do CRPH/BF e MVSB, 1978.

Como foi possível observar, diferentes temáticas e lutas por direitos variados mobilizaram as associações de moradores, e particular a AMAJAP. Esses envolvimento fizeram os militantes e os que participaram de alguma forma desses movimentos sociais a pensar e a repensar relações de gênero. Segundo Medeiros (1998) a Comissão de Mulheres do MUB e feministas da cidade chegaram a realizar diversos encontros com escritoras feministas como Rose Marie Muraro, trazendo reflexões que ajudaram esses militantes a repensar a visão de mundo incorporadas por eles ao longo de suas trajetórias individuais, ao mesmo tempo em que editavam novas formas de pensar o mundo.

2.3 AMAJAP, MUB e as lutas pelo direito a educação.

As conexões estabelecidas dos dirigentes e militantes da AMAJAP com a Paróquia do Pilar e com o MUB abriram caminhos para que a associação de moradores passasse a ter uma atuação mais ampla, fora dos limites bairristas. Ora

estava envolvida nas lutas pela redemocratização do país, nas lutas femininas, no apoio as lutas operárias, contra o presídio e pela Constituinte Já. Em algumas situações era difícil saber quem influenciava quem. Talvez afirmar que todos eram impactados, um pouco ou mais um pouco, dependendo da experiência que participava. Situação exemplar é o caso do debate acerca da educação. De um lado havia as aprendizagens tecidas no auge das lutas sociais construídas pelo SEPE. Outrora havia o debate acerca da crítica aos conteúdos burgueses e a escola bancária ou a fragilização do currículo para as escolas públicas. Uma escola tecnicista conteudista e burguesa e uma para os pobres, excludente, esvaziada de conteúdo, distante do território do estudante e promotora de evasões e reprovações em grande escala.

Circulava pelo SEPE, pela Comissão de Educação do MUB e pela AMAJAP o debate acerca da dura realidade da educação brasileira e o tamanho da exclusão, seja ela produzida pela ausência de vagas e a manutenção de um número expressivo de crianças fora do acesso a escolarização; seja pelos processos avaliativos marcados pela premiação ou pela punição/reprovações em massa, pelas expulsões daqueles que não se enquadravam na estrutura escolar disciplinadora e violenta, pela extrema desigualdade existentes entre as estruturas das escolas tidas como técnicas destinadas aos mais abastados e as escolas de educação simples para os pobres e trabalhadores¹⁰⁴.

Entre as obras e autores que contribuíram para estas reflexões no período destacamos as provocações de Paulo Freire e de sua Pedagogia do Oprimido; de Maria Tereza Nidelcoff, “Uma escola para o povo” e as suas reflexões de se pensar outras possibilidades de espaços escolares, ainda que suas reflexões tenham provocado intensos debates; a de Babete Haper, Claudio Ceccon e outros na obra “Cuidado Escola” popularizando, através de desenhos, as críticas a realidade da exclusão na educação brasileira e; as críticas potentes de Demerval Saviani acerca dos currículos e das críticas ao conteúdo bancário e burguês x a miséria da teoria e dos conteúdos oferecidos nas escolas públicas e populares com vistas a

¹⁰⁴ MVSB. SEPE (1980) | #MVSBLive Segundas Memórias. YouTube, 25 de abr. 2022. Disponível em: link do vídeo. Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=LFx8p5NjQSI&list=PLD5A8kl709kKK9LrGAGY4HdICLQkuML1&index=7>

manutenção da dominação de classe¹⁰⁵. O autor chama a atenção a falta de acesso a escolarização, para o alto índice de evasão escolar, para a precarização da formação escolar oferecida, a crítica ao conteúdo.

Os conteúdos são fundamentais e sem conteúdo relevantes, conteúdos significativos, a aprendizagem deixa de existir, ela transforma-se num arremedo, ela transforma-se numa farsa.

Parece-me, pois, fundamental que se entenda isso e que, no interior da escola, nós atuemos segundo essa máxima: a prioridade de conteúdos, que é a única forma de lutar contra a farsa do ensino. Por que esses conteúdos são prioritários? Justamente porque o domínio da cultura constitui instrumento indispensável para a participação política das massas. Se os membros das camadas populares não dominam os conteúdos culturais, eles não podem fazer valer os seus interesses, porque ficam desarmados contra os dominadores, que se servem exatamente desses conteúdos culturais para legitimar e consolidar a sua dominação. Eu costumo, às vezes, enunciar isso da seguinte forma: o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação (Saviani, 202, p.45)

Ao criticar a realidade social e educacional brasileira, Saviani (2021) em sua obra *Escola e Democracia* fez uma análise a partir das teorias educacionais. Bebendo na fonte de Paulo Freire, Saviani argumenta a necessidade de manutenção dos conteúdos para gerar uma sociedade crítica. Sua perspectiva situa-se em qualificar a formação dos trabalhadores com vista ao enfrentamento da dura realidade.

Um outro aspecto presente no debate travado nos anos de 1980, e aí tem a ver principalmente com as contribuições de Paulo Freire, é a valorização dos saberes populares, construídos pelos trabalhadores nas suas relações de produção, ou seja, na sua relação de trabalho com o outro e com a natureza. Saberes também construídos a partir das experiências por melhores condições de trabalho, por direitos e por transformações sociais. Saberes inclusive herdados dos mais velhos. Nesse sentido, há também uma movimentação de reconhecimento de diferentes formas de aprendizagens integrando oralidades, corporalidades, formas tradicionais de ensinamentos. Nesse caso, a potência da musicalidade, do teatro experimental

¹⁰⁵ FREIRE, Paulo. *A pedagogia do oprimido*. RJ: Paz e Terra, 1987; NIDELCOFF, Maria Tereza. *Uma escola para o povo*. SP: Editora Brasiliense, 1978; HAPER, Babete, CECCON, Claudio e outros. *Cuidado Escola!* SP: Editora Brasiliense, 1987; SAVIANI, Demerval. *Escola e Democracia*. Campinas/SP: Autores associados, 2021.

de Cacilda Becker ou do teatro do oprimido de Augusto Boal, do cinema novo, das poesias, das múltiplas linguagens que ofereciam oportunidades de participação.

Dentro desse processo referido, a Comissão de Educação do MUB organizou em parceria com o Centro Comunitário Duque de Caxias, vinculado a Igreja Metodista progressista o encontro Educar para Transformar, reunindo mais de 300 pessoas. O encontro foi realizado em 1985, no IEGLES, tendo como temáticas nos grupos pela manhã, a educação e o movimento popular, a Igreja, a escola, as alternativas educativas na cidade. O encontro contou com o apoio da FASE, do Bennett, NOVA, CEDI, IBASE e ETRESP. O SEPE Caxias participou em peso. Nesta comissão havia três militantes da AMAJAP na coordenação.

Figura 71- Cartaz do encontro Educar para Transformar, 1985



Fonte: Coleção Marlucia Santos de Souza sob a guarda do CRPH/DC e MVSb, 1985.

A Comissão de Educação do MUB, realizou várias movimentações para aquecer o debate e assegurar melhorias da educação na cidade. Conjuntamente com o SEPE Caxias elaborou um dossiê sobre as escolas da rede pública municipal. Fotografias das unidades escolares, formulários de pesquisa para mapear a

estrutura física das escolas, o quantitativo de estudantes e profissionais de educação, a existência ou a inexistência de orientação pedagógica e educacional, as carências e recolhimento das proposições de melhorias básicas. Gelson Martins, do MUB, foi o fotógrafo. Uma equipe mista formada por pessoas da direção do SEPE Caxias e da Comissão de Educação do MUB construíram o dossiê. Visitaram as escolas, recolheram os dados, sistematizaram as informações e montaram o documento final. Posteriormente foi realizado um encontro das AMs, representações das unidades escolares e do sindicato para a apresentação do dossiê para a Secretaria Municipal de Educação. A secretária de educação, subsecretária e equipe da SME receberam o documento e se comprometeram com algumas proposições do movimento. Algumas conquistas foram obtidas como orientação pedagógica e educacional nas escolas que não havia, instalação de salas de leitura, entre outras estruturas¹⁰⁶.

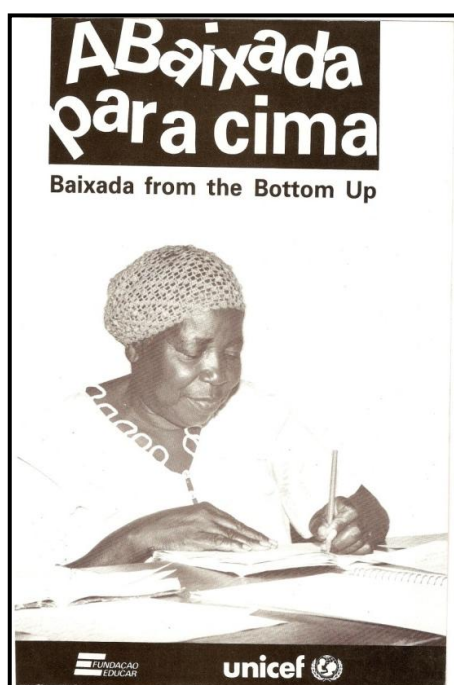
A Fundação Educar lançou um projeto de alfabetização de adultos para a Baixada Fluminense. Inicialmente os técnicos procuraram os bispos Dom Adriano Hipólito de Nova Iguaçu e ele indicou a importância e a exigência do estabelecimento de parcerias com os movimentos sociais, principalmente as federações das associações de moradores. Na série “Segundas Memórias” os técnicos mencionaram que inicialmente o MUB não quis entrar na parceria. A instituição considerou que seria uma continuidade do antigo Mobral e como discordava dos caminhos trilhados anteriormente, não se inseriu. Posteriormente a Comissão de Educação do MUB reconheceu que o trabalho proposto era diferenciado e foi convencida a entrar na parceria, ao identificar que a alfabetização de jovens e adultos estava baseada na metodologia de Paulo Freire e de que os parceiros estavam sendo ouvidos e considerados durante a realização dos trabalhos. Assim, a Fundação Educar estabeleceu parcerias com a Cáritas de Nova Iguaçu, com o MAB, com os Clubes de Mães, com a Biblioteca Comunitária Dom Oscar Romero, com a ABM e com o MUB.

A implantação das turmas, a escolha dos professores, a participação direta na formação dos professores e seleção das equipes coordenadoras, a elaboração de

¹⁰⁶ MVSB. SEPE (1980) | #MVSBLive Segundas Memórias. YouTube, 25 de abr. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LFx8p5NjQSI&list=PLD5A8kl709kKK9LrGAGY4HdICLQkuML1&index=7> link do vídeo. Acesso em:

material de apoio, o acompanhamento das turmas, tudo era fruto de uma intensa interação e discussão com os técnicos da Fundação Educar e os movimentos sociais. A AMAJAP foi uma das associações inserida no projeto, tendo formado várias turmas. Elas funcionavam a noite, no CIEP Henrique Teixeira Lott e na Capela São Sebastião, situada na Favela da Divinéia. Quando os problemas apareciam, as soluções eram mediadas pela AM, pelo MUB e pelos técnicos da Fundação Educar. O projeto foi considerado bem-sucedido e premiado pela UNICEF¹⁰⁷.

Figura 72- Projeto de alfabetização de adultos para a Baixada Fluminense



(a)



(b)



(c)

¹⁰⁷ Ver fonte abaixo. Caderno do MUB.

Legenda: (a) Capa do caderno apresentando a experiência premiada publicado pela UNICEF; (b) e (c) Imagens de um encontro de formação de professores que trabalhavam no projeto, realizado pela Fundação Educar na Zona Leste de São Paulo.

Fonte: Coleção Marlúcia Santos de Souza sob a guarda do CRPH/DC e MVSB, 1980.

No processo de formação dos professores do Polo MUB a História da cidade de Duque de Caxias foi incorporada. Vale lembrar que a Comissão de Educação do MUB havia oferecido as lideranças das AMs um curso sobre a História que não foi contada, ou seja, a História do Brasil e da Baixada do ponto de vista da resistência, do ponto de vista da classe trabalhadora que vivia nas periferias. Os estudos sobre a História local foi ganhando importância. Cursos da História da Baixada em parceria com o SEPE (núcleos de Caxias e de Nova Iguaçu), com o Sindipetro e até com a Secretaria Municipal de Duque de Caxias foram realizados. Uma outra conquista do movimento (SEPE e MUB) foi a aprovação na Lei Orgânica da Cidade a obrigatoriedade da inclusão da História do Município de Duque de Caxias nos currículos das escolas locais¹⁰⁸.

As reuniões da diretoria da AMAJAP aconteciam semanalmente na casa de Darcy e Alair. As assembleias gerais ocorriam mensalmente no Colégio Estadual Alexander G. Bell e foi em uma delas que aprovamos a nossa inclusão no Projeto Educar. Além de ser da AMAJAP, eu era professora da rede pública estadual e já tinha sido no passado diretora do MUB, com atuação na Comissão de Educação. Posteriormente fui professora do Projeto Educar na AMAJAP. As aulas eram noturnas e aconteciam no CIEP Henrique Teixeira Lott. O método de alfabetização era o de Paulo Freire. Aurelina de Jesus Cruz, a Leu, de Campos Elíseos e da Comissão de Educação do MUB, era a coordenadora do Polo MUB. Os técnicos da Fundação Educar eram profissionais muito comprometidos com a educação popular e com os movimentos sociais, o que favorecia o nosso trabalho. COSTA, Ivanete da. Entrevista I. [maio 2024]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2023. (60 min.)

Vale lembrar que a coordenadora do Polo MUB pertencia a Paróquia do Pilar e era da Comissão de Educação do MUB. Em Caxias, a Fundação Educar fez parceria com o MUB, com o Clube de Mães do Centro de Integração da Taquara e com a Associação de Moradores Bar dos Cavalheiros, que não era filiada ao MUB. Paulo Freire chegou a vir a Duque de Caxias para conhecer o projeto e fazer uma formação com educadores do Projeto Educar. Vale ver o documento a escrita dos

¹⁰⁸ MVSB. PROJETO BAIXADA - Parte 01. YouTube, 4 de abr. 2022. Disponível em: link do vídeo.

Acesso em:

<https://www.youtube.com/watch?v=TjXF55dMmgE&list=PLD5A8kl709kKK9LrGAGY4HdICLQkuML1&index=4>

agradecimentos presente no caderno publicado onde é apresentado que o projeto foi iniciado em 1986, atingiu cerca de 7.000 alunos. Há ainda uma descrição de toda a equipe da Fundação Educare, as coordenações de área e um breve histórico do projeto (Figura 67):

Figura 73 - Caderno A Baixada para Cima. RJ: Fundação Educar e UNICEF, 1986: 6 e 7.

Prioritariamente aos quase 7.000 alunos, que participam do projeto.

A nível institucional, ao professor Vicente de Paulo Barreto, presidente da Fundação EDUCAR, em 1986, que deu início ao projeto; seu chefe de gabinete, Walmer Jacintho Soares, que o acompanhou de forma sistemática. A nova presidente, professora Lêda Maria Chaves Tajra, que acreditando na experiência com sua equipe técnica, através da professora Maria Núbia Barbosa Bonfim, apóiam, ampliam e consolidam o projeto. Therezinha Wiggers de Almeida, que mais do que chefe de Divisão de Avaliação foi amiga e competente profissional.

A Laura Fraguito Esteves de Oliveira, coordenadora do projeto e sua equipe técnica constituída por Ana Margarida de Mello Barreto Campello, Eliane Ribeiro Andrade, Maria Angela Carvalho de Oliveira Muniz, Maria Fernanda Rezende Nunes, Maria Irene Alves Ferreira, Márcio Marcolino, Miguel Farah Neto, Rosa Lia Franca Vellozo, que garantem a competência técnica, o compromisso político, o envolvimento afetivo. E ao estagiário Marco Antônio Miguez Cruz.

A todos os técnicos que já fizeram parte do projeto.

Em especial, a Dom Adriano Hipólito, bispo da Diocese de Nova Iguaçu e Azuleicka Sampaio Rodrigues, presidente da Federação Municipal de Associações de Bairros de Nova Iguaçu, que desde o início acreditaram no projeto.

As distintas entidades que participam do projeto, representadas pela coordenação de área, incluindo alunos, professores, supervisores pedagógicos e assistentes administrativos: Dilcéia Quintela Nahon, da Federação Municipal de Associações de Bairros de Nova Iguaçu — MAB; Arthur Messias da Silveira, da Cáritas Diocesana de Nova Iguaçu; Simão Zanardi Filho, da Associação de Moradores Canal Meriti em São João de Meriti; Aurelina de Jesus Cruz, da

Federação Municipal de Associações de Bairros de Duque de Caxias — MUB; Vera Lúcia Silva da Conceição, da Associação de Moradores Bar dos Cavaleiros em Duque de Caxias; Maria da Glória Brandão, do Centro de Integração da Taquara em Duque de Caxias.

A Maria America Ungaretti do UNICEF, que durante três anos assessorou essa ação educativa.

Ao professor Paulo Freire, que participou do acompanhamento do projeto, colaborando na reflexão e avaliação de questões relevantes.

Aos diversos técnicos de outros setores da Fundação EDUCAR, que têm apoiado nos momentos de capacitação, infra-estrutura, parte administrativa e transporte.

A Anna Lúcia de Couto e Silva, que secretariou o projeto até 1987.

Agradecemos a todos que tornaram possível a realização desse álbum através dos depoimentos que enriqueceram nosso trabalho. Agradecemos também a Lourdes Grzybowski, Gerardo Hanna e Marcelo Riani Marques, da FASE (Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional).

A Gelson Marins de Almeida, supervisor pedagógico da Federação Municipal de Associações de Bairros de Duque de Caxias, pelas fotos cedidas, à Caliban Produções e à Fundação EDUCAR.

Por último, agradecemos a Cesare de Florio La Rocca, Yves de Roussan, Barbara Schmidt Rahmer e a equipe de tradução, Tânia Dias de Lima, Isis Kallfelz e Muntaz Amiri, e em especial a Maria America Ungaretti do UNICEF.

Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNICEF

Fonte: Acervo CRPH/DC e MVSB, 1987.

Difícil mensurar o processo de formação vivido por aqueles que de alguma forma participaram dessa experiência. Foram tantas reflexões e debates sobre Paulo Freire, a educação popular, as culturas nordestinas, a Baixada Fluminense, o Brasil, a importância da democracia e das lutas por direitos. Consideramos necessário ainda uma investigação de maior fôlego sobre esse projeto para trazer mais luz sobre a experiência vivida que ganhou até um documentário. Na “Série Segundas Memórias” podemos acessar no canal do Youtube do MVSB duas lives, uma primeira com os técnicos da Fundação Educar e uma segunda, com pessoas da Baixada que atuaram nas coordenações. Tivemos acesso ao projeto Educar que foi cedido ao arquivo do Museu Vivo do São Bento. O interessante do projeto era a preocupação com a formação de jovens e adultos que não tiveram acesso a

formação no período certo. Esse cenário é conectado a realidade social da época, porém o que nos chama atenção é a necessidade da Igreja Católica em fomentar o acesso à educação. Como podemos identificar os princípios que nortearam o projeto:

Nesta perspectiva insere-se o projeto de educação Básica para a Baixada Fluminense, de acordo com as diretrizes políticas- pedagógicas da Fundação EDUCAR, que priorizam o atendimento às áreas de maior concentração de jovens e adultos sem escolaridade básica, ou seja, a periferia dos grandes centros urbanos.

No intuito de averiguar as condições de possibilidade de alternativas educacionais, coerentes com as linhas de ação da Fundação EDUCAR, o Projeto possui caráter experimental, e busca consolidar o compromisso de prestar o apoio técnico, financeiro e material aos projetos oriundos das representações do espaço público: garantir a qualidade da ação educativa, através da seleção criteriosa dos professores, supervisores e assistentes administrativos; qualificar os agentes educacionais. Ministério da Educação-MEC. Secretaria de Ensino 1º e 2º graus¹⁰⁹.

É interessante ressaltar que foram encontrados acervos sobre a Fundação Educar em arquivos digitais através do site do CREMEJA que é o Centro de Referência e Memória da Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos. Esses arquivos foram fundamentais para compreender a instrumentalização do projeto para dar acesso à educação aos adultos e os jovens da época. Esse projeto foi uma potência para levar educação em uma região que durante muito tempo sofreu a margem da negligência do estado.¹¹⁰

A coordenadora do Polo MUB, Aurelina Cruz, também é uma das narradoras presentes nesta pesquisa. Vejamos o depoimento dela:

Eu fui coordenadora do polo MUB no início dos anos de 1980. Esse era um dos polos do projeto Baixada, sendo que aqui em Duque de Caxias tinha mais dois polos: o polo do bairro Bar dos Cavalheiros e o polo Taquara. Além de nós em Duque de Caxias, havia o polo em São João de Meriti, promovido pela Associação de Moradores, e em Nova Iguaçu tinha o polo do MAB e da Cáritas. Esses polos reuniam um universo enorme de professores e de alunos atendidos. Alunos jovens, porque estávamos no auge do processo de “jovenização” da educação de jovens e adultos, mas

¹⁰⁹ Fundação Nacional para educação de Jovens e Adultos- EDUCAR. Fundo das Nações Unidas para Infância- UNICEF. Projeto para educação básica para Baixada Fluminense. Rio de Janeiro: 1986.

¹¹⁰ A Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos (EDUCAR) foi fundada oficialmente em 1985 em substituição à Fundação Mobral, extinta no fim da ditadura civil-militar, quando a Nova República se instala no país. Com modus operandi de parcerias com o poder público, financiou projetos de alfabetização de prefeituras e estados e organizou um largo programa de formação continuada de alfabetizadores, com o uso de tecnologias. Funcionou até o ano de 1990, quando também foi extinta no início do governo Collor. Informações acessadas por meio da análise do site: <https://cremeja.org/a7/acervo-digital/colecao-educar/> Acesso em 20 maio 2024

também atendíamos alunos de meia idade e idosos, sendo que eram os mais adultos e idosos que tinham mais analfabetos, já os jovens tinham alguma escolarização. Era mais para terminar a escolarização do que alfabetizar. Isso não quer dizer que não existiam analfabetos nessa faixa etária, o que fez a gente também reconhecer o analfabetismo no Brasil e na experiência da Baixada Fluminense. A gente achava que esse número havia reduzido bastante, mas estivemos diante de uma realidade que comprovou que estava longe a erradicação do analfabetismo no Brasil e principalmente na Baixada Fluminense, local onde estávamos colocando em prática o projeto. Nós chegamos a ter muito mais turmas do que o poder público. Juntando os três polos tínhamos mais turmas do que o poder público e isso também resultou numa pressão para que o poder público passasse a oferecer mais turmas para os jovens e adultos. O resultado é que o município de Duque de Caxias e o Estado também ampliaram a sua oferta de EJA. Isso foi um ganho muito grande do projeto Baixada. A estrutura do polo, era uma estrutura singular... os professores eram indicados pelas Associações de Moradores. No caso do MUB, nós fazíamos uma seleção para ver se esses indicados tinham condições. Havia os professores e os supervisores. No caso do MUB havia 4 supervisores. Esses supervisores conversavam com os professores, assistiam a aula e só havia aula de segunda a quinta-feira. Nas sextas feiras era encontros de capacitação, preparação, replanejamento, discussão de alguma coisa importante para o projeto. (...) Cada polo tinha um agente administrativo e um coordenador e no caso do MUB, era eu a coordenadora. Havia reuniões periódicas dos coordenadores dos polos com a equipe técnica da fundação EDUCAR. Então na fundação EDUCAR também tinha coordenação, tinha alguém responsável pelo administrativo e tinha os coordenadores ou técnicos. Esses técnicos eram divididos por polos. Aqui no nosso caso quem nos acompanhava era a Eliane Ribeiro, mas outros técnicos também vinham como Ângela Muniz, Miguel, Fernanda. Eles também vinham as vezes para as nossas reuniões trocar informações e saberes com a gente. Então tínhamos reuniões semanais com técnicos. E tínhamos reuniões no Rio também com todos os coordenadores e a coordenação geral que era formada por a Laura Fraguito Esteves e a América Angarete. Então havia um projeto que era altamente qualificado, faltam palavras agora... momentos de um grande aprofundamento, de discussões profundas. A gente não estava inventando a roda como muitos projetos de Educação de Jovens e Adultos correm esse risco de achar que ele é o inédito. Ele era original. A gente aproveitou muitas experiências que já existiam. Por exemplo, chegamos a ir a São Paulo para conhecer a experiência que tinha lá. Paulo Freire chegou a nos visitar aqui em Caxias para conhecer o projeto. Paulo Freire estava na banca da UNESCO que acabou concedendo a nós um prêmio de melhor projeto de Educação de Jovens e Adultos. Na ocasião Paulo Freire se retirou da banca de eleição porque ele dizia que era interessado, que estava envolvido e por isso era conflito de interesses. CRUZ, Aurelina Carias. Entrevista I. [maio 2024]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2023. (60 min.)

Os relatos mostram a potência do projeto EDUCAR em plenos anos de 1980 evidenciando a necessidade de universalizar a educação em territórios periféricos. É importante destacar a discussão em torno da educação popular e ao mesmo tempo a necessidade de ampliação das instituições escolares para a localidade, isso porque o aumento da oferta dos cursos de EJA foi resultado do sucesso do projeto. É interessante notar nos depoimentos, que muitos professores desconheciam as práticas freirianas, por isso a importância do investimento na formação continuada,

nos intercâmbios, nos seminários, nos grupos de estudo e outras atividades. O objetivo era sempre assegurar qualificação para os professores e para o trabalho pedagógico com os jovens e os adultos. Vejamos o depoimento de uma professora leiga que trabalhou no projeto por cinco anos em Jardim Primavera:

Meu nome é Creuza de Castro Queiroz, eu tenho 70 anos, um filho, 3 netos e 2 bisnetos. Moro em Jardim Primavera desde 1979. Tive uma vida de muita luta e de muito trabalho. Durante muito tempo eu fui da Associação de Moradores (AMAJAP) onde lutamos muito para melhorar o nosso bairro. Em 1981 fui trabalhar como voluntária no C. E. Alessandro Graham Bell, sem remuneração nenhuma, mas tinha a promessa de um dia ser contratada. Depois de muitas idas e vindas, veio a contratação em 1988 pelo regime de CLT que durou apenas 1 ano, pois no ano seguinte fui contratada como efetiva pelo então governador Leonel Brizola.

Eu ainda tive uma outra chance inesperada. Não sou professora, apenas tenho muito conhecimento e força de vontade. Uma amiga, a Ivanete da Costa, da associação de moradores, me disse que haveria um concurso para um projeto que teria parceria com as associações de moradores. Ela me perguntou se eu gostaria de tentar. Diante das minhas dificuldades eu resolvi tentar. Fiz a prova, mas por ironia do destino caiu na prova uma redação justamente sobre movimentos populares no bairro. Eu fiz a redação e tirei 10 e foi assim que eu entrei para o Projeto Educar. No projeto nós tínhamos que fazer planos de aulas, eu não sabia fazer, várias professoras do G. Bell me ajudaram no início. Por este projeto eu trabalhei por 5 anos, numa comunidade chamada Divineia, onde fica a comunidade São Sebastião. Eu dava aula de 2ª a 5ª feira, pois toda a sexta tínhamos capacitação na Escola São Francisco (escola da Igreja), em Caxias. Eu dava aula sem condição nenhuma. Os alunos escreviam nos bancos, pois não tinha mesa, nem cadeiras. Recebíamos materiais didáticos para os alunos feitos por nós nas formações. Chamávamos o nosso trabalho de alfabetização de jovens e adultos. Trabalhávamos com turma heterogênea. Alfabetizei muitas senhoras com mais de 50 anos de idade e adolescentes, muitos eram menores infratores. Ainda fazia um trabalho paralelo. Trabalhava de manhã no G. Bell, a noite na Divineia e ainda tomava conta dos meus pais.

O meu horário na Divineia era das 18 às 21 horas, fiz isso durante 5 anos lá na comunidade. Depois peguei minha turma e fui para o Graham BELL por causa da violência que começou a ficar difícil. No Graham Bell era mais tranquilo, mas devido os meninos do projeto serem muito crescidos começou uma implicância dos alunos da escola que se sentiam os donos do G. Bell. Eles ficavam chamando os meus alunos de marginais, aí consegui uma sala no CIEP 035 Henrique Teixeira Lott, onde encerrei as minhas atividades quando entrou o presidente Color. Ele acabou com o projeto alegando muita despesa, como recentemente que acabaram com tudo que estava dando certo, principalmente se for para ajudar os menos favorecidos. Tínhamos muitos professores como a Ivanete, Eny Antonina, Rosemere, Betânia, e outras que não me lembro os nomes. O nosso supervisor era o Josinaldo, outro lutador. Tinha também a Leu, o Celso que nos dava muito suporte. Ah! Eu me esqueci de falar, o salário era tão bom que eu consegui construir a minha casa e sair do aluguel. Se hoje eu tenho a minha casa eu agradeço a tantas pessoas que confiaram em mim e no meu trabalho. O meu primeiro pagamento era tanto dinheiro que eu não conseguia nem contar. Ao contrário do estado que mal dá para viver. Eu sou grevista, já enfrentei a polícia, as autoridades e hoje eu me orgulho de estar contando minha história e que história. Uma história de lutas que até hoje faço parte delas. QUEIROZ, Creuza de Castro. Entrevista I. [junho 2024].

Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2023. (60 min.)

A comunidade Divineia mencionada pela Creuza era naquela época uma ocupação recente, situada nos morros, nas margens da linha férrea, após a estação de Jardim Primavera. Dificilmente os jovens e adultos saíam de lá a noite para estudar. A Paróquia do Pilar instalou no lugar uma capelinha dedicada com o orago de São Sebastião e era nela que aconteciam as aulas da turma da Creuza. Somente depois do aumento da violência é que os jovens e adultos foram deslocados para um espaço escolar formal. No Graham a turma de Creuza enfrentou dificuldades, já no CIEP já havia outras turmas, sendo mais fácil a adaptação.

No depoimento de Creuza aparece mais uma vez o orgulho pela sua participação nas lutas da AMAJAP, orgulho pela militância e participação das greves dos profissionais de educação estadual, de lutar pelos seus direitos. Orgulho por ter conseguido erguer a sua casa própria, de ter conseguido alfabetizar as senhoras.

As experiências de lutas e os debates realizados pelos movimentos sociais na cidade de Duque de Caxias ajudaram os militantes a ver com mais profundidade a realidade social e a estabelecer críticas a ela. Ajudou ainda a pensar também a nova constituição brasileira e os debates realizados pelos movimentos sociais na cidade de Duque de Caxias ajudaram os militantes a pensar a constituição brasileira desejada, principalmente quando surgiu no Brasil o Movimento Constituinte Já. Pois a própria constituição abarcou mudanças importantes no que diz respeito ao acesso e o direito a educação. Nos casos específicos das lutas pela anistia, pelas diretas já e pela constituinte já, foram organizados comitês municipais, envolvendo o MUB, as associações, CEBs, metodistas progressistas. No caso específico da Constituinte Já, o MUB, a Diocese de Duque de Caxias e o bispo Dom Mauro Morelli atuaram muito fortemente. A Comissão de Educação e a de Formação organizaram um curso para as lideranças das AMs onde todas as constituintes brasileiras foram estudadas. Posteriormente foram definidos os princípios norteadores, o que era essencial lutar para assegurar, como interferir, organizar as idas a Brasília para acompanhar e participar dos debates.

A constituição de 1988¹¹¹, ficou conhecida como constituição cidadã, já que nela, foram incorporadas parte das reivindicações dos diferentes movimentos do país inteiro. Nela, foi assegurada importantes conquistas, entre elas, o de assegurar o direito à educação e a saúde para todos e como dever do Estado brasileiro. A conquista desse direito, representou com certeza a maior conquista na área da educação brasileira e toda essa luta foi determinante para que as pessoas em Duque de Caxias, especificamente no Segundo Distrito que estamos analisando tivessem acesso ao que durante muito tempo foi negligenciado pelo Estado: seus direitos.

¹¹¹ Quando surgiam as campanhas nacionais como as da Anistia, das diretas e da constituinte concomitantemente foram surgindo comitês estaduais e municipais. Segundo os entrevistados e as documentações encontradas no arquivo do MVSb, em Caxias o movimento institui os três comitês, como veremos a seguir. Vale ainda ressaltar que vários materiais produzidos pelas instituições de assessoria como a FASE, produziram cartilhas e outros materiais de divulgação e informação que eram distribuídos para os comitês municipais.

3 AS LUTAS POR ESCOLARIZAÇÃO E PELA MEMÓRIA NO BAIRRO DE JARDIM PRIMAVERA

... a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetro etc. Que a importância de uma coisa há de ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

Manoel de Barros

Ao pesquisar sobre os movimentos ocorridos nas décadas de 1970 e 1980, ficou evidenciado o quanto parte da classe trabalhadora caxiense estava insatisfeita com a ausência de políticas públicas que lhes assegurassem direitos básicos. Ao mesmo tempo que revela a precarização dos poucos serviços oferecidos. Através da análise de Marília Pontes Sposito é possível observar tal cenário:

As mudanças econômicas, políticas, jurídicas e institucionais conduzidas pelo regime autoritário resultaram em profundos desajustes na sociedade, ainda não enfrentados pela transição iniciada na década de 80. Nesse processo, o modelo autoritário imprimiu certa “divisão do trabalho” de tal forma que, ao Poder Federal, coube a criação de condições para garantir o bom andamento do processo de acumulação e centralização política. Os investimentos na área social, particularmente na educação, foram reduzidos sem atender as suas necessidades elementares. O ensino público se degrada, deixa de oferecer condições mínimas de educação para a classe trabalhadora. (Sposito, 1993: 21)

A ausência de investimentos na educação pública estava relacionada ao projeto de conservar as coisas como estavam e, beneficiar apenas a formação destinadas a classe dominante e aos setores médios. Assim, diversas mudanças foram instituídas no Ensino Superior, mas poucas na Educação Básica. Muitas dessas reformas visavam o controle ideológico das universidades e dos estudantes, além, de uma valorização de uma educação tecnicista que era o carro chefe. A Reforma Universitária de 1968 (Lei 5.540/68) resultou na criação do Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), centralizando o controle das universidades, permitindo ações diretas do governo na administração, currículo e conteúdo. É possível identificar ainda o sucateamento da educação pública e um amplo investimento e incentivo do governo na educação privada como afirma Sposito:

No âmbito federal, a repercussão de tais orientações nas políticas educativas pôde ser observada em vários níveis: ocorre o deslocamento

das verbas públicas para o setor privado, simultaneamente à injeção de verbas significativas em programas de impacto, como Mobral, que pretendiam imprimir alguma aparência de legitimidade ao modelo político em gestação; verifica-se a crescente ampliação dos organismos burocráticos, absorvendo boa parte dos investimentos existentes, ao lado da diminuição das despesas nos orçamentos tributários para o setor educacional.

A transferência de verbas públicas para o setor privado processou-se de várias maneiras. As orientações do Plano Nacional de Educação de 1965 já revelaram os interesses privatistas mediante o aumento de dotações serem transferidas ao setor privado em todos os graus de ensino (Sposito, 1993, p.54).

A falta de interesse do poder público em investir em educação para os filhos da classe trabalhadora é uma das faces perversas da Ditadura Civil-militar. Nesse sentido, a falta de investimentos na educação básica no município de Duque de Caxias e no bairro de Jardim Primavera reflete a mesma realidade social que eram vistas em todas as partes do Brasil, principalmente nas periferias.

Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros Volume XXII, produzido pelo IBGE, no censo de 1950, das 76.835 habitantes com 5 anos ou mais, com idade escolar, apenas 58% eram alfabetizadas. Só havia uma escola a nível federal (Odilon Braga que posteriormente tornou-se a Escola Nísia Vilela, no interior do Núcleo Colonial São Bento); 6 escolas estaduais, sendo 4 grupos escolares, 27 escolas municipais e 28 particulares. Havia apenas 4 escolas com ginásios e 1 escola com curso Normal¹¹².

No caso das escolas municipais, em sua grande maioria, foram instaladas em espaços residenciais alugados, casas compradas, escolas construídas de pequeno porte, caracterizadas pela precarização e ausência de infraestrutura adequada ao seu funcionamento. Os seus professores eram formados em grande parte por professores leigos. Já as escolas estaduais eram regidas por professores concursados e formados e a estrutura física era um pouco melhor. Contudo, elas eram poucas. Já as escolas privadas eram presença marcante e em processo de expansão. Somente na década de 1960, o número de grupos escolares estaduais foi ampliado. No caso específico do bairro do loteamento Santana do Pilar, a primeira escola pública só foi inaugurada no segundo semestre de 1967.

¹¹² FERREIRA, Jurandy Pires. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros Volume XXII. RJ: IBGE, 1957-1964: 251-255.

Neste tempo desigual e autoritário é que devemos compreender as lutas da AMAJAP para superar esta realidade imposta, herdada dos governos militares. Vejamos o que nos disse Florestan Fernandes:

O conceito de autoritarismo é logicamente ambíguo e plurívoco (Marx Webber o chamaria de “amorfo”). O que ele tem de pior é uma espécie de perversão lógica, pois está vinculada aos “abusos de poder” do Estado e à crítica neokantiana da exorbitância da autoridade”. O melhor exemplo das polarizações é o célebre livro de E. Cassirer. Esse livro desvenda a natureza e os limites da crítica liberal: não se busca o desmascaramento do Estado burguês, mas a denúncia de sua versão tirânica mais completa. (Fernandes, 2014, p. 39)

Para Florestan Fernandes, o cenário de autoritarismo se instalou com a imposição burguesa de se manter no controle político para atender seus interesses. Isso nos mostra que para essa classe não importa se um regime é democrático ou autoritário, uma vez que eles estejam no poder tendo seus privilégios conservados e ampliados. Isso explica os motivos que os setores conservadores da Igreja Católica tenham marchado em defesa e apoio ao golpe militar. O medo da “ameaça comunista” foi alimentado largamente durante a Guerra Fria, como já vimos anteriormente.

Essa Igreja conservadora passou a ter que conviver com o surgimento de uma Igreja mais popular e participativa, influenciada pelo Concílio Vaticano II, como já vimos. Leonardo Boff (1981) sinalizou em sua obra *Igreja Carisma e Poder* que a partir do Concílio do Vaticano II alguns setores passaram a reviver alguns princípios originários da instituição. Isso trouxe a reconexão com os pobres, e alguns questionamentos em relação a instituição que não era composta de pobres em sua estrutura clerical.

Essa perspectiva mais popular e democrática da Igreja sensibilizou muitos leigos a assumirem compromisso com a transformação social e em particular com a realidade educacional e também produziu um processo formativo em outras havia um problema crônico visível aos olhos daqueles que viviam em Jardim Primavera, a ausência de oportunidade de acesso a escolarização. Segundo Neudima Lima Luna, diretora do Grupo Escolar Hélio Rangel no período de 1967 a 1988, a situação do bairro Jardim Primavera era bem precária em 1967. Ela mencionou as dificuldades que ela encontrou:

Eu fui a primeira diretora. Inicialmente o nome da escola era Grupo Escolar Jardim Primavera. Depois foi feita uma homenagem a um professor leigo que tinha uma sala multisseriada em sua residência. Ele morreu atropelado

pelo trem e então a escola passou a ser chamada de Grupo Escolar Hélio Rangel. Ela foi a primeira escola pública de Jardim Primavera. Depois é que veio o Minas Gerais, o G. Bell, o CIEP. Quando eu cheguei em Primavera não havia nem água, nem luz... quando recebi a escola ela só tinha um prédio, 4 salas de aula, uma secretaria, uma cozinha sem água, seis banheiros, 3 femininos e 3 masculinos. Todas as ampliações foram feitas depois através de pedidos através de ofício, devido a grande procura por vaga e o crescimento do bairro. Assim aumentou mais um prédio, depois outro, foi construído o refeitório e a sala dos professores. Inicialmente não havia muro e sim cerca de arame. Você me perguntou se eu tinha fotografias antigas da escola. Antigamente a gente era muito pobre e ganhava um salário muito pequeno, não tinha dinheiro para comprar uma máquina fotográfica. Estou te enviando as poucas fotos que consegui achar. LIMA, Neudima. Entrevista I. [maio 2024]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2024.

Vale lembrar que inicialmente quando fizemos contato com a escola, não conseguimos obter imagens antigas dela, sendo assim, entramos em contato com a antiga diretora aposentada, a professora Neudima. Inicialmente ela mencionou as dificuldades existentes na época para se fazer registros fotográficos, mas que iria procurar e disponibilizou algumas imagens (Figura 68) posteriormente que veremos a seguir.

Figura 74- Escola Hélio Rangel



(a)



(b)



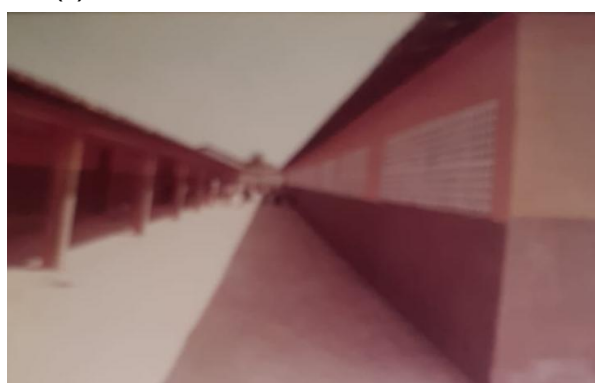
(c)



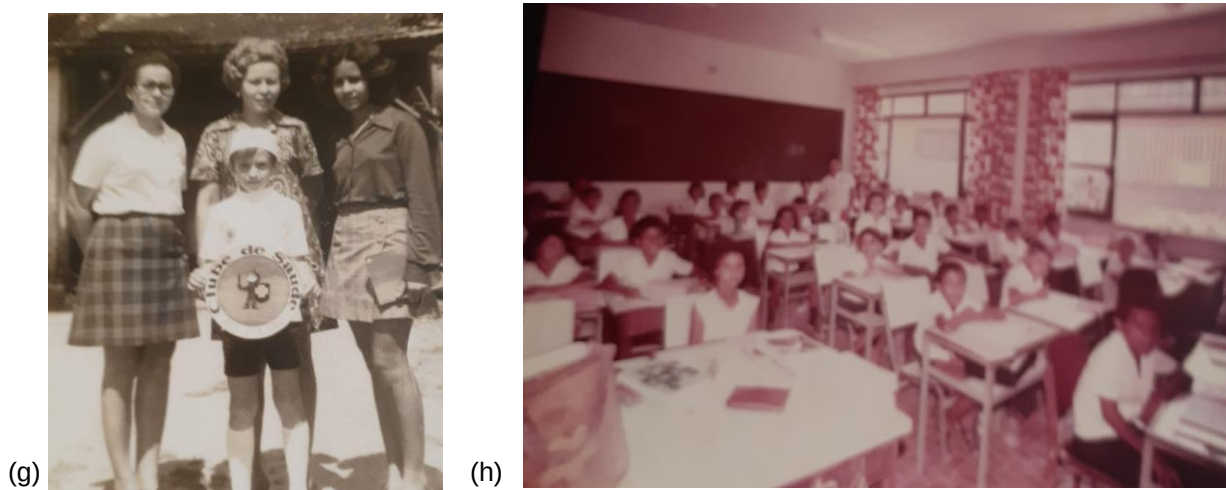
(d)



(e)



(f)



Legenda: (a) Sala dos professores depois de uma ampliação da escola s/data; (b) Imagens de alunos na frente da escola depois da ampliação em 1977; (c) Alunos formados no pátio da escola para a posse do Centro Cívico Escolar; (d) Parada escolar, onde se visualiza a Banda Marcial; (e) Refeitório depois da reforma na década de 1970; (f) Pátio onde se vê os dois prédios do grupo escolar, um de frente formado pelas salas de aula, acompanhadas de um varandão corredor. Um quintal retangular e os fundos de um outro prédio; (g) Diretora Neudima, duas professoras e um aluno do Clube da Saúde s/data; (h) uma turma na sala de aula.

Fonte: Escola Hélio Rangel, 1977.

A escola Hélio Rangel já nasceu como grupo escolar. Foi possível identificar durante esta pesquisa a instalação de vários grupos escolares na cidade de Duque de Caxias nos anos de 1960 e 1970. No artigo “As primeiras notas sobre os processos de escolarização em Duque de Caxias. Seu legado, nossa herança”, o CEPEMHED descreveu considerações importantes acerca das escolas municipais nos anos de 1950 e 1960¹¹³. Muitos espaços escolares foram instituídos em casas alugadas, compradas ou construídas pelo poder público municipal. Eram espaços pequenos que ao longo do tempo sofrendo adaptações.

Como já vimos, alguns foram instituídos em clubes esportivos de futebol e malhas, nos centros comunitários religiosos (Igrejas Católicas, evangélicas e terreiros de religião de matriz africana como foi o caso do terreiro de Joãozinho da Goméia) ou no interior das igrejas, como foi o caso da instalação de uma sala multisseriada no interior da igreja da Assembleia de Deus, construída no terreno da casa da parteira Odete, no Olavo Bilac. Espaços como esses mais utilizados nos fins de semana e no horário noturno, sendo cedidos para receber crianças para ensinar a ler, escrever e contar durante a semana. Alguns espaços surgiram ainda nas casas dos professores leigos. A precarização era uma das marcas dessa estrutura. Muitas

¹¹³ ARAÚJO, Cristiane Dias de; DAVID, Fátima Bitencourt; ALVES, Luciana Pires; RUFINO, Marcia Montilio e SPADETTI, Renata. CEPEMHED e as primeiras notas sobre os processos de escolarização em Duque de Caxias. Seu legado, nossa herança. 4-cepemed-e-as-primeiras-notas-sobre-os-processos-de-escolarizac3a7c3a3o.pdf (wordpress.com)

vezes havia apenas uma sala multisseriada regida por um professor leigo. Após as lutas dos moradores alguns espaços foram municipalizados ou ainda, construídos nova edificação para abrigar o espaço educativo como foi o caso da Escola Municipal Bom Retiro (Figura 69). Inicialmente foram utilizadas edificações existentes no campo de futebol e posteriormente, a prefeitura construiu a escola nas proximidades segundo os moradores da região¹¹⁴.

Figura 75- Escola Municipal Bom Retiro



Fonte: Fotografia tirada pela autora em maio de 2024.

O crescimento populacional e as pressões pela escolarização no Brasil contribuíram para a criação dos grupos escolares. Alguns grupos escolares foram instituídos em São Paulo, Rio de Janeiro e no Sul do país, ainda em fins do século XIX, mas é na república que estas unidades de fato se multiplicaram. No caso específico de Duque de Caxias, principalmente em sua periferia (2º, 3º e 4º Distritos), os grupos escolares proliferaram nos anos de 1960 e 1970, quando estes territórios foram impactados pelas fragmentações, pela formação dos loteamentos e pelo avanço da industrialização¹¹⁵.

¹¹⁴ MVSB, Achadouros Bom Retiro. Youtube, 5 de julho de 2020. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=mdfNIBv72cA>

¹¹⁵ SOUZA, José Edimar. Os processos de constituição dos grupos escolares em Campo Bom, Sapiranga e Novo Hamburgo/RS (1930-1934). História & Ensino, v. 27, n. 2, p. 239-265, 2021.

Vejamos duas imagens (Figura 70) de Xerém, 4º Distrito, exemplos clássicos do que estamos mencionando. A primeira imagem é da Escola Círculo Operário instituída em uma das casas da vila operária da FNM, cedida pela fábrica. A segunda imagem é da Escola Reunida¹¹⁶ Sergipe instalada em um prédio construído no formato padrão dos grupos escolares para abrigar o espaço escolar. No município de Caxias, boa parte dos grupos escolares foram instaladas inicialmente a partir deste modelo arquitetônico. Um prédio retangular com quatro salas de aulas, banheiro, cozinha e secretaria, como a do Hélio Rangel.

Figura 76 – Escolas de Xerém



(a)



(b)

Legenda: (a) Escola Círculo Operário; (b) Escola Reunida Sergipe

Fonte: Levantamento Estatístico de julho de 1971, realizado pela Secretaria Estadual de Educação e Cultura Inspetoria de ensino da 2ª Região Escolar formada pelos municípios de Duque de Caxias, São João de Meriti e Magé, 1971.

O processo instaurado de institucionalização da escola primária esteve assim, relacionado ao projeto de criação dos Grupos Escolares. O CEPEMHed recorreu a Saviani para apresentar o papel e a caracterização dos grupos escolares:

Segundo Saviani (2006), os grupos escolares representavam um novo modelo de organização escolar, no início da República, possuindo as principais características da escola graduada. Sendo um fenômeno tipicamente urbano, onde: se previa a necessidade de diferentes professores e a divisão do trabalho docente; os alunos passavam a ser classificados por nível de conhecimento; a constituição de classes seguia o

¹¹⁶ O CEPEMHed entende por Escolas Isoladas, o definido por Ghiraldelli (2008), como uma classe de quarenta alunos regida por um professor que deveria ser pago pelo Município. As Escolas Reunidas se situavam numa posição intermediária entre a Escola Isolada e o Grupo Escolar, porque, embora surgissem do agrupamento ou da reunião das Classes, adotassem o método simultâneo e o ensino graduado, não possuíam, principalmente, ela estrutura física ou arquitetônica dos Grupos Escolares.4-cepemmed-e-as-primeiras-notas-sobre-os-processos-de-escolarizac3a7c3a3o.pdf (wordpress.com)

critério da homogeneidade; havia o ensino simultâneo, a gradação curricular e do tempo para a aprendizagem; e a construção de um edifício escolar com diferentes salas (Araújo et al 2017, p.9).

O modelo de escola graduada instaura uma organização do espaço escolar por salas de aulas correspondente a uma série e uma faixa-etária determinada, e que por sua vez, estabelece para cada série uma seleção de conteúdos e de objetivos a serem alcançados. No caso do aluno não se enquadrar ou não conseguir apreender os tais conteúdos, ele pode ficar retido até que ele os adquira. Isso com certeza já abre um caminho para as retenções ou reprovações em massa, sem levar em consideração que o processo de estudo é sempre complexo, depende das mediações que o estudante possa fazer e isso independente muitas vezes da faixa etária de cada um. Os que trabalham com ciclo por exemplo, compreendem a complexidade do ato de aprender e que ele não pode estar subordinado a uma marcação do tempo correspondente a um ano ou ainda a uma faixa-etária¹¹⁷.

Ao classificar o aluno por série, a escola o enquadra em um determinado lugar, que ora seja de reconhecimento de sua potência, ora desqualifica outros saberes que ele possa ter construído. Aliás, só passa a ser valorizado a resposta do aluno se ela estiver relacionada aos conteúdos e/ou currículo imposto. O que podemos aqui indicar é que os grupos escolares no Brasil difundiram o modelo graduado e estabeleceram esse modelo como base estrutural do processo de institucionalização da escola primária. Esse modelo determinará assim, a organização das classes mais homogêneas da faixa-etária e do nível de progressão. Aqueles que não se enquadrarem ficavam exposto a depreciação e/ou a condenação a repetência, considerados burros muitas vezes.

Combinando esse modelo graduado com a lógica fordista e taylorista, teremos a sirene para sinalizar e controlar o tempo escolar de entrada, intervalo e saída; as chamadas ou carteirinhas para controlar a presença; a imposição da obediência e da hierarquia; a exigência de disciplina e da cobrança do silêncio para uma escuta padronizada; os exercícios de fixação e das decorebas em detrimento a compreensão do conhecimento; a propagação de conhecimentos compartimentados em disciplinas organizados em planos de aula; a afirmação do poder do professor

¹¹⁷ Ver PAULITO, André Luís. Lições do Passado? A escola graduada e a organização da aprendizagem em ciclos-exclusivos. Post Pensar a Educação. <https://pensaraeducacao.com.br/licoes-do-passado>.

em premiar ou punir o aluno e; o estabelecimento de avaliações que testam se o aluno pulou a corda da série a ele destinada. De certa forma, esta organização dos espaços escolares com o passar do tempo de institucionalização, foi ganhando feições de natureza e de normalidade, como se não pudesse ser a escola organizada de outra maneira. José Edimar de Souza chama a atenção para:

A base para este novo modelo, mais complexo, racional e moderno de organização da escola situava-se, principalmente na experiência da escola norte americana. Além disso, esse modelo de escola graduada estava se difundindo, guardadas as particularidades, em diferentes países do mundo, com a difusão do método intuitivo ou lições de coisas. É fundamental destacar a figura do intelectual brasileiro Rui Barbosa que junto com outros intelectuais da elite brasileira considerava necessário e ideal este modelo de educação para a população, a fim de que seria indispensável para construção de uma ideia de nação...

Rosa Fátima de Souza (2004) acrescenta que três fundamentos são indispensáveis nessa nova racionalidade atribuída ao ensino primário: a classificação dos alunos, um plano de estudos e o emprego do tempo. (Souza, 2021, p.4)¹¹⁸

A escolha dos grupos escolares, do modelo graduado e do ideário fordista/taylorista acrescentou dificuldades ao cenário não muito favorável para a universalização da escolarização. Assim, era difícil conseguir uma vaga e entrar e era difícil permanecer. Em 1972, durante o governo do General Carlos Marciano Medeiros na prefeitura de Duque de Caxias, uma pequena escola municipal foi criada no Parque Independência. Neste loteamento não havia uma escola sequer. Os alunos eram obrigados a caminhar longas distâncias até Saracuruna ou até o Grupo Escolar Hélio Rangel para chegar a uma escola.

Em 1976, uma nova escola foi inaugurada no loteamento Santana do Pilar, a E. E. Alexander Graham Bell, no governo de Carlos Chagas. Ainda assim, inúmeras famílias precisavam madrugar nas portas dessas escolas na esperança da obtenção uma vaga para filhos, um neto, um parente. A AMAJAP recebia em suas assembleias mensais os pais de alunos a reclamar das poucas vagas ofertadas pela rede pública no bairro, da precarização da escola municipal, entre outras coisas. A partir de 1979, a AMAJAP organizou várias lutas em defesa do direito a

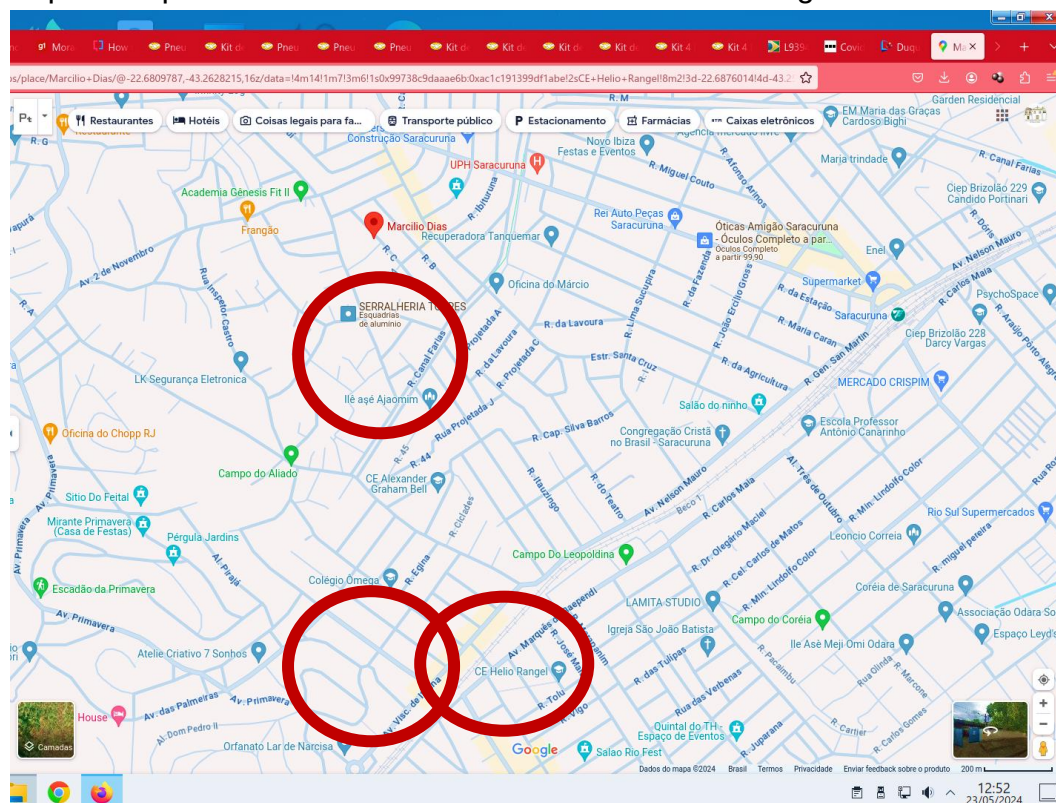
¹¹⁸ SOUZA, José Edimar. Os processos de constituição dos grupos escolares em Campo Bom, Sapiranga e Novo Hamburgo/RS (1930-1934). *História & Ensino*, v. 27, n. 2, p. 239-265, 2021.

escolarização, pela reforma das escolas e pela construção de um CIEP no Bairro e é o que veremos a seguir.

3.1. Pelo direito a escolarização e melhoria da educação no bairro de Jardim Primavera

Entre os movimentos em defesa do direito à educação, a AMAJAP também atuou: 1. Pela reforma e instalação de um reservatório de água da Escola Municipal Marcílio Dias, durante o governo do prefeito interventor coronel Américo de Barros; 2. Pela reforma e ampliação do Escola Estadual Alexander G. Bell e pela inclusão do segundo grau, atual Ensino Médio durante o primeiro governo estadual de Leonel Brizola; 3. pela ampliação de vagas nas escolas públicas resultando na construção do CIEP Henrique Teixeira Lott, também no primeiro governo estadual de Brizola; 4. pelo acesso a material escolar mais barato. Vejamos a localização das escolas mencionadas e investigadas neste capítulo. O CIEP Henrique Teixeira Lott está situado ao lado do Graham Bell (Figura 77).

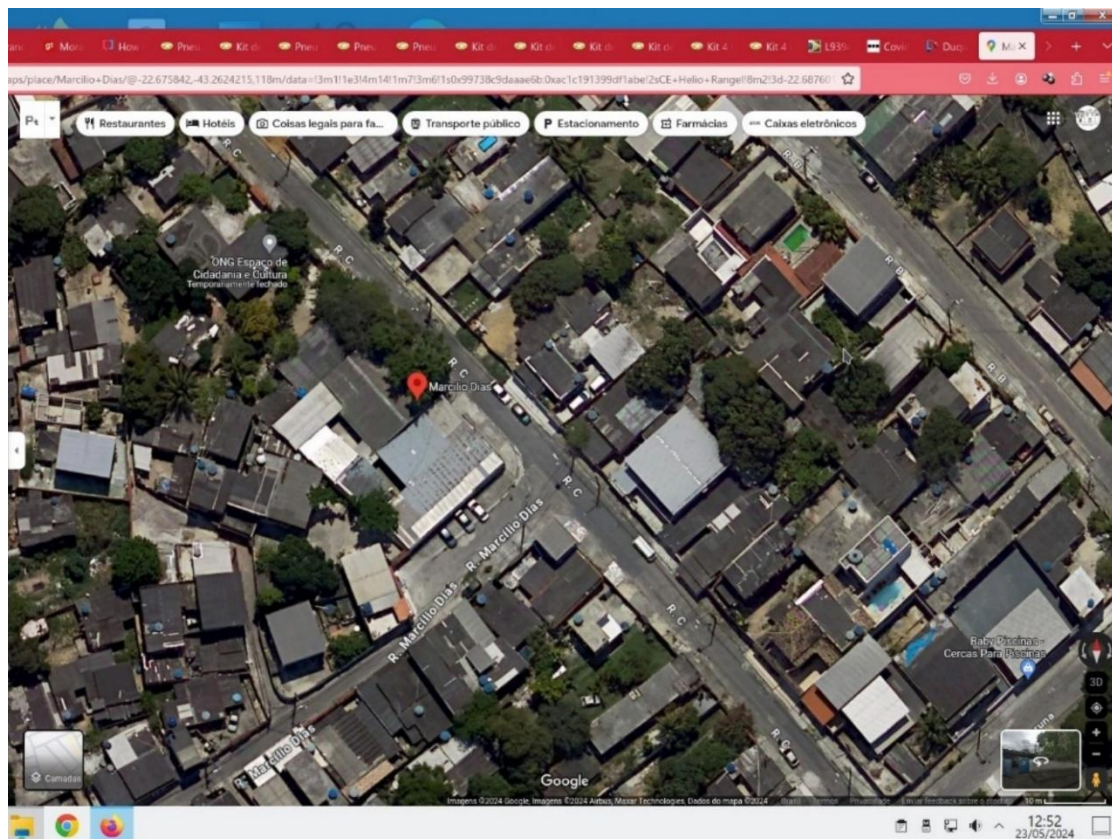
Figura 77- Localização da E. M. Marcílio Dias, do C.E. Alexander Graham Bell, do Ciep Henrique Teixeira Lott e DO C. Estadual Hélio Rangel



Fonte: Google Maps, 2024.

Como já vimos, a AMAJAP atuou na luta por três escolas: E. M. Marcílio, C.E. Alexander Graham Bell e CIEP Henrique Teixeira. Para descrever um breve histórico dessas escolas e as lutas travadas pela AMAJAP, utilizamos documentos variados guardados nos arquivos escolares dessas unidades: decretos de criação, fotografias, Projeto Político Pedagógico, históricos construídos pela unidade, entre outros. Utilizamos ainda os relatos dos narradores e militantes da AMAJAP e de profissionais de educação. Nos trabalhos de campo foi possível ainda conversar com os diretores destas três unidades escolares.

Figura 78- Localização da E. M. Marcílio Dias



Fonte: Google Maps, 2024.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da E. M. Marcílio Dias, a escola foi inaugurada em 28 de agosto de 1972, durante o governo do prefeito interventor General Carlos Marciano de Medeiros (19/07/1971 a 15/03/1975), atendendo a uma solicitação dos moradores locais. Ela foi instalada em uma residência existente no local, em uma área elevada situada na esquina da Rua C com a Rua que recebeu o nome da escola, Marcílio Dias. Havia um beco interligando a escola a Rua Londrina, uma das principais do loteamento Parque Independência. A casa sofreu intervenção e fora adaptada para o funcionamento da escola. Havia apenas duas salas de aula, uma secretaria e banheiros. A prefeitura escolheu como patrono da escola um militar da Marinha do Brasil que participou das batalhas na Guerra do Paraguai, guerra esta que projetou Duque de Caxias, o patrono do município. A escola teria assim, dois homens tidos como heróis, como modelos que os alunos deveriam ter. Agir e viver como um soldado em miniatura. Ainda no mesmo governo, ela sofreu uma reforma em 1974. Durante o governo do prefeito interventor, Coronel Renato Moreira da

Fonseca (15/03/1975 a 24/04/1979), a escola passou novamente por uma reforma em 1976.

Durante a minha visita a escola, conversei com a diretora atual, Dominique Hammers Barros de Amorim, sobre a minha pesquisa e sobre a luta da AMAJAP pela reforma da E. M. Marcílio Dias. Ela comentou que desconhecia esse movimento e que não havia registros na escola desta reforma, nem fotografia do prédio escolar original. A professora mais antiga da escola trabalha há 30 anos no Marcílio, mas quando aqui chegou, essa luta já era coisa do passado. Os funcionários que estavam na escola naquela época se aposentaram, alguns morreram. A diretora ficou interessada em conhecer essa parte da história da escola e incluí-la no histórico já existente. Essa história da luta do Marcílio Dias foi contada pelos militantes da AMAJAP.

Foi uma época maravilhosa.... Era bom... Trabalhar com povo. A gente. Darcy era o presidente da associação. Inicialmente pensamos em cobrar mensalidade para financiar as lutas, mas logo vimos que as pessoas estavam muito pobres, então desistimos. Fazíamos festas, rifas, pedíamos ajuda da igreja, tirava dinheiro do nosso. Eram muitas pessoas como a Rita Dentista. Muita gente que já morreu como a Paciência e D. Maria. A maioria das pessoas que participavam eram mulheres... Fomos a manifestação dos professores de Duque de Caxias para apoiar a luta deles, para reivindicar melhores condições e mais escolas. Uma escola que conseguimos foi a reforma daquela escola ali atrás, perto do Aliado, o Marcílio Dias. A escola não tinha estrutura, fomos conversar com prefeito, não fomos recebidos. Conseguimos depois de muita luta e idas com mais gente que eles reformassem a escola, que nem tinha banheiro direto.¹¹⁹ Santana, Lair; Silva Darcy. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, entrevista set de 2023. (120 minutos)

Segundo os relatos de Marlucia Santos de Souza, Lair Santana era uma das principais lideranças da AMAJAP. Ela era casada com Darcy da Silva, pedagogo que trabalhava no SENAI. Eles participavam da Igreja Católica de São Judas Tadeu e, portanto, eram membros da Paróquia do Pilar. Lideraram junto com os padres o mutirão de construção da Igreja Santana, no loteamento Santana do Pilar, passando a atuar nela a partir de então. Darcy contava que ele foi incentivado em cursar a universidade por conta das reuniões da Igreja. Lair estava envolvida com a catequese e era muito caridosa, vivia ajudando as pessoas em situação de vulnerabilidade. Darcy era da Pastoral Operária e incentivado pelos padres, juntamente com Lair, Berenice, Marlucia, Ivanete, Rita, Sr. José, D. Maria, Paciência

¹¹⁹ Entrevista realizada com Lair Santana e Darcy da Silva em 23 de setembro de 2023.

e Creuza ¹²⁰e outras pessoas, fundaram a AMAJAP, em 1979. Lair e Darcy eram reconhecidos pelos moradores. Apesar de viverem em uma casa nos fundos da casa dos pais de Darcy, possuíam um carro é importante lembrar que meu avô Pedro de Souza Filho¹²¹ também possuía carro e, portanto, dividia com o casal a tarefa de socorrer os moradores do bairro. Naquela época, poucos tinham carro. Quando havia uma emergência médica era a Lair, Darcy ou Sr. Souza como era conhecido que socorriam os enfermos. Essa popularidade do casal era inegável. Darcy foi eleito presidente da AMAJAP e as reuniões da diretoria eram realizadas na casa deles, durante a semana, à noite. Assim, os que trabalhavam fora podiam participar. Vejamos o depoimento de Souza:

A maior parte das movimentações da associação eram realizadas pelas mulheres, durante a semana. Idas a CEDAE, a CERJ, a prefeitura, as secretarias. Contudo, a habilidade de Darcy de coordenar as assembleias, ajudar a pensar os passos do movimento, redigir os documentos eram impressionantes. Sem falar na sua popularidade no bairro e por ser um dos mais velhos do grupo. Talvez por ser professor e liderança na Igreja, os moradores tinham muito respeito por ele e o elegemos presidente. Luciene Medeiros, em sua dissertação de mestrado, problematizou esta relação de gênero no MUB. Apesar das mulheres ter uma atuação maior, não chegaram à presidência da federação. No caso da AMAJAP, não havia uma relação hierárquica, o cargo de presidente era apenas por exigência legal. Contudo, em uma sociedade machista, ter um homem presidente era mais aceitável e acho que compreendíamos a realidade social vivida. Souza, Marlucia Santos de. Entrevista I. [nov. 2023]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2023. 1 arquivo .mp3 (180 min.)¹²².

Segundo Lair¹²³, em uma das reuniões de mulheres, as participantes que moravam na Rua Londrina se queixaram da situação da E. M. Marcílio Dias. Ela era muito pequena e o número de crianças fora da escola era muito elevado. Além disso, os alunos eram dispensados frequentemente da escola por conta da falta de água. A unidade escolar ficava situada em um morro e água dificilmente chegava lá. Não havia cisterna para que a prefeitura disponibilizasse água através do carro pipa. Na assembleia geral da AMAJAP, foi tirada uma comissão para ir à prefeitura. Depois de muitas dificuldades, conseguiram uma audiência com o prefeito e este se comprometeu de visitar o bairro.

¹²⁰ Todas as pessoas citadas fizeram parte da Direção da AMAJP e da Paróquia Nossa Senhora do Pilar, por esse motivo essas pessoas foram muito citadas nas entrevistas e nos levantamentos.

¹²¹ Pedro de Souza Filho foi patriarca da Igreja São Judas Tadeu e um dos desbravadores de Jardim Primavera.

¹²² Entrevista com Marlucia Santos de Souza em 14 de novembro de 2023.

¹²³ Entrevista realizada com Lair Santana e Darcy da Silva em 23 de setembro de 2023.

Marcamos o ponto de encontro com o prefeito na esquina da E. E. Alexander Graham Bell com a Rua 41, onde Berenice morava. Aliás, Berenice era outra liderança decisiva da AMAJAP. Ela era viúva e tinha dois filhos. Era dona do seu próprio nariz, com liberdade de ir e vir. Muito ativa, com muita habilidade em lidar com as autoridades. Ela dizia, algumas pessoas da comissão devem ter um comportamento junto as autoridades mais educado, racional e com habilidades em negociar. Outras precisam incomodar, ousar não compreender os argumentos das autoridades e se precisar, fazer barraco. Só com boa educação não se conquista as coisas. Combinamos que levaríamos o prefeito a pé do Canal Faria até a escola. Queríamos que ele visse as ruas sem asfalto, sem iluminação pública, sem saneamento, o Canal Faria em situação calamitosa. Queríamos que pisasse na lama com seu sapato preto bem engraxado, brilhoso. Aliás, o prefeito Américo de Barros era muito elegante, terno fino, parecia mais um político do que um militar. Curioso, que quando chegamos na escola os nossos sapatos e tênis estavam todos cheios de lama, inclusive as pernas do lado traseiro respingado. Já os sapatos do prefeito continuaram limpos, como se tivesse flutuado na lama. Nunca me esqueci desse episódio. Contudo, após a visita ele concordou com a realização da reforma. A cisterna e uma cozinha foram construídas, a escola reformada. No dia da inauguração da reforma os políticos apareceram, mas os moradores compareceram com uma faixa agradecendo a AMAJAP. Souza, Marlucia Santos de. Entrevista I. [nov. 2023]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2023. 1 arquivo .mp3 (180 min.)¹²⁴.

Ao analisarmos a biografia era visível a diferença dele para o prefeito da cidade anterior. O Coronel Renato Moreira da Fonseca¹²⁵ possuía trajetória mais diretamente vinculada a carreira militar, enquanto o prefeito Coronel Américo de Barros já havia participado em direção em administração pública, na Associação de Músicos Militares e até disputou eleições após a abertura política pelo PMDB. Ele representava essa fase de redemocratização.

O Coronel Américo Gomes de Barros Filho foi designado Prefeito Interventor do município de Duque de Caxias pelo Governador do Estado do Rio de Janeiro, Antônio de Pádua Chagas Freitas, por meio do Decreto de 20 de abril de 1979. Seu mandato foi de 24 de abril de 1979 a 02 de maio de 1982. Ele foi Diretor de Administração dos Conjuntos Residenciais da Companhia de Habitação do Estado da Guanabara (1972); candidato às eleições, pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) do Rio de Janeiro, como Deputado Estadual, ficando na suplência; diretor presidente da Associação dos Músicos Militares do Brasil e; faleceu no dia 29 de novembro de 2017(Amaro, 2023, p. 132)¹²⁶.

¹²⁴ Entrevista com Marlucia Santos de Souza em 14 de novembro de 2023.

¹²⁵ Coronel Renato Moreira da Fonseca assumiu vários cargos e funções no exército como Tenente (1944 a 1949); Capitão (1949 a 1953); Major, Tenente-Coronel e Coronel (1953 a 1973). Foi chefe adjunto e comandante de vários setores e assumiu várias Comissões, Sindicâncias e Inquéritos Policiais Militares.

¹²⁶ Amaro, Tania. Encontro com a História da cidade: relações de poder na dinâmica de duque de Caxias (1943/1985) In: Revista do IHGB Rio de Janeiro – ISS1519-5678, Ano 30, Número 30, 2023: 125-149.

Durante a minha visita ao C. E. Alexander Graham Bell anteriormente e a consulta ao arquivo escola foi possível localizar um texto digitalizado contando a história do colégio, como se ele fosse sujeito e narrador de sua própria história. Quando retornei ao Marcílio Dias para fotografar o acervo que a diretora localizou nos guardados da escola, encontrei um texto similar sobre a história da E. M. Marcílio Dias. Durante a primeira visita ao G. Bell fui informada de uma professora muito antiga e que havia lecionado na Pré-escola. Ao ligar para ela para conversar e tentar uma entrevista, fui informada que ela trabalhava atualmente no Alexander Graham Bell e na Marcílio Dias. Logo, pensei ser ela a autora dos dois textos e ela confirmou. Esta professora, Isabel Amorim, faz parte ainda hoje na Igreja de Santana, e é amiga de Lair e Darcy, acompanhou as lutas da AMAJAP e teve como sua primeira escola, o CIEP Henrique Teixeira Lott. Ela tornou-se uma das narradoras desta pesquisa. Vejamos o texto produzido por ela para trabalhar com os seus alunos do Marcílio Dias:

HISTÓRIA DA ESCOLA MUNICIPAL MARCÍLIO DIAS

Eu era uma casa grande e bonita que ficava na Rua C, no bairro de Parque Independência.

Vi muitos meninos jogando bola, brincando de pique, partilhando doces. Nos finais de semana, eles por mim passavam felizes com seus pais.

Percebi que muitos meninos passavam o dia todo brincando e não iam à escola, porque no bairro poucas existiam e vaga era muito difícil de conseguir.

Um dia chegou um caminhão cheio de homens; os adultos diziam que eram operários e que iriam preparar-me para construir uma escola.

Eu era uma escola pequena, com duas salas e uma secretaria e era administrada pelo governo municipal.

Fui inaugurada no dia 28 de agosto de 1972 e meu nome foi uma homenagem a um herói da Marinha do Brasil: Escola Municipal Marcílio Dias. Acolheria as crianças da comunidade de 1ª a 4ª série. No início, com 2 salas, atendíamos 4 turmas somente.

O ano de 1995 foi muito marcante para mim, pois uma ex-aluna da escola assumiu a minha direção, professora Maria Zilma, que permaneceu como minha diretora até 2010.

Em 1998, passei por uma grande reforma, com a construção de mais salas e reforma do telhado. Por um tempo fiquei aos cuidados dos operários. Tivemos que transferir nossas atividades para o CIEP 318. Como fiquei com saudades das minhas crianças!

Mas com esta reforma passei a ter 4 salas, acolhendo mais alunos. Dentro das salas tinha filtro de barro. A secretária ficava onde hoje é a sala dos professores.

No ano de 2002, no auge dos meus 30 anos, fizemos uma bela comemoração interna com coreografias, encenações e muita alegria. Neste ano eu estava em reforma e às aulas eram no prédio anexo à Igreja São Paulo. Após esta reforma nossa escola passou a ter 6 salas.

Em 2003 eu completava 31 anos e tivemos uma linda festa de comemoração com a presença novamente da Banda da Marinha. Neste ano também houve a implantação do Ensino Regular Noturno (séries iniciais).

Em 2009, ganhei uma sala de informática para atender e acompanhar os alunos nessa nova forma de aprendizagem. Neste ano houve a implantação do Ensino Fundamental Noturno (6º ao 9º ano).

Por mim, passaram e passam muitos professores e alunos que ajudam a construir a história do nosso bairro, do nosso município. Sou agradecida a todos que me acolhem: alunos, professores, pais, as igrejas que cedem seu espaço para os nossos eventos, enfim a todos os nossos colaboradores.

Hoje, crianças, jovens e adultos, do 1º ao 9º ano de escolaridade, ainda brincam e partilham doces, mas posso afirmar com orgulho, que além disso, ajudo a formar cidadãos conscientes e participantes dos seus direitos e deveres na sociedade através do maior bem que podemos oferecer: a EDUCAÇÃO (Texto de Isabel Amorim construído para trabalhar com os seus alunos nas comemorações do aniversário da escola. O texto foi cedido pela professora para esta pesquisa e faz parte do arquivo escolar).

Interessante observar que a história da reforma realizada no governo do Coronel Américo de Barros encontrava-se no esquecimento. A presente pesquisa, de certa forma, está ajudando a escola a lembrar, não apenas da reforma, mas desse movimento popular que lutou por ela. O curto espaço de tempo destinado ao trabalho de campo inviabilizou a ouvidoria de outros militantes e profissionais da educação. Contudo, a ida as escolas, o contato com os diretores, de alguns profissionais de educação e de alguns militantes da AMAJAP revelou a importância e a potência do trabalho da História Oral, da das narrativas ou relatos das experiências vividas por estes trabalhadores, inclusive da possibilidade desses narradores guardarem acervos importantes para a História da Educação. Vejamos algumas imagens da E. M. Marcílio Dias (Figura 73):

Figura 79- E. M. Marcílio Dias



(a)



(b)



(c)



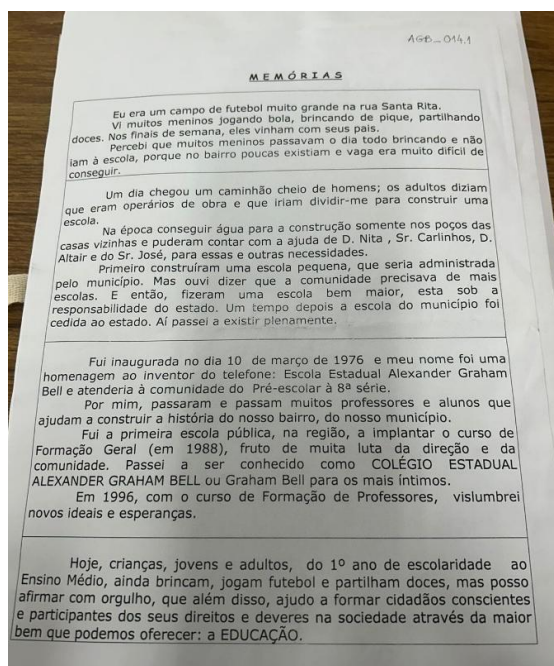
(d)

Legenda: (a) Igreja São Paulo Construída através de mutirão pela comunidade e pelos padres italianos, pertencente a Paróquia do Pilar. Várias militantes da AMAJAP que lutaram pela E. M. Marcílio Dias moravam na Rua Londrina e participavam desta igreja; (b) Fotografia da E. M. Marcílio Dias s/data, identificada na pasta da escola, arquivada no CEMPEMED; (c) Imagem de parte do prédio correspondente ao prédio original da escola em 2024; (d) Imagem externa da E. M. Marcílio Dias em 2024.

Fonte: (a) e (b) CEMPEMED; (c) e (d) As fotografias foram tiradas pela autora, 2024.

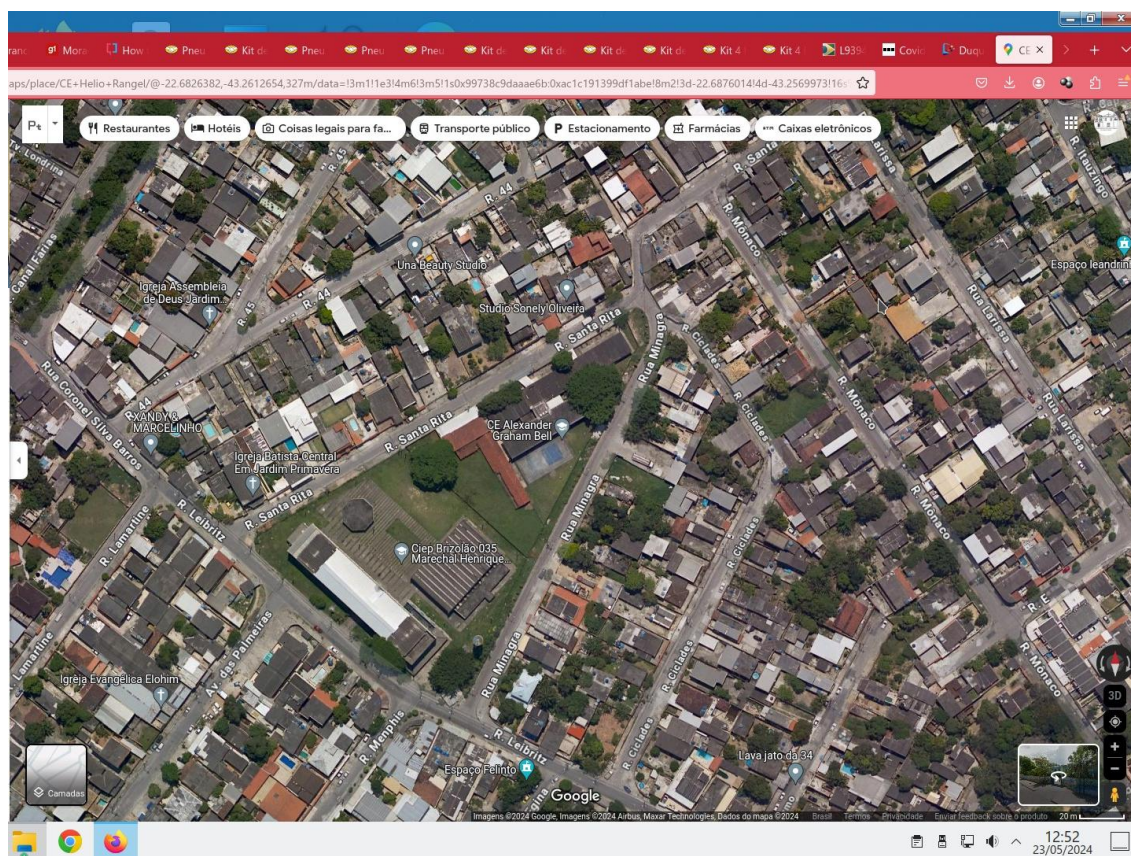
Para começar a apresentar a história da E. E. Alexander Graham Bell escolhemos trazer o texto (Figura 74) sobre a história da escola produzido pela professora Isabel Amorim. A escrita foi elaborada por ela para trabalhar com os seus alunos do fundamental, durante as comemorações do aniversário da escola.

Figura 80- Texto sobre a história da escola produzido pela professora Isabel Amorim



Fonte: Arquivos da escola E. E. Alexander Graham Bell, 2024.

Figura 81 - E. Estadual Alexander Ganham Bell e localização da antiga E. M. Casimiro de Abreu anexada ao C. E. Alexander Graham Bell e do CIEP 035 - Henrique Teixeira Lott



Fonte: Google Maps, 2024.

Voltando ao texto da professora Isabel Amorim, cumpre ressaltar que este fora produzido após a realização de uma investigação coletiva realizada pelos profissionais de educação do G. Bell. O texto foi localizado por mim, no arquivo escolar do C. E. Graham Bell. Neste arquivo consultado na escola, gentilmente autorizado pelo diretor da unidade escolar, encontrei fotografias, o Projeto Político da Escola contendo um histórico da unidade e outros documentos. Estas fontes e os depoimentos dos narradores e dos professores nos ajudaram a construir este breve histórico.

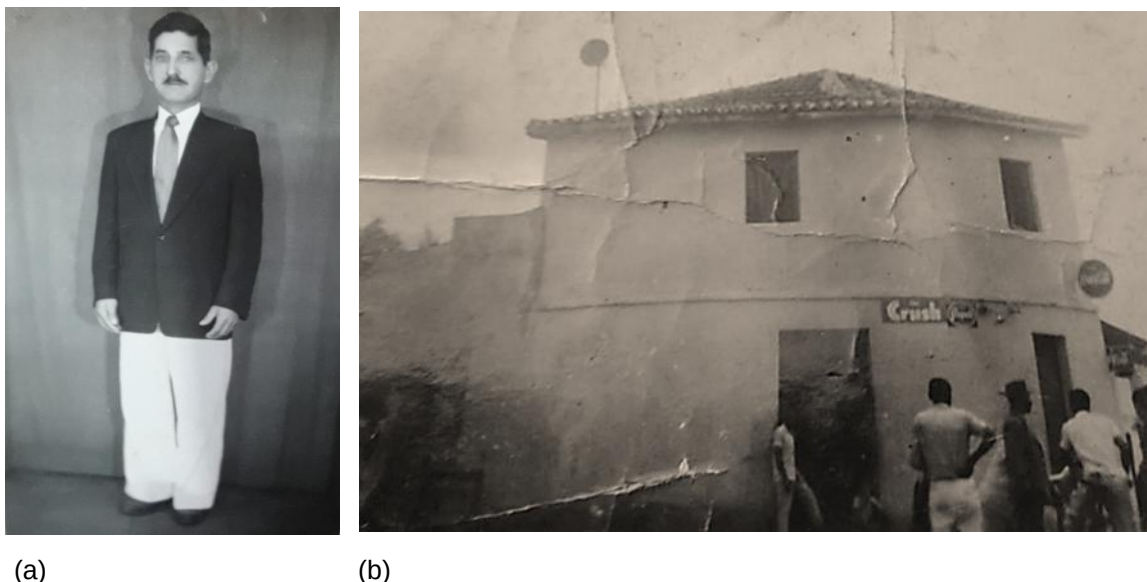
Isabel começa o seu texto assim:

Eu era um campo de futebol muito grande na Rua Santa Rita. Vi muitos meninos jogando bola, brincando de pique. Partilhando doces. Nos finais de semana eles vinham com os seus pais. Percebi que muitos meninos passavam o dia todo brincando e não iam a escola, porque no bairro poucas existiam e vaga era muito difícil de existir.

Neste primeiro parágrafo a professora denunciou a dura realidade vivida no bairro em fins da década de 1960 e início dos anos de 1970. A universalização da escolarização estava longe de ser assegurada.

Para seguir com a história é preciso falar de um campo de futebol, o campo do Americano Futebol Clube. Os relatos dos meus familiares¹²⁷ foram fundamentais para compreender este processo. O campo de futebol e o clube foi fundado pelo meu bisavô, Veriano Tavares. Ele saiu de Rocha Leão em busca de melhores condições de vida. Além dos sete filhos do primeiro casamento, ele chegou com a segunda esposa e mais 4 filhos. Pode ser considerado um dos desbravadores. Ele comprou um lote do loteamento Santana do Pilar, vindo a tornar-se o primeiro comerciante do local.

Figura 82 – Registros fotográficos de Veriano Tavares



Legenda: (a) Fotografia de Veriano Tavares encontrada no Arquivo da Diocese de Petrópolis s/data; (b) Casa de Veriano em cima e na lateral e o armazém em baixo s/data.
Fonte: Imagens cedidas por familiares para esta pesquisa, 1960.

A sua fotografia foi encontrada por minha tia durante uma pesquisa que ela realizava no arquivo da Diocese de Petrópolis. Ao lado da imagem a loteadora de Santana do Pilar o classificou como o primeiro comerciante local. No seu lote ele construiu a sua casa anexada a um armazém de secos e molhados. Do outro lado da rua ele fez o campo muito grande, do tamanho de um campo oficial. Possuía

¹²⁷ É preciso lembrar que o criador do Clube do Americano foi o meu Bisavô Veriano Tavares. Os depoimentos sinalizados de meus familiares são minhas tias, tios e meu pai.

bancadas de madeira ao redor do campo. Nos finais de semana chegavam homens do bairro de Jardim Primavera, bairros vizinhos e até de outros municípios para disputar com o time da casa. Churrascos, comidas variadas e cervejas animavam a festa. Posteriormente os jogadores se juntaram em mutirão e construíram um galpão para sediar o clube.

A foto abaixo foi a única encontrada por mim no baú das memórias da família. No texto de Isabel diz assim: “Um dia chegou um caminhão cheio de homens. Os adultos diziam que eram operários de obras e que iriam me dividir para construir uma escola”. Essa primeira unidade educacional instituída na área do campo foi a E. M. Casimiro de Abreu (antigo Jardim Tururi). Não foi possível identificar a data de sua construção, mas foi no início dos anos de 1970. Interessante que a professora cita em seu texto a contribuição dos moradores da rua para estas obras: “Na época, conseguir água para a construção somente nos poços das casas vizinhas e puderam contar com a ajuda de D. Nita, do Sr. Carlinhos, de D. Altair e do Sr. José, para essas e outras novidades”. Geralmente quando tratamos da história das escolas nas periferias e em temporalidades antigas esquecemos de considerar a participação dos vizinhos nestas construções.

Figura 83- Fotografia de jogadores no campo do Americano com vistas para o galpão do Cube s/data



Fonte: Imagem cedida por familiares da autora, 1970.

Segundo os relatos dos militantes nas entrevistas, as pressões por vagas no bairro de Jardim Primavera se intensificaram e em 1976, o governo do Estado do Rio¹²⁸ inaugurou a E. E. Alexander Graham Bell. Em 1978, a E. M. Casimiro de Abreu foi anexado ao Graham Bell, mantendo nele a Pré-escola e no restante o primário e o ginásio ou ensino fundamental. Vale lembrar que o prédio da E. M. Casimiro de Abreu foi construído já com a finalidade de ser espaço escolar, não foi uma casa adaptada. Ao olharmos as fotografias (Figura 78) que encontramos no arquivo do G. Bell podemos identificar que o prédio parecia muito com o modelo arquitetônico dos grupos escolares. Duas possibilidades: a primeira é que a escola municipal foi construída a partir do modelo dos grupos escolares adotados pelo governo do Estado do Rio. A segunda é que o governo estadual reformou ou reconstruiu a escola utilizando este modelo. Como não foi possível encontrar

¹²⁸ O Graham Bell foi construído no governo Faria Lima (1975/1981).

resposta para esta dúvida, optamos por mencionar as possibilidades. Vejamos as fotos abaixo:

Figura 84- Registros da E. E. Alexander Graham Bell



(a)



(b)



(c)



(d)

Legenda: (a) e (b) Imagem do prédio do Casimiro de Abreu s/data; (c) e (d) Fotos de alunos em festa e em comemoração ao Dia do Soldado s/data.

Fonte: Acervo Arquivo do C. E. Alexsander Graham Bell, 1978.

Quando estas escolas foram construídas o galpão inicial do Clube do Americano foi demolido. Um terreno foi doado e um novo clube foi construído na rua ao lado. Curioso nas entrevistas as relações dos moradores com o campo do Americano. Uns tinham medo a noite de passar pela rua sem iluminação pública. Onde era o campo era um breu, uma escuridão. Muitas moças tinham medo de serem arrastadas para o campo e sofrer abuso. Outros achavam que havia no campo mula sem cabeça. Contudo, durante o dia e nos finais de semana o campo animava o bairro e isso era um consenso. Talvez uma das poucas oportunidades de diversão, de alegria, de encontro caloroso entre amigos.

Contudo, quando os moradores se levantavam nas reuniões das associações de moradores algumas problemáticas como: precarização do G. Bell, as disputas por vaga, melhoria da merenda escolar, falta de professores entre outras pautas importantes para o funcionamento da escola. Foram várias idas a Secretaria Estadual de Educação - SEDUC para reivindicar melhorias, ampliação, contratação de professores e mais escolas. Quando a ida a SEDUC era feita apenas por uma comissão era utilizado os transportes coletivos. Nos casos de fazer uma pressão mais direta, a AMAJAP alugava ou conseguia ajuda para alugar ônibus. Em algumas situações a Paróquia do Pilar, o MUB e o SEPE Caxias ajudavam a pagar o ônibus. A AMAJAP organizava festa de rua e rifas para conseguir pagar o transporte.

Figura 85 - Imagens de festa de rua para arrecadar fundos para a luta s/data



(a)



(b)

Legenda: (a) MarluCIA Souza Maria Paciência; (b) Lair e Darcy.

Fonte: Coleção Lair Santana e Darcy da Silva - Achadouros Jardim Primavera sob a guarda do CRPH/DC, 1978.

No depoimento de Darcy fica evidenciado o papel da Igreja na vida dele. Passou a conhecer as pessoas do lugar, já que a sua família se instalara no loteamento recentemente. Aos poucos assumiu liderança na Igreja Santana e na Associação de Moradores. Em sua fala, é possível ainda observar o orgulho pela luta travada e a conquista do CIEP 035.

Participamos da Igreja Santana. Queríamos continuar participando em São Judas, mas a igreja já estava muito cheia e por isso resolvemos ficar em Santana. Fazíamos visitas as famílias junto com a sua vó Lisa e o seu avô, Hilda e Souza. Você conheceu seu Zé que morava ali na rua de trás? Perguntou o Souza. Eu dizia não. Então passei a conhecer aos poucos. Com aquelas visitas eu conheci MarluCIA, Ivanete e tanta gente. Pensar que essa escola aqui em frente existe por conta da nossa mobilização. Nos reuníamos aqui em casa, era mais fácil, tínhamos uma varanda e depois um salão grande onde fazíamos reuniões, nos reuníamos na Igreja. Também eu

devo a sua avó e seu avô (Hilda e Souza) que me levaram para Igreja. (ficou emocionado).

As assembleias, as reuniões da Associação, o movimento (MUB). Eu aprendi também muitas coisas, a conhecer diversas religiões, vivemos o evangelho. Ampliei o meu pensamento. Fazíamos reunião de mulheres. Porque eram maioria de mulheres que participavam das reuniões. Em uma dessas reuniões apareceu a Florinda. Nosso objetivo era reivindicar escolas, porque não existia vagas para todas as crianças e nem escolas suficientes. Fomos a prefeitura, a secretaria estadual de educação solicitar melhorias, mais escolas.

O Graham Bell tinha apenas o primeiro grau né, mas não suficiente e o segundo grau não tinha. Tudo era difícil a escola, a condução. Começamos a nos organizar para transformar a realidade. Muitas vezes não éramos recebidos na prefeitura, mas quando começamos a conseguir as coisas, a gente sabe como é que é né, toda autoridade... quando vê quer aparecer, vem, mas só fazia alguma coisa depois da pressão né, da Associação. Silva, Darcy. Entrevista dia 23 de set de 2023. Duque de Caxias. Entrevistado por Lisa Ferreira de Souza Andrade. (120 min)¹²⁹

Segundo os narradores, quando havia a necessidade de mobilizar as pessoas, eles faziam convites pequenos e imprimiam em um mimeografo a álcool. Os convites eram distribuídos nas salas de aula do Graham Bell, depois da missa, nos encontros da igreja. Eram ainda colocados cartazes manuscritos na porta da escola e dos bares da localidade para convocar para as ações.

Aproveitando da abertura política e da chegada de Brizola ao poder (1983/1987), a AMAJAP organizou um abaixo-assinado, elaborou ofícios e mobilizou os moradores para uma ida a Secretaria Estadual de Educação. O objetivo era solicitar a instalação do segundo grau no Graham Bell, já que não havia nenhuma escola pública nos bairros de Primavera, Saracuruna e Campos Elíseos que oferecesse o curso. O segundo objetivo era solicitar a construção de mais uma escola. O movimento conseguiu alugar dois ônibus e eles foram lotados, gente sentado e em pé.

Ao chegar na sede da Secretaria de Educação na Rua do Passeio, solicitamos uma audiência com a secretária. Alguns conseguiram entrar no interior da secretaria. Quando a segurança percebeu a intenção de ocupação passou a impedir a entrada dos demais. Um grupo ficou do lado de fora esperando e pressionando. Um bom grupo conseguiu entrar e ficou na espera. A secretária estadual, Maia Yeda Linhares, recebeu uma comissão. Ela foi extremamente atenciosa, afetuosa e respeitosa. Ouviu as reivindicações e se comprometeu de instalar um CIEP no Bairro. Pediu que a associação de moradores investigasse área livre. Alertou o tamanho da área necessária. Vários contatos foram feitos posteriormente com a equipe responsável pela instalação do CIEP para viabilizar a construção. Quanto ao segundo grau, ela também considerou a reivindicação relevante, mas alegou ser necessário verificar se a escola possuía as condições estruturais

¹²⁹ Darcy da Silva. Entrevista realizada por esta pesquisa em 23 de setembro de 2023.

para a instalação. Houve a solicitação de instalação do curso de formação de professores, mas houve um pouco de resistência. Contudo, uma equipe da secretaria foi chamada para começar as primeiras conversas. Ao procurarmos por área pública só encontramos o campo, reservado pelos loteadores para a instalação de uma praça. Então o jeito foi ocupar o campo. Já o segundo grau, precisou ainda de muitas idas e vindas para viabilizar a burocracia. Em 1987, o segundo grau foi aprovado e iniciado em 1988. Foi o último suspiro do governo Brizola para a reivindicação da AMAJAP.¹³⁰ Souza, Marlúcia Santos de. Entrevista I. [nov. 2023]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2023. 1 arquivo .mp3 (180 min.).

Segundo o histórico escolar do Graham Bell, o curso normal só foi conquistado em 1996, com muita luta da escola e da comunidade escolar. Já a pré-escola no prédio anexo sobreviveu por mais tempo graças a movimentação da escola e dos pais de alunos. Vejamos o depoimento da professora Isabel Amorim que também trabalhou no CIEP Henrique Teixeira Lott e depois foi para o C. E. Alexander G. Bell:

Mil novecentos e oitenta e cinco, ano de inauguração dos primeiros Centros Integrados de Educação Pública, os CIEPs, quando eu comecei a fazer parte da educação pública como professora. Minha primeira experiência foi no CIEP Marechal Henrique Teixeira Lott. Na época muito conhecido no bairro de Jardim Primavera devido às lutas da associação de moradores em busca de uma escola de qualidade.

Fiquei apaixonada pelo projeto dos Cieps (e sou até hoje). A proposta de ensino em turno integral para os alunos fez diferença na época. O investimento na capacitação dos professores provocava mudanças e entusiasmo no desempenho dos profissionais. Trabalhei no Ciep 8 anos... Mas a política... Ah... A politicagem era muita nos Cieps...

Não compactuando com isso, em 1994, pedi remoção para o colégio ao lado: Colégio Estadual Alexander Graham Bell. Realidade totalmente diferente. No Ciep, material didático farto, merenda boa, estrutura do prédio impecável... No colégio da rede, como chamavam, faltava tudo. Mas lá também encontrei profissionais muito competentes. Apreendi muito com os meus colegas. Muito mesmo.

Na estrutura do espaço existia o prédio principal que acolhia o Ensino Fundamental e Ensino Médio na modalidade dos cursos de Formação Geral e Formação de Professores. E no prédio anexo, onde anteriormente funcionava a Escola Municipal Casimiro de Abreu, funcionava o Pré-escolar (hoje Educação Infantil).

O Pré-escolar acolhia o Jardim I com alunos de 3 anos; Jardim II de 4 anos; Jardim III de 5 anos e a Classe de Alfabetização de 6 anos. Eram 12 turmas anuais, seis pela manhã e seis à tarde. Trabalhei com professores comprometidos com a educação, integrados com a família, envolvidos com a comunidade, carinhosos com os alunos. Poucas foram as intervenções necessárias.

Por volta de 1997, começaram a chegar ofícios da Secretaria Estadual de Educação, tentando extinguir a Educação Infantil do C.E.A. Graham Bell.

¹³⁰ Entrevista Marlúcia Santos de Souza 23 de novembro de 2023.

Professores começaram a se mobilizar. A Pré-escola do Graham Bell era a única pública no bairro.

Grupos de representantes de pais e professores foram formados. Foram muitas idas a Secretaria Estadual de Educação para negociação. Até em comício participamos para tentar conversar com o governador. E todo ano era a mesma coisa. Mas todo ano conseguíamos a continuidade da Pré-escola.

Se não estou enganada no ano, em 2007, não houve apoio dos responsáveis e a Educação Infantil foi extinta em 2008, ficando só o 1º ano de escolaridade do Ensino Fundamental. Não foram autorizadas matrículas para o ano seguinte. Em 2009 já não havia mais turmas no prédio anexo. Alguns professores se aposentaram. Outros foram remanejados para outras funções de acordo com a graduação. Souza, Marlucia Santos de. Entrevista I. [nov. 2023]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2023. 1 arquivo .mp3 (180 min.).

Embora esta pesquisa não trate da década de 1990, optamos por manter o depoimento integral da professora para provocar importância da investigação sobre a Educação Infantil, dos impactos das transformações no sistema educacional brasileiro nas periferias, sobretudo, como estas mudanças foram sentidos pela população.

Figura 86 – Fotos diversas do C. E. Alexander G. Bell



(a)



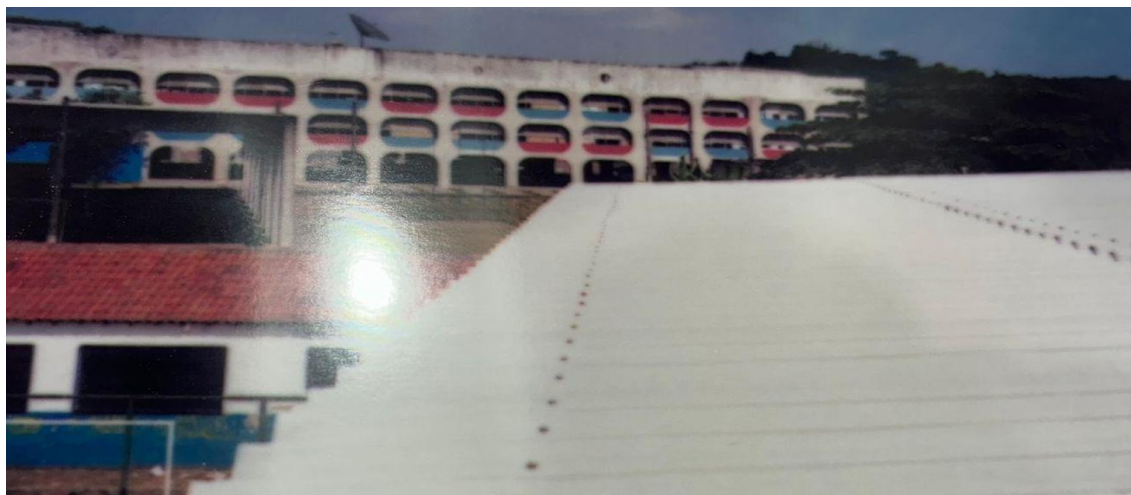
(b)



(c)



(d)



(e)



(f)

Legenda: (a) C.E.Alexsander G. Bell. Primeiros reparos com a verba de manutenção; (b) Visita de estudantes do CIEP Henrique Teixeira Lott no G. Bell; (c) Normalistas participando de debate; (d). Imagem do C. E. Alexsander G. Bell; (e) Vista do CIEP Teixeira Lott, do antiga Escola M. Casimiro de Abreu e o telhado do C. E. Alexsander G. Bell; (f) Fotografia do C. E. Alexsander G. Bell em 2022.

Fonte: Todas as imagens acima são acervos do G. Bell, guardadas no arquivo escolar. Imagens a, b, c, d, e, década de 1990. Imagem f, 2022.

O CIEP – 035 Marechal Teixeira Lott em Jardim Primavera possui a sua construção interligada ao processo de organização dos movimentos sociais no bairro. É importante lembrar que evidenciamos o mapa com a localização do CIEP na apresentação do C. E. Alexander Graham Bell, pois o 035 está situado no mesmo

espaço triangular, onde era o campo do americano. Podemos identificar a existência desse grande triângulo reservado pelos loteadores para a instalação de uma praça pública. Logo, o campo foi perdendo fragmentos de sua área para a instalação da Escola Municipal Casemiro de Abreu, da Escola Estadual Alexsander G. Bell e do CIEP 035. Este triângulo era a única área pública com tamanho suficiente para receber o CIEP.

Figura 87 - Imagem fotográfica do CIEP 035 – CIEP Marechal Henrique Teixeira Lott em 2021



Fonte: Fotografia Isa Santos de Souza. Achadouros Jardim Primavera 3 sob a guarda do CRPH/DC e MVSB, 2021.

Segundo os militantes da AMAJAP, a escolha desse espaço trouxe muitas situações conflitantes para o movimento. De um lado, ninguém desejava acabar com o campo, lugar histórico de sociabilidades e diversão dos moradores. Contudo, durante a procura de área junto a SEDUC para a construção do CIEP, e, diga-se de passagem, ser necessário uma área pública grande, o único espaço público e livre encontrado foi esta área. Os moradores viveram um dilema. Todavia, a maioria escolheu o CIEP, as vagas, o acesso a escolarização e a oportunidade de abertura de trabalho para os que viviam no lugar, principalmente para os funcionários

administrativos, serventes e merendeiras que seriam selecionados entre os moradores locais.

Além disso, a localização beneficiaria as crianças do loteamento Santana do Pilar, do Aliado e do Parque Independência, onde havia muitas crianças sem acesso a escolarização. Foi possível observar que a proximidade com o G. Bell poderia ajudar ações de integração entre as escolas, como atestamos no acervo fotográfico existentes nos arquivos escolares. Identificamos que em eventos que não eram comportados no Graham Bell, foram realizados no CIEP, o que favorecia uma proximidade das escolas, como podemos ver na imagem abaixo.

Figura 88 - Projeto Gincana Social e cultural do Colégio Estadual Alexander Graham Bell



Fonte: Acervo do Arquivo Escolar do Colégio, 1990.

Os elos entre elas derivavam também da relação delas com os movimentos sociais do bairro pois, tanto para melhorar as escolas existentes, quanto para construí-las, os movimentos foram determinantes. Havia ainda a proximidade delas quanto as suas próprias histórias. Ao investigarmos os acervos existentes nos arquivos escolares dessas escolas encontramos os seus Projeto Político Pedagógico - PPP. É importante lembrar do acolhimento do diretor do C. E. Alexsander G. Bell, Alex Souza e da diretora do CIEP 035, Elisângela Garrit. Eles foram extremamente solícitos e acolhedores com o trabalho de pesquisa. Neste PPP do CIEP Henrique Teixeira Lott observamos um pouco da história da construção da escola:

Figura 89- Fragmento do PPP do CIEP Marechal Henrique Teixeira Lott.
Acerco do Arquivo Escolar do CIEP 035

Histórico da Unidade Escolar

"O CIEP tem muitas histórias envolvidas na sua criação. No início foi difícil mas hoje, vendo a escola funcionar percebemos que valeu à pena..."
Maria Lucy de Oliveira
(Merendeira Fundadora)

O CIEP Mal. Henrique Teixeira Lott foi inaugurado no dia 12 de novembro de 1985, fruto de um longo período de reivindicações da comunidade que sentia necessidade de mais uma Escola pois o Colégio Estadual Alexander Graham Bell não acomodava todos os alunos.

O espaço hoje ocupado pelo prédio da escola, era originalmente, um campo de futebol – O campo do Americano – Local em que eram organizados muitos torneios esportivos com participação da comunidade.

Depoimento:

"Aconteciam no campo de Americano vários campeonatos entre bairros. Havia muita participação dos moradores da localidade. Quando o Governo Estadual anunciou a construção de uma Escola no campo houve muito protesto porque os moradores não queriam perder sua área de lazer. Hoje nós sabemos que a Escola trouxe benefícios."

"Tia Alair" (Moradora)

No início, o Governo Estadual determinou que o CIEP atenderia de 5.^a a 8.^a série. Tal fato gerou muita mobilização da Associação de Moradores e Comunidade Local visto que a necessidade maior era de 1.^a a 4.^a série.

O CIEP iniciou suas atividades com o I Programa Especial de Educação cuja proposta inovadora era manter os alunos em horário integral, com aulas do núcleo comum acrescidas de atividades diversificadas. Na ocasião, a escola era dirigida por _____.

Depoimento:

"O 1.º Programa Especial de Educação foi uma experiência bastante inovadora. No início nós ficamos um pouco assustados porque era grande a quantidade de informações novas, técnicas de ensino modernas e até mesmo o fato de estarmos com os alunos em horário integral. Aos poucos nós fomos absorvendo estas inovações e investindo no entrosamento. Valeu à pena por esta experiência."

"Ritinha" (Funcionária)

Fonte: Acervo do Arquivo Escolar do CIEP 035, 2024.

No fragmento acima acerca da história do CIEP 035, a instituição reconhece a importância do campo para a comunidade e os conflitos gerados por conta da sua instalação, mas afirma a importância da escolha feita. Há um outro reconhecimento neste histórico, o do papel da AMAJAP e de toda a movimentação dos moradores pela sua criação. Muitos funcionários do CIEP participaram inclusive dessa luta.

Entre as falas presentes no PPP podemos ver o da Lair Santana, mencionada anteriormente neste capítulo.

Há também nos registros informações recolhidas entre os militantes e funcionários mais antigos do CIEP, inclusive das dificuldades enfrentadas pelos moradores, das razões que levaram os moradores a lutar pelo CIEP. No PPP há o registro de que as reivindicações por mais escolas ocorriam por conta da ausência de vagas nas instituições de ensino. Muito nos chamou atenção é o fato do CIEP ter sido pensado para abarcar alunos da 5ª a 8ª séries, porém em entrevistas com os militantes, moradores e funcionários do CIEP, e consta no próprio PPP, o papel decisivo do movimento para que a escola atendesse o primeiro segmento (da alfabetização até a antiga 4ª série) e não o segundo, como desejava a SEDUC. Podemos observar na imagem de uma das turmas de Ensino Fundamental I ao final nos anos de 1980.

Figura 90- Registros de alunos do CIEP



Legenda: Imagem do acervo da escola reunida com a documentação da década de 1980. Vale observar o uniforme dos CIEPs, diferenciado do universo das demais escolas estaduais.

Fonte: Acervo do Arquivo Escolar do CIEP 035, final década de 1980.

Os registros revelam o quanto a comunidade era ativa, conhecedora da realidade local, capaz de questionar uma deliberação da SEDUC e de mobilizar a população. O movimento obteve resultado positivo, revelando o poder da comunidade em interferir nas políticas públicas da época. Ao mesmo tempo em que é possível atestar a escuta por parte do governo estadual.

Marcos Luís de Oliveira, em sua dissertação de mestrado, investigou a instalação dos CIEPS no município de Duque de Caxias e apresentou um panorama desse processo:

Segundo informações da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC), os primeiros CIEPs da Baixada Fluminense teriam sido criados no ano de 1986 por meio do Decreto nº 9.045, de 07 de julho de 1986, publicado no Diário Oficial (DO) de 08 de julho de 1986 e retificado no DO de 13 de outubro do mesmo ano. Os últimos, porém, teriam sido criados por meio do Decreto nº 19.624, de 11 de fevereiro de 1994, publicado no DO de 16 de fevereiro do mesmo ano. Ao final do II Programa Especial de Educação (II PEE), consequentemente da segunda gestão de Leonel Brizola à frente do Estado do Rio de Janeiro. Ao final de sua segunda gestão e consequentemente do II PEE, haviam sido concluídos na Baixada Fluminense um total de 167 CIEPs distribuídos pelos 13 municípios da Baixada. Sendo assim, da proposta inicial de construção de 180 unidades faltaram apenas 13. A Figura 1 apresenta um mapa detalhado com as localizações de todos os CIEPs construídos nos 13 municípios da Baixada Fluminense (Costa, 2021, p.75)¹³¹.

É importante lembrar que mesmo com o decreto definindo a criação dos CIEPs na Baixada em 1986, o Ciep Marechal Henrique Teixeira Lott teve sua instalação ainda no ano de 1985, como demonstrado no documento oficial da escola. Inclusive, a data das matrículas dos profissionais selecionados por concurso para trabalhar na escola é datada do ano anterior ao Diário Oficial. O que se observa na criação das escolas estaduais é a instalação preceder do ato posterior de criação, ou seja, de oficialização através de um dispositivo legal, que é a publicação da lei em diário oficial. Outro aspecto a considerar foi o processo de seleção dos profissionais da educação. Vários deles foram indicados pela AMAJAP.

O projeto dos CIEPs foi uma proposição no governo Leonel Brizola. Ele assumiu o governo do Estado do Rio de Janeiro em 1983. Sua implementação em Jardim Primavera se deu por uma ampla reivindicação da Associação de Moradores que já estava organizada e nas lutas por mudanças no bairro. Precisamos lembrar que o CIEP 035 funcionou integralmente com toda estrutura pensada para os CIEPs. Inclusive existia o ensino integral e os alunos residentes.

Nossa escola pública está voltada para uma criança ideal, uma criança que não tem de lutar cada dia para sobreviver, uma criança bem alimentada, que fala a língua da escola, é hábil no uso do lápis e na interpretação dos símbolos e é, em casa, estimulada pelos pais através de toda espécie

¹³¹ COSTA, Marcos Luís Oliveira da. CIEPs: tensões, conflitos e repercussões de uma Política Pública em Duque de Caxias na Baixada Fluminense. RJ: Dissertação de Mestrado – FEBF/UERJ. 2021, p.75.

prêmios e gratificações. Como esta não é a realidade da imensa maioria das famílias brasileiras, a escola não tem o direito de impor esses critérios, válidos para a classe média, ao conjunto dos seus alunos. Sua tarefa é educar as crianças brasileiras tal como elas são, a partir da situação real que se encontram. Isto significa sobretudo que nossa escola deve adaptar-se à criança pobre com a consciência de que a escola fracassa quando não consegue educar a maioria de seus alunos (Ribeiro, 1986, p.37).

Neste Livro de apresentação oficial dos Cieps Darcy Ribeiro evidencia toda a dinâmica do projeto, ao mesmo tempo, critica a realidade educacional brasileira. A instalação dos CIEPs aparece como resposta e superação do quadro caótico, e/ou ainda, de uma promessa de revolução na educação brasileira. No projeto idealizado os Cieps foram concebidos como fórmula, como promessa de futuro, onde os alunos seriam mantidos em um regime integral no espaço escolar. Nos CIEPS o estudante teria uma formação ampliada e ficaria mais protegida da criminalidade, pois, tinha uma preocupação com o direito das crianças pobres a educação escolarizada.

O Ciep 035 vivenciou toda essa realidade, além de ser um ambiente de promoção de eventos para a comunidade. Isso nos mostra o quanto o Ciep 035 que foi um dos primeiros desse projeto, foi de extrema importância para a população e acabou se tornando referência de mais educação ao bairro.

Em sua trajetória, teve membros da comunidade a frente da direção, como é o caso da atual diretora que permanece na escola. Muitos professores antigos atuaram anteriormente na luta pela sua construção, fizeram o concurso e foram trabalhar neste CIEP, como a Ivanete da Costa. No caso dos funcionários administrativos houve um processo de seleção diferenciado e vários foram indicados pela AMAJAP.

Meu nome é Isa Santos de Souza Lima atualmente tenho 61 anos. Fui servidora pública do Estado da Educação por 34 anos, iniciei em junho de 1985. Só que até então não como servidora. Nós tínhamos feito uma inscrição. E íramos fazer uma prova que foi por sinal no próprio local do CIEP, mas como a prova seria mais para a frente, fiquei como voluntária pela Associação de Moradores, mas tinham vários voluntários, também pela indicação de políticos, porque era o Brizola né... Eu tinha o Ensino médio completo, técnico em enfermagem, mas havia desistido de trabalhar na saúde. A minha matrícula é uma das mais antigas do CIEP e ele foi o meu primeiro emprego formal. Então, a prova, eu me lembro que tinha redação, uma carta de solicitação de emprego e eu acho que me dei bem, já havia feito outras para tentar outros empregos.

Quantas pessoas fizeram essa prova?

Aí eu não sei... a minha sala estava lotada ... Eu. Não lembro disso direito, mas eu acho que eu fiz no segundo pavimento. São 12 salas e todas as salas tinha gente fazendo prova. Foi feito assim talvez porque o CIEP 035

foi um dos primeiros... então não tinha tido nenhum concurso até então. Eu não sei se todo mundo que fez a prova era da Associação de Moradores, me lembro que tinha bastante gente fazendo a prova, não lembro o caiu, se foi dia de semana, sábado, domingo, não me lembro... aí depois veio a convocação dizendo quando iria trabalhar. Passei, mas no início trabalhei como voluntária.

Você recebia como voluntária?

Nada... nada.... Comecei realmente trabalhar no início de novembro de 1985. Fiquei, junho, julho, agosto esperando a inauguração. É porque eu era da Associação dos Moradores, então a Associação de Moradores deu vários papéis de inscrição para o concurso, inclusive eu fui a única da Associação que entrei daquela turma e que não tinha padrinho político, o restante tudo era. Da Associação entrou a Zenaide Barroso Ribeiro que morreu, a Estela...

Você fazia o que no CIEP?

Fiz de tudo, cheguei até ficar com criança sem ter a formação de Pedagogia, na época. Cheguei a ficar com criança em sala quando faltava alguém, mas eu fazia sim todo serviço prático de secretária, fui para o administrativo. Mas acho que não era o tempo todo que nós fazíamos o estagiário. Antes da inauguração, você não tinha acesso onde estava a obra. A obra estava acontecendo, os pedreiros trabalhando. Em uma parte, perto do pátio, assim que você entra, antes de vir para o refeitório, ali colocaram umas mesas e a gente começou a fazer o levantamento.

O governo perguntava sobre a situação financeira, renda per capita da família, condições dos irmãos porque o CIEP trabalhou com um aluno residente né. Eu peguei o primeiro programa, aliás eu peguei os dois programas do Ceap. Então a gente tinha que fazer a seleção, a inscrição. Era muita gente. Trabalhávamos não o dia todo era algum momento, até porque era perigoso, tinha obra acontecendo. Quando a obra foi entregue, nós mesmo fizemos a lavagem de todos CIEP. Voluntários ainda, mas sabendo que já tínhamos sido selecionados pela prova. Eu já sabia não recebi, mas sabia que eu passei, e ia receber depois. Em novembro de 1985, quando houve inauguração, aí sim, eu passei a receber. Ficamos dois anos como CLC. Recebemos depois pelos meses trabalhados como estagiários. Em 1 de julho de 1987, eu passei ser efetivada, foi assinado meu ato de investidura. Lima, Isa Santos de Souza. Entrevista I. [maio. 2024]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2024. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

Nesta entrevista, Isa Santos de Souza Lima contou sobre a inauguração do CIEP, da multidão de gente participando, da chegada de helicóptero trazendo o governador Brizola, Darcy Ribeiro e outras autoridades, da presença da imprensa.

Figura 91- Registro da visita do governador Lionel Brizola e do secretário de educação Darcy Ribeiro na inauguração do CIEP



Fonte: Arquivos do CIEP – 035, 1987.

Essa memória do processo seletivo, da inclusão das pessoas no trabalho do CIEP, das vivências no início da implantação da proposta original, da inauguração do CIEP e dos relatos das dificuldades nos coloca diante de uma materialidade concreta, real, que pode ajudar a confrontar ou afirmar o projeto idealizado. Por ser um dos primeiros, ele era tido muitas vezes como um campo experimental. Vejamos o que nos diz Isa sobre a inauguração:

No dia 5 de novembro de 1985, foi o dia da inauguração. Difícil. Aconteceu. Ele (Brizola) avisou que vinha então. Nós fomos ver o helicóptero, baixou ali no CIEP, a gente teve que ter cuidado com as crianças, era muita gente, era muita ventania né, um calor insuportável aí ele com Darcy Ribeiro. Veio muita gente, várias pessoas com ele, só que eu já tinha visto muita gente chegar antes de carro. Primavera parou né. Pra você ver a gente não tinha nem noção de água, eu tive que sair correndo no armazém do seu Luís Carolina, na rua 32, porque não tinha nenhuma venda por aqui pra comprar garrafa d'água pra dar pra eles. Porque né a gente não tinha essa noção de nada, aí teve inauguração e foi até legal. Ele foi bastante atencioso, dando mão a todo mundo, cumprimentando. Tem uma foto ele segurando um garotinho que ficou famosa, eu não tenho essa foto, mas eu esqueci o nome do menino, ele foi até residente, ficou com a gente, ele pode estudar até terminar o fundamental. Lima, Isa Santos de Souza. Entrevista I. [maio. 2024]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2024. 1 arquivo .mp3 (60 min.)¹³².

A entrevistada também se posiciona, descreve o que viveu, confirma valor ao projeto, aponta limites. Ao ouvi-la, iniciamos uma maior interação com o vivido pelos profissionais de educação, o ponto de vista desses trabalhadores. Os relatos

¹³² Entrevista realizada com Isa Santos de Souza Lima por esta pesquisa em 25 de maio de 2024.

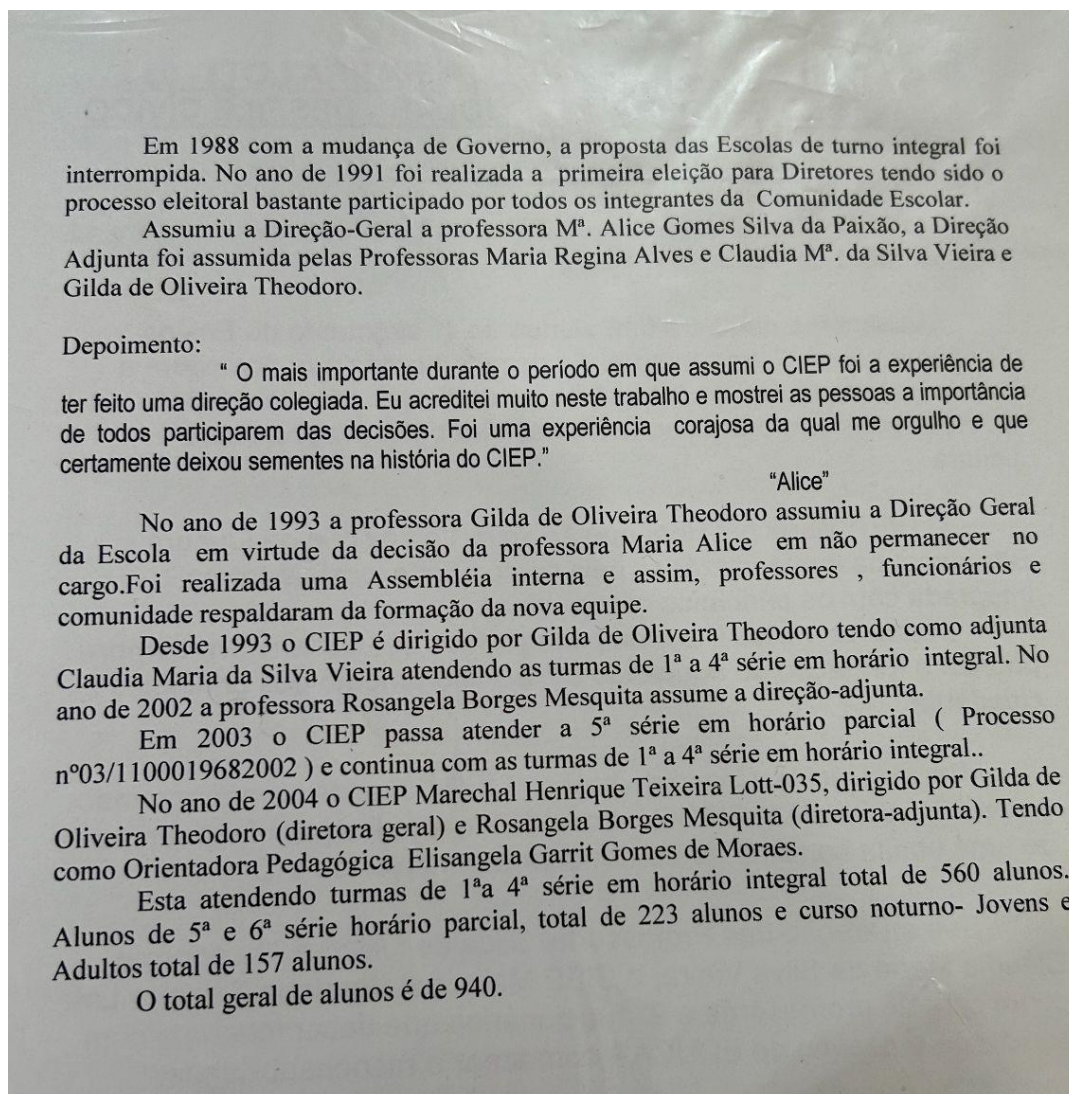
podem ajudar a compreensão do momento histórico no bairro e na história da educação no estado do Rio de Janeiro.

No CIEP 035 tinha pobres mesmo. Podem falar o que for, mas para mim, o programa é muito bom... tinha tudo, todas as salas ocupadas, seis salas embaixo, doze em cima, 18 salas funcionando ao todo, tinha salas de vídeo educação, educadora, aquelas fitas, tinha sala de aula de artes que era separada, caderno... Não faltava material. E isso era uma das rivalidades do Graham Bell. A gente ia falar alguma coisa não era bem-vista. Antes era muito difícil... a carga horária era diferente, os alunos ficavam de 8 horas da manhã às 5 horas, sendo que durante 6 horas por dia era atividade normal, as outras era sala de leitura, não era todo dia que tinha sala de leitura, vídeo educação, sala de arte, educação física. Nas seis horas normais, tinha português, matemática e tal, geralmente era o mesmo professor. Depois foi modificando tipo assim matemática e ciências eram um professor, português era outro, geografia e história era outro... As crianças entravam, tomavam o café da manhã, tinha um lanche as dez horas, almoço, lanche da tarde e janta... o almoço era coisa boa, tinha legumes, frutas, leite, mingau... A gente via que crianças chegavam segunda-feira passando mal, quantas vezes crianças desmaiavam, porque comida durante semana ele tinha, saía jantadas. Acho que não tinham o que comer sábado domingo direito, então né...A maioria das crianças iam embora 5:20 horas. Ficavam pra dormir e só iam embora na sexta-feira à noite, 10 meninas e 10 meninos que ficava na casa dos residentes. A gente tinha acesso à internet, que na época era difícil, uma senhora sala de leitura, televisão tinha umas sete, mas tinha vídeo cassete, inclusive nós mesmos quando não tinha tantos filmes, levámos filmes nos nossos filhos para os professores estar passando. O programa de Saúde era feito por um bombeiro. Agora eu tenho contato até hoje com uma dentista que trabalhou aqui e com o técnico dela. Tinha o médico Dr. Victor e muitos outros bons, mas esse Dr. Vitor ele atendia no CRAS e era uma um amor de pessoa. Eu só acho assim que na parte dentária por exemplo, a dentista não tinha muito o que fazer, eu acho que foi no segundo programa, não tinha material suficiente para ela trabalhar. Lima, Isa Santos de Souza. Entrevista I. [maio. 2024]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2024. 1 arquivo .mp3 (60 min.)¹³³.

A preservação dessa memória e do legado afirmava vínculos que estes sujeitos têm com este espaço educativo e as suas próprias trajetórias. Atualmente a diretora da instituição é a professora Elisangela Garrit. A escola é organizada e ainda mantém alguns projetos culturais, como aulas de balé e teatro. Porém, com a diminuição dos cursos de EJA a instituição não funciona mais a noite.

¹³³ Entrevista realizada com Isa Santos de Souza Lima por esta pesquisa em 25 de maio de 2024.

Figura 92- Fragmento do PPP do CIEP 035



Fonte: Arquivo Escolar, 2024.

Nas suas memórias individuais Isa Lima recordou também momentos difíceis que a educação estadual atravessou durante a greve de 1986. Nessa época a greve era só dos professores, somente em 1988, os funcionários administrativos foram incorporados ao sindicato dos professores, transformado em SEPE - Sindicato dos Profissionais da Educação.

Eu lembro da primeira greve no governo Brizola em 1986. A greve era só dos professores. Eu lembro agora da nossa greve no segundo governo do Brizola. Se eu não me engano, ele assinou a nossa efetivação no Diário Oficial quando só que faltava dois dias pra ele sair e entrar o novo governo. Marcelo Alencar ao entrar anulou tudo e nós tivemos que entrar na justiça. A gente ganhou na justiça, inclusive eu ganhei várias vezes o valor... Lembro

que durante a greve um barulho de helicóptero no CIEP e depois ele (Brizola) desceu. Pra isso né, pra ver como estava. O que eu acho é que ele não acreditava que o CIEP 035, que era a menina dos olhos dele, estava em greve. Então aí ele veio desceu, conversou com a gente no refeitório, o cara era de papo, até ouviu bem, sabe. Ele falou que ia fazer alguma coisa, mas aí ele não fez né, só foi fazer em 1987. Souza, Marlucia Santos de. Entrevista I. [nov. 2023]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2023. 1 arquivo .mp3 (180 min.)¹³⁴.

Marlucia Souza também participou destas greves, ela era professora da Escola Estadual Hélio Rangel, portanto falava do lugar daqueles servidores que sentiam na pele a desigualdade de tratamento:

Eu participei dos debates de reformulação curricular de História. Havia um currículo para o CIEP e dois diferentes (o tradicional e o Integrado) funcionando nas demais escolas. Em uma mesma escola era possível ver dois currículos nas salas. Quando um aluno trocava de sala ou de escola ele precisava lidar com estas dificuldades. O curso Estudos de Estudos teve a sua terminalidade e era preciso pensar o ensino da História e da Geografia por exemplo. Todos os professores participaram desse processo e foi muito interessante. O processo foi iniciado na gestão da professora Maria Yeda Linhares e finalizado em 1987. A experiência iniciada em 1983, abriu caminhos para a rede se pensar e a princípio havia uma certa expectativa de avanços nas políticas da educação estadual. Contudo, após 1985, nós fomos nos deparando com uma realidade de extrema desigualdade no tratamento da rede.

Eu trabalhava no Hélio Rangel e precisava enfrentar os alagamentos da escola, as retiradas em carroça, graças a gentileza do vizinho que vinha nos socorrer. Não tinha material didático, papel ofício, stencil. Só tinha giz e apagador. Havia uma sala com livros, apenas a barça e alguns livros didáticos. Já nos CIEPs tinha biblioteca adequada com livros de qualidade, política de leitura, sala de vídeo, merenda escolar de qualidade, cadernos, publicações. Havia um contraste tão grande. Um dos momentos marcantes que reuniu toda a rede foi o debate e deliberações acerca da reformulação curricular.

Em uma das assembleias realizadas no Cube Municipal, na Tijuca, Brizola compareceu. Fiquei um tanto paralisada. Nunca imaginei ver um governador em nossa assembleia. Achei corajoso da parte dele. Lutávamos por nosso plano de carreira. Havia indignação frente as desigualdades no tratamento. A resposta dele não agradou a categoria presente e ele foi vaiado. Eu fiquei impactada. Essa rede estadual sempre foi uma escola para mim. Lima, Isa Santos de Souza. Entrevista I. [maio. 2024]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2024. 1 arquivo .mp3 (60 min.)¹³⁵.

No período do primeiro governo Brizola, apesar das insatisfações, no que se refere as visões de mundo, não se pode negar que houve avanços. O governador atuou de forma direta no movimento das Diretas Já e da redemocratização do país. Os materiais produzidos para o CIEPs possuíam perfil progressistas, revisionista da

¹³⁴ Entrevista de Marlucia Santos de Souza realizada por esta pesquisa em novembro de 2023.

¹³⁵. Entrevista realizada com Isa Santos de Souza por esta pesquisa em 25 de maio de 2024.

História. A relação do governo estadual com as associações de moradores foi de um certo respeito, segundo os narradores.

Quando Moreira Franco assumiu (15/03/1987 a 15/03/1991) as tensões com o SEPE e com os movimentos populares foram potencializadas. O seu governo passou a ser vistos pelos militantes da AMAJAP como um período de amargo regresso conservador. O programa dos CIEPs começara a ser desmontado. A rede estadual entrou em greve em 13 de junho de 1987, no primeiro ano de governo de Moreira Franco. Foram 69 dias de greve. Houve intervenção policial, repressão, corte de ponto. Como o governo não cumpriu o que prometeu nas negociações e a rede estadual voltou a greve em 1988. Foram 89 dias de greve.¹³⁶ Isa Souza Lima lembrou da importância dessa greve:

Eu era solteira, a greve foi antes de 1988, então nós ficamos de greve um tempão... nós fizemos até um jantar para arrecadar fundos para a greve. O jantar era um risoto e foi feito pelas merendeiras, nós conseguimos fazer no Clube do Rosário, em Saracuruna, naquela parte do Rosário que é menor, nós vendemos convites. O Paulinho trabalhava comigo e no Graham Bell. Ele também participava do mesmo processo da gente para poder conseguir efetivação. Sair do CLT. Foram muitas idas ao Rio para protestar, ir até o Palácio da Guanabara, tinha um ônibus saindo daqui. Lembro que algumas vezes pegamos condução lá para a rua, metrô do Largo do Machado até o Palácio. Várias vezes nós fizemos isso só com sanduíche de atum e maionese. Tinha serventes que não conhecia o Rio, outras que pra poder subir as escadas rolantes precisava de ajuda. Eu dava várias viagens, eu subia com uma, depois com outra, era muto gente ajudando...(Silva, 2010, p.101)¹³⁷.

As greves realizadas durante o governo de Moreira Franco foram as primeiras depois da ditadura civil-militar que integrou todos os que trabalhavam nas escolas estaduais. Pela primeira vez, professores, agentes administrativos, merendeiras e serventes experimentaram uma novidade. Todos faziam parte de uma mesma categoria, de um mesmo sindicato. Reivindicações de todos precisaram ser discutidas. Fazer-se classe na greve, nos atos, no enfrentamento da violência policial com que foram tratados. Mas também, repartir o pão com sardinha, ajudar a subir a escada rolante, andar horas a pé, organizar um jantar.

Eu acho que as greves que fizemos durante o governo Moreira Franco foram as mais duradouras que participei até então. Eram tantas atividades

¹³⁶ SILVA, Rita de Cássia In Revista Tamoios, Ano 6, Número 1, 2010:107. ISSN 1980-4490. Revista criada para dar voz aos professores pesquisadores do DGEO, da FFP da UERJ.

¹³⁷ Entrevista realizada com Isa Santos de Souza por esta pesquisa em 25 de maio de 2024.

realizadas. O SEPE Caxias dividiu o município por letras. As escolas de Jardim Primavera faziam parte do Grupo F. Eram reuniões do comando de greve municipal, piquetes nas escolas, organização de jantares e outros eventos para o fundo de greve. Toda semana íamos para o Rio de Janeiro. Andávamos quilômetros até a chegada ao Palácio das Laranjeiras. Durante as caminhadas éramos intimidados pela Polícia Militar. Algumas vezes sequer conseguimos chegar ao Palácio. Uma certa vez fomos recebidos com jatos d'água, que derrubaram manifestantes. Ao fazer os percursos longos, enfrentando sol e violência policial, muitas vezes, achei que quem estava sendo punidos éramos nós, tamanha era a exaustão. Mas, não arredamos o pé. E ainda voltamos a greve mesmo depois dos descontos. A capacidade de resistência desta rede foi de fato surpreendente. Nas assembleias da AMAJAP, informes da greve e solicitação de apoio eram emitidos. Souza, Marlucia Santos de. Entrevista I. [nov. 2023]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2023. 1 arquivo .mp3 (180 min.).¹³⁸

Todas essas memórias fazem parte da História do CIEP Henrique Teixeira Lott, do C. E. Alexsander Graham Bell, do Hélio Rangel, ou seja, dos profissionais de educação dessas escolas. Foi possível identificar nesta pesquisa a existência de um esquecimento da luta realizada pela AMAJAP em prol da reforma da E. M. Marcílio Dias, no histórico da unidade escolar. Esta unidade era muito pequena na época, os profissionais não participaram da luta, se aposentaram e não houve registro. Somente com esta pesquisa a escola passou a conhecer este histórico.

Do outro lado, as memórias de luta pela melhoria e 2º grau no Graham Bell e a criação da do CIEP Henrique Teixeira foram incorporadas nos históricos das unidades escolares e nas memórias dos profissionais. Muitos deles participaram dessas lutas e de outras na AMAJAP, reconhecem a militância, ainda que esses processos muitas vezes estivessem carregados de tensões, contradições e dificuldades.

Segundo os militantes da AMAJAP, uma das dificuldades enfrentadas pelos responsáveis dos alunos era a compra anual de material escolar. Naquela época faltava tudo na escola. A escola geralmente pedia aos pais papel, stencil, álcool, compra de cadernos, lápis, borracha, apontador, caderno de desenho, tabuada, régua e compasso. A escola ainda pedia para encapar e etiquetar os cadernos. Era um de aula, outro de casa, as vezes pediam quatro cadernos, um para cada disciplina: Português, Estudos Sociais, Matemática e Ciências. Tudo era muito caro e muitos pais não conseguiam comprar, tinham muitos filhos. O resultado era constrangimento dos pais, as dificuldades da escola de trabalhar sem material.

¹³⁸ Entrevista de Marlucia Santos de Souza realizada por esta pesquisa em novembro de 2023

Então Lair ficou sensibilizada e comentou na reunião da coordenação das pastorais sociais. Padre Orlando então propôs que a Paróquia utilizasse uma parte da verba de apoio internacional doada por uma ong alemã, ligada à Igreja para comprar material no atacado para baratear o preço. A igreja emprestava o dinheiro para a compra, a associação vendia a preço de custo, barateando os gastos dos moradores. O carro da Lair parecia um armarinho ambulante. No final das vendas os recursos voltavam para os cofres da Paróquia e assim foi. Os militantes não lembram quanto tempo durou essa ação, porém sabem que ela só foi mantida na década de 1980.

Figura 93- Lair Santana e Darcy da Silva durante a entrevista realizada em 23 de setembro de 2023



Fonte: Fotografia feita pela autora, 2023.

Ao explicitarmos as lutas travadas pela AMAJAP, imaginamos muitas outras lutas realizadas em outros bairros em defesa das melhorias da educação e de acesso a escolarização para todos. Muitas delas mantidas no esquecimento, no silêncio, invisibilizadas nos próprios arquivos escolares. Lutas também promovidas pelos profissionais da educação, pelos pais de alunos e estudantes. Podemos lembrar das lutas dos professores e estudantes em defesa da instalação e manutenção do curso de graduação em Educação que funcionava no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira. Luta por um prédio próprio para a brigar a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense -FEBF. Lutas pela ampliação de cursos, de pós-graduação e muitas outras. Olhar para trás e reconhecer as derrotas, mas sobretudo, enxergar as conquistas coletivas. É isso que a presente dissertação se propôs a fazer.

Não foi intenção trazer a realidade da Baixada e as lutas da década de 1990. Elas precisariam de outras lentes, de considerar esse tempo de democracia, mas de avanço do neoliberalismo. Discutir e refletir sobre a crise dos movimentos sociais, os ataques a teologia da libertação, ao movimento sindical, a preservação de sinalizações de retornos dos conservadores arcaicos nas décadas seguintes. O debate seria outro, as leituras seriam outras. Avanços, democracia, universalização

da educação, discussão de novo currículos, crescimento do acesso à universidade e Institutos federais. Avanços e retrocessos caminhando juntos. Nesse sentido, optamos por limitar as nossas investigações para fins da década de 1970 e a década de 1980.

Para pensar esses movimentos sociais urbanos se fez necessário a reflexão de autores que pensaram esses movimentos como Maria Glória Gohan. Ela nos lembra que:

A temática dos movimentos sociais é uma área clássica de estudo da sociologia e da política, tendo lugar de destaque nas ciências sociais. Não se trata apenas de um momento da produção sociológica, como pensam alguns, confundindo a própria existência concreta do fenômeno e suas manifestações empíricas, seus ciclos de fluxos e refluxos, com a produção acadêmica sobre aqueles ciclos. Não se trata de um tema dos anos 60, 70 ou 80. Sem dúvidas, ganharam maior visibilidade a partir destas décadas, mas são muito anteriores a elas, na vida real e na teoria (Gohn, 2004, p.329)

Os movimentos sociais urbanos são herdeiros de outros movimentos do passado, de outras ancestralidades, como a dos povos indígenas pela preservação de suas terras, de suas liberdades, de suas vidas. Lutas dos africanos escravizados contra o cativo, a tortura, a fome, a violência diária. Luta dos trabalhadores no início do século XX por redução da jornada de trabalho, por regulamentação do mundo do trabalho e direitos trabalhistas. Lutas contra o machismo, o racismo, a homofobia. Lutas ambientalistas e agroecológicas do presente. Essas lutas fazem parte da história deste Brasil, da História da Educação.

Queremos finalmente pontuar que ainda há muito o que investigar. É preciso valorizar a voz dos trabalhadores, sejam elas, registradas nos periódicos, nas imagens fotográficas, nas narrativas orais, nos cartazes, panfletos, cadernos de registro diário e outro. Assim, alargaremos o nosso olhar mais aprofundado sobre a experiência dos trabalhadores nas suas diferentes periferias para que possamos compreender a realidade vigente a partir dos movimentos promovidos pela classe trabalhadora.

Durante a realização desta pesquisa, foram identificados nomes de autores que também foram militantes dos movimentos sociais. Esta identificação foi realizada por conta das inúmeras vezes que eles foram citados. Este levantamento nos conectaram a importância destes movimentos para a formação desses intelectuais e as escolhas de seus respectivos objetos. Por conta disso consideramos relevante apresentar suas obras e a relação deles com os

movimentos. Não se trata aqui de construir um balanço historiográfico, que exigiria uma leitura mais atenta e uma pesquisa de maior fôlego e tempo para ser construída.

3.2. Alguns dos intelectuais orgânicos e a preservação da memória dos movimentos sociais urbanos na Baixada Fluminense

A presente pesquisa teve como objetivo central a investigação dos movimentos sociais urbanos na cidade de Duque de Caxias, principalmente no 2º Distrito e compreendendo principalmente o bairro de Jardim Primavera, destacando as lutas e conquistas por direitos básicos, principalmente pelo direito a educação e pela redemocratização do país. No sentido de olhar as produções já existentes sobre a história da cidade de Duque de Caxias e os movimentos sociais nos anos de 1970 e 1980, iniciamos as buscas e mapeamento das obras existentes. Não foi tarefa fácil, já que algumas produções foram defendidas nos anos de 1980 e início da década de 1990, quando ainda as dissertações e teses não eram digitais e nem disponibilizadas pela internet. Um outro aspecto a considerar é o pequeno volume de produções especificamente sobre os movimentos sociais urbanos na Baixada Fluminense, principalmente sobre os movimentos construídos por associações de moradores, embora tais movimentos tenham tido relevância no cenário político.

No caso específico das produções sobre os movimentos em Duque de Caxias a escassez é ainda maior. Conforme foram sendo realizadas as entrevistas com os narradores e o mapeamento das produções existentes, observamos um elo entre os intelectuais militantes ou orgânicos e a preocupação da preservação da memória e da história dos trabalhadores na Baixada Fluminense ou ainda, das suas próprias experiências nos movimentos ou nas assessorias a eles. Ou ainda, o contrário, a atuação desses narradores nos movimentos sociais possibilitou a eles um processo formativo que os levou a valorizar as suas próprias experiências como militante ou assessor, levando-os a eleger suas vivências como objetos de suas pesquisas, ou seja, o vivido transformando-se em objeto de pesquisa. Foi o caso de José Ricardo Ramalho que pesquisou a greve a FNM e a greve da Fiat de 1981 que ele acompanhou como assessor. Assim, parte significativa das produções aqui apresentadas foram construídas pelos intelectuais orgânicos atuantes na Paróquia

do Pilar, no MUB, na AMAJAP ou em outro movimento social urbano da Baixada Fluminense e/ou morador da local.

Ao valorizar as suas próprias lutas e as dos seus companheiros, se lançaram a investigar, registrar, guardar para não esquecer. Ao mesmo tempo, levantavam questões para ajudar a pensar o vivido, analisar as tensões e as disputas existentes no interior do próprio movimento. É o caso da Luciene Medeiros que analisou as relações de gênero no interior do MUB no qual ela atuou como diretora. O que queremos pontuar é que esses intelectuais atuantes na Baixada Fluminense eram trabalhadores comprometidos com a transformação da realidade social vigente e com a preservação da memória dos homens nestes territórios periféricos.

Os registros e os estudos das experiências construídas pelos sujeitos históricos da Baixada Fluminense aparecem aqui como caminhos possíveis de valorização das resistências por eles construídas e publicação das vozes até então silenciadas. Ao mesmo tempo, estas produções apresentavam análises dos diferentes enfrentamentos e desafios impostos aos moradores e trabalhadores locais. Esses intelectuais orgânicos viram potências nesses processos históricos, reconheceram singularidades e identificaram até as contradições, o que poderia interessar a História, a Geografia, a Sociologia, a Pedagogia e o Serviço Social. Vale pontuar que estes movimentos sociais na Baixada Fluminense nos anos de 1980, ganharam projeções nas mídias e asseguraram algumas conquistas sociais, o que pode ter atraído a atenção de pesquisadores.

Além do reconhecimento desses trabalhadores envolvidos nos movimentos sociais como sujeitos históricos do seu tempo, é importante lembrar que as lutas sinalizavam desejos de mudança na estrutura vigente do país. Portanto, apesar da existência de diferentes pautas reivindicatórias por direitos básicos, essas experiências carregaram singulares, elas estavam conectadas ou alinhadas as pautas políticas como o direito a participação direta na governança da coisa pública. Afirmavam o direito daquele que vive na cidade pensar a cidade. Quando questionavam por exemplo a falta de oferta de escolas, a luta não era apenas essa, desejavam melhoria da educação oferecida aos trabalhadores.

Lutaram por melhores condições de vida; por equipamentos urbanos; por saneamento básico e o combate as inundações; pela instituição de um sistema de saúde pública qualitativo; pelo fim das inúmeras mortes das pessoas durante a travessia na rodovia Washinton Luís e a instalação de passarelas; por uma transição

política do regime autoritário para o democrático entre outras pautas de reivindicação. Essas peculiaridades atraíram também alguns intelectuais que testemunharam a efervescência desses movimentos sociais como foi o caso de Júlia Adão, pioneira nos estudos sobre o MAB de Nova Iguaçu.

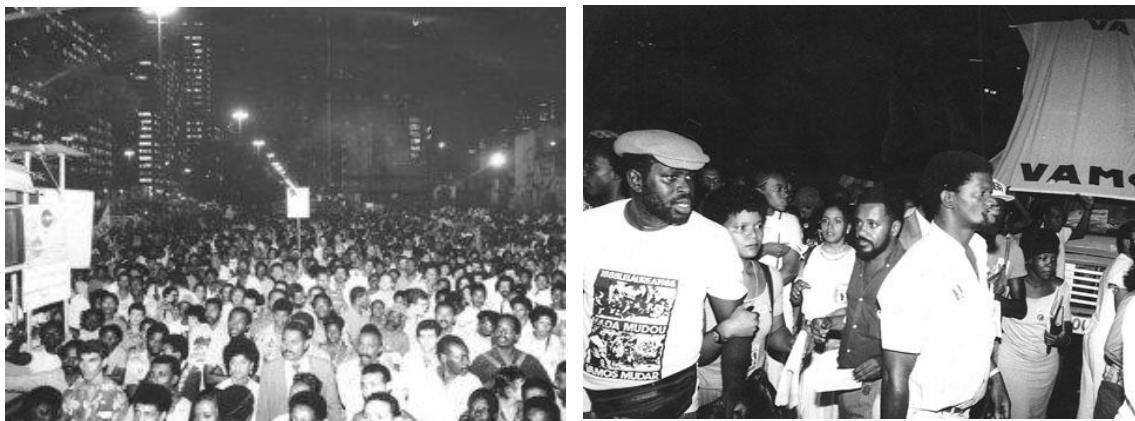
É possível identificar a influência do pensamento gramsciano em várias produções desses intelectuais: pensar estado ampliado; considerar as interferências da sociedade civil nas definições das políticas públicas implementadas pela sociedade política; identificar a importância dos intelectuais orgânicos na organização dos partidos (as organizações da sociedade civil), na formulação de projetos de sociedade, na construção de visões de mundo com vistas a alimentar as disputas e a disputa pela hegemonia. As obras construídas a partir desses marcos teóricos, trabalharam com as organizações da sociedade civil, com as pressões exercidas sobre a sociedade política, destacaram o papel dos intelectuais orgânicos que atuaram na defesa dos interesses da classe trabalhadora e/ou dominada, analisaram a atuação de algumas agências do estado. É o caso da obra de Percival Tavares da Silva sobre o MAB em Nova Iguaçu e de Maria Lídia Silveira sobre a ABM, em São João de Meriti.

José Claudio Souza Alves apresentou a Paróquia do Pilar e a sua opção pelos pobres. Posteriormente foi impactada por tensões internas, gerando um certo avanço de um viés mais conservador ou menos engajado nas questões sociais, principalmente a partir dos anos de 1990. Como a nossa pesquisa trata particularmente do final da década de 1970 e a década de 1980, estas tensões apresentadas por Alves não foram aqui consideradas.

A segunda dissertação, a de Ercília Coelho, trabalhou o surgimento da Pastoral do Negro na Diocese de Duque de Caxias e de São João de Meriti, após a campanha da fraternidade de 1988. Todavia, como esta pastoral surge já em fins de 1988 e a Paróquia do Pilar não chegou a ter uma atuação sobre essa pastoral nos anos de 1980, a pesquisa não dialogou muito com esta produção. Segundo Marlúcia Souza, a questão do racismo sempre esteve atravessou os debates na AMAJAP, no MUB e na Paróquia, mas não ganhou agremiação própria. Em fins de 1980, se verificou participações de leigos da Paróquia do Pilar nas missas aculturadas. Pré-vestibular para negros e carentes somente na década de 1990. Havia em Caxias

uma nucleação do Movimento Negro Unificado¹³⁹ em Caxias e a atuação de destaque de algumas lideranças das associações de moradores como José Zumba, Silvia Mendonça, Edina, entre outros nomes.

Figura 94- Ato contra a farsa comemorativa dos 100 anos da Lei Áurea, realizado no Rio de Janeiro



Fonte: Coleção Silvia Mendonça/ Série Segundas Memórias CRPH/DC e MVSb, 1988.

Houve uma participação massiva do MUB, de lideranças das associações de moradores como da AMAJAP, das igrejas e terreiros no ato de 1988. Um ato contra a farsa da abolição e das comemorações oficiais dos cem anos da lei Áurea, assinada pela princesa Isabel.

Eu participei do ato de 1988. A direção do MUB e do SEPE/Caxias estava em peso lá. Eu encontrei muita gente de Caxias. Havia inclusive a presença de coletivos inteiros. Encontrei lá Silvia Mendonça, Lourenço Andrade, militantes do MNU de Caxias, muitos artistas da Globo, inclusive Milton Gonçalves. Muitos intelectuais negros como Abdias do Nascimento, Zélia Gonzales. Caminhamos pela Rio Branco, entramos na presidente Vargas para irmos até o monumento de Zumbi dos Palmares. Surpreendentemente, fomos cercados e impedidos pela Polícia Militar. Não acreditávamos no que víamos. Havia lágrimas, protestos e indignação dos manifestantes. Havia o temor por parte do governo e das forças armadas que os manifestantes fizessem algum desagravo em frente a imagem do Duque de Caxias. Ao mesmo tempo, havia desconforto pela presença do monumento em homenagem a Zumbi dos Palmares. A noite chegou e não conseguimos nos mover. Neste dia, ficou evidenciado para nós o tamanho do racismo que tínhamos que enfrentar pela frente. Mesmo com o fim da ditadura civil-militar, a democracia ainda estava distante de ser alcançada. Souza,

¹³⁹ Em 7 de julho de 1978, cerca de 3 mil pessoas reuniram-se nas escadarias do Teatro Municipal, no centro da cidade de São Paulo, em um protesto contra o racismo e em defesa da igualdade racial. Nascia ali, o Movimento Negro Unificado (MNU). Logo depois foram surgimento MNU em vários estados brasileiros, como no estado do Rio de Janeiro. Em Duque de Caxias também foi criada uma nucleação do MNU.

Marlucia Santos de. Entrevista I. [nov. 2023]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2023. 1 arquivo .mp3 (180 min.).

Esse evento foi realmente um marco da resistência negra no território fluminense. Na década seguinte, a pastoral do negro, as missas aculturadas, os pré-vestibulares para negros e carentes, as produções sobre a escravidão, os pós-abolição, a resistência e trajetórias negras na Baixada crescem de forma significativa.

Outro conjunto de produções mapeados por esta pesquisa está relacionado ao movimento operário dos professores, metalúrgicos e tecelões produzidas por Kênia Miranda, Andreia Cristina Oliveira, Ricardo Ramalho e Felipe Augusto dos Santos. Vale mencionar que as obras acessadas aqui foram a dos professores e a dos metalúrgicos relacionados a greve dos professores de 1979 e a dos metalúrgicos da FIAT, em 1981, por elas estarem presente no cotidiano da Paróquia do Pilar e da AMAJAP. Os seus autores fizeram parte da militância e/ou assessoria a esses movimentos sindicais.

Foram ainda acionadas com frequência as produções de Marlucia Souza, José Claudio Souza e Manoel Henrique de Souza Cantalejo sobre a História Política da cidade de Duque de Caxias com vistas a construção do histórico sobre o município, o segundo distrito (com destaque para os bairros de Jardim Primavera, Vila Maria Helena, Saracuruna e Campos Elíseos) e o bairro de Jardim Primavera.

Além dos teóricos clássicos da Educação, foram acionadas as obras relativas à História da Educação na Baixada Fluminense de Marcos Luís de Oliveira sobre os CIEPS; a de Eliane Ribeiro Andrade sobre o Projeto Educar; a de Rosangela Martins da Silva sobre a História da E. M. Anton Dworsak e; o artigo do Centro de Memória e da História da Educação sobre as primeiras notas sobre a escolarização municipal em Duque e Caxias. A obra de Rosangela foi publicada bem recentemente e o acesso a ela também já no termina dessa dissertação, sendo pouco explorada por esta pesquisa, apesar da valiosa contribuição dela para a história da educação na Baixada Fluminense. A autora atualmente é diretora da escola que ela investiga.

Ao pensarmos sobre essas produções e os seus intelectuais encontramos sinalizações reveladoras, boa parte deles estiveram na militância desses movimentos sociais. Consideramos relevante então tentar saber de onde eles falavam, qual a relação deles com o objeto investigado. Após o levantamento feito constataremos a origem ou o lugar de onde falam, ficou evidenciado que a maior

parte deles emitiram olhares investigativos de dentro, tanto sobre o território quanto sobre os movimentos, que muitas vezes eles mesmos participaram. A maior parte desses intelectuais, intelectuais eram moradores da Baixada ou eram militantes, assessores, testemunhas ou trabalhadores da instituição escolar investigada. Dentro deste cenário, boa parte das produções resultaram dos processos coletivos de formação construída no interior do movimento ou das vivências com eles. Logo, não é possível desconsiderar o elo existente entre as produções e a militância.

As obras foram compondo um campo historiográfico e sociológico sobre a Baixada Fluminense no tempo mais recente, abrindo caminhos para outras produções. Ao mesmo tempo em que reconheciam a potência das investigações sobre esta periferia urbana, denunciaram segregações impostas, descreveram movimentos, preservaram fontes, instauraram reflexões sobre a realidade social e educacional, identificaram protagonistas. Além disso, esses pensadores contribuíram para a escrita da história e a construção da memória da Baixada Fluminense.

Vale aqui pontuar que as obras mencionadas e selecionadas nesta pesquisa foram as que investigaram a Baixada Fluminense no mesmo recorte temporal, fins dos anos de 1970 e 1980, ou as que possibilitaram a construção dos antecedentes a ditadura militar.

É importante lembrar que não foi levado em consideração os anos das publicações das produções e sim, se elas trataram dos movimentos sociais urbanos no período recortado por esta pesquisa. Não foi a intenção desta investigação trabalhar com o movimento camponês ou sindical, entretanto em algumas situações como os casos da greve dos professores de 1979 e da FIAT de 1981, foi possível considerar conexões existente entre elas e o movimento social urbano. O mesmo ocorreu com os lavradores de Xerém.

Ao longo da investigação, levantamos sites de pesquisas acadêmicas como o Capes Teses e o Google Acadêmico acerca das produções existentes que nos direcionou para os sites das universidades. Utilizamos os seguintes palavras-chaves: movimentos sociais – 1970 a 1980 – Baixada Fluminense – luta por direitos – teologia da libertação - Igreja Católica. Como não foram localizadas produções, reduzimos as palavras para movimentos sociais – 1970 a 1980. Foram encontrados 127 trabalhos, mas não tratavam da Baixada Fluminense. Assim, tentando outro mecanismo de buscas, recorremos aos Google Acadêmico. Quando efetuamos a busca uma série de pesquisas que não dialogavam com nossa proposta

apareceram, muitas abordavam uma temporalidade diferente do que efetivamente foi proposto nesse trabalho, então, foi percorrido um outro caminho, através da busca dessas palavras nos sites de universidades como UFF, UFRJ, UERJ, UFRRJ UNIRIO e PUC. Somente assim foi possível identificar as obras que estavam dentro da proposta da presente pesquisa e que estão sendo apresentadas no referido trabalho. Também recorreremos ao banco de dissertações e teses do MVSB.

A partir das produções dos intelectuais consideramos importante a realização de uma consulta dos currículos lattes dos pesquisadores, já que os nomes dos autores foram citados como participantes dos movimentos. Identificamos uma questão importante para a história da educação na Baixada Fluminense. O reconhecimento da importância desses movimentos em Duque de Caxias, na Paróquia do Pilar e em Jardim Primavera para a formação desses intelectuais e para a preservação da história e da memória local. Identificamos ainda a conexão com o MUB e outros movimentos ocorridos na mesma época como a criação do SEPE Caxias e de partidos políticos.

Consideramos relevante considerar aqui as publicações, as dissertações e teses. Quantificamos estas produções e constatamos que a maior parte das pesquisas foram resultados de pesquisas de mestrado como podemos ver no gráfico abaixo (Figura 89):

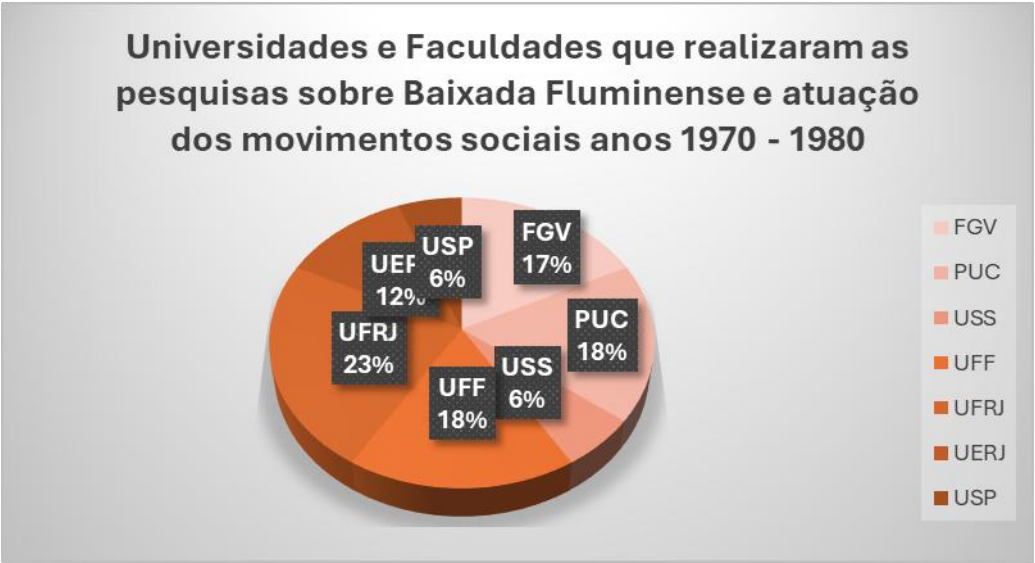
Figura 95- Gráfico 1 Teses e Dissertações



Fonte: Dados da autora, 2024.

O gráfico acima representa o quantitativo de obras que foram encontradas. 22 trabalhos encontrados, nos quais 13 eram dissertações, cinco teses e quatro livros com base em teses e dissertações. No gráfico 2 (Figura 80) identificamos as universidades onde foram realizadas as pesquisas.

Figura 96- Gráfico 2 Universidades e Faculdades que pesquisaram a Baixada Fluminense e a atuação dos movimentos sociais nas décadas de 70 e 80



Fonte: Dados da autora, 2024.

É importante notar que a universidade que possui maior número de produções é a UFRJ, logo em seguida são identificadas a PUC, UFF, FGV, UERJ, USP e Universidade Severino Sombra em Vassouras, como veremos abaixo.

Quadro 5 - Teses e Dissertações sobre Movimentos Sociais na Baixada Fluminense

Obras	Ano	Teses, dissertações e/ou publicação
BERNARDES, Júlia Adão. Espaço e Movimentos Reivindicatórios. O caso de Nova Iguaçu. RJ: Edição do Autor.	1983	Livro com base na dissertação de mestrado
SILVEIRA, Maria Lidia Souza da. Reinventando a Participação e o Poder Popular: ABM – Federação de Bairros de São João de Meriti e a Construção de uma Nova Hegemonia. RJ: Dissertação de Mestrado em Educação pela FGV.	1987	Dissertação de mestrado
RAMALHO, José Ricardo. O Estado patrão e a luta operária: o caso da FNM. Rio de Janeiro: Paz e Terra.	1989	Livro com base na tese de doutorado.
ALVES, José Cláudio de Souza. Igreja Católica:		Dissertação de

opção pelos pobres, política e poder. O caso da Paróquia do Pilar. RJ: Dissertação de mestrado pelo Departamento de Sociologia e Política da PUC/RJ.	1991	mestrado
SILVA, Percival Tavares da. Origem e Trajetória do Movimento Amigos de Bairro de Nova Iguaçu (MAB) entre 1974 a 1992. Relação Vanguarda-base-massa: Práxis Política e Educativa. RJ: Dissertação de Mestrado em Educação pela FGV.	1993	Dissertação de mestrado
MEDEIROS, Luciene. Mulheres no espaço político uma construção na vida e da vida. RJ: Dissertação de mestrado pelo Departamento do Serviço Social pela PUC/RJ.	1998	Dissertação de mestrado
ENNE, Ana Lucia. “Lugar, meu amigo, é minha Baixada”: Memória, Representações Sociais e Identidades. RJ: Tese de doutorado em Antropologia pelo Departamento de Antropologia do Museu Nacional/UFRJ.	2002	Tese de doutorado
ALVES, José Cláudio de. Dos barões ao extermínio. Uma história da Violência na Baixada Fluminense. RJ: APPH-Clio; Biblioteca Comunitária Oscar Romero e SEPE Caxias, Nova Iguaçu e São João de Meriti.	2003	Livro com base na tese de doutorado
OLIVEIRA, Côelho Ercília. As CEB's Duque de Caxias e São João de Meriti: “Uma Igreja Voltada Para o Social” (1960-2005). Vassouras: Dissertação mestrado em História pela Universidade Severino Sombra.	2005	Dissertação de mestrado
MONTEIRO, Linderval Augusto. Vida política, dinamismo popular e cidadania na Baixada Fluminense. RJ: Tese de doutorado em História Social pela UFRJ.	2007	Tese de doutorado
JUNIOR, Jefete da Mata Pinheiro. A formação sobre o PT na Baixada Fluminense: um estudo sobre Nova Iguaçu e Duque de Caxias. RJ: Dissertação de mestrado em História pela UFF.	2007	Dissertação de mestrado
CANTALEJO, Manoel Henrique de Sousa. O Município de Duque de Caxias e a Ditadura Militar:1964-1985. RJ: Dissertação de Mestrado em HISTÓRIA PELA UFRJ.	2008	Dissertação de mestrado
MIRANDA, Kênia Aparecida. As Lutas dos Trabalhadores da Educação: Do Novo Sindicalismo à Ruptura coma CUT – Central Única dos Trabalhadores. RJ: Tese de Doutorado em História pela UFF.	2011	Tese de doutorado
SILVA, Andréa Cristina Oliveira Duarte de Souza S. da. Caminhos do Sindicalismo: trajetória de vida de professores do SEPE- Baixada Fluminense. Rio de Janeiro: Dissertação de	2012	Dissertação de mestrado

mestrado pela UFRJ.		
SOUZA, Marlúcia Santos de. Escavando o passado da cidade: história política da cidade de Duque de Caxias. Duque de Caxias: APPH-Clio.	2014	Livro com base na dissertação de mestrado de 2002
RIBEIRO, Felipe Augusto dos Santos. A foice, o martelo e outras ferramentas de ação política: os trabalhadores rurais e têxteis de Magé-rj (1956-1973). RJ: Tese de doutorado em História, Política e Bens Culturais pela FGV.	2015	Tese de doutorado
KRONEMBERGER, Adriana Bastos. Dom Adriano Hypólito no rastro da violência em Nova Iguaçu. SP: Dissertação de mestrado pelo Departamento de História Social PUC/São Paulo.	2018	Dissertação de mestrado
ALBUQUERQUE, Enderson Alceu Alves. Votar em Rei dá Abraão: identidade e poder na Baixada Fluminense a partir da Beija-Flor de Nilópolis. 2019. RJ: Tese de Doutorado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.	2019	Tese de doutorado
COSTA, Marcos Luís Oliveira da. CIEPs: tensões, conflitos e repercussões de uma Política Pública em Duque de Caxias na Baixada Fluminense. RJ: Dissertação de mestrado pelo PPGECC/FEBF-UERJ.	2021	Dissertação de mestrado
AMARAL, Marcela Áurea Rodrigues Gomes. As creches como reivindicação e políticas públicas em Nova Iguaçu-RJ (1975-1988): a ação política no governo de Francisco Amaral. Duque de Caxias.	2023	Dissertação de mestrado
ANDRADE, Eliane Ribeiro. Nos limites do possível: uma experiência Político-pedagógica na Baixada Fluminense. Rio de Janeiro.	1993	Dissertação de Mestrado
SILVA, Rosangela Martins. Dworsak: do sonho à institucionalização. Rio de Janeiro.	2023	Dissertação de Mestrado

Fonte: Dados da autora, 2024.

Como já havíamos constados anteriormente, muitas pesquisas nasceram no seio desses movimentos, outras pesquisas foram realizadas por assessores, como é o caso de José Ricardo Ramalho e Eliane Ribeiro Andrade, o que revela o quanto estes movimentos impactaram as suas vidas acadêmicas. Há ainda os que apenas testemunhas esses movimentos e reconheceram a potência deles. Alguns pesquisadores eram residentes na Baixada ou ainda eram militantes de movimentos

existentes neste território, como veremos no quadro abaixo (Quadro 6). Observe que nele está a formação do pesquisador na época da produção realizada.

Quadro 6- Pesquisadores dos Movimentos Sociais em 1970 e 1980

Pesquisador(a)	Formação	Pesquisa	Militância
Adriana Bastos Kronemberger	Mestrado em História - PUC/SP	Dom Adriano Hypólito. No rastro da violência em Nova Iguaçu/ 2018.	Não atuou.
Anna Lúcia da Silva Enne	Mestrado em Antropologia/ Museu Nacional/UFRJ	Lugar, meu amigo, é minha Baixada: memória, identidade e representação social/ 2002.	Não atuou.
Andrea Cristina Oliveira Duarte de Souza Santana da Silva	Mestrado em Educação/ UFRJ	Caminhos do sindicalismo: trajetória de vida de professores do SEPE/Baixada Fluminense/2012	Não atuou.
Enderson Alceu Alves Albuquerque	Doutorado em Geografia/ UERJ	"Votar em Rei dá Abraão": identidade e poder na Baixada Fluminense a partir da Beija-Flor de Nilópolis/ 2019.	Existe um vínculo de identidade com a escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis.
Eliane Ribeiro Andrade	Mestrado/ FGV	Nos limites do possível: uma experiência Político-pedagógica na Baixada Fluminense, 1993.	Foi técnica da Fundação Educar, acompanhou a implantação do projeto na Baixada Fluminense. Pesquisadora da Educação de Jovens e Adultos e atualmente professora da UERJ Maracanã.
Ercília Coêlho de Oliveira	Mestrado em História/ Universidade Severino Sombra	As CEB's Duque de Caxias e São João de Meriti:	Militante das CEBs em São João de Meriti e

		um modelo de igreja voltado para o social (1960-2005)/ 2005.	na Pastoral do Negro. Atuação na luta em defesa da obra de João Cândido e do Museu Marinheiro João Cândido e uma das fundadoras da APPH-CLIO.
Felipe Augusto dos Santos Ribeiro	Doutorado em História /FGV	A foice, o martelo e outras ferramentas de ação política: os trabalhadores rurais e têxteis de Magé (1956-1973) /2015.	Filho de um operário tecelão comunista em Magé, conviveu com o movimento operário e era morador da Baixada e militante do PCB.
Jefte da Mata Pinheiro Junior	Mestrado em História/UFF	A formação do PT na Baixada Fluminense: um estudo sobre Nova Iguaçu e Duque de Caxias/ 2007.	Não atuou.
Júlia Adão Bernardes	Mestrado em Geografia/ UFRJ	Espaço e movimentos reivindicatórios - o caso de Nova Iguaçu/1983.	Testemunhou os movimentos reivindicatórios em Nova Iguaçu.
José Cláudio Souza Alves	Mestrado em Sociologia/PUC Doutorado em Sociologia/USP	Igreja Católica: Opção Pelos Pobres, Política e Poder. O Caso da Paróquia do Pilar/1991. Baixada Fluminense: A Violência na Construção do Poder sua produção deu origem a seu livro: dos barões ao	Foi seminarista, atuou na Pastoral Ecumênica da Terra em Xerém, na Comissão de Educação e de Formação do MUB.

		extermínio/ 1998.	
José Ricardo Garcia Pereira Ramalho	Doutorado em Ciência Política/ USP	Estado Patrão e Luta Operária: conflitos de classe na Fábrica Nacional de Motores/1987.	Fez parte do CEDI, atuou na formação e assessoria da Coordenação dos Movimentos Sociais da Paróquia Nossa Senhora do Pilar. Professor da URRJ.
Kênia Aparecida Miranda	Mestrado em Educação/ UFF	A organização dos trabalhadores em educação no capitalismo neoliberal: O pensamento pedagógico do SEPE, do SINPRO e da UPPE/2005.	Era militante do movimento de professores no Rio de Janeiro.
Marcela Aurea Rodrigues Gomes Amaral.	Mestrado em Educação/FEBF/UERJ	As creches como reivindicação e políticas públicas em Nova Iguaçu-RJ (1975-1988): a ação política no governo de Francisco Amaral.	Militante do SEPE, começou a participar com mais frequência em 2015.
Maria Lídia Souza da Silveira	Mestrado em Instituto de Estudos Avançados Em Educação/ FGV	Reinventando a Participação e o Poder Popular: O ABM – Federação de Bairros de São João de Meriti e a Construção de uma Nova Hegemonia/ 1987.	Testemunhou o movimento da Federação de Bairros de São João de Meriti.
Linderval Augusto Monteiro	Doutorado em História Social/ UFRJ	Retratos em movimento: Vida política, dinamismo popular e cidadania na Baixada Fluminense/2007.	Não atuou. Era Morador da Baixada. Atualmente é professor da UFRJ.

Luciene Alcinda de Medeiros	Mestrado em Serviço Social/ PUC/Rio	Mulheres no espaço político: uma construção na vida e da vida/1998	Militante do movimento feminista em Duque de Caxias e foi diretora do MUB/ Movimento de União de Bairros.
Manoel Henrique de Sousa Cantalejo	Mestrado em História Social/ UFRJ	O Município de Duque de Caxias e a Ditadura Militar:1964-1985/ 2008.	Atuou na APPH-CLIO) mas não nos movimentos dos anos 1980.
Marcos Luís Oliveira da Costa	Mestrado em Educação/ FEBF/UERJ	CIEPs: tensões, conflitos e repercussões de uma Política Pública em Duque de Caxias na Baixada Fluminense/ 2021.	Militante do Movimento Sindical de Duque de Caxias.
Marlucia Santos de Souza	Mestrado em História Social/ UFF.	Escavando o passado da cidade: Duque de Caxias e os projetos de poder político local (1900-1964) /2002.	Militante da Paróquia Nossa Senhora do Pilar, da Associação de Moradores e Amigos de Jardim Primavera e do MUB/ Movimento União de Bairros. Atuou em diversos movimentos, inclusive na direção do SEPE/Caxias. Foi professora do Departamento de História da FEUDUC e uma das fundadoras do CEPEMDOCH/BF, do CRPH/DC e do MVSb.
Percival Tavares da Silva	Mestrado em Instituto de Estudos Avançados Em	Origem e trajetória do Mov. Amigos de Bairros	Foi padre com atuação em SP, depois foi

	Educação/ FGV	em N. Iguaçu (MAB) - 1974-2002. Relação vanguarda-base-massa: práxis política e educativa/ 1993.	transferido para o RJ e para a Diocese de Nova Iguaçu. Atuou conjuntamente com Dom Adriano Hipólito. Deixou o celibato. Foi Militante do MAB. Faz parte da Pastoral Operária até o presente.
--	---------------	--	--

Fonte: Dados da autora, 2024.

Vale aqui destacar que José Claudio Souza Alves pesquisou a Baixada Fluminense em seu mestrado e doutorado. As suas duas obras são consideradas referências para aqueles que querem pesquisar a Baixada Fluminense. A sua dissertação de mestrado pela PUC defendida em 1991 foi a única pesquisa encontrada sobre a Paróquia Nossa Senhora do Pilar. Já a sua tese de doutorado “Dos Barões ao Extermínio” inaugurou os estudos sobre as origens da violência na Baixada Fluminense só foi publicado a partir da iniciativa da Associação de Professores Pesquisadores de História da Baixada Fluminense e pelos núcleos do SEPE na Baixada. Esta associação citada tem como uma de suas fundadoras, a historiadora Marlucia Souza, que foi dirigente na AMAJAP, na Paróquia do Pilar, no MUB e no SEPE núcleo Duque de Caxias. Também ela é uma das intelectuais orgânicas mapeadas acima.

Vale ainda pontuar que outros militantes desses movimentos e da Paróquia do Pilar e do SEPE Caxias realizaram outras pesquisas. Entretanto como não pesquisaram a Baixada no corte temporal desta pesquisa, não foram aqui citadas. É o caso de Aurelina Cruz que pesquisou a Educação de Jovens e Adultos da E. M. Nísea Vilela quando lá trabalhava; a de Nádia Simões que pesquisou as políticas educacionais nos anos de 1990 e; a de Fátima David Bitencourt que investigou as políticas educacionais e as disputas de projetos de educacional na cidade de Duque de Caxias, durante o governo Zito. As duas últimas, eram na época de suas pesquisas, militantes e dirigentes do SEPE Caxias.

Quantificamos abaixo os intelectuais acionados por esta pesquisa. Vejamos o gráfico abaixo (Figura 90):

Figura 97- Gráfico 3 Atuação dos pesquisadores nos movimentos sociais



Fonte: Dados da autora, 2024.

Dos 19 intelectuais mapeados, 7 tiveram atuação nos movimentos, na igreja na Paróquia do Pilar; seis deles foram militantes de outros movimentos ou assessores; um foi testemunha e; cinco não atuam nos movimentos. Podemos constatar que a maior parte das produções acadêmicas resultaram do esforço dos pesquisadores que possuíam vínculos com os movimentos e/ ou com a militância. Isso nos auxiliou a buscar nos sites a relação da formação inicial desses militantes nascidos na região e precursores em estudo da história local e da educação. Grande parte desses pesquisadores realizaram sua formação inicial na FEUDUC¹⁴⁰, a primeira faculdade de Duque de Caxias que oferecia licenciatura em Estudos Sociais e Língua Portuguesa, nos anos de 1970 e 1980. Curioso ressaltar a Associação Pesquisadores de História – APPH/Clio foi construída por professores e ex-estudantes do curso de Estudos Sociais e depois História da FEUDUC.

Entre os professores do Departamento de Estudos Sociais e depois de História da FEUDUC estavam também militantes sindicais, de associações de moradores e uma da AMAJAP. Vejamos o relato do professor Antônio Augusto Braz sobre a FEUDUC.

¹⁴⁰ É importante lembrar a minha formação como professora de História com Licenciatura Plena pela FEUDUC (Fundação, Educacional de Duque de Caxias) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Duque de Caxias

A FEUDUC, fundação privada, foi criada em 1969 e teve sua faculdade credenciada em 1972. No ano de sua criação, os homens e as mulheres abnegados propunham a criação de uma faculdade de medicina. Isso não foi possível e a solução foi propor a criação de uma faculdade voltada para a formação do magistério, o que foi obtida três anos depois. Essa nova orientação se mostraria providencial para a região. Ao longo dessas décadas a FEUDUC se incumbiu de formar os quadros do magistério dos professores da Baixada Fluminense, através de seus cursos de licenciatura. Desde então quase 15 mil profissionais, graduados e pós-graduados, formaram-se. Só muito recentemente, outras instituições se somaram a essa tarefa estratégica. Costumo dizer que se entrarmos em qualquer escola, pública ou privada, de qualquer dos treze municípios da Baixada Fluminense, encontraremos pelo menos um professor de História, de Língua Portuguesa, de Biologia e de matemática formados na FEUDUC. Entrevista do professor Antônio Augusto Braz ex-diretor da FEUDUC em 2015 para o site Capital e Negócio em 2015¹⁴¹.

Entre os cursos oferecidos pela FEUDUC, um dos mais concorridos era o de Estudos Sociais, já que não havia outra faculdade que oferecesse esse curso na Baixada Fluminense, nem na região serrana. A FEUDUC recebia estudantes de toda a Baixada e até de Petrópolis. Os que se formavam neste curso saíam com habilitação para lecionar História, Geografia, Educação Moral e Cívica, OSPB, Filosofia e Sociologia. Contudo, a formação nos Estudos Sociais estava carregada conservadorismo e era uma herança da Ditadura Civil-Militar:

O curso de Estudos Sociais foi inicialmente autorizado - como licenciatura de 1º grau, pelo Decreto 60.352 de 10/03/67 e Parecer CFE 440/66, com 150 vagas totais anuais. O reconhecimento deu-se através do Decreto 66.514, de 30/04/70, nos termos do Parecer CFE 180/70¹⁴².

O curso de Estudos Sociais foi instituído com objetivo de criar uma narrativa de história positivista e determinista, alinhada as concepções de mundo dos militares que estavam no poder. A construção desse curso tinha o interesse de desconstruir uma história alinhada com a perspectiva popular e afirmar uma educação fordista, baseada na memorização e na reprodução.

A tomada de poder no Brasil em 1964, não foi um simples golpe latino-americano, nem mais um pronunciamento, e sim uma articulação política de profundas raízes internas e externas, vinculada a interesses econômicos sólidos e com respaldos sociais expressivos. Não foi coisa de amadores. Tanto é assim que, passados os primeiros momentos de perplexidade de o novo Estado emergiu do figurino do IPES com objetivos programados,

¹⁴¹ Disponível em: <https://www.jornalcapital.jor.br/materias/6515-feuduc-supera-crise-e-escreve-um-novo-capitulo-em-sua-historia>

¹⁴² Disponível: <http://www.dominiopublico.gov.br>

metas estabelecidas e, naturalmente, com os homens que se apossaram do poder.

Como resultado da força, o Estado que se reorganizava optou pela coerção (no sentido usado por Gramsci) como caminho para difundir a sua concepção de mundo. A chamada “limpeza de área” – na linguagem dos IPMs (Inquérito Policial Militar) – foi dirigida contra os setores mais progressistas que, no governo anterior, tentaram alcançar a hegemonia em sintonia com as classes populares/subordinadas, no bojo das campanhas das Reformas de Base.

Os intelectuais comprometidos com a revolução, com o reformismo, ou mesmo com o liberalismo já não serviam, não eram confiáveis.

No campo da educação houve um corte profundo, pois, aos olhos do novo sistema, a educação com só poderia ser “subversão”. (Cunha; Góes, 1985-p.31).

. A citação acima evidencia de maneira expressiva o quanto o controle ideológico dos militares era almejado, por isso criar um curso como o de Estudos Sociais dialogava com os propósitos do governo (Cunha; Góes, 1985 p. 31). Vários mecanismos para vigiar e controlar o trabalho docente, assim como, reprimir os movimentos dos profissionais da educação foram consolidados. É importante lembrar que o governo instituiu também uma proposta de educação tecnicista com o propósito de criar mão de obra mais especializada para atender as demandas capitalista. Esta formação mais técnica estava mais destinada as camadas médias. Logo, não interessava aos militares uma história do ponto de vista dos invisibilizados pelo contrário, trata-se de ampliar essa invisibilidade. Contrariamente apostavam na construção de uma identidade pautada pelos “grandes heróis”, principalmente os militares. Afirmavam a preservação da hierárquica existente na sociedade e uma educação para a manutenção da subordinação. Vejamos o que nos diz o idealizador da Pedagogia Histórico-crítica, Demerval Saviani sobre essa política educacional:

(...). Do ponto de vista pedagógico, conclui-se que, se para pedagogia tradicional a questão central é aprender e para a pedagogia nova, aprender a aprender, para a pedagogia tecnicista o que importa é aprender a fazer.

À teoria pedagógica acima exposta corresponde a uma reorganização das escolas que passam por um crescente processo de burocratização. Com efeito, acreditava-se que o processo se racionalizava na medida em que agisse planificamente. Para tanto, era mister baixar instruções minuciosas sobre como proceder com vistas a que diferentes agentes cumprissem cada qual as tarefas específicas acometidas a cada um no amplo espectro em que se fragmentou o ato pedagógico. O controle seria feito basicamente pelo preenchimento de formulários. O magistério passou, então a ser submetido a um pesado e sufocante ritual, com resultados visivelmente negativos. Na verdade, a pedagogia tecnicista, ao ensaiar transpor para escola a forma de funcionamento do sistema fabril, perdeu de vista a especificidade da educação, ignorando que a articulação entre a escola e o processo produtivo se dá de modo indireto e por meio de complexas mediações. Além do mais, na prática educativa, a orientação tecnicista cruzou condições tradicionais predominantes nas escolas bem como com a

influência da pedagogia nova que exerceu poderoso atrativo sobre os educadores. Nessas condições, a pedagogia tecnicista acabou por contribuir para aumentar o caos no campo educativo, gerando tal nível de descontinuidade, de heterogeneidade e de fragmentação, que praticamente inviabiliza o trabalho pedagógico. Com isso, o problema da marginalidade só tendeu a se agravar: o conteúdo do ensino tornou-se ainda mais rarefeito e a relativa ampliação de vagas tornou-se irrelevante em face aos altos índices de evasão e repetência”(Saviani, 2021, p.12.)

A análise do professor Saviani diz muito sobre a realidade na qual foi instituído o ensino de Estudos Sociais no Brasil, pois o interesse dos militares era burocratizar o ensino e ao mesmo tempo, instituir uma educação voltada para o capital, não importava assim, se o aluno aprendia, mas sim, se estivesse formando uma mão de obra para o trabalho simples disciplinada. Essa perspectiva positivista e tecnicista da educação era duramente criticada pelos militantes dos movimentos sociais e pelos educadores críticos a este projeto de sociedade.

Segundo os cadernos do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), esses militantes possuíam uma consciência crítica e política contrária ao governo a época. Muitos desses questionamentos acabaram sendo visibilizados na FEDUC, principalmente pelo professor do curso de Estudos Sociais, Antônio Jorge Matos. Ele havia feito graduação e mestrado em história pela PUC-RJ, era marxista e militante sindical. O comprometimento com a formação dos estudantes e o trabalho qualificado do professor despertou atenção dos alunos que eram militantes e críticos.

Cabe ressaltar, ainda que existia nos movimentos sociais o contato com as obras de Paulo Freire, isso ficou evidenciado nas entrevistas dos militantes que atuaram como professores alfabetizadores a época e nos documentos publicados pelo CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação). Defendiam que os oprimidos precisavam ser visibilizados, trilhar um caminho para o conhecimento pensado e não decorado, como podemos observar na página abaixo da revista que comemorou os 10 anos do grupo (Figura 91):

Figura 98- Caderno 10 Anos do CEDI



Fonte: Caderno 10 Anos do CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação. Educação Popular. Alfabetização e Primeiras Contas, 1980.

Como já foi visto anteriormente, O CEDI atuou fortemente nas publicações dos cadernos de educação e saberes populares, nas décadas de 70 e 80, e estas publicações foram disponibilizadas para os militantes que atuavam nas pastorais sociais. Um dos responsáveis pelo CEDI era o professor Jeter Ramalho que fazia parte da Igreja Metodista, do CEDI e era assessor da Paróquia Nossa Senhora do Pilar.

Chegamos a considerar nesta pesquisa a importância de acionar os cadernos lidos pelos militantes da Paróquia do Pilar, contudo o tempo curto disponível para a escrita da dissertação nos impediu. Assim, acionamos apenas o caderno dos 10 anos. Ao nosso ver, uma investigação sobre o debate da educação popular presente nos movimentos e na sociais e nos Cadernos do CEDI e do NOVA, podem ajudar a compreender melhor esse tempo histórico, na Baixada e na cidade de Caxias principalmente.

Apesar de todo o debate experienciado e do aprendizado construído na militância e até nas salas de aula, era difícil para o professor da escola pública, formado nas periferias entrar nas poucas pós-graduações existentes nas universidades públicas do Rio de Janeiro. Segundo o relato do professor Antônio Augusto Braz, que também fez parte dos movimentos, mas não está sendo citado aqui porque a sua pesquisa não se encaixa no recorte temporal desta investigação, as dificuldades enfrentadas pelos professores formados pela FEUDUC por conta do curso em Estudos Sociais e da licenciatura.

Havia uma dicotomia explícita entre aquele que ensinava e o que pesquisava. Dentro da lógica fordista o professor teria apenas um mediador da pesquisa do outro. Ele nunca era o produtor do seu próprio conhecimento. Logo, havia uma distância física, já que as universidades públicas estavam situadas no Rio de Janeiro, mas principalmente uma distância simbólica. Havia ainda um processo de disputa severo por vaga nestas universidades, o que mantinha os estudantes da classe trabalhadora e residentes nas periferias mais distantes do acesso.

(...) a disputa para acessar a pós-graduação (mestrado e doutorado) era desleal, pois as grandes universidades públicas tinham programas e exigências que beneficiavam mais os seus próprios estudantes com formação em bacharelado e dedicação a pesquisa. Além disso, era difícil um estudante das escolas públicas e privadas periféricas disputar com os alunos das escolas particulares renomadas ou das técnicas públicas. Havia a limitada oferta de vagas e de universidades que ofereciam pós-graduação e a barreira da língua, pois a prova seleção para os mestrados exigia conhecimento em uma língua estrangeira. Evidentemente que os estudantes em licenciatura da FEUDUC encontravam muitas dificuldades. Esse foi um dos motivos que levou professores e estudos do curso de Estudos Sociais, herança da ditadura militar, a lutar pela criação dos cursos de História e de Geografia e em 1992, criarem o Centro de Memória, Pesquisa e Documentação da História da Baixada Fluminense, com vistas a assegurar as pesquisas sobre a História Local e Regional. Eu era professora da FEUDUC nessa época e fui uma das responsáveis pela reforma curricular para a criação do curso de História. Neste novo currículo asseguramos maior carga horária para a História do Brasil, inserimos disciplinas voltadas para a pesquisa, criamos as disciplinas de História Local e regional I e II, a de História da África I e I, a de Arqueologia Brasileira e Arqueologia na Baixada Fluminense e História do Oriente Médio. Havia dois objetivos claros entre nós, favorecer processos de formação mais qualitativo voltados para ofício de professor e voltado para a pesquisa, superando o fosso existente entre aquele que ensina daquele que pesquisa e produz conhecimento. A ideia era afirmar o professor como portador do direito a pesquisa e a autoria. SOUZA, Marlúcia Santos. Entrevista. [nov. 2023]. Entrevistador: Lisa Ferreira de Souza Andrade. Duque de Caxias, 2023. 1 arquivo .mp3 (180 min.).¹⁴³

¹⁴³ Entrevista realizada com a professora Marlúcia Santos de Souza dia 21/10/2023.

O que se quer pontuar aqui é que na Baixada Fluminense havia poucos espaços de formação acadêmica. Some-se a isso, a precária formação primária e secundária oferecida aos que conseguiam obter uma vaga em uma escola pública, e a inexistência de vagas para todos. Vários militantes da AMAJAP, da Paróquia, do MUB e do SEPE Caxias fizeram a suas graduações na FEUDUC como foi o caso de Marlucia Souza, Antônio Augusto Braz, Ivanete da Costa, Aurelina Cruz, Luciene Medeiros, Soneli Antunes, Adelaide Cavalcanti, Florinda Lombardi, Marisa Gonzaga entre outros.

Muitos desses intelectuais atuaram posteriormente na criação do Centro de Memória, Pesquisa e Documentação da História da Baixada Fluminense – CEMPEDOCH/DC, em 1992; do Museu Vivo do São Bento e do Centro de Referência Patrimonial e Histórico do Município de Duque de Caxias, em 2005, o que revela o quanto esses intelectuais consideraram importante consolidar e ampliar os estudos sobre a Baixada Fluminense, preservar a memória sobre as lutas travadas pelos movimentos sociais, de certa forma, preservar o seus próprios direitos a memória.

Esta pesquisa, de certa forma, apresenta o cenário e experiências vividas por estes intelectuais orgânicos, o que por si já revela a relevância desta investigação. Contudo, revela ainda essa intensa movimentação das lutas por direito e por redemocratização em um território visto por muitos como apenas de dormitório. Estes movimentos revelam sujeitos históricos, movimentos coletivos, disputas, conquistas e derrotas dos que lutaram e, principalmente intelectuais construtores de conhecimento, desejosos pelo direito a memória social, a história e a museu.

É possível que esta pesquisa também justifique a construção no interior do CRPH/DC e do MVSB, os cursos de História da Baixada Fluminense ou “Os Tempos da Baixada”, afirmando o direito a História desta periferia. A construção de um arquivo para guardar as fontes sobre o território local, do projeto Café com História que registra as trajetórias individuais de personagens comuns e marcantes da Baixada Fluminense; o projeto expedicionário Achadouros que registra levantamento inicial a partir daqueles vivem no local, ou seja, história dos bairros contadas por seus moradores, histórias de localidades desconhecidas, de instituições culturais e de experiências mantidas muitas vezes no esquecimento, nos subterrâneos da história oficial.

Figura 100- Material de divulgação dos Achadours e da Roda de Memória Os Movimentos Sociais e a Paróquia Nossa Senhora do Pilar



Fonte: - Material de divulgação dos Achadours e da Roda de Memória Os Movimentos Sociais e a Paróquia Nossa Senhora do Pilar, 2024.

Figura 101- Material de divulgação das Rodas de Memória Os Movimentos Sociais e a Paróquia Nossa Senhora do Pilar



Fonte: - Material de divulgação dos Achadours e da Roda de Memória Os Movimentos Sociais e a Paróquia Nossa Senhora do Pilar, 2024.

Por último, a Série Segundas Memórias, idealizada e coordenada por Aurelina Cruz e Marlúcia Souza, onde elas recebem nas lives de segunda-feira militantes e/ou assessores dos movimentos sociais, das igrejas e de instituições atuantes. Nessas lives os narradores e militantes ou assessores dos vários movimentos sociais da cidade de Duque de Caxias apresentam as suas memórias e acervos acerca dos movimentos sociais na Baixada Fluminense, principalmente na cidade de Duque de Caxias, nas décadas de 1970 e 1980.

Figura 102- Material de divulgação da série Segundas Memórias



Fonte: Material de divulgação da série Segundas Memórias, 2024.

Esse conjunto de depoimentos são fontes preciosas para a história da Baixada Fluminense, para a história das cidades e da educação. Alguns depoimentos podem ser transcritos, informações preciosas contadas podem indicar possibilidades de novas pesquisas e acervos foram coletados e guardados no arquivo do CRPH/DC e do MVSb. Muitas destas fontes foram acionadas por esta pesquisa e por outros pesquisadores. Nesse sentido, podemos indicar que este trabalho promovido é de certo modo uma continuidade da luta por direitos, direito a memória, a história, a autoria, ao patrimônio, inclusive a afirmação de que as lutas dos movimentos sociais são também patrimônio.

Os integrantes desses movimentos sociais que começaram a buscar uma formação mais acadêmica, estavam incomodados com a falta de discussão sobre a

história da Baixada Fluminense. Eles reconheciam a importância das investigações sobre os seus próprios territórios com vistas a desnaturalização da realidade encontrada, da busca de compreensão de como fora os processos de urbanização ou ausência dela, a história da ocupação humana e das resistências construída pelos trabalhadores. Não era apenas o desejo de investigar o passado pelo passado, mas sobretudo, pensar possibilidades de transformação da dura realidade vivida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar o trabalho cabe pensar as contribuições para a história da educação. Vivemos atualmente em tempos marcados por sinalizações extremistas e de regresso conservador. Avanço inclusive do conservadorismo no interior da Igreja Católica e de propagação de visões distorcidas acerca do que foi a ditadura civil-militar. A revalorização da política e da participação popular se faz urgência quando a nossa própria humanização é colocada em xeque. Olhar o passado do ponto de vista de trabalhadores em seu lugar de moradia, visitar diferentes experiências de participação popular, reconhecer as vitórias e as dificuldades enfrentadas por eles nos faz lembrar de Walter Benjamin. O passado também pode trazer reflexões para o presente. Pode ajudar a pensar as coisas de outra maneira e com certeza, o leitor desse trabalho quando passar pela rodovia Washington Luís poderá acionar memórias das lutas travadas pelos movimentos sociais.

Aspecto importante a considerar é o quanto as experiências foram significativas para a formação política dos moradores envolvidos nelas e para a construção da identidade coletiva. Além disso, o quanto foi significativo para a formação acadêmica dos intelectuais militantes e para as escolhas de seus objetos de pesquisa. O desejo de memória dos que viveram e atuaram nas lideranças desses movimentos também fica evidenciado, não apenas na produção de conhecimento acadêmicos sobre os movimentos realizada por eles, mas também pelas ações envolvendo os registros das lutas, a criação de diário do movimento como o da Maria Melânia, a própria criação das coleções dos militantes no interior do arquivo do CRPH/DC e MVSB, a guarda pessoal de documentos nos baús caseiros.

Vale lembrar que duas militantes desses movimentos participaram da criação e estruturação do CRPH/DC e do MVSB e foram elas que organizaram os Achadouros Jardim Primavera 1, 2, 3 e 4; os Achadouros Campos Elíseos 1 e 2; as rodas de memória “A Paróquia Nossa Senhora do Pilar e os Movimentos Sociais 1 e 2; e a série “Segundas Memórias” com vistas a compor um acervo documental e assegurar ouvidoria das vozes dos militantes acerca de suas experiências vividas e percebidas. Isso nos remete a pensar as contribuições de Edward Thompson para o pesquisador de deseja se dedicar a investigar a história das lutas e dos movimentos sociais, inclusive os que atuaram em defesa dos direitos a educação.

Embora o tempo de pesquisa tenha imposto limites quanto ao quantitativo de entrevistas realizadas, a qualidade dos depoimentos e a ouvidoria das vozes militantes contribuíram decisivamente para esta investigação, não apenas pelo compartilhamento de suas fontes guardadas, mas principalmente pela preciosidade das informações fornecidas e compartilhamento das percepções que construíram sobre o vivido. Esses militantes compartilham ainda memórias de personagens comuns, das lutas construídas, leituras de uma realidade material de seu território muitas vezes dolorosas.

A temporalidade investigada nesta pesquisa, segunda metade dos anos de 1970 e a década de 1980, foi tão tensa e intensa, recheada de movimentações e mobilizações populares na cidade de Duque de Caxias e na Baixada Fluminense, dificultando muitas vezes, a elaboração de uma leitura mais simplificada desse tempo histórico tão recente. Embora seja possível reconhecer que alguns movimentos se desfizeram, se modificaram, reverberaram em outras formas de resistências, o vivido nas décadas de 1970 e 1980 faz parte da história desses territórios e de seus sujeitos históricos. Nesse sentido, esta pesquisa tentou olhar para esta temporalidade a partir dela mesma, isto é, não considerando a temporalidade seguinte marcada pelo avanço do neoliberalismo a partir da década de 1990.

Queremos pontuar para aqueles que desejarem investigar a história da educação nestes tempos de ditadura civil-militar e do processo de abertura política na Baixada Fluminense, precisará transitar pelos movimentos sociais urbanos, pela emergência do surgimento do novo sindicalismo, da teologia da libertação e da formação das comunidades eclesiais de base, como indicou Maria Gohn. Apesar de uma temporalidade complexa e recente, o pesquisador terá ainda que enfrentar dificuldades em localizar as poucas produções acadêmicas, as fontes, embora elas existam em abundância nos arquivos locais, nos baús caseiros dos militantes e dos movimentos. Grande parte desses acervos não se encontram no momento disponíveis no formato online, sendo necessário o trabalho corporal, presencial nesses arquivos locais, nos arquivos escolares e institucionais dos movimentos ou ainda, nos baús caseiros dos militantes.

Várias produções acadêmicas produzidas na década de 1970 e 1980, não se encontram disponíveis nas plataformas online, sendo necessário muitas vezes uma busca direta com o pesquisador ou nos arquivos locais, principalmente do CRPH/DC

e MVSB, do IHDC, do PIMBA, do CEMPEMED; dos arquivos das dioceses da Baixada Fluminense e no da diocese de Petrópolis quando a pesquisa estiver relacionada aos municípios de Magé e de Duque de Caxias. Um bom espaço para consulta online é o arquivo do CEDIM/Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Queremos ainda pontuar é que apesar da importância, identificamos poucas produções acadêmicas existentes sobre os movimentos sociais e as lutas em defesa da educação em Duque de Caxias, nesta temporalidade aqui estudada. Outra dificuldade está relacionada ao acesso ou a inexistência de dados sobre os distritos, sobre os bairros dos municípios periféricos, sobre a formação dos loteamentos e das estruturas fundiárias. Dificuldade encontrada em pesquisar sobre os históricos das unidades escolares e até das suas datas de fundação em formato online. Foi necessário visitar pessoalmente as escolas dos três bairros para fazer o mapeamento sobre as suas datas de fundação e por mais de uma vez.

Ao enveredarmos pelos caminhos da pesquisa acerca do cenário, da conjuntura, dos marcos históricos da Baixada Fluminense e do município de Duque de Caxias nos anos de 1970 e 1980, identificamos a relevância de construirmos entendimento acerca do 2º distrito de Duque de Caxias, do histórico de fundação da Paróquia do Pilar, o que nos levou ao atravessando pela história da Igreja e da formação dos bairros. Nestes casos a contribuição da história oral se faz necessária. Entrevistar os mais velhos e quando se trata de movimentos sociais, se colocar a escuta das narrativas das experiências, como nos ensina Thomson.

Para esta pesquisa realizamos um esforço de acionar o máximo de fontes possíveis tais como as fotografias, os panfletos, os cartazes, as cartilhas, as coleções de guarda dos militantes, as plantas dos loteamentos, os periódicos, os PPPs, os guardados das escolas em seus próprios arquivos, os documentos oficiais e os produzidos pelos movimentos sociais. O trabalho de campo fez toda a diferença, desde a ida na casa das pessoas para a realização das entrevistas, quanto para visitar as escolas.

Uma dificuldade encontrada por esta pesquisa já mencionada diz respeito ao pouco tempo reservado para as entrevistas e o trabalho de campo. Identificamos o limite imposto pelo falecimento de muitas lideranças. Muitos militantes da AMAJAP que atuaram nesta época já eram adultos, senhores e senhoras, e já havia falecidos. Encontrar os vivos pode não ser tarefa fácil, contudo, a riqueza e a qualidade dos depoimentos recolhidos podem valer muito a pena, como foi o caso dos

depoimentos recolhidos por esta pesquisa e pelo trabalho realizado nos Achadouros e na Série Segundas Memórias pelo MVSB. Para este trabalho, as orientações de Michael Pollak são valorosas: o trabalho com a memória social é sempre um trabalho de escuta sensível. Respeitar o silêncio quando ele se fizer, reconhecer a importância do narrador para superar a invisibilidade ou o esquecimento imposto pela história oficial, principalmente quando estamos tratando de memórias dos trabalhadores ou dos comuns.

Saiba que o pesquisador que resolver trabalhar com os depoimentos, com os narradores de suas experiências de resistências também será impactado. Aquele que escuta, terá também que lidar com as emoções dos entrevistados e com as suas próprias. Contudo, estará diante de detalhes, singularidades, tensões e possíveis visões confrontantes e se elas existirem, podem também oferecer chaves de leituras valiosas acerca das tensões existentes no interior da classe ou na própria luta de classe.

Ao nosso ver, a pesquisa sistematizada nesta dissertação é mais uma contribuição de escavação dessas histórias e memórias dos movimentos sociais urbanos na cidade de Duque de Caxias. O trabalho de revisitar as lutas da Paróquia Nossa Senhora do Pilar e da AMAJAP impôs a essa pesquisa a necessidade de investigar conjuntamente a outros movimentos como o MUB. Como fora já mencionado, foi possível identificar a importância dessas lutas para a construção identitária dos militantes e dos intelectuais envolvidos com elas. Tanto no que diz respeito aos que assessoraram, quanto para os que caminharam para o campo da pesquisa, para as pessoas que eram da Paróquia do Pilar. Isso ficou latente nos relatos e das lives, não só o orgulho de fazer parte desse processo, mas a relação de construção política e de saudosismo dos movimentos, em tempos de retrocesso.

Em cada escuta verificamos um tremendo orgulho e tristeza por parte dos integrantes que permanecem na Igreja pelo fato de não existir mais esse tipo de organização no cenário atual. O dia a dia, o corpo a corpo e o relacionamento próximo entre os moradores já não existe mais no caso do loteamento Santana do Pilar. Outros espaços de sociabilidades foram instituídos.

Queremos ainda apontar a relevância dessa pesquisa para a História da Educação da Baixada Fluminense no que diz respeito a valorização não apenas da ouvidoria dos narradores, mas sobretudo, no trabalho de levantamento de variadas fontes e da apresentação de indicativos que possam suscitar novas pesquisas.

O trabalho nos revelou a importância de pensar as cidades, as políticas públicas e as lutas construídas em defesa da melhoria das condições materiais dos envolvidos. Mais uma vez Thompson nos ajuda a compreender que as resistências operadas pelos trabalhadores são ações políticas que surgem de realidades materiais concretas e que as conjunturas e as estruturas as produzem, entretanto, os sujeitos históricos podem estabelecer ações coletivas que precisam ser compreendidas, entendidas. Ao mesmo tempo em que essas ações podem ajudar na compreensão das tensões existentes na sociedade.

Esses movimentos produziram várias proposições que foram incorporadas pelas políticas públicas oficiais, como foi o caso do debate da questão da violência doméstica e a criação de delegacias de mulheres; os maus tratos sofridos pelas grávidas na maternidade de Jardim Primavera e a criação de políticas de saúde para as mulheres durante e pós parto; a ausência de atendimentos à saúde da população e as pressões pela criação de unidades mistas de saúde, do Hospital Geral; a experiência do Projeto Educar na Baixada Fluminense e a institucionalização do EJA; as movimentações pelo fim da ditadura civil-militar e o retorno das eleições de prefeitos na cidade de Caxias e do voto direto para presidência da república; os debates sobre as cidades, os seus planos diretores e até as contribuições para a construção da constituinte de 1988.

Essa pesquisa apontou a relevância dos estudos sobre os loteamentos, considerar as influências dos loteadores e das pressões populares na constituição das escolas. Assim como, dos espaços de sociabilidades como os clubes, os campos de futebol, o bloco carnavalesco, as igrejas, os terreiros para a construção de lugares de iniciação ao letramento para as crianças. Estes espaços improvisados e mantidos pelas comunidades revelaram a inexistência de escolas formais e públicas, ao mesmo tempo, em que alimentaram as pressões populares pela criação de escolas municipais, como foi o caso da E. M. Parque Bom Retiro.

José Lustosa, em sua obra “Cidade de Caxias” , listou as escolas existentes no município de Duque de Caxias. A maior parte das escolas públicas estavam situadas no primeiro distrito. Não foi possível identificar escola municipal e estadual nos bairros de Jardim Primavera, Campos Elíseos, Saracuruna nesta listagem. Além do predomínio das escolas particulares nestes bairros, alguns espaços educativos começaram a ser criados pelas comunidades e pelo poder público municipal, por conta das pressões populares como já fora dito. Vários dos espaços comunitários

foram municipalizados e funcionavam com a regência de professores leigos em sua grande maioria. O ingresso desses professores era realizado a partir de indicações, sem qualquer concurso público.

Segundo Stélio Lacerda, em 1967, a rede pública estadual possuía apenas 19 escolas no município de Caxias. O crescimento de 5 escolas de 1958, para 19 escolas em 1967, se deu por conta das pressões populares e do rápido crescimento populacional da cidade no período do desenvolvimentismo. O quantitativo populacional era utilizado para pensar o atendimento e as demandas.

No “Levantamento Estatístico de julho de 1971, realizado pela secretaria de Educação e cultura. Inspetoria de Ensino da 2ª Região Escolar formada pelos municípios de Duque de Caxias, São João de Meriti e Magé”, localizado no arquivo do IHDC, o número de escolas estaduais já era de 48 grupos escolares com 31. 190 alunos matriculados e 1 escola reunida com 339 alunos. A partir do convênio estabelecido entre a prefeitura e o governo do estado em 1967, 35 grupos escolares foram construídos 35. Jardim Primavera recebeu dois grupos escolares, o Minas Gerais e o Casimiro de Abreu. Bom Retiro recebeu o Mascarenhas de Moraes e Saracuruna o Parque Moderno (Pedro Jacinto ou Vera Lúcia Romão Tavares) e o Grupo escolar Alberto Santos Dumont, municipalizado posteriormente. Entre os 35 podemos encontrar o Grupo Escolar Frei Henrique de Coimbra, no bairro da Figueira (ver listagem das escolas estaduais listadas pelo levantamento estatístico da SEDUC em 1971 no anexo 3). Vale destacar nessas escolas eram oferecidas a instrução ou ensino primário.

Em 1967, foi possível identificar a presença de 3 três grupos escolares nestes bairros (Hélio Rangel, em Jardim Primavera; Sara Faria Braz, em Saracuruna e; Adelina Castro em Campos Elíseos) que não constam na listagem das 35 escolas criadas pelo convênio estabelecido entre a prefeitura e o governo do estado. No caso específico do loteamento Santana do Pilar, em Jardim Primavera, a primeira escola pública construída foi o Grupo Escolar Hélio Rangel e embora ela não apareça na listagem de Lacerda, foi construída no mesmo governo estadual e com verba do Plano Nacional de Educação, segundo o levantamento estatístico da SEDUC, de 1971.

Pouquíssimos espaços ofereciam o ginásial, mas é justamente nesta década que as pressões pela permanência e continuidade do estudo através de ginásial público cresceram, obrigando o governo de estado a ampliar vagas para o

antigo ginásial. Em 1976, foi criada no loteamento Santana do Pilar a E. E. Alexander Graham ofertando o ginásial. Vários grupos escolares passaram por reforma e ampliação para assegurar a expansão do acesso a esse segundo segmento.

Apesar do crescimento do número de escolas, elas ainda eram insuficientes frente ao crescente e acelerado número de crianças em idade escolar, o que aumentava as pressões sobre o poder público municipal e estadual. Em fins da década de 1970 e na década de 1980, os moradores organizados na AMAJAP lutaram por melhorias e reforma das escolas, ampliação de vagas para todo o segmento do ensino fundamental e pela instalação do primeiro segundo grau público do bairro e dos arredores. A AMAJAP conseguiu obter reformas para o G. Bell, para a E. M. Marcílio Dias, o segundo grau no G. Bell e a construção do primeiro CIEP do 2º Distrito. Em sequência a comunidade escolar conseguiu a instalação do curso normal no Graham em 1994.

A presente pesquisa pode ainda oferecer contribuições para a História da Educação ao apresentar considerações acerca da existência de realidade educacional desigual, no interior de um mesmo município, o que pode alertar para importância de estarmos mais atentos para estas variações; olhar os processos de escolarização nos bairros e; considerar também as memórias de quem vive no lugar. Caminhos que também podem oferecer pistas, informações preciosas e até acesso a acervos que não estão disponíveis, nem nos arquivos locais.

A partir da mobilização popular, a AMAJAP e outras associações de moradores do 2º distrito travaram importantes lutas por direitos e melhoria da qualidade de vida da população local tais como: as passarelas, a reabertura de postos de saúde, a construção de unidades mistas, de iluminação, de eletrificação do trem, a construção de um hospital geral, etc. Essas lutas e esses movimentos associativos estiveram conectados fortemente com a presença da Paróquia do Pilar e a formação das comunidades eclesiais de Base e com a federação das associações de moradores, o MUB.

Essas lutas também se conectaram com duas grandes greves, a dos professores e a dos metalúrgicos, e com a resistência camponesa e a PET, em Xerém. Lutas foram travadas no 2º distrito com sucesso contra a construção de presídios na localidade. Muitas dessas lutas envolveram profissionais da educação, a escola os integrando aos movimentos sociais instituídos. Esta pesquisa é

relevante também para a construção desse campo historiográfico mais recente, principalmente em um período ditadura civil-militar que as fontes são mais difíceis por conta da censura.

Por último, a presente pesquisa apresentou a importância desses movimentos para a formação de intelectuais que contribuíram para a historiografia da Baixada. Identificou as influências do vivido nos movimentos, nas escolhas dos militantes ou assessores acerca de seus objetos de pesquisa. Contribuíram de forma qualitativa para ampliação dos olhares sobre a História do homem no território da Baixada, para a valorização de uma história que não desprezasse ou desconsiderasse as resistências. Esses intelectuais também foram e são referência na formação de outras gerações de intelectuais. Alguns deles ainda atuantes nas lutas ambientalistas, contra os extermínios e desaparecimentos, na educação patrimonial, nas lutar pelo direito a memória, a história e a museus. Tentamos compreender a temporalidade aqui estudada olhando para as experiências dos trabalhadores naquele tempo. Identificar também algumas heranças deixadas. Como disse nosso poeta Ferreira Gullar:

A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não tem voz.

REFERÊNCIAS

- ACONTECEU. Trabalhadores Urbanos no Brasil/1980. *Caderno Especial*. RJ: CEDI, junho de 1981.
- ALVES, José Claudio Souza. *Dos Barões ao Extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. DC: APPH/Clio, 2003.
- ALVES, José Claudio. *Igreja Católica: Opção pelos Pobres, Política e Poder. O Caso da Paróquia do Pilar*. Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Rio de Janeiro: PUC, 1991.
- AMARO, Tânia. Encontro com a história da cidade: relações de Poder na dinâmica política de Duque de Caxias (1943/1985) In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro* – ISSN 1519-5678, Ano 30, Número 30, 2023: 125-149. SOUZA, 2014: 188-242.
- ARAÚJO, Cristiane Dias de; DAVID, Fátima Bitencourt; ALVES, Luciana Pires; RUFINO, Marcia Montilio e SPADETTI, Renata. *CEPEMHed e as primeiras notas sobre os processos de escolarização em Duque de Caxias. Seu legado, nossa herança*. 4-cepemed-e-as-primeiras-notas-sobre-os-processos-de-escolarizac3a7c3a3o.pdf (wordpress.com).
- Ato Público pela Anistia com o veto da Diocese de Petrópolis.1264/79.
- BENJAMIN, Walter. *O Narrador*. Obras Escolhidas. SP: Editora Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Brasiliense, 1987.
- BERNARDES, Julia Adão. *Espaço e Movimentos Reivindicatórios – O Caso Nova Iguaçu*. RJ: Jocenir Ribeiro Impressão, 1983.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro. Ed. Zahar/2001.
- BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e Poder*. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.
- CADERNO A BAIXADA PARA CIMA. RJ: Fundação Educar e UNICEF, 1986: 6 e 7. Acervo: CRPH/DC e MVSb.
- CADERNO GREVE DA FIAT PRODUZIDO PELO SINDICATO DOS METALÚRGICOS EM 1981, PUBLICADO PELO CEDI. *Coleção Marlúcia Santos de Souza* sob a guarda do MVSb e CRPD/DC.
- CANTALEJO, MH de S. *O município de Duque de Caxias e a ditadura militar: 1964-1985*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CARTAZ DO ENCONTRO EDUCAR PARA TRANSFORMAR. 1985. Coleção Marlúcia Santos de Souza sob a guarda do CRPH/DC e MVSB.

CEDIM. *Mulheres da Baixada Fluminense*. Histórias de Luta e Conquista da Cidadania Feminina. RJ: Espaço Cultural CEDIM, 2004.

CLIMA DE MASSACRE. Milícia Clandestina com um efetivo de 8 mil homens ameaçam a população de Caxias. *Luta Democrática*, 9 de julho de 1962:2.

COMISSÃO DE MULHERES DO MUB. *Caderno Informativo Fala, Mulher*. 1987. Coleção Marlúcia Santos de Souza sob a guarda do CRPH/BF e MVSB.

COMTREM – Comissão Popular em Defesa do Trem. *Se eu Perder esse Trem...* Baixada FLUMINENSE: As Lutas do Povo. RJ: COMTREM/ACT, 1998.

COSTA, Marcos Luís de Oliveira. *CIEPs: Tensões, Conflitos e Repercussões de uma Política Pública na Baixada Fluminense*. RJ. Dissertação de Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação pela FEBF/UERJ, 2021.

CRUZ, Aline Rozenthal de Souza. Entre a Superlotação dos Trens e os Investimentos no Metropolitano: A revolta dos suburbanos na metrópole do Rio de Janeiro (1974-1978). *Revista GeAamazônia*, Belém, v 6, n 11, p 73-93, 2018.

DABUL, Ligia. *Um Tanto da História de Xerém: Análise Social e Eclesial*. Unidade e Prática de Fé: Pastoral Ecumênica da Terra em Xerém. Rio de Janeiro: CEDI, 1987
Decreto 32.118, de 31 de outubro de 2002. Transforma em Colégio Estadual a E. E. Minas Gerais, sediada em Jardim Primavera.

Decreto de criação do Grupo Escolar João XXIII, de 26 de julho de 1966.

DIAS, Amália; BORGES, Angélica; PINHEIRO, Marcos César de. Grande Sertão Baixada e as veredas da historiografia da educação local. *Revista Linhas Florianópolis*, v. 22, n. 50, p. 44, set./dez. 2021.

Documentos do Sistema Nacional de Informação (SNI). Acervo Arquivo Nacional: *Congresso do MUB* – 1986. 13217/86.

Dom Mauro Morelli. 03222/82.

DOSSIÊ CAXIAS: Maternidades maltratando mulheres e bebês causam até mortes! 1984. Coleção Marlúcia Santos de Souza sob a guarda do CRPH/DC e MVSB.

Encontro das CEBS. 17.995.189

Encontro dos Trabalhadores Rurais do Estado do Rio de Janeiro. 005143/86. 13 de maio 1986.

ENNE, Ana Lúcia Silva. *Lugar Meu Amigo, É Minha Baixada: Memória, Representações Sociais e Identidade*. Vols. I e II. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

FERNANDES, Florestan. *Apostamentos sobre a "Teoria do Autoritarismo"*. 1ª ed. SP: Expressão Popular, 2019.

FERREIRA, Denise. *História Oral e História Pública: Os Caminhos para a Posse de Terra na Favela da Vila Operária*. RJ: Resgate – vol. XXII, número 28 – Jul/dez. 2014: 23-30.

FERREIRA, Jurandy Pires. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Volume XXII. RJ: IBGE, 1957-1964: 251-255.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A fusão do Rio de Janeiro, a ditadura militar e a transição política. In: ABREU, A. A. (Org.). *A democratização no Brasil: atores e contextos*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. cap. 6: 163 - 203.
[https://repositorio.fgv.br/handle, fusão](https://repositorio.fgv.br/handle/fusão)

FONTES, Virgínia. *Breve História do Brasil Recente*. Série Princípios. São Paulo. 2004. 4 ed.

FONTES, Virgínia. *História do Brasil Recente (1964 a 1992)*. SP: Série Princípio, 2004 e; Reflexões Im-pertinentes. História e Capitalismo Contemporâneo. RJ: Bom Texto, 2005.

FÓRUM DOS ATINGIDOS PELA INDÚSTRIA DO PETRÓLEO E PETROQUÍMICA NAS CERCANIAS DA GUANABARA. *50 Anos da Refinaria de Duque de Caxias e a Expansão da Indústria Petrolífera no Brasil*. RJ: FASE, 2013.

FREIRE, Paulo. *A pedagogia do oprimido*. RJ: Paz e Terra, 1987.

GOHN, Maria da Glória. *O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias*. SP: Cortez, 2005.

GRYNSZPAN, Mário. *Mobilização camponesa e competição política no estado do Rio de Janeiro (1950 – 1960)*. RJ: Dissertação de mestrado pelo Museu Nacional, 1987. Para ver o movimento operário dos tecelões em Magé: HAPER, Babete, CECCON, Claudio e outros. Cuidado Escola! SP: Editora Brasiliense, 1987.

Histórico Escolar da E. M. Jaime Fichman – Arquivo Escolar

HOBBSAWM, Erick. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*: Tradução Marcos Santarrita. Companhia das Letras 1995. São Paulo:

JORNAL TIRO E LETRAS, Ano I – Número 01, junho de 1995: 10. Acervo MVSB e CRPH/DC.

LACERDA, Carlos. *Uma passagem pela Caxias dos anos de 1960*. RJ: Edição do autor, 2001:20 e 21.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. SP: Unicamp. 1990.

LEMOS, Santos. *Sangue no 311*. RJ: Reper Editora, 1967.

LOPES, Arthur Costa e ANDRADE, Luciana. Lutas populares em Caxias (RJ): o caso das passarelas na década de 1980 In *Revista Pilares da História*, Ano 22, Número 23, dezembro de 2023.

LUSTOSA, José. *Cidade de Duque de Caxias*. Desenvolvimento histórico do município: dados gerais. RJ: Serviço Gráfica do IBGE, 1958.

MEDEIROS, Luciene Alcinda de. *Mulher no Espaço Público: Uma Construção na Vida e da Vida*. RJ: Dissertação de Mestrado em Serviço Social pela PUC, 1998.

MEDEIROS, Luciene Alcinda de. *Políticas públicas de enfrentamento da violência contra a mulher: o processo de formulação para a agenda governamental no estado do Rio de Janeiro*. RJ: Tese de doutorado em Serviço Social pela PUC, 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. Secretaria de Ensino 1º e 2º Graus – SEPS. Fundação Nacional para a Educação de Jovens e Adultos – Educar. Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF. *Projeto para a Educação Básica para a Baixada Fluminense*. RJ: 1986.

MIRANDA, Kênia Aparecida. *As Lutas dos Trabalhadores da Educação: Do Novo Sindicalismo à Ruptura com a CUT – Central Única dos Trabalhadores*. RJ: Tese de Doutorado em História pela UFF, 2011.

MONTEIRO, Liderval Augusto. *Baixada Fluminense, Identidade e Transformações: Estudo de Relações na Baixada Fluminense*. Dissertação de Mestrado em História. RJ: UFRJ, 2001.

MONTEIRO, Liderval Augusto. *As Justiceiras do Capivari: Dinamismo Popular e Cidadania em Uma Periferia do Rio de Janeiro*. *Revista História, Imagens e Narrativas* número 4, ano 2, abril/2007 – ISSN 1808-9895.

MONTEIRO, Liderval Augusto. *Retratos em Movimento: Vida Política, Dinamismo Popular e Cidadania na Baixada Fluminense*. Tese de Doutorado em História. RJ: URRJ, 2007.

MORAES, Maria Stela Marcondes. *Resistência e prática pedagógica operária: o movimento dos operários da Fiat/Diesel e a formação da Associação Cultural de Apoio Mútuo (Acam)*. RJ: Dissertação de Mestrado em Educação pela FVG, 1984.

MOVIMENTO. *Le Monde*. Edição Semanal Número 231 – 3 a 9 de dezembro de 1979. Acervo MVSb e CRPH/DC.

MVSb. *Segundas Memórias MUB (1980-1990) - Parte 01*. YouTube, 21/03/2022.

Disponível em: link do vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=eJngdFSpYns&list=PLD5A8klT709kKK9LrGAGY4HdICLQkuML1> .

MVSB. *Segundas Memórias MUB (1980-1990) - Parte 02*. YouTube, 06/04/2022.

Disponível em: link do vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=x8XLFIMOGAY&list=PLD5A8klt709kKK9LrGAGY4HdICLQkuML1&index=3>

MVSB. *Segundas Memórias PROJETO BAIXADA - Parte 01*. YouTube, 04/04/2022.

Disponível em: link do vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=TjXF55dMmgE&list=PLD5A8klt709kKK9LrGAGY4HdICLQkuML1&index=4>

MVSB. *Segundas Memórias PROJETO BAIXADA - Parte 02*. YouTube, 11/04/2022.

Disponível em: link do vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=tjyzc4mKYF8&list=PLD5A8klt709kKK9LrGAGY4HdICLQkuML1&index=5>

MVSB. *Segundas Memórias SEPE (1980) - Parte 02*. YouTube, 25/04/2022.

Disponível em: link do vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=LFx8p5NjQSI&list=PLD5A8klt709kKK9LrGAGY4HdICLQkuML1&index=7>

MVSB. *Segundas Memórias COMTREM*. YouTube, 25/04/2022. Disponível em: link do vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=WbZzztokz6o&list=PLD5A8klt709kKK9LrGAGY4HdICLQkuML1&index=8b>

MVSB. *Segundas Memórias Padres Padovanos*. YouTube, 20/06/2022. Disponível em: link do vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=XvBvIEO98xs&list=PLD5A8klt709kKK9LrGAGY4HdICLQkuML1&index=15>

MVSB. *Achadouros Bom Retiro*. YouTube, 15/07/2020. Disponível em: link do vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=mdfNIBv72cA>

MVSB. *Achadouros Jardim Primavera parte I*. YouTube, 14/08/2020. Disponível em

link: <https://www.youtube.com/watch?v=mdfNIBv72cA>

MVSB. *Achadouros Jardim Primavera parte II*. YouTube, 28/08/2020. Disponível em:

link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=aSCZPAbEzOk&t=6s>

MVSB. *Achadouros Jardim Primavera parte III*. YouTube, 02/10/2020. Disponível em:

link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=9Jr3_obZTfl&t=3s

NASCIMENTO, Clarissa Staffa. *Além da Imagem: Experiências e Memórias Populares Através da TV Maxambomba*. Dissertação de Mestrado em História. Niterói, UFF, 2009.

NIDELCOFF, Maria Tereza. *Uma escola para o povo*. SP: Editora Brasiliense, 1978.

NORONHA, Cejana Uiara Assis. Teologia da libertação: origem e desenvolvimento In: *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 185-191, abr./jun. 2012: 3.

O GLOBO 23/09/1976. <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/dom-adriano-hypolito-bispo-de-nova-iguacu-sequestrado-torturado-em-76-20160361#ixzz8YVbmU8Hy>

Ofício Número 56/1998 do C. E. Alexander Graham Bell (U.A. 18-263) para a Regional Metropolitana V, Secretaria Estadual de Educação e Governo do Estado solicitando autorização para o funcionamento do Curso de Formação de Professores.

Ofício Número 56/2008 da E. E. João XXIII para a gerência de Ensino Regional Metropolitana V para encaminhar o histórico da unidade escolar.

PAULITO, André Luís. *Lições do Passado? A escola graduada e a organização da aprendizagem em ciclos-exclusivos*. Post Pensar a Educação. <https://pensaraeducacao.com>.

PERLMAN, Janice. *O Mito da Marginalidade*. RJ: Paz e Terra, 1977.

PERRUSO, Marco Antonio. *Em busca do “novo”: intelectuais brasileiros e movimentos populares nos anos 1970/80*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pósgraduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

PINTO, Rodrigo Sampaio. *Memória e identidade dos migrantes nordestinos no município de Duque de Caxias: a Feira de Caxias como parâmetro de resistência cultural e social*. São Gonçalo: dissertação de Mestrado em História, 2018.

POLLAK. Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, 1989.

PROFESSORES em greve paralisaram em dois momentos obtendo reajuste no fim do ano de 1979. *O Globo*, 27/04/1979.

Projeto Político Pedagógico da E. M. Marcílio Dias, do Colégio Estadual Alexsander Graham Bell e do CIEP Marechal Mascarenhas de Moraes.

RAMALHO, José Ricardo. *Estado-Patrão e Luta Operária: O Caso FNM*. RJ: Paz e Terra, 1989.

RAMALHO, José Ricardo. *Lugares de Memória dos Trabalhadores: Fábrica nacional de Motores (FNM), Xerém, Duque de Caxias* IN: <https://lehmt.org/2020/04/02/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-25-fabrica-nacional-de-motores-fnm-xerem-duque-de-caxias-rj-jose-ricardo-ramalho/>

RIBEIRO, Felipe Augusto dos Santos. *A foice, o martelo e outras ferramentas de ação política: os trabalhadores rurais e têxteis de Magé-RJ (1956-1973)*. RJ: Tese de

doutorado em História pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC/FGV, 2015.

SAVIANI, Demerval. *Escola e Democracia*. Campinas/SP: Autores associados, 2021. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA. *Levantamento Estatístico de julho de 1971*. Inspeção de Ensino da 2ª Região Escolar formada pelos municípios de Duque de Caxias, São João de Meriti e Magé.

SENRA, Álvaro de Oliveira e ANDRADE, Flávio Anício. A memória da greve da FNM/FIAT na Imprensa Operária da Baixada Fluminense In: *Revista Mundos do Trabalho* | vol. 5 | n. 10 | julho-dezembro de 2013| p. 145-162.
<http://dx.doi.org/10.5007/1984-9222.2013v5n10p145>

SILVA, Andréa Cristina Oliveira Duarte de Souza S. da. *Caminhos do Sindicalismo: trajetória de vida de professores do SEPE- Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado pela UFRJ, 2012.

SILVA, Francisco J. da. *Reforma Agrária de Duque de Caxias: 1952-1992*. Duque de Caxias: Gabinete do Vereador José Zumba, 1998.

SILVA, Percival Tavares. *Origem e Trajetória do Movimento Amigos de Bairros em Nova Iguaçu (1974/1992)*. RJ: FGV, 1993.

SILVA, Rita de Cássia. In *Revista Tamoios*, Ano 6, Número 1, 2010:107. ISSN 1980-4490. Revista criada para dar voz aos professores pesquisadores do DGEO, da FFP da UERJ.

SILVA, Rosângela Martins da. *Escola Municipal Anton Dworsak: do Sonho à Institucionalização*. RJ: Dissertação de Mestrado em História da educação, 2023.

SIQUEIRA, Giselle dos Santos. *Félix Escobar: trajetória e morte de um militante comunista em duque de Caxias, Guanabara e em Salvador*. RJ: Tese de doutorado em História pela UERJ, 2024.

SIQUEIRA, Giselle dos Santos. *Getúlio Cabral: trajetória e morte de um militante comunista em Duque de Caxias, Guanabara e em Salvador*. RJ: Dissertação de mestrado em História pela UERJ, 2014.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SPOSITO, Marília Pontes. *A ilusão fecunda: a luta por educação nos movimentos populares*. São Paulo: Hucietec: Edusp, 1993.

SOUTO, Adriana Branco Correia. *Conquistar a Terra das Águas: Engenharia, Engenheiros e as Intervenções de Saneamento em Iguassú (RJ, 1894-1940)*. RJ: Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, 2021.

SOUZA, Marlucia Santos de. *Escavando o Passado da Cidade. A Construção do Poder Político Local em Duque de Caxias / 1900-1964*. RJ: APPH/Clio, 2014

SOUZA, Rodrigo Sampaio de. *Sobre o poder na Baixada Fluminense: o exemplo do município de Nilópolis/RJ*. RJ: Dissertação de Mestrado em Geografia pela PUC Rio, em 2014.

TELES, Gabriel. As contribuições da categoria da totalidade para a análise dos movimentos sociais. In: *Revista Alameda*, Vol 6, 2018: 59-76.

TENREIRO, André (org.). *Atlas Escolar de Duque de Caxias*. Duque de Caxias: Secretaria Municipal de Educação/DC, 2015.
<https://smeduquedecaxias.rj.gov.br/smeportal/wpcontent/uploads/2020/5>

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Vol 1. RJ: Paz e Terra. 1987.

TORRES, Rogério e MENNEZES, Newton. *Sonegação, fome e saque*. RJ: Consórcio de Administração de Edições, 1987: 8.

ANEXOS

ANEXO A - Listagem das escolas públicas do município de Duque de Caxias apresentadas na obra em LUSTOSA. José. Cidade de Duque de Caxias. Desenvolvimento Histórico do Município: Dados Gerais. RJ: Serv. Gráfica do IBGE, 1958.

CIDADE DE DUQUE DE CAXIAS

127

**RELAÇÕES DE ESCOLAS MUNICIPAIS
1958**

N.º	Nome das Escolas	Diretoras Em exercício	Alunos Matriculados	Professoras N.º
1.º	Dr. Miguel Couto	Odete Vieira dos Santos	399	Nove
2.º	Dr. Getúlio Vargas	Maria José Trindade Dutra	302	Dez
3.º	Honório José Peixoto	Ellen da Silva Crivelari	150	Três
4.º	Evangelista Pôrto da Motta	Elza da Silveira Lourenço	250	Seis
5.º	Centenário	Cecília de Andrade Araújo	115	Duas
6.º	Gastão Reis	Maria Augusta da Silveira	350	Seis
7.º	Barão Rio Branco	Iracema Teles de Faria	250	Seis
8.º	Vila Leopoldina V	Bernadete Lima de Freitas	160	Três
9.º	Ginásio Expedicionário Aquino de Araújo	Diretor Administrativo Antônio Corrêa Lima		*
		Diretor de Ensino José Soares da Cunha	278	Treze
10.º	Regina Tescaro Sampaio	Rosália do Espírito Santo Ramos	218	Oito
11.º	Thiago Apóstolo	Wanda da Luz Vieira	118	Três
12.º	Alberto Tôrres	Ruth da Conceição Calvante	338	Nove
13.º	Coronel Elyseu	Ruth Jorge Pinto	260	Seis
14.º	Dr. Manhães	Francisca do Nascimento	134	Três
15.º	Visconde de Gerició	Maria da Pureza A. Conrado	166	Quatro
16.º	Manoel Félix Medeiros	Maria Aparecida E. Elherl	182	Sete
17.º	Joaquim da Silva Peçanha	Joselita Silva de M. Marques	250	Oito
18.º	Haidéa Rêgo da Mota	Oristalina Aguiar	102	Duas
19.º	Darcy Vargas	Wanda dos Reis	160	Três
20.º	Monteiro Lobato	Laysi de Barros	114	Três
21.º	Francisco Corrêa	Yára Salles	133	Três
22.º	D. Alice Corrêa	Izadir Mercier Macedo	186	Três
23.º	Barão do Pilar	Amália Câmara dos Santos	150	Duas
24.º	Getúlio Moura	Alemy Tavares da Silva	108	Três
25.º	Marechal Floriano Peixoto	Manoelita Durão Abraão	100	Três
26.º	Salgado Filho	Zilda Conde Barreto	140	Três
27.º	Manoel Reis	Ivone Ribeiro	110	Duas
28.º	Saldanha	Aillá Saldanha do Couto	130	Duas
29.º	Madalena Caramurú	Zilá Junger da Silva	268	Sete

(Alunos em Escolas Particulares subvencionadas ou auxilladas pela Prefeitura, bem como professoras servindo nas mesmas)

2.188

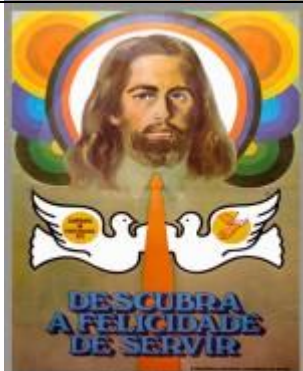
34

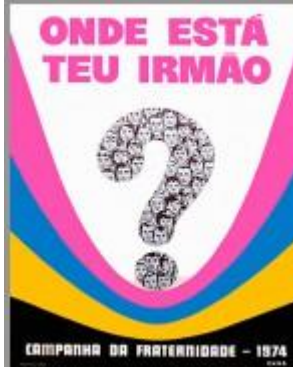
Totais absolutos 7.801 168

Inspetora Municipal de Ensino:

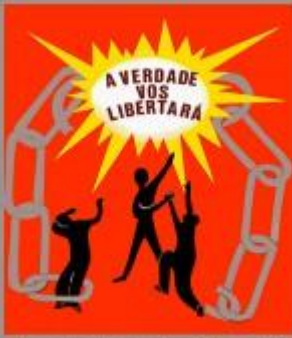
Professora — Regina Tescaro Sampaio

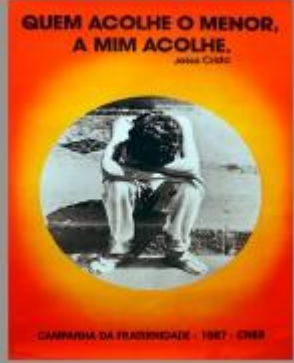
ANEXO B - Cartazes da campanha da fraternidade na temporalidade estudada.

Campanhas da Fraternidade anos 1970 e 1980			
Cartaz	Tema	Lema	Ano
	Participação	Ser cristão é participar	1970
	Reconciliação	Reconciliar	1971
	Serviço e vocação	Descubra a felicidade de servir	1972
	Fraternidade e Libertação	O egoísmo escraviza, o amor liberta	1973

	Reconstruir a Vida	Onde está meu irmão?	1974
	Fraternidade é Repartir	Repartir o pão	1975
	Fraternidade e Comunidade	Caminhar juntos	1976
	Fraternidade na Família	Comece em sua casa	1977

	Fraternidade no Mundo do Trabalho	Trabalho e Justiça para todos	1978
	Por um mundo mais Humano	Preserve o que é de todos	1979
	Fraternidade no Mundo das Migrações	Para onde vais?	1980
	Saúde e Fraternidade	Saúde para todos	1981

	Educação fraternidade	e	A verdade vós libertará	1982
	Fraternidade violência	e	Fraternidade sim, violência não!	1983
	Fraternidade vida	e	Para que todos tenham vida	1984
	Fraternidade Fome	e	Pão para Quem tem fome	1985

	Fraternidade e Terra	Terra de Deus, Terra de irmãos	1986
	A Fraternidade e o Menor	Quem acolhe o Menor a Mim acolhe	1987
	A Fraternidade e o Negro	Ouvi o clamor deste povo!	1988
	A fraternidade e a Comunicação	Comunicação para a Verdade e a Paz	1989

ANEXO C - Lista de escolas estaduais por distrito, localizados no Levantamento Estatístico de julho de 1971, realizado pela secretaria de Educação e cultura. Inspetoria de Ensino da 2ª Região Escolar formada pelos municípios de Duque de Caxias, São João de Meriti e Magé. Acervo do IHDC

Distrito	Escolas estaduais
1º	Abraham Lincoln - Centro Álvaro Monte Negro – Jardim Gramacho Américo de Barros - Prainha Araribóia – Vila Leopoldina Aura Barreto – Jardim Gramacho Castro Alves - Centro Copacabana – Bairro Copacabana Duque de Caxias - Centro Evangelista Porto da Mota – Vila são Sebastião Fidélis de Medeiros – Jardim Leal Euclides da Cunha – Vila São Luís Getúlio Vargas – Vila Leopoldina I Gustavo Ombrust – Olavo Bilac Guadalajara – Olavo Bilac Guanabara – Vila Guanabara Ignácio Bezerra de Menezes – Vila São Luís Irineu Marinho - Centenário Itaperuna – Vila Operária Lara Vilela – Jardim Gramacho Manoel Joaquim Salgueiro Miguel Couto – Vila Guanabara Rui Barbosa – Gramacho São Bento – Gramacho Bairro Senhor do Bonfim – Senhor do Bom Fim
2º	Adelina Castro – Campos elíseos Assis Chateaubriand - Pilar Bairro Califórnia - Pilar Casemiro de Abreu - Jardim Primavera Cidade dos Meninos – Cidade dos Meninos Professora Cordélia Paiva – Parque Fluminense Frei Henrique de Coimbra - Figueira Hélio Rangel – Jardim Primavera João XXIII – Bom Retiro Mascarenhas de Moraes – Bom Retiro Marechal Rondon – Santa Cruz Minas Gerais – Jardim Primavera Parque Moderno - Saracuruna Embaixador Raul Fernandes – Vila Rosário Professora Sara Faria Braz - Saracuruna Santo Inácio – Parque Fluminense/Parque Muísa
3º	Dr. Alfredo Backer - Imbariê Minervina Barbosa – Parque Equitativa Nova américa - Taquara

	Operário João Vicente – Santa Lúcia Parada Angélica – Parada Angélica Imbariê - Imbariê Padre Anchieta – Parque Paulista
4º	Monteiro Lobato - Xerém Escola Reunida Sergipe Escola Círculo Operário - Conveniada

ANEXO D - Fotografias das escolas públicas citadas na pesquisa no tempo presente

Escolas de Jardim Primavera



Colégio Estadual Alexsander Graham Bell e CIEP Marechal Henrique Teixeira Lott, 2024 e 2021.

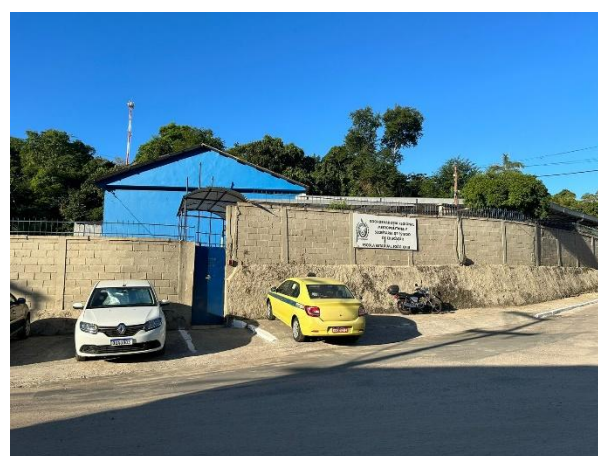


E. M. Marcílio Dias. Na segunda imagem vestígios do prédio original, 2024.



C. E. Hélio Rangel e CIEP Alceu Amoroso Lima, 2024.

Escolas de Bom Retiro



Escola Municipal Manoel Reis e Colégio Estadual João XXII, 2024.



CIEP Municipalizado Ataulfo Alves e E. M. Mascarenhas de Moraes, 2024.

Escolas de Campos Elíseos



Escola Manoel Reis, 2024.



Colégio Estadual Adelina Castro, 2024.

Escolas de Saracuruna



C. Estadual Sara Faria Braz e E. M. Jaime Fichiman, 2024.



E. M. Alberto Santos Dumont e C. E. Vera Lúcia Romão Tavares, 2024.



CIEP Cândido Portinari e CIEP Darcy Vargas, 2024.



CIEP Municipalizado Paulo Mendes Campos, 2024.

Fonte: Fotografias da autora e dos Arquivos Escolares, 2024.
